

12 ANOS NAS ILHAS  
QUE BAILAM

# TECNO BARCA

Org.  
Sarah Marques Duarte

Anderson Barroso  
David Limaverde  
Elias dos Anjos  
Ierê Papá  
Isabel Viana  
Ítala Isis  
Jamie Duncan  
Napoleão Guedes  
Patrícia Teles  
Rodrigo Abreu  
Sarah Marques  
Tassia Malena  
Wellington Dias



## **UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ**

REITORA SALETE MACHADO SIRINO  
VICE-REITOR EDMAR BONFIM DE OLIVEIRA  
CHEFE DE GABINETE IVONE CECCATO



## **EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ**

DIRETOR LUIS FERNANDO SEVERO  
ASSESSORA EDITORIAL ANNA GLAUCIA DE MORAIS VIEIRA  
ASSESSORA EDITORIAL TEREZINHA ECKELBERG

## **CONSELHO EDITORIAL**

ADILSON ANACLETO  
ANA CAROLINA DE DEUS BUENO KRAWCZYK  
AUREA ANDRADE VIANA DE ANDRADE  
BRUNO FLÁVIO LONTRA FAGUNDES  
CLEBER BROIETTI  
DENISE ADRIANA BANDEIRA  
FERNANDO HENRIQUE LERMEN  
GISLAINE CRISTINA VAGETTI  
JANE KELLY DE OLIVEIRA  
MARIA LVETE BASNIAK  
RICARDO DESIDÉRIO DA SILVA  
ROGÉRIO ANTONIO KRUPEK

© 2025 Universidade Estadual do Paraná  
Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra  
sem autorização expressa da editora.

Título

TECNO BARCA: 12 anos nas ilhas que bailam

Organização

Sarah Marques Duarte

Autores

Anderson Barroso, David Limaverde, Elias dos Anjos, Ierê Papá, Isabel Viana, Ítala Isis de Araújo,  
Jamie Duncan, Napoleão Guedes, Patrícia Teles Sobreira de Souza, Rodrigo Abreu, Sarah Marques  
Duarte, Tássia Malena Leal Costa, Wellington Douglas Dias

Revisão

Yan Graco Dantas Cafezeiro

Fotografias

Anderson Barroso, Ítala Isis, Isabel Viana, Ierê Papá, Wellington Dias, David Limaverde,  
Jamie Duncan, Tania Alice, Thomas Dupal, Ierê Papá, Luan Macêdo, Renato Vallone, Rodrigo  
Abreu, Thales Lima, Dayane Oliveira, Guto Íris, Alain Oliveira, Pedro Moutinho, Igor Cardoso  
e Michel Ribeiro.

Projeto Gráfico e Diagramação

Ierê Papá

Editora

EDUNESPAR

Ano

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Tecno barca [livro eletrônico] : 12 anos nas ilhas  
que bailam / organização Sarah Marques Duarte.  
-- 1. ed. -- Curitiba, PR : Editora EDUNESPAR,  
2025.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-68399-06-4

1. Artes visuais - Exposições - Catálogos
2. Fotografias - Amazônia 3. Paisagens naturais
- I. Duarte, Sarah Marques.

25-325250.1

CDD-779.99811

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Fotografias : Amazônia 779.99811



Fonte: Associação Gira Mundo - Figuras 1, 2 e 3





# SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	09
Wellington Dias .....	
<b>Tecno Barca: um ateliê-galeria itinerante sobre a terra das águas</b>	
Ficha Técnica .....	15
Tecno Barca: Diálogos Artísticos e Transformação Social no Arquipélago do Bailique- Anderson Barroso .....	16
Memórias Flutuantes - Tassia Malena Leal Costa .....	23
Memorial fotográfico Tecno Barca I .....	25
Ações e artistas 2012 .....	33
<b>Tecno Barca II: em busca da coletivização dos processos de criação</b>	
Ficha Técnica .....	36
Deslocamentos de água - Descolamentos de terra - Sarah Marques Duarte ....	38
Conversa com Patrícia Teles .....	51
Memorial fotográfico Tecno Barca II .....	58
Ações e artistas 2014 .....	68
<b>Tecno Barca III: sempre outro, sempre muitos</b>	
Ficha Técnica .....	74
Viver Bailique - Ítala Isis .....	76
Conversa com Napoleão Guedes - o Napô .....	94
Memorial fotográfico Tecno Barca III .....	106
Ações e artistas 2019 .....	122
<b>Tecno Barca IV: de dentro pra fora - de fora pra dentro</b>	
Ficha técnica .....	133
Proposta da edição virtual 2021 .....	135
Cartões e ações para transver o cotidiano bailiquense .....	136
<b>Tecno Barca V: habitar e re-habitar - habilitar e re-habilitar</b>	
Ficha técnica .....	176

Partituras Corporais para Re-habi(li)tar um Corpo Pós-Humano, entre Agentes Não-Humanos - David Limaverde .....	178
Tem uma bixa macumbeira na Barca - Afetos interseccionais e afetações políticas .....	209
Memorial fotográfico Tecno Barca V .....	227
Ações e artistas 2022 .....	242

### **Tecno Barca VI: o artista-ilha e a residência artística como prática comunitária**

Ficha técnica .....	247
Uma "tecono barca" navegando nas águas da Mediação Artística e Comunitária - Isabel Viana .....	249
Textos, trajetórias e Tecno Barca: relatos etnográficos e poéticos de duas edições em dez anos - Jamie Duncan .....	261
Conversa com Elias dos Anjos .....	284
Memorial fotográfico Tecno Barca VI .....	295
Ações e artistas 2023 .....	317
Tecno Barca Residência Artística .....	322



Fonte: Associação Gira Mundo - Figura 4

## APRESENTAÇÃO

É com imenso prazer e alegria transbordante que trazemos ao mundo esta publicação, que reúne registros e reflexões sobre a trajetória de 10 anos da TECNO BARCA — uma Residência e Festival de Artes nascida no Arquipélago do Bailique, no litoral do Amapá.

O Bailique é um conjunto de oito ilhas, situado entre o rio Amazonas e o Oceano Atlântico, a cerca de 180 km da capital Macapá. O acesso é exclusivamente fluvial, em uma viagem de aproximadamente 12 horas. Nessa região vivem cerca de 15 mil pessoas, distribuídas em 55 comunidades ribeirinhas que mantêm, há gerações, um modo de vida integrado à floresta e aos rios.

A base dessa sobrevivência está no cultivo do açaí e na pesca artesanal de peixe e camarão — práticas sustentáveis que dialogam com a natureza. No entanto, esse equilíbrio tem sido abalado por fenômenos como a erosão das margens dos rios, conhecida como “Terras Caídas”, que destrói casas, escolas, redes elétricas e estações de tratamento de água, comprometendo não apenas a estrutura física, mas também a vida das pessoas e do ecossistema. A Escola Bosque, única com Ensino Médio no Bailique e referência em

educação contextualizada à floresta, perdeu quase metade de sua área para esse processo. Outro desafio grave é a salinização das águas doces da foz do Amazonas, acelerada pelo avanço do Oceano Atlântico devido a ações humanas, como desmatamento e construção de hidrelétricas no rio Araguari. Hoje, muitos moradores dependem de sistemas improvisados para coletar água potável.

Foi nesse cenário que, ao longo da última década, navegamos por essas comunidades, encontrando gente guerreira, acolhedora e resiliente, que enfrenta desafios climáticos e socioambientais enquanto reinventa diariamente sua vida, inspirada por florestas, rios e saberes milenares.

A TECNO BARCA nasceu em 2012, com apoio do edital Rede Funarte de Artes Visuais e já realizou seis edições no Bailique, envolvendo mais de 50 artistas de diferentes linguagens e locais, 15 produtores culturais e cerca de 10 mil participantes em oficinas, apresentações, exposições, mostras de cinema, rodas de conversa e mediações culturais.

A residência artística se dedica a processos criativos que unem arte, educação, meio ambiente, novas tecnologias e intercâmbios socioculturais com as comunidades ribeirinhas da Amazônia. As ações acontecem em espaços públicos, como praças, portos, escolas e centros comunitários, mas também em florestas e rios. O barco que nos leva é, ao mesmo tempo, meio de transporte, galeria de arte flutuante e espaço de convivência entre artistas, pesquisadores e moradores.

Durante as imersões, artistas e educadores compartilham seus processos criativos, constroem pontes, promovem trocas e desenvolvem trabalhos em linguagens visuais, cênicas e audiovisuais. As atividades envolvem públicos de todas as idades e profissões — crianças, jovens, adultos, idosos, pescadores, equipes locais de Saúde e Educação, parteiras — e se expandem para formações em cidadania, meio ambiente e fortalecimento de cooperativas locais. Dessa forma conseguimos impactar de maneira positiva e mais abrangente, acolhendo inclusive demandas locais, que se expressam em momentos prévios à Residência, durante os encontros que articulamos entre nosso Conselho Pedagógico e líderes locais.

Cada edição é também uma viagem afetiva: são cerca de 15 dias navegando pelo Bailique com artistas do Brasil e do mundo, criando trabalhos que nascem do encontro com esse território amazônico. As seis edições aconteceram em 2012, 2014, 2019, 2021 (online), 2022 e 2023, e já desdobraram-se na Exposição Tecno Barca Bailique, apresentada em Belém (2024), Macapá (2023 e 2019) e São Paulo (2019).

A TECNO BARCA é uma realização da Associação Gira Mundo (AP), fundada em 2005 e que até 2015 teve sede no Rio de Janeiro. Há 10 anos sediada em Macapá é uma entidade sem fins lucrativos dedicada a promover arte, cultura, educação e cidadania, com foco na descentralização de programas e na valorização de territórios periféricos da Amazônia. Conta com dezenas de pessoas associadas e é uma referência na produção cultural local. Também é composta por um Conselho Artístico Pedagógico formado por sete artistas/educadores: Anderson Barroso, David LimaVerde, Ilerê Papá, Ítala Isis, Isabel Viana, Rafael Brito e Sarah Marques, que já participaram da residência e contribuem na curadoria, acompanhamento e desenvolvimento das ações da Tecno Barca, oferecendo orientação e suporte aos artistas de cada edição.

Esta publicação reúne textos, entrevistas, memórias, metodologias, imagens e experimentações poéticas geradas ao longo das travessias da Residência Tecno Barca. Cada capítulo é um convite a refletir sobre mais de dez anos de projeto, sob diferentes prismas. Trata-se de uma jornada feita de apostas, desafios, mudanças de rota e movimentos contínuos. Foram escritos por membros do Conselho Pedagógico do projeto e alguns artistas que passaram pela Residência.

Para facilitar a leitura, detalhamos a seguir os temas abordados em cada capítulo:

Capítulo I – O artista Anderson Barroso apresenta a primeira edição da Residência Artística Tecno Barca, destacando oficinas de performance, autorretrato, instalações e experiências poéticas. Além disso, aborda o papel do projeto em contextos de crise, refletindo sobre o impacto transformador dessas ações.

Capítulo II – Dedicado à segunda edição do projeto, realizada em 2014, quando a barca se consolidou como espaço de deslocamento, experimentação, exposição e encontro — um território em fluxo que convoca artistas e comunidades a processos coletivos de criação. O texto Deslocamentos de água – Descolamentos de terra, de Sarah Marques Duarte, inaugura a reflexão sobre corpo, ambiente e criação partilhada, articulando a vivência nas ilhas que bailam como metáfora de passagem, encontro e construção poética. Em seguida, a conversa com Patrícia Teles amplia o debate sobre coletivização dos fazeres e seus atravessamentos artísticos e pedagógicos. Por fim, o memorial fotográfico Tecno Barca II documenta e compartilha a memória sensível das ações realizadas.

Capítulo III – Assinado por Ítala Isis, este capítulo é tecido a partir da memória afetiva da autora, entrelaçando reflexões, relatos e imagens. O texto se organiza em seis tempos:

- Tempo da maré, sobre o contexto geográfico da região;
- Tempo dos encontros, lembranças das pessoas conhecidas ao longo das residências;
- Tempo de viver, relato das ações do projeto Viver Bailique (2019);
- Tempo de assombro, sobre uma performance de sua autoria em 2019;
- Tempo do bordado, reflexão sobre essa prática em diálogo com outras autoras;
- Tempo de transver, reflexão sobre arte, educação e pesquisa em contextos desafiadores, como o Bailique e outros territórios.

Capítulo IV – Traz a descrição e imagens dos jogos didáticos criados na quarta edição da Residência Artística Tecno Barca, realizada entre maio e julho de 2021, em plena pandemia de COVID-19. Nesse período, os encontros ocorreram de forma virtual, reunindo artistas de diferentes estados do Brasil e moradores do Arquipélago do Bailique. Dessa experiência nasceram jogos e cartões didáticos e lúdicos, concebidos como estratégias de arte-educação voltadas para públicos diversos — de crianças a adultos.

As atividades, elaboradas coletivamente entre artistas e comunidade, buscam somar esforços na produção de saberes e práticas artístico-pedagógicas que dialogam com as realidades sociais e ambientais da Amazônia, reafirmando o papel da Tecno Barca como espaço de criação, aprendizagem e continuidade das ações afirmativas do projeto.

Capítulo V – Reúne as reflexões de David Limaverde, que apresenta uma narrativa-cartografia de 40 partituras corporais nascidas na quinta edição do Tecno Barca (dez/2023, Bailique). Entre relatos sensíveis e proposições práticas, ensaia éticas pós-humanas de escuta, cuidado, co-criação e imaginação coletiva, propondo vínculos de reciprocidade em contraponto à lógica extrativista.

Capítulo VI – Traz indagações e relatos da sexta edição do projeto (2023). Isabel Viana propõe pensar a Residência Tecno Barca como experiência de mediação artística e comunitária, enfatizando a dimensão social das propostas, que dialogam diretamente com os campos da Mediação Comunitária. Essa área transversal favorece a regeneração de vínculos humanos, impulsionando bem-estar e transformação social.

diante das grandes maresias — reais e metafóricas — de fazer arte no espaço geográfico e simbólico amazônico.

Desejamos que leitores e leitoras possam desfrutar destes relatos, imagens e entrevistas como um convite a aproximar-se da experiência da Tecno Barca, reconhecendo sua versatilidade, originalidade e relevância no cenário sociocultural do Bailique/AP.

Ao longo dos anos, a Tecno Barca tornou-se, ao mesmo tempo, aventura e porto seguro diante das grandes maresias — reais e metafóricas — de fazer arte no espaço geográfico e simbólico amazônico.

Aqui, múltiplas vozes e olhares se encontram para homenagear o Bailique e sua gente, que acolhe e inspira a cada visita, revelando potências de arte-vida e saberes ancestrais que ainda têm muito a ensinar ao mundo.

Boa viagem

Wellington Dias

Idealizador e Coordenador Geral da TECNO BARCA



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 5

# TECNO BARCA I : UM ATELIÊ- GALERIA ITINERANTE SOBRE A TERRA DAS ÁGUAS



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 6

## FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral | **Wellington Dias** (Bando Filhotes de Leão)

Produção Executiva (AP) | **Marina Beckman**

Designer Gráfico | **Ítala Isis**

Gravação e Edição de Documentário | **Ierê Papá**

Artistas | **Anderson Barroso, Ítala Isis, Isabel Viana, Tassia Malena e Wellington Dias**

Fotografia | **Anderson Barroso, Ítala Isis, Isabel Viana, Ierê Papá e Wellington Dias**

Comandante de Barco | **Nelton Barbosa da Silva**



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 7

## **TECNO BARCA:** DIÁLOGOS ARTÍSTICOS E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO ARQUIPÉLAGO DO BAILIQUE

Anderson Barroso

Tecno Barca: Um Ateliê-Galeria Itinerante Sobre a Terra das Águas. Esse belo e poético nome foi dado à primeira edição da atual e duradoura Residência Artística Tecno Barca, que acaba de completar 12 anos de atividades. Trata-se de um espaço de intercâmbio cultural e de incentivo à produção artística nas comunidades ribeirinhas do arquipélago do Bailique, no Amapá. A proposta nasceu com o objetivo de transcender o isolamento geográfico do Bailique, levando experiências artísticas e educacionais transformadoras às populações locais e construindo diálogos profundos com artistas, educadores e moradores da região. Como curador, conselheiro pedagógico e artista participante desde a fundação, venho acompanhando o crescimento do Tecno Barca, hoje reconhecido pela imersão artística no coração da Floresta Amazônica e pelo impacto significativo que gera na vida das comunidades ribeirinhas locais.

Situado a centenas de quilômetros das grandes cidades brasileiras, o arquipélago abriga comunidades ricas em cultura e tradição, mas que enfrentam grandes desafios sociais e econômicos, causados pelo isolamento e pela escassez de

infraestrutura. O Tecno Barca, de certa forma, tenta responder a essas necessidades, promovendo diversas atividades, ações políticas, diálogos artísticos e o fortalecimento cultural num espaço de interação genuína entre artistas e moradores.

Desde o início, o projeto teve esse caráter educativo, com residências e oficinas itinerantes, onde a arte dialoga com a natureza e as realidades sociais locais, tornando-se uma plataforma colaborativa de criação e aprendizado. Paulo Freire (1979, p.84) ressalta que "Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo." Essa reflexão ressoa diretamente em nosso principal objetivo enquanto artistas e facilitadores de oficinas formativas: valorizar e empoderar as populações locais, estimulando o fortalecimento das identidades culturais ribeirinhas por meio da troca de saberes entre artistas convidados e habitantes da região.

Ao analisarmos os impactos do projeto, um exemplo marcante surge da entrevista de Elias dos Anjos, participante desde a primeira edição e hoje membro permanente da Associação Gira Mundo, entidade responsável pela realização dos Projetos que integram a Tecno Barca. Elias descreve sua experiência inicial no projeto com emoção, lembrando como ele e seus primos foram atraídos pela promessa de algo novo, algo que parecia distante e inalcançável: "A gente sempre falava, era um diálogo da gente... Nunca aparecia oportunidades ali próximo de nós." Essa frase ecoa a realidade vivida por muitas comunidades ribeirinhas, frequentemente negligenciadas por políticas públicas e iniciativas culturais. A chegada do Tecno Barca representou, então, um marco histórico local, simbolizando um espaço de acolhimento e transformação, onde vozes esquecidas finalmente encontraram uma escuta atenta e um caminho para expressar suas histórias e potencialidades.

Na primeira edição do projeto, realizamos oficinas de Performance Arte, Autorretrato, Arte Postal, Instalação e Pintura, com a intenção de criar espaços onde moradores e artistas pudessem partilhar experiências e habilidades, permitindo que ambos se beneficiassem desse intercâmbio. Estendemos o projeto por várias comunidades, como Vila Progresso, Buritizal e Igarapé do Meio, onde realizamos atividades artísticas em locais públicos – pontes, praças e igarapés – transformando-os em verdadeiros palcos de expressão e criação. John Dewey (2010) afirma que a arte é uma expressão intensa e espontânea da experiência humana. Por meio dela, aprendemos sobre nós mesmos e sobre o mundo. Foi a partir dessa compreensão da arte, como forma de autodescoberta e diálogo com o ambiente, que realizamos nossas atividades no Bailique, permitindo que os participantes, por meio da criação artística, refletissem e reinterpretassem seu próprio cotidiano. Uma das oficinas de maior impacto foi a de Autorretrato, conduzida por Ítala Isis, que introduziu novos modos de pensar e expressar identidade. Elias comenta: "Isso já abriu um caminho

de alguma forma para falar sobre essa questão de identidade, de pertencimento, de não necessariamente a arte ter uma coisa assim, perfeitinha." Esse rompimento com paradigmas foi crucial para que os jovens pudessem reimaginar seu lugar no mundo.

Uma das atividades que realizei na fase inicial do projeto foi uma oficina de performance em 2012. Nela, explorei o conceito do corpo como meio expressivo e incentivei os participantes a interagirem com o espaço ao redor, valorizando a relação entre corpo, ambiente e memória coletiva. Durante o processo, moradores do Bailique experimentaram formas de expressão que refletiam suas próprias vivências, ressignificando espaços cotidianos, por meio de intervenções performáticas que capturavam suas histórias e a paisagem local. A oficina ia além das técnicas de performance e jogos teatrais, estimulando uma exploração sensível do espaço e das experiências pessoais dos participantes. Maxine Greene (1995) pontua que o papel da imaginação como condição de possibilidade de ultrapassarmos os limites de nosso contexto imediato, abrindo possibilidades para o que ainda não é. Esse espírito se reflete diretamente no impacto relatado por Elias: "Eu entendi que não preciso sair do meu lugar... Quanto mais eu aprendo, mais eu quero continuar no meu lugar e me desenvolver lá." Assim, ao motivar os participantes a explorarem suas próprias histórias e projetarem novas perspectivas, a oficina se tornou um espaço onde a imaginação se manifestava como força propulsora de transformação pessoal e social.

Dentro do Tecno Barca, também criei duas performances que se destacaram na comunidade local pela interação simbólica e poética com o Bailique e seus habitantes. Em "Objeto Não Identificado nº2," caminhei pelas pontes do arquipélago como uma figura "não identificada", vestindo trajes que evocavam estranheza e introspecção. Essa imagem provocou questões sobre identidade, pertencimento e diferença, engajando os moradores numa reflexão sobre as fronteiras entre o familiar e o estrangeiro, o conhecido e o misterioso. Em "Oferendar-me," performance realizada já na segunda edição do projeto, dialoguei com a espiritualidade e os rituais da cultura das águas, criando com o meu corpo uma oferenda simbólica e poética, com elementos naturais e objetos locais significativos, evocando uma conexão entre o homem e a natureza. Para Herbert Read (2001) a arte se afirma como ponte entre nossas vidas pessoais e sociais, permitindo um entendimento mais profundo de nossa realidade coletiva. Essas performances, ao conectarem o universo individual ao coletivo, reforçaram um sentido de pertencimento e de identidade que fortalece a ligação com o ambiente e a cultura local. Elias, por sua vez, tornou-se um agente de transformação, refletindo o impacto do projeto em sua atuação como diretor escolar e produtor cultural. Ele destaca que o contato com artistas e educadores foi transformador, possibilitando "outras formas de fazer, tanto na área de educação, de arte, de cultura." Essa transformação pessoal reverbera na comunidade, fortalecendo

um ciclo virtuoso em que cada indivíduo empoderado torna-se um multiplicador. Ao longo do tempo, o Tecno Barca revelou-se um projeto transformador, impactando as comunidades do arquipélago do Bailique de maneira positiva e acolhedora. Durante a pandemia da Covid-19, o projeto, em parceria com a Associação Gira Mundo, desempenhou um papel fundamental na assistência humanitária. Estiveram presentes no arquipélago para oferecer suporte aos moradores locais, distribuindo cestas básicas, máscaras e produtos de proteção contra o vírus. Essa atuação reafirmou o compromisso do Tecno Barca com a região e o carinho por suas comunidades. Para viabilizar essas ações, a Associação Gira Mundo organizou arrecadações online, demonstrando a força do trabalho coletivo em momentos de urgência. Foi um esforço marcado pela solidariedade e pela busca de atender às necessidades mais imediatas em tempos de crise.

Além das respostas emergenciais, o Tecno Barca sempre teve como premissa o fortalecimento da conexão entre artistas e moradores. Por meio de uma residência artística inovadora, o projeto promoveu a valorização da cultura local e ofereceu novas ferramentas para jovens aspirantes a artistas se expressarem com mais consciência e autenticidade. As atividades artísticas e educacionais criadas pelo Tecno Barca também ampliaram a consciência ambiental, gerando reflexões sobre sustentabilidade e proteção dos recursos naturais da região. Essas iniciativas incentivaram a população a considerar empreendimentos criativos e artísticos, bem como a formação de organizações comunitárias, como alternativas para o desenvolvimento socioambiental.

Com o passar dos anos, os moradores se apropriaram das práticas e habilidades compartilhadas nas atividades do projeto, resignificando a arte como um meio de fortalecimento cultural e social. O Tecno Barca não apenas introduziu novos conhecimentos, mas também ajudou a criar um sentido de pertencimento e protagonismo, onde a arte se integra ao cotidiano das comunidades, transformando vidas de maneira concreta e significativa.

Hoje, para mim, o Tecno Barca representa um compromisso contínuo com a arte e com seu poder de transformação, especialmente em contextos sociais e geográficos desafiadores. Ao longo de mais de uma década, o projeto reafirma a relevância de uma arte engajada, conectada à realidade e às pessoas e com a capacidade de criar um impacto profundo e duradouro. Essa trajetória confirma que a arte, quando alinhada à empatia e à colaboração, pode ser uma poderosa ferramenta para gerar mudanças estruturais e sustentáveis.

## Referências

DEWEY, John. Arte como experiência. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GREENE, Maxine. Releasing the Imagination: Essays on Education, the Arts, and Social Change. São Francisco: Jossey-Bass, 2000.

READ, Herbert. A educação pela arte. São Paulo: Martins Fontes, 200.



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 8



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 9 E 10



Diana Botica 2012

# MEMÓRIAS FLUTUANTES

Tassia Malena Leal Costa

Das riquezas daquelas terras, um caminho dourado de águas de mel me conduziu ao arquipélago de quinas, onde me foram revelados verdadeiros tesouros de um Eldorado flutuante. Logo de início foi possível perceber a força de uma natureza ancestral que, combativa, se lançava contra o casco do regatão. Este, insistente cavalgava noite adentro de encontro à força do vento e da chuva, revirando as entranhas pulsantes de corpos, cargas e coloridas redes que vacilavam ao compasso da intensa dança até o desenlace. Depois vieram as águas calmas, uma espécie de recompensa àqueles que têm por ti estima, e sob um dia claro de céu azul sem nuvens, aportei na vila que tem Progresso por nome e valor. Uma espécie de prenúncio para as transformações que se noticiavam para os quinze dias que se seguiriam de uma experiência que me re(des)construiu o pensar e o agir a partir das relações humanas com o meio onde vivem e com as artes.

O lugar em toda a sua grandeza, as casas, as pessoas, os caminhos por sobre as águas, tudo apontava e conduzia para uma vida desenvolvida na mais plena harmonia com o meio ambiente. Lá todos se compreendem como parte integrante de um ciclo ecológico, do qual somos apenas mais um componente dentre tantos. Então por que não buscar meios para integrar o arquipélago às artes visuais por meio daquilo que o próprio local pode oferecer como matéria-prima?

Foi através dos recursos recolhidos e selecionados durante a oficina de pintura, que também tinha como proposta intervir no espaço por meio das narrativas visuais produzidas pelos próprios participantes, que pigmentos naturais foram produzidos e utilizados para o processo de composição. Terra, carvão, folhas, frutos, urucum, flores, raízes, pó de telha de barro, pedras etc. foram coletados, além do reaproveitamento de algumas tintas antigas que eu havia levado comigo. Tudo servia, tudo era reaproveitável, tudo era transformável e adaptável. Foram três dias de caminhadas, buscas e catalogação de elementos que pudessem nos servir para a produção de pigmentos, como também a procura por locais e suportes interessantes e estratégicos que viessem a servir para o desenvolvimento dos murais individuais de cada participante. Nada passou despercebido pelos olhos atentos dos artistas. Manhãs e tardes de trocas de conhecimentos e experiências que trago comigo até hoje na memória em forma de cores, cheiros e sons.

Para a extração do sumo de folhas, flores, galhos, raízes e frutos, utilizávamos álcool; já para os sólidos, primeiro nós os transformávamos em pó, para somente depois misturá-los à cola branca, e, então poderemos usá-los de modo mais consistente e durável. Depois do processo de coleta e de transformação dos materiais em pigmento, iniciamos a elaboração individual do projeto para a construção do mural. Com base nos elementos que conseguimos produzir, e em projetos previamente pensados, cada um criou sua própria forma de expressão e seu próprio estilo, utilizando-se de suportes como placas abandonadas, paredes de casas e estabelecimentos que foram cedidas pelos moradores, como também cascos de embarcações.

Durante um dia inteiro, o terceiro e último dos três dias, cada artista teve total liberdade para desenvolver sua criação sobre a estrutura que escolheu para si, com os materiais coletados e produzidos nos dois dias anteriores, e que foram compartilhados entre todos. Ao final de um dia inteiro, já se estendia a noite sobre nós quando, cansados, recolhemos os materiais e finalizamos cada uma das produções previstas para aquela experiência. Juntos carregamos os materiais de volta para a casa onde eu e os demais componentes do projeto estávamos hospedados e então nos despedimos. É interessante como é possível haver um misto de sensações e percepções sobre um mesmo fato, pois naquele momento, ao mesmo tempo em que a fadiga provocada pela intensidade daqueles três dias tornava eterno aquele instante, ainda assim ele foi efêmero.

No dia seguinte, lembro de ter acordado bem cedo e saído para contemplar aqueles quadros vivos. O sol mal tinha raiado e ainda havia pouca gente pelos caminhos, e naquele momento, embora a vila tenha sido presenteada com a descoberta dos novos artistas e com as produções feitas por eles, o presente também foi meu. A viagem, o lugar, a recepção das pessoas, o empenho dos meninos que participaram da oficina, a abundância dos materiais oferecidos pela natureza, tudo isso está fotografado e exposto na minha lembrança como quadros de um valor inestimável. No final daquela mesma manhã, eu fui embora. Tomei o barco de volta para casa, para a minha rotina, para a minha vida de antes, ainda que eu já não fosse mais a mesma pessoa de quando saí. Hoje, porém, tantos anos depois, ainda sonho com os tons quentes daquelas tardes de sol, com o marejar das águas, com o vento morno de julho, com o som da vida de lá. Memórias que flutuam à deriva entre a necessidade de ficar e o desejo de retornar.

# MEMORIAL FOTOGRÁFICO TECNO BARCA I











### ○ que aconteceu com Ana ?

Em um vilarejo, Ana morava com sua avó Bena. Ana era muito curiosa. Certo dia encontrou uma blusa , porém, essa blusa era muito estranha, diziam que coisas sobrenaturais aconteciam com ela. Mas Ana foi teimosa e acabou vestindo por achá-la tão linda, foi então enfeitiçada e acabou morrendo sem que ninguém desconfiasse. a causa de sua morte, nem mesmo sua avó.

GÉSSICA







# AÇÕES E ARTISTAS 2012

## **Oficina de Performance, Facilitador | Anderson Barroso**

A oficina teve por objetivo o uso do corpo na criação artística de Performances e Ações visuais, por meio de jogos, explorando a relação dos corpos dos participantes com os lugares públicos da comunidade, como pontes, igarapés, campos e outros espaços. Todas as performances realizadas ao longo da Oficina foram registradas em vídeos e fotografias artísticas.

## **Oficina de AutorRetrato, Facilitadora | Ítala Ísis**

A oficina incentivou a criação visual por meio de diversos materiais, tendo o autorretrato como tema. Os participantes tiveram acesso a obras, conceitos, vivências e técnicas artísticas capazes de ampliar seus modos de expressão, estimulando principalmente o prazer em desenvolver um olhar capaz de "*transver o mundo*". Todos os autorretratos realizados ao longo da oficina foram apresentados à comunidade através de vídeo-artes.

## **Oficina de Arte Postal, Facilitadora | Isabel Viana**

A oficina de arte postal criou um espaço para o despertar do estado de criação artística, usando a mídia-postal para recriar histórias narradas por parteiras e moradores antigos da Vila Progresso. A paisagem geográfica e emocional que demarca a localidade.

Teve como desdobramento uma série de trabalhos:

Contos-postais: onde cada aluno criou um conto, a partir de fatos reais de um morador;

Arte postal: inspiradas em imagens e colagens, de forma crítica e lúdica apontavam algumas questões sociais, e em seguida foram enviadas a vários destinatários pelos Correios;

A construção de um vestido a partir de roupas doadas por moradores, que contavam a história que envolvia a peça doada. Essas histórias também foram base de criação para alguns contos-postais.

### **Oficina de Instalação, Facilitador** | Wellington Dias

Na oficina de instalação transformamos um barco em “Galeria de arte flutuante”, ocupando todos os seus ambientes (externos e internos) com obras criadas nas demais oficinas. Mas, primeiramente fizemos o percurso de investigação de materiais da terra (folhas secas, palhas de açaí, serragem de madeira e etc.) enquanto suportes para as obras que estariam em diálogo com o elemento BARCO. Em seguida, realizamos exercícios de (des) conexões de imagens e figuras, a fim de criarmos “exposições imaginárias” para aquecer ideias e estratégias de montagem de nossa Exposição-Instalação: “Tecno Barca”. Finalizada a obra, planejada coletivamente, seguiu viagem em direção às ilhas de Igarapé Grande do Curuá, Igarapé do Meio, Franco Grande, Buritizal, São Pedro, Carneiro, Ponta da Esperança e Vila Progresso, onde recebeu a visita dos moradores ribeirinhos dessas localidades.

### **Oficina de Pintura, Facilitadora** | Tassia Malena

A oficina consistiu na realização de pinturas e intervenções visuais com pigmentos naturais da região em passarelas, paredes, casas, embarcações e outras superfícies do cotidiano do arquipélago de Ilhas do Bailique (AP). Todas essas pinturas foram fotografadas e estiveram presentes na exposição final do projeto.

## **PERFORMANCES E AÇÕES ARTÍSTICAS**

### **ELETRO LABIRINTO ATEMPORAL** | Isabel Viana

Uma ação que acontece de casa em casa em pequenas comunidades. Há um encontro e um convite: “você escolhe uma palavra (eu te dou), em troca quero um objeto(uma boneca, um terço...) pode até ser algo inútil.

### **Objeto não Identificado N2** | Anderson Barroso

Serragem, pó, partículas de madeiras. Da beira do rio ao corpo. Matéria poética num trajeto em pontes. Palafitas suspensas sobre as terras das águas. Ação performática? Objeto não identificado! Efeito visual frente ao espelho da alma. Corpo que vai.

### **Grupo DART | Elias dosAnjos,Aelson Araújo e José Correa**

Fundado a partir das vivências artísticas no Tecno Barca, por esses três jovens bailiquienses, com sede no Igarapé Grande do Curuá (Bailique), este núcleo permanece aprofundando as técnicas, trabalhos, bem como as pesquisas de linguagem experimentadas, objetivando oportunizá-la a mais pessoas da região.

### **PELE DE HOMEM | Movimento Cidades (in) Visíveis**

Caminhada com vestido confeccionado com cuecas doadas por moradores de Macapá. O trabalho foi inspirado no espetáculo "Cabaré-Anjos em Crise", do Movimento Desclassificáveis, atuante no Estado do Amapá.

### **CABOCLO DE PALHA | Iere Papá e Movimento Cidades (in) Visíveis**

Na ausência de um rosto, o espanto de uma criança. Para os adultos, objeto de riso. Um ninho de pássaro como expressão humana. A máscara esconde nossos defeitos ou revela nossas potencialidades? A ação faz parte da série «SEM OSSO» de máscaras perecíveis.

# TECNO BARCA II: EM BUSCA DA COLETIVIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO

## FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral | **Wellington Dias** (Bando Filhotes de Leão)

Produção Executiva (AP) | **Marina Beckman**

Assistente de Produção | **Elder de Paula**

Designer Gráfico | **Itala Isis**

Artistas | **Alen Costa, Aelson Araújo, Anderson Barroso, David Limaverde, Elias dos Anjos, Itala Isis, Isabel Viana, Jamie Duncan, José Antônio Corrêa, Patrícia Telles, Sarah Marques, Tania Alice, Thomas Dupal e Wellington Dias**

Fotografia | **David Limaverde, Isabel Viana, Itala Isis, Jamie Duncan, Tania Alice, Thomas Dupal e Wellington Dias**

Comandante de Barco | **Nelton Barbosa da Silva**

FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 25



INFORMAÇÕES: (96) 81152710 - tecnobarcabailique@gmail.com - www.tecnobarcabailique.blogspot.com.br



Apoio

Apoio Técnico

Patrocinador



Este projeto foi contemplado no Prêmio Samuel Benchimol e Banco da Amazônia de Empreendedorismo Consciente 2012

FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 26

# DESLOCAMENTOS DE ÁGUA - DESCOLAMENTOS DE TERRA

Sarah Marques Duarte

*Inventar: processo in progress q não se resume na edificação de OBRA mas no lançamento de mundos q se simultaneiam. Simultaneidade em vez de mediação. Hélio Oiticica, 1974*

Descolar por meio do deslocar, um e outro feito forma e força, sendo o segundo movimento, condição de possibilidade do primeiro. Da força líquida de um rio vivo, as formas do mundo se transfiguram e o rio, força que arrasta mundo, o incorpora e cresce, derrama. Transbordando as vivências de mais de uma década de Tecno Barca, pareceu incontornável narrar as experiências que de mim escoaram em matéria de poesia durante as residências. O deslocamento para o Bailique como meio para descolar-me da arte como forma e compreendê-la como força que em nós e de nós, em mim e de mim como artista, é devir. O escrito parte da apresentação e diálogo entre os trabalhos realizados durante as residências com questões surgidas no seu fazer e na sua exposição: a participação como tática poética de mediação; a materialidade situada como condição da inventividade (processo in progress); a memória e a história como força e forma, substrato dos processos de criação.

O Arquipélago do Bailique (AP) possui uma dinâmica de vida singular, marcada por uma intensa influência do Rio Amazonas. Nas ilhas, o movimento das marés desenha o cotidiano como um todo, diz-se por lá que 'o tempo é a maré quem faz'. O acelerado processo de erosão, fenômeno conhecido como 'terras caídas', modifica a paisagem continuamente, as construções – casas, escolas, postos de saúde, comércio – acompanham seu curso. A água do rio vai devorando as margens e marca o dia-a-dia de seus habitantes com uma dinâmica específica de construção e reconstrução de suas casas de madeira beira-rio. Constituem-se, indissociavelmente, construção e ruína. No Bailique, que "supostamente significa 'ilhas que bailam' devido ao movimento de sedimentação intensa e formação rápida de praias e pequenas ilhas" (PENA, 2014, p.36), não encontramos pedras, não há terra firme, todo chão é também água e, por isso, é preciso andar em 'pontes'. Por lá, toda caminhada é travessia.

Assim, moradores são constantemente obrigados a abandonarem suas casas e a construir outras, as ilhas 'bailam' e movimentam a vida de seus habitantes. Grande parte da madeira é retirada das ruínas para novas edificações. Ao perambular pelas

ilhas é possível notar que o processo de reconstrução é caracterizado pela lógica do remendo (fig.27 e 28). Casas feitas com madeiras de antigos mercadinhos, comércios, escolas, pontes, cercas. Com isto, as construções adquirem um contorno particular, coletivo, onde o abrigo de uma é parte do passado de outra. Caminhando pelas ilhas, esse emaranhado de memórias se faz aparente também na quantidade de escombros, debaixo das pontes, na beira do rio, na lateral das casas: madeira, madeira e mais madeira. Fato histórico: o fenômeno das terras caídas, derrocada de grandes paredões às margens dos rios amazônicos; acontecimento de memória: trânsito entre gentes e coisas, compartilhamento situado de fazeres e materiais.

Construa você mesmo seu lugar para viver temporariamente no Bailique partiu do reconhecimento da poética deste processo durante a residência de 2019, segunda edição em que trabalhei como artista no projeto. Utilizando material recolhido em visitas às ilhas, ofereci a les visitantes da Tecno Barca um probjeto - um objeto por fazer - 'organismo de pura potência' para a experiência sensível (fig. 29 e 30). Os probjetos são estruturas abertas à gestos poéticos, à vivência, à transformação, convites à ação - que são sempre uma descoberta. O termo foi cunhado por Rogério



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 27 E 28

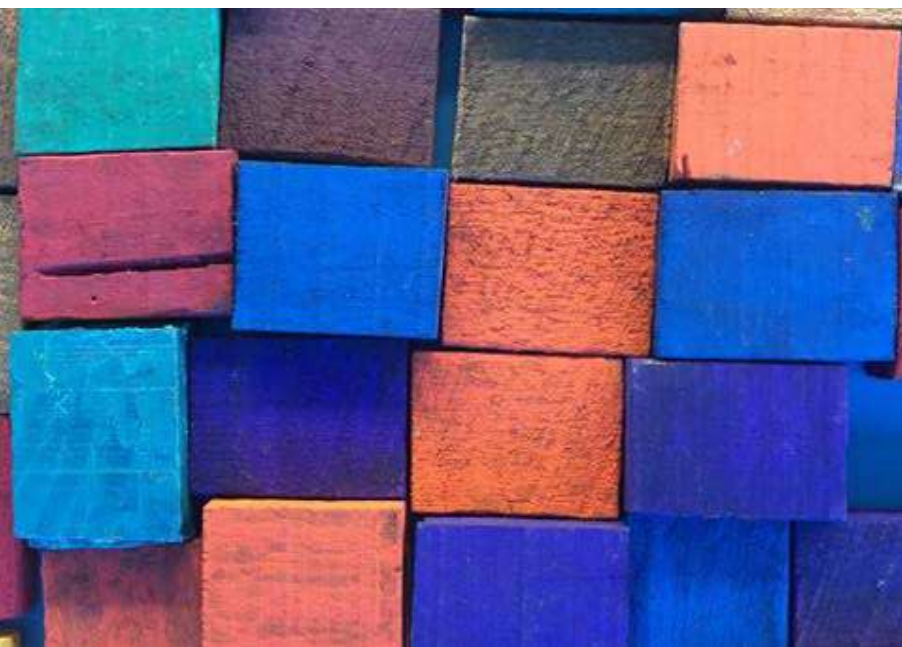
Duarte O termo foi cunhado por Rogério Duarte e utilizado por Hélio Oiticica (2009) para referir-se à 'objetos-proposição' que se concretizam na relação com o corpo da pessoa participante, não sendo, pois, mediadores da experiência, mas estruturas germinativas abertas ao ato-participação. Construa você mesmo seu lugar para viver temporariamente no Bailique consistia em fragmentos de madeira pintados de diversas cores. Com foco na manipulação das 'peças', as madeiras foram cortadas em dimensão

reduzida. Tendo como referência a diversidade de cores das casas, suas montagens, desmontagens e rearranjos, os pequenos 'módulos de madeira' adquiriram múltiplos formatos, espessuras, tamanhos e cores - pintados junto às crianças da Vila Progresso.

As pessoas participantes eram convidadas a relacionarem-se de forma livre com os objetos, no entanto, para mim, era importante enunciar que a ação estava composta pelos elementos: madeiras para criação e transformação coletiva, fotografias de registro das casas (inventário poético de remendos) e pela 'balsa' (esta proposição será descrita em seguida). Não era objetivo, com isto, 'dirigir' a vivência dos participantes em relação aos objetos, mas expor as relações – em suas descontinuidades – entre as proposições que, em síntese, eram uma só. Nesse sentido, receber e dialogar com visitantes da Tecno Barca constituía-se como parte importante do trabalho. As proposições tornavam-se também oportunidade para conhecermo-nos. Embora muita gente já fosse conhecida do processo de residência, colaborando com a preparação dos materiais da exposição. Ali, podíamos compartilhar o momento em que os projetos 'adquiriam vida'.

Sobre a balsa: com a maré baixa, é possível ver na encosta das ilhas restos das antigas construções. Apresenta-se aos olhos um terreno impactante, raízes aparentes, árvores de galhos arrancados, barrotes pontiagudos. A vila submersa apresenta-se hostil. Foi da experiência de diálogo com esta terra encharcada de memórias que o objeto 'balsa' nasceu. Do desejo de reunir estas marcas em uma forma síntese, uma balsa feita com a madeira das antigas casas, retornando-a para a superfície, resgatando de modo poético sua função de amparo. Feita em diálogo com a comunidade da Vila Progresso, a balsa reuniu

FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 29 E 30



madeira das seis ilhas e tornou-se um projeto deflagrador da participação sobre as águas do Rio Amazonas. Sobre a balsa era possível equilibrar-se sobre o rio, caminhar sobre as águas, jogar, saltar, sentar, passear, conversar, e, principalmente, ressignificar destroços: ação de criação e transformação própria ao cotidiano bailliquiense.

Se bem foi observando o movimento poético dos processos de ruína e construção que surgiram as proposições, foi na relação de participantes com os projetos que percebi uma questão fundamental: a capacidade de acontecer dos corpos. A disposição à ação é incrivelmente diversa de corpos tão organizados/colonizados/adestrados/domesticados/ blindados/estratificados dos centros urbanos em que vivi e vivo. Se bem moradorias das ilhas aproximavam-se da Tecno Barca de forma cautelosa – afinal não éramos dali, tampouco é evento cotidiano um barco com uma exposição artística - os corpos respondiam com outra qualidade de entrega, um estado de presença de quem está pronto para agir. São corpos menos medrosos, menos 'organizados',

FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 31



menos normatizados, menos preguiçosos. Aproximam-se do que compreendo por 'corpo em devir', como propõe pensar Luiz Fuganti (2007), corpo pleno, ativo em sua capacidade de acontecer, aberto aos encontros, entregue à experiência viva,

[...] a forças, a potências, a intensidades, a movimentos, a tempos que não têm intencionalidade alguma, que não funcionam por finalidade, que não têm um objetivo de chegar a um alvo superior que os resgataria, porque tem um modo próprio de acontecer no imediato sem o que não efetuam sua própria natureza e não transmutam (Fuganti, 2007, p.70).

O acontecimento no agora, corpo que se efetua para transmutar, transformar, criar. Quem sabe não é esse um dos caminhos para 'refundarmos o possível'? Corpos em atividade, que se movimentam, se jogam no rio, no chão, se sujam, se pintam, se relacionam com o mundo como vivo em suas forças e múltiplas intensidades. Manifesta-se aí a potência do 'corpo amazônico', como afirmam Wellington Dias e Rafael Santos (2020) ao refletirem sobre esses corpos/espacos: "as florestas e os rios são elementos determinantes da organização espacial e fluxos dos corpos que habitam a região" (2020, p.308), corpos atravessados por esses fluxos - "corpo agindo sob o espaço e o espaço agindo sob o corpo" (ibid.) - partícipes do mundo, porosidades de devir-rio, devir-peixe, devir-água, devir-maré.

A exploração do corpo em sua força transfiguradora é parte dos processos de ativação de um saber que é corpo - importante compreender que a experimentação corporal é a própria prática em devir, isto é, sem início ou fim. O vivo que vibra como corpo não ocupa uma suposta interioridade do corpo-organismo, antes, ele é o que escapa, é o que habitando as margens, deixa-se encontrar com outros corpos: "os corpos em questão são vários, são humanos e não humanos, mais que humanos, são visíveis e invisíveis, sonoros, arquitetônicos, legislativos, conceituais, carnavais e canais" (Fabião, 2020). No corpo do rio, água que corre, vento que uiva, barro que desenha as ilhas, os corpos em questão são movências, têm matéria mais porosa que o devir-metrópole-global-integrada projetado pela modernidade/colonialidade.

Nesse sentido, explicita-se a urgência de encontrarmos novas formas de habitar o mundo, nosso mundo, nossas cidades. Revolver a terra para escutarmos com as mãos, escavar com o corpo para ser canal, abrir as vias de fazimento de "novos mundos" em função do que pede passagem" (Rolnik, 2020). A relação direta com o mundo como vivo é condição para a liberação de uma estética outra, nossa, mas a forma de

viver na urbe é à distância “único modo de comportamento aceito na metrópole: é a experiência do espetáculo, do turismo [...] ou qualquer outra esfera onde o uso e a alteração substancial das coisas são cancelados pela interferência de uma vitrine” (Conselho..., 2019, p.68). A partir daí, perguntamo- nos: como investir num corpo em devir nas cidades, atravessar a dureza do ‘asfalto’ e não devir-dureza também? Como criar corporeidades novas, poner el cuerpo dando corpo ao que resiste ao ordenamento do capital? Como criar, nutrir, fabular, provocar, experimentar?

Tal dimensão de experimentação mostra-se também como agente da memória: corpos que bailam sobre a madeira de escombros transformada em balsa. Nesse sentido, a produção artística opera como mediadora de um trabalho sensível sobre e entre corpos humanos e não-humanos, bem como sobre a história e a memória. Assim, história e memória, concepções que se retroalimentam, mas que também se opõem, vão encontrar na criação artística a possibilidade em ato de um encontro. As discussões em torno da memória revelaram-se como questão fundamental em 2019, adensando-se em 2023 - quatro anos depois da experiência 'balsa'.

O trabalho que desenvolvi na sexta edição da Tecno Barca, 2023, intitulou-se "Azul, azul, azul: fatos e afetos que ultrapassam o feito da luz chegar" - exemplar de um posicionamento performativo sobre um fato histórico, a chegada da eletricidade na comunidade Limão do Curuá por meio do Programa Luz para todos, conjunto de medidas públicas do Brasil, que visa levar eletrificação a áreas remotas e com tarifas subsidiadas pelo Governo Federal. A partir da observação dos efeitos sensíveis da exposição da obra na própria comunidade, fui percebendo que a instalação permitiu tanto a documentação dos feitos, quanto e, principalmente, a coletivização dos afetos que possibilitam a transformação de um fato histórico num acontecimento de memória, corpo em devir que reúne e transborda fatos e afetos.

### **AZUL, AZUL, AZUL**

Fatos e afetos que ultrapassam o feito da luz chegar  
(Sarah Marques, 2023)

Momento histórico - disse a moça quando chegamos  
o azul como acidente no verde-limão-do-curuá

azul no oratório-manto-de-santa-galão-de-combustível-garração-d'água-  
mineral  
azul, azul, azul  
céu acima do rio-corda-de-barco-caixa-d'água-tampa-de-motor  
azul, azul, azul  
forro-da-igreja-chinela-havaiana-orelhão-no-chão  
Pálido ponto azul  
Enfeite-da-festa-do-círio-rede-de-matapi-lona-de-rabeta-banco-da -missa-  
porta-de-casa-tarrafa-de-pesca-isopor-de-camarão  
sempre e sempre sangue azul, mas não  
o céu - cor primária  
Derramado  
Sesparrama  
matéria de fé, comida, água e hoje:

## LUZ

Como a poesia traz já no primeiro verso, chegamos em 2023 no território do arquipélago e fomos interpelados pela instalação de placas solares na comunidade do Limão do Curuá e por moradores que afirmaram: "Vocês chegaram num momento histórico", chegamos junto da LUZ. Imediatamente comecei a documentar os fatos, a instalação dos painéis solares e a transformação em poucos dias da paisagem da ilha. Estávamos ali, no presente, presenciando um momento histórico? O que a moça quis dizer quando nos disse: "vocês chegaram num momento histórico?"

História e memória temas são recorrentes em diversas épocas e contextos, uma vez que a cultura humana, seus modos de criar, transferir conhecimento e dominar está profundamente enraizada nessas duas concepções que se retroalimentam, mas que, segundo o historiador francês Pierre Nora (1993, p. 9) se opõem uma à outra:

A memória é vida, sempre carregada de grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.

A memória e a história batalham com diferentes ferramentas: a primeira, sobretudo com a oralidade e as experiências individuais e coletivas; a segunda, com a materialidade e com as narrativas científicas. São instrumentos, também, de controle e revolução que operam na manutenção, distorção, mutação e gênese de valores nos mais diversos tempos. São ideias que compreendem um complexo de relações que se desenvolvem a partir das dinâmicas da modernidade em busca de um domínio intelectual, cultural e social. A memória é, ao mesmo tempo, contraponto e mãe da história. A história se alimenta de sua genitora a partir das representações que os sujeitos fazem das suas lembranças, sempre imperfeitas. Assim, a escolha daquilo que será 'alimento' para a história envolve um processo de triagem, nas palavras de Joël Candau (2016, p.72) "[...] entre as lembranças aceitáveis e aquelas que a seus próprios olhos tornam o passado psicologicamente, e por vezes fisicamente, insuportável".

Hoje, é notório como a globalização, a evolução e disseminação dos meios de comunicação engendram a apreensão do tempo de uma forma inédita na história: efêmera, impalpável, volúvel e super veloz. Esta compreensão superficial do passado-presente-futuro, pela super velocidade dos processos contemporâneos, representa, também, a brevidade das experimentações na atualidade, inclusive, no campo da arte. Nesse sentido, a aposta na arte como meio de interrupção, de fazer parar como exercício de reparação torna-se também um investimento sensível em torno da história. Parar para reparar. Explicita-se, assim, a urgência de proposições artísticas e estratégicas na reinvenção de representações sobre os feitos de um tempo, sem apagar os rastros de uma história que precisa ser dita e vista a partir de outros suportes. A criação artística é aliada quando tratamos de uma memória a favor da história, afinal, como afirmam Deleuze e Guatarri: "o artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos".

Dos fatos, o artista extrai acontecimentos, isto é: blocos de sensações geradores de devires, de forças que distendem os corpos tornando-os sensíveis aos testemunhos, aos detalhes que podem ser perdidos neste novo tempo que escorrega de nossas mãos. E aqui não estamos falando somente na clássica dialética matéria e forma, como temos valorizado desde os tempos modernos, mas também na sua imagética histórica, no seu caráter mutável e fronteiro, como um suporte, também, para novas narrativas. Nesse sentido, acredito nas ações artísticas como forma de dar contornos históricos a eventos que vivem à beira do esquecimento.

No caso de Azul, azul, azul: fatos e afetos que ultrapassam o feito da luz chegar, a documentação da instalação das placas solares fez emergir relações entre a cor azul e o processo de modernização das comunidades. Modernização conectada ao paradigma civilizacional da modernidade/colonialidade. O azul invade as comunidades como matéria de fé, comida, água, como diz a poesia - fé pois se apresenta na religiosidade, na cor das igrejas, santos e festas como a do Círio; comida porque está nas embalagens, lonas, cordas, galão de combustível que conecta as ilhas à capital e na água, nos garrafões de água potável que chegam embaladas em plástico já que a água do rio se encontra cada vez mais salobra. Agora, a luz que ilumina as ilhas, as conecta ainda mais ao modo de vida hegemônico e a sua temporalidade. Há doze anos, no Tecno Barca II, em 2014, no mesmo território, realizei uma performance que se chamava O tempo é a maré quem faz (fig.32), uma ação fundamentada na temporalidade da maré que, seguramente, não será a mesma nos próximos anos.

Por meio da identificação de vizinhanças entre elementos que constituem o território, foi possível criar, junto à comunidade a instalação Azul, azul, azul. Por meio de um exercício de reparação, dialogamos sobre cada uma das mudanças implicadas no contínuo progresso e invasão de modos de vida urbanos nas comunidades. Os velhos lamentam a saída dos jovens para a capital e dizem: "é...daqui a pouco isso aqui já não vai existir mais".

Se bem nesta fala o "isso aqui" refere-se à existência das comunidades naquele local, tal afirmação sintetiza a dissolução, também, do modo de vida e organização social na região. Se, por um lado, a êxodo dos jovens ocorre pela hostilidade das terras que caem mais intensamente como consequência da instalação de hidrelétricas, o abandono dá-se, principalmente, pela chegada do paradigma informacional e seus impactos nas políticas de subjetivação que lhe são próprias. Sim, o "momento é histórico", a chegada da luz modula comportamentos, vemos jovens andando nos trapiches com seus smartphones, o tempo já não é somente o das marés, as vidas que há pouco eram também movimentos de água, devir-rio, geratriz de jeitos de corpo, estão, também, em frente às telas.

## Referências

- CANDAU, Joël. Memória e identidade. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.
- CONSELHO NOTURNO. Um habitar mais forte que a metrópole. Tradução de Edições Qualquer. São Paulo: GLAC edições, 2019.
- DELEUZE, G. GUATTARI, F. O que é a filosofia? São Paulo: Editora 34, 1992.
- DIAS, Wellington Douglas; SANTOS, José Raphael Brito. Lugar da chuva: corpos viajantes em urbanidades amazônicas. Revista Aspas, 10(1), São Paulo, 2021, p.176-190.
- FABIÃO, Eleonora. Eletrovento. [vídeo] (103m39s) webnário Modos de pertencer e agir no seu tempo, Universidade Federal do Ceará, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BHAnFuGIDZ4>. Acesso em: 20 jul. 2024..
- FUGANTI, Luiz. Corpo em devir. Sala Preta, vol.7, p. 67-76, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.
- PENA, Rosinai Amanajás. Festa de Santos nas 'Ilhas que Bailam', uma etnografia dos festejos em louvor a Nossa Senhora Da Conceição em Vila Buritizal, Bailique (MACAPÁ- AP). 2014, p. 140. Dissertação (Mestrado Integrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal do Amapá, 2014.
- ROLNIK, Suely. À escuta de futuros em germe. [vídeo] (145m10s) 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4yZRBY8eFXc>. Acesso em: 03 ago. 2024.







FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 32, 33 E 34

## CONVERSA COM PATY TELES

**Sarah Marques** - Paty, já se passaram dez anos desde sua participação no Projeto Tecno Barca. Queria começar nossa conversa perguntando o que, passada uma década de sua experiência na residência, ecoa de modo mais intenso em você no presente. Quais suas memórias em torno da vivência no Arquipélago do Bailique e, especificamente, como artista da Tecno Barca?

**Patrícia Teles** - Minhas memórias mais vivas são das peculiaridades do Arquipélago do Bailique, tanto do bioma amazônico, como dos modos de existência nesse território: transporte, alimentação, arquitetura, essas coisas. O lugar, e como se habita esse lugar, ecoam bem mais intensamente. Lembro da ruma de redes balançando no barco, de arrastar meu pé no fundo do Rio pra não ser picada por arraia, da maré subindo e descendo transformando a paisagem, de um hotel abandonado sendo reapropriado pela selva, do cadáver de uma cobra no trapiche, de uns gringos que não queriam nadar no Amazonas porque achavam que a água era suja... Já dos trabalhos artísticos realizados, pra ser sincera, não lembro de quase nenhum. O Bailique entrega muito mais aos artistas do que o contrário. Então o que mais me marcou foi viver essa realidade. Em 2014 já era tudo muito precário, agora eu fiquei sabendo que a erosão da terra e a salinização da água já estão expulsando os ribeirinhos das suas casas.

SM - As imagens do Bailique que vibram em você acendem lembranças minhas, bem como questões que me atravessam em torno da relação sempre desigual entre as memórias da vivência possibilitada pela residência e o que nós, como artistas, deixamos por lá. Parece que trazemos muito e é difícil dimensionar o que de nós e de nossos trabalhos deixamos. Como você vê essa relação experiência-experimento em contextos de residências artísticas voltadas ao trabalho em comunidades, quais as implicações ético-políticas envolvidas nesse trânsito?

PT - Acho genial a ideia do Wellington, de levar artistas de vários lugares e procedências pro Bailique, e depois montar uma exposição itinerante em uma barca. Creio que a maioria sequer tinha ouvido falar em um arquipélago no Rio Amazonas, então pra mim foi uma experiência muito rica. E o propósito de uma residência artística é esse, né? Sair do lugar cotidiano e imergir em outra realidade. Além do Bailique, participei de residências em Belo Horizonte, em Brasília e em Antofagasta, no Chile. Em nenhuma delas me envolvi intensamente com a comunidade, só com os artistas mesmo, e não vejo problema nisso, não acho que essa troca artista-comunidade deva

ser mandatária. Então não posso falar muito porque não tenho experiência. Mas lembro que no seu trabalho você conversou com pescadores, que você visitava as ilhas coletando essas histórias, e que eu ajudei com a gravação desse material. Mas não encaro isso como um "trabalho com a comunidade", porque os pescadores não propuseram nada, não idealizaram nada, então não são partícipes. Para mim eles eram o assunto da sua investigação. E a gente não se colocou num lugar de dar voz aos "oprimidos", acho que ninguém ali tinha essa pretensão, nem de "levar a arte" para uma população numa região remota. Acho que estávamos experimentando despretensiosamente, não sei qual é a implicação ético-política disso, qual você acha que é?

SM - Bem, primeiramente, concordo: nunca houve a pretensão de "levar arte" às comunidades, nem mesmo de "dar voz" a elas, ao menos não nesses termos. Contudo, talvez seja possível olharmos para os objetivos do projeto desde outra perspectiva: nas possibilidades de diálogo que emergem dos encontros mediados por práticas artísticas. Agora... acredito que esse fazer 'despretensioso' frequente em grande parte residências artísticas que tem como objetivo a experimentação dos artistas em torno de seus próprios processos formais, ou mesmo discursivos, não têm lugar no que a residência Tecno Barca se propõe a ser. Você recordou questões importantes, como as conversas com pescadores. De fato, os pescadores e suas histórias tornaram-se um 'assunto' do trabalho, mas não somente. Foi do encontro com eles que o trabalho surgiu, nós não sabíamos o que seria o projeto 'final'. Comecei tentando travar diálogos com crianças e adolescentes da comunidade para realizar algo coletivamente, mas, naquele momento, não consegui encontrar interessadas a fazer junto. Por outro lado, encontrei muitos pescadores ávidos por compartilhar suas histórias - não houve dúvidas, o trabalho era fazer ecoar suas vozes e 'causos'. Pensando nisso, fiquei também refletindo sobre desdobramentos dos trabalhos iniciados na Tecno Barca. Nós, por exemplo, circulamos no Edital Cenamúsica (2014) com uma performance realizada no Bailique. Você acredita na importância das ações iniciadas na residência artística serem expostas posteriormente em outros contextos, como escapar das dinâmicas de expropriação próprias ao mercado de arte?

PT - Acho pertinente a exposição em outros contextos, porque se nós realizamos um trabalho, me parece coerente querer dar continuidade a ele. E se bem lembro, tudo era um grande work in progress, então quando saímos do Bailique não tinha um produto acabado, as coisas não estavam assentadas ainda, e acho que até hoje não estão, porque fizemos pouco. Então realizar essas performances depois é importante

para o processo, para o amadurecimento das ideias. E não vejo este exemplo específico como uma expropriação do mercado da arte, nós ganhamos um pouco de dinheiro com a performance criada no Arquipélago do Bailique porque somos artistas e é esse o nosso trabalho, nós "vendemos apresentações". Agora você disse que a experimentação despretensiosa não tem lugar na Tecno Barca, o que tem lugar na residência? E esses parâmetros são recentes ou já existiam em 2014?

SM - Entendo o que você diz sobre as experimentações lá iniciadas ecoarem em distintos contextos. Também creio que, por si só, essa prática não é extrativista. Contudo, nos questionamos continuamente sobre essa questão que te fiz já que, como você bem trouxe, trazemos muito do Bailique em nossas bagagens e nossa preocupação constante é a de tentarmos deixar o melhor de nós por lá também. Como devolver a um lugar que nos dá tanto e que tanto precisa em termos de política pública. Respondendo sua pergunta, não há parâmetros fixos que balizem todas as residências, mas um regimento que prevê e privilegia a realização de ações que dialoguem efetivamente com a região, apostando em artistas com background em projetos comunitários e participativos, bem como em profissionais da cultura com experiência em projetos realizados em imersões e diálogo com comunidades. No entanto, por ser uma residência artística com múltiplos vetores de ação, entendemos a criação artística para exposição de "resultados" (mesmo que em processo) como um dos braços da Tecno Barca, não o único. Como você percebe, de modo geral, a criação artística realizada em residências? Como o contexto de realização das obras opera/influencia em sua poética, isto é, nesse diálogo entre a 'situação específica' e seus trabalhos? Digo isto pensando metaforicamente na ação que desenvolvemos juntas, a "Vote Kimberly". Nós, como artistas, chegamos com uma roupa na bagagem e, a partir do contexto da Vila Progresso, com trapiches soltos, inviabilizando o trânsito dos moradores - e o nosso também - realizamos uma ação que colocava em diálogo nossa "bagagem" com as questões locais. Esse exemplo me parece explicitar uma potente relação entre o que, como artistas, levamos em nossa bagagem junto a uma abertura necessária para que a poesia irrompa nas/das relações.

PT - Hahaha não lembrava do Vote Kimberly. Só para contextualizar, a roupa é uma fantasia de Power Ranger rosa, e na ação essa super heroína promovia sua campanha política prometendo o teletransporte para todos. O teletransporte seria a solução para o deslocamento das pessoas, afetado pela má conservação dos trapiches. Mas pensando agora, essa ação pode ser realizada em várias cidades distintas, o BRT no Rio, por exemplo, é um inferno na terra, sem falar no trânsito. Só uma mulher

heroína para resolver isso. Mas o Vote Kimberly surgiu no Bailique, então sem dúvida o contexto influenciou a poética.

SM - Levando em consideração sua trajetória como artista-pesquisadora e docente, como você enxerga a participação de artistas em formação em residências artísticas de modo geral e, particularmente, em projetos como a Tecno Barca?

PT - Acho que você está chamando “artistas em formação” os que estão começando, né?! Porque de certa forma estamos sempre em formação, e a residência é frutífera para todo mundo, mesmo quando você se frustra por não ficar satisfeito com o resultado da sua vivência, pensando na criação artística. O fracasso é importante! Mas sempre incentivo meus alunos a participarem de residências, considero uma experiência de vida transformadora, o problema é que para ser selecionado você precisa ter a tal da bagagem e muitas vezes você precisa investir também do próprio bolso. Como está isso? Vocês estão priorizando artistas em formação. Quem financia a residência? Meus alunos não têm dinheiro para viajar pro Amapá.

SM - A Tecno Barca já passou por diferentes formatos, teve financiamento de distintas fontes, mas cada vez mais se esforça para que os artistas recebam por sua participação e não tenham custos com deslocamento e hospedagem. Contudo, cada edição é diferente, por vezes não é possível custear tudo. Do mesmo modo, o perfil de artistas varia muito, já tivemos artistas independentes e sem formação universitária, professores de ensino básico e ensino superior e, muitas vezes, artistas em formação na universidade. Hoje, priorizamos participantes do Norte do país, para dar visibilidade a artistas que estão fora do eixo sudeste, mas isso só aconteceu na última edição, marcada também por um forte interesse no aspecto educativo das propostas. Os artistas foram já selecionados tendo em vista a viabilidade e interesse em ministrar oficinas, cursos e/ou vivências com a comunidade. Nesse sentido, é importante destacar que Tecno Barca possui uma série de particularidades - diferente da maior parte de residências que tem como foco único a criação artística - conectadas, principalmente, ao desenvolvimento de oficinas voltadas à comunidade local. Pensando nisso que você traz na sua fala, sobre a disparidade entre o que trazemos de bagagem vivencial e como nossa experiência como artistas se desenvolve no Bailique, você acredita que o oferecimento de atividades formativas contribui com a experiência como um todo, digo, para nossa experiência como artistas e para a comunidade bailiquense?

PT - Entendi, acredito que as oficinas contribuem sim. Mas pelo que você está falando, vocês deram prioridade ao arte-educador em detrimento do artista, porque acreditam que assim podem oferecer algo para os moradores do Bailique. Mas, se for isso, de onde vem essa necessidade de justificar socialmente a residência? A arte pela arte não é ética num contexto de vulnerabilidade? E os participantes das atividades, o que eles acharam das oficinas? Essas atividades formativas dialogam com o contexto de que modo? É preciso estar em residência para idealizá-las, como é com o trabalho de arte? Ou é só o arte-educador ir lá e ministrar algo do repertório-bagagem dele?

SM - Entendo perfeitamente suas colocações. Muitas vezes nós, que hoje integramos o conselho artístico-pedagógico da Tecno Barca, nos questionamos sobre a potência da arte como transfiguradora de mundo num contexto como o do Bailique que, como você bem trouxe, têm enfrentado as consequências nefastas do capitalismo 24/7, com uma diminuição gradual das condições de vida em várias comunidades da região. Há moradores que afirmam que suas comunidades não irão durar, que são os últimos habitantes, já que os jovens, ao completarem o ensino médio, saem para estudar e raramente retornam. Frequentemente nos sentimos impotentes frente às urgências ambientais e sociais da região. A intenção das atividades educativas é a criação compartilhada, levar possibilidades que se constituam, de fato, a partir do diálogo com as pessoas participantes. Temos vários exemplos de jovens que participaram de atividades do Tecno Barca e optaram por estudar artes na graduação, o que para mim é sinal de uma reverberação muito intensa, outros que estiveram em oficinas, saíram para estudar e voltaram para suas comunidades, hoje são apoiadores do Tecno Barca e fazem parte do projeto, ressaltando sempre a importância da Tecno Barca em suas vidas. Essa relação entre arte e educação tem sido fator de muitas conversas entre nós, para mim, estas frentes podem e devem conviver, sem que uma sobressaia à outra. A aposta na arte como tática poética para a criação de mundos outros passa por uma abertura da escuta de todas as pessoas envolvidas, artistas, arte-educadores e comunidades em que os projetos se inserem, sempre em diálogo com as condições e contextos de atuação. Nesse sentido, pensando na relação com a poética do "precário", presente tanto em suas pesquisas artísticas como na sua investigação mais teórica, por exemplo em sua tese de doutorado, você acha que o trabalho a partir dessa noção poderia contribuir com as práticas artístico-pedagógicas realizadas no Arquipélago do Bailique?

PT - A precariedade é uma condição, ainda que não se fale dela em termos acadêmicos, ela está lá. Na Tecno Barca ela se dá de inúmeras formas, como você mesmo disse, às vezes vocês têm recursos financeiros, às vezes não têm, pra não falar de outras inseguranças e escassez que vocês devem enfrentar para tocar o projeto. Além disso, o planeta se encontra em uma situação social e ambiental crítica e irreversível, mas em algumas regiões o impacto da degradação é percebido com maior intensidade, como o caso do Arquipélago do Bailique. O que é sintomático, já que estamos falando da região amazônica. E, por fim, a própria vida humana é precária, no sentido de sermos dependentes do outro desde o nosso nascimento, de sermos seres vulneráveis e perecíveis. Então, se a precariedade já é uma condição do fazer e do existir, porque não se debruçar sobre essa noção, como uma maneira estratégica de transfiguração do mundo. Por isso, o precário não se dá somente pela falta de manutenção dos trapiches, ou do processo de erosão das ilhas, ele se manifesta na arte e na educação também como uma escolha estratégica e política. Estou pensando num exemplo pra deixar isso claro... Sou do campo da arte e tecnologia, em minhas aulas incentivo os alunos a pensarem a gambiarra como uma prática contra-hegemônica do sul global, de subversão do modus operandi capitalista, que torna tudo descartável e obsoleto para fomentar o consumo massivo. Bem como para ressignificar os objetos técnicos, abrir a caixa preta e desvirtuar as coisas da sua função industrial, o que chamamos de desobediência tecnológica. E não se trata de romantizar a precariedade, mas de torná-la um discurso, uma tomada de posição. Não tenho dúvidas de que o Bailique está repleto desses exemplos, de objetos e arquiteturas da necessidade, como chama o pesquisador cubano Ernesto Oroza. No entanto, não deve haver uma reflexão crítica sobre essa prática corriqueira, como uma ciência que deve ser levada a sério. Neste âmbito, me parece muito agregador esse diálogo dos participantes da residência com a comunidade, de poder fomentar um outro olhar sobre as coisas do dia-a-dia, ao mesmo tempo que se aprende sobre elas, o "ensinar a transgredir" da bel hooks. Me deu até vontade de voltar ao Bailique, agora que me sinto mais madura, acho que aproveitaria mais a residência.

SM - Seguramente o retorno ao Bailique é sempre tornar-se-de novo, processo de constante vir-a-ser com um solo dançante. Essa coreografia singular das ilhas que bailam evidenciam, pela acelerada forma em que acontece, a passagem do tempo que por lá "é a maré quem faz". O contraste do retorno - entre uma e outra vivência no Bailique - nos interpela, vemos que o tempo passou e, não só pelos efeitos das "terras caídas", mas também pela chegada, cada vez mais acentuada, dos modos de

vida determinados pelo complexo internético do capital. Mas, retomando a questão do tempo, e do tempo em que nos conhecemos, pensando ainda em sua trajetória artística que, como a minha, iniciou no teatro e foi se direcionando para o campo das artes visuais... Noto a coletividade como uma das singularidades na formação dos artistas da cena já que nas artes visuais, grande parte dos artistas trabalham individualmente. Você vê a realização de residências artísticas como circunstância fecunda para a criação coletiva?

FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 35



# MEMORIAL FOTOGRÁFICO TECNO BARCA II



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 36 E 37





FORTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 38 E 39





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 40 E 41





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 42 E 43







FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 44, 45 E 46





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 47 E 48





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 49 E 50





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 51 E 52



# AÇÕES E ARTISTAS 2014

## **Passeio de caracol** | Ítala Isis, Alelson Santos, Elias dos Anjos e José Correa

Intercâmbio entre a artista e o Grupo Dart, onde realizaram juntos a pintura de um caracol nos pés dela e produziram uma caminhada desses pés pintados pelos diferentes chãos da região (pontes, lama, concreto, mato e etc.) dando origem a uma video art.

Vídeo registro: <https://www.youtube.com/embed/hldfni-unkM>

## **Laboratório CARTArse** | Alen Costa e Anderson Barroso

Criação de vídeos cartas com as comunidades do Bailique, onde os artistas foram ao encontro dos moradores construir vídeos que fossem cartas para familiares, amigos e para si próprios. Ao final, ocorreu a exibição dos vídeos produzidos na exposição da Tecno Barca e envio para os destinatários.

## **Oferendar-me** | Anderson Barroso

Onde o performer se abandonou ao fluxo do rio amazonas no interior de uma canoa.

Vídeo registro: <https://www.youtube.com/embed/4gVJyelrHt8>

## **Cartografias Fluviais e das Vontades** | David Limaverde

Com técnicas de cartografia e busca de narrativas a partir do contato com crianças e adolescentes, o artista realizou a confecção de mapas tendo a geografia do arquipélago do Bailique como base para o desenho visual que foi delineado por palavras ditas pelos participantes a partir das seguintes questões: vontade, desejo e resistência. O artista também realizou um intercâmbio com o Grupo Dart, por meio um workshop teatral e a realização de uma experiência de Teatro Fórum, que foi apresentada em um dos trapiches da Vila Progresso e no interior da exposição da Tecno Barca, na passagem pela comunidade de Buritizal.

**Medo do futuro:** Vídeo registro: <https://www.youtube.com/embed/ZufvGlrRHq8>

## **Transvendo o Mundo** | Grupo Dart

Foram encontros para coleta de materiais na floresta, rios e solos, posteriormente transformados em poesia visual: pinturas, esculturas e instalações pelos artistas e outros adolescentes e crianças das comunidades de Buritizal e Vila Progresso, tendo a circulação/exposição desses trabalhos na Tecno Barca e distribuição de lixeiras artísticas pelas passarelas da Vila Progresso, todas elas, produzidas de forma artesanal e reciclável.

**Artistas:** Alelson Santos, Elias dos Anjos e José Correa

## **Ensaio sobre nós** | Isabel Viana

O projeto da artista Isabel Viana entrevista diferentes pessoas com as seguintes perguntas: O que te assusta? O que te move? O que te afeta? Qual ação você gostaria de fazer e nunca fez, por medo, ou falta de oportunidade? A partir daí, o projeto realiza as ações propostas pelos participantes. Alguns dos desejos dos moradores do Bailique concretizados foram: entregar flores e bons dias de casa em casa, amarrar-se na beira do rio e esperar o rio encher (vídeo art), visitar a cidade de Paris, na França (instalação).

## **Andarilhos** | Ítala Isis

A investigação aqui foi a mobilidade: O ATO DE ANDAR como experiência poética e estética. A pesquisa da artista convidava a um lava-pés que foi realizado em espaços públicos com os transeuntes e também nas casas dos moradores. Ao longo desse ritual, a artista conversava sobre as memórias dos pés de cada morador, e no final realizava um registro fotográfico das palmas dos pés que foram expostas na Tecno Barca. Também houve o intercâmbio entre a artista e o Grupo Dart (composto pelos artistas bailiquienses Alelson Santos, Elias dos Anjos e José Correa), onde realizaram juntos a pintura de um caracol nos pés dela e produziram uma caminhada desses pés pintados pelos diferentes chãos da região (pontes, lama, concreto, mato e etc.) dando origem a uma vídeo art que foi exposta na Tecno Barca.

## **Diário de bordo em haikai** | Jamie Duncan

Produção de uma série de Haikai a partir da imersão no cotidiano da região mesclada

com fotografias em preto e branco feitas pelo artista e que foram projetadas no interior da embarcação Tecno Barca.

### **O tempo é a maré quem faz** | Sarah Marques

A partir de sua pesquisa em torno da performance-reminiscência, a artista trabalhou durante a residência como coletora de histórias, memórias e causos de pescadores da região. O material transformou-se em trabalho artístico: a performer vestida com uma tarrafa repleta de lembranças trançadas, incorpora a vida do rio em seus ecos históricos.

Vídeo registro: [https://www.youtube.com/watch?v=Wxc\\_hoUwRWE&t=17s](https://www.youtube.com/watch?v=Wxc_hoUwRWE&t=17s)

### **Vote Kimberly** | Patrícia Teles e Sarah Marques

A performer se apresentava como super heroína candidata às eleições para os moradores locais, fazendo promessas como “tele transporte”.

Vídeo registro: <https://www.youtube.com/embed/ArHQrRx59I4>

### **A vida secreta das plantas | Dança Livre** | Tania Alice

Ação 1: A artista visitou várias casas e propôs instalar sua rede e conversar sobre PLANTAS com os moradores. Coletou esses depoimentos em registro audiovisual e os exibiu na exposição da Tecno Barca juntamente com todas as plantas coletadas nesse percurso acompanhada de objetos, fotografias e lembranças desses encontros afetivos. Ação 2: Dança livre- onde a artista fez o convite aos demais residentes da TECNOCARCA II para dançar livremente na passarela principal da Vila Progresso, em meio ao fluxo de transeuntes locais, com registro audiovisual de Patrícia Telles.

Vídeo registro: <https://www.youtube.com/watch?v=rqm865BHOH8>

### **I'll be your mirror** | Thomas Dupal

Oferecendo o espelho como dispositivo central, inclusive o “espelho” da câmera fotográfica, o artista criou interações com os moradores e demais artistas, gerando fotografias e vídeos expostos na Tecno Barca, bem como realizou a instalação “Árvore de todos os frutos” em uma espécie nativa da região, na comunidade de Macedônia e

em seguida, uma segunda versão desta idéia de árvore na exposição da Tecno Barca.

### **Rolo** | Wellington Dias

O artista vem realizando esta ação por vários lugares do Brasil e do mundo, onde se põe em rolamento pelas superfícies do chão e no Bailique rolou em pontes de madeira, concreto e argila do rio Amazonas.

Vídeo registro: <https://www.youtube.com/embed/QaKLTH-kbEU>

### **Atravessados** | Bando Filhotes de Leão

Através da convivência e conversas com os moradores, que exercem ofícios tradicionais na região (parteiras, pescadores, batedores de açai, etc.), houve a criação de:

- Performance "O tempo é a maré quem faz" na parte superior da Tecno Barca;
- Instalação "Porão" no porão da Tecno Barca, onde as histórias de assombrações e lendas que foram coletadas na região ressoavam em áudio, na voz dos moradores locais, no interior desse espaço ambientado também com esculturas do Grupo Dart;
- Exibição de vídeo art produzidas a partir das memórias de pescadores locais, tendo como suportes de projeção Ipad e computadores posicionados nas dependências da cozinha e camarotes da embarcação Tecno Barca.

**Artistas:** Isabel Viana, Sarah Marques e Wellington Dias



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 53



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 55

# TECNO BARCA III : SEMPRE OUTRO, SEMPRE MUITOS



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 56

## FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral | **Wellington Dias (Frêmito Teatro)**

Produção Executiva (AP) | **Marina Beckman**

Assistente de Produção | **Alerrandro Dantas, Adalton Baía, Eduardo Vasconcelos e Francimaira Souza**

Designer Gráfico | **Otávio Oscar**

Artistas | **Adalton Baía, Bia Medeiros, David Limaverde, Dig Ferreira, Ierê Papá, Ítala Isis, Luan Macêdo, Natália Lobo, Napoleão Guedes, Rayane Penha, Raphael Brito, Renato Vallone, Rodrigo Abreu, Sarah Marques, Sereia Caranguejo, Thales Lima e Wellington Dias**

Fotografia | **David Limaverde, Ierê Papá, Itala Isis, Luan Macêdo, Renato Vallone, Rodrigo Abreu, Thales Lima e Wellington Dias**

Comandante de Barco | **Nelton Barbosa da Silva**



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 57



## Tempo da Maré

Moro no Morro da Conceição, região Portuária da cidade do Rio de Janeiro. Estamos há 16 dias sem água. Algumas pessoas da vizinhança estão há mais tempo. É final do ano de 2024, pleno verão. Mas esse texto não é sobre falta de água, nem sobre verão. Composto por 6 tempos, o texto é um vai-e-vem de reflexões, relatos e imagens da Residência Artística Tecno Barca, no Arquipélago do Bailique, distrito de Macapá, Região Norte do país. Todas as pessoas com as quais convivi presencialmente são tratadas pelo primeiro nome. Nas notas de rodapé você encontra outras informações e referências, caso queira saber mais sobre o que conto aqui. Mas a principal fonte é minha própria memória.

A primeira vez que fui ao Arquipélago do Bailique, através da residência, era 2012. Depois, fui novamente em 2014 e em 2019. Em 2021 participei da versão *online*, em decorrência da pandemia. Tornei-me, a convite do Wellington<sup>1</sup>, uma das conselheiras do projeto. Houve mais duas edições presenciais, em 2022 e 2023, mas não consegui estar de corpo presente. Acompanhei de longe. Falo um pouco das duas primeiras edições, mas, por diversos motivos, prolongo a conversa na terceira edição e falo das reverberações nas minhas práticas fora da residência.

A comunidade do Arquipélago costuma dizer que Bailique significa “Ilhas que bailam”. Isso por conta das chamadas “terras caídas”, fenômeno de erosão da margem fluvial que foi significativamente acelerado pelo desmatamento. A situação faz com que a comunidade tenha que mudar suas casas de madeira constantemente de lugar, ou ver o Rio Amazonas engoli-las. Faz também com que Bailique seja sempre outro, sempre muitos. O desenho do território vai se refazendo, bailando diante dos nossos olhos e embaixo dos nossos pés.

As entradas e saídas pelas Ilhas do Arquipélago dependem da maré. É comum ouvir dos moradores “o tempo é a maré quem faz”. De fato, desde a saída de Macapá até a chegada, todas as passagens que fizemos por cada Ilha, tudo dependia da maré. Se

---

<sup>1</sup> Wellington Dias atualmente é artista e professor de teatro na UEA. É o idealizador do projeto TECNO BARCA e coordenador geral de todas as edições. Amigo de longas datas e sonhador com o pé no chão, mesmo quando o chão desmorona.

estivesse baixa demais, o barco atolava e não conseguíamos sair do lugar. Era preciso esperar encher para que pudéssemos navegar.

Curioso imaginar que esse tempo da maré pudesse nos tomar inclusive quando estávamos em terra firme. Na verdade, não exatamente, já que a maior parte do Arquipélago é construída em palafitas. A locomoção dentro das ilhas acontece através de pontes feitas de madeira ou cimento. O tempo da maré parece se estender para o tempo da caminhada sobre essas pontes.

FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 58



## Tempo dos encontros

Na edição de 2014 fiz o “Lava-pés”. Trocar uma lavagem e massagem nos pés pela resposta para a pergunta “Onde seus pés já te levaram?”. Essa ação produziu uma linda coleção de fotos de pés e vozes contando suas memórias.

Na mesma edição fizemos o “Passeio do caracol”. O Alelson<sup>2</sup>, do Grupo D’Art, pintou dois caracóis nos meus pés e eu segui pelas pontes, arrastando o passo<sup>3</sup>. Alelson participou da primeira edição, em 2012, como aluno. Assim como Elias<sup>4</sup> e José<sup>5</sup>. Os três, moradores do Arquipélago. Na época, o projeto tinha um nome enorme: “Tecno Barca: Um ateliê galeria itinerante sobre a terra das águas”. Já a proposta era bem simples: realizar oficinas de arte, montar os resultados dessas oficinas em um barco e navegar pelas Ilhas do Arquipélago, mostrando a moradoras e moradores. Os três fizeram todas as oficinas. Ou quase todas, não lembro. Mas do entusiasmo que aqueles três jovens tinham, lembro como se fosse ontem. Na edição seguinte, num formato que incluía oficinas e residência artística, os três vieram como artistas convidados, apresentando-se como Grupo D’Art.

Foi também nessa edição de 2014 que se formou o primeiro casal do Tecno Barca: Eu e Jamie<sup>6</sup>. E lá se vão dez anos juntos. Na época, dividimos um dos quartos, numa casa com quatorze pessoas, entre artistas e produção do projeto. A casa do Tecno Barca sempre rendeu muitos encontros, trocas, projetos em comum, afetos. Mas também desencontros, desafetos. Nem tudo são flores na convivência olho no olho. Juntar tanta gente em uma ou duas casas, em um território muito singular, pessoas

---

<sup>2</sup> Alelson Santos atualmente é técnico em artes visuais, cursa a licenciatura em artes visuais pela UNIFAP e se inicia no ramo da tatuagem.

<sup>3</sup> Link para vídeo-registro da ação: <https://www.youtube.com/watch?v=HQp0sW4UDTg&t=182s>.

<sup>4</sup> Elias dos Anjos participou de outras edições do Tecno Barca como artista-educador e como produtor local. Formou-se em pedagogia e se tornou diretor pedagógico administrativo da Escola Estadual Igarapé Grande do Curuá – escola pública situada na sua comunidade de origem. Atualmente é pós-graduando em Educação Especial e Inclusiva e, em 2021 foi convidado a assumir a presidência do Conselho Comunitário da Associação Gira Mundo no Bailique.

<sup>5</sup> José Correa chegou a participar de outras edições do Tecno Barca trazendo a linguagem da poesia. Chegou a publicar um livreto com seus poemas, inspirados nas vivências no Bailique. Atualmente, está concluindo a graduação em química pela Universidade Estácio de Sá, em Macapá. Trabalha no comércio da região e continua fazendo poesias.

<sup>6</sup> Jamie Duncan atualmente é escritor, etnógrafo e pesquisador no Rio de Janeiro. Na ocasião da edição, Jamie estava em processo de doutoramento em Linguística, pela Universidade de Lancaster. Sua participação nessa edição aconteceu através da criação de um diário de campo, na forma de Haikais. Na última edição, em 2023, Jamie criou um novo diário, além de um vídeo de curta metragem, em parceria com outros artistas residentes. Recentemente, Jamie também foi um dos curadores da ExpoKupação “Ítala Isis: 30 anos de Rio e Rua”, onde celebrei 30 anos de carreira artística.

de diferentes lugares, que não se conhecem, é ousado e desafiador.

Imagino que tenha sido por conta dos tantos desafios que o projeto evoca que Wellington criou um conselho. O bonde de *conselheiros* é formado por pessoas que hoje moram em diferentes partes do país, e até em outros países, que participaram de mais de uma edição e que têm laços fortes de amizade. Através desse conselho pensamos as ações do projeto, selecionamos quem vai participar das edições, nos orientamos e inspiramos coletivamente. Também debatemos e entramos em conflitos.

O Grupo de *WhatsApp* do conselho foi formado em 2022, mas a sensação é de que faz mais tempo. Tornou-se, para mim, uma versão virtual daquela casa no Bailique. Mas aqui, a convivência se prolonga. Gente intensa buscando pensar em como continuar tecendo esse projeto coletivo que é o Tecno Barca. Ao mesmo tempo, vamos acompanhando nossas mudanças pessoais, rindo e chorando junto nossas alegrias e tristezas, torcendo por dias melhores. Nós povoamos o Grupo do *WhatsApp*. Fazemos dele nosso Bailique possível.

FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 59



## Tempo de viver

O convite para participar da terceira edição da Residência, em 2019, veio no momento em que eu desenvolvía um experimento de pesquisa de doutoramento, tendo como um dos eixos temáticos as artes têxteis (ARAÚJO, 2021). Na minha produção prática, passei a trabalhar mais com as técnicas do bordado e da costura. Foi imersa nesse contexto que desenhei a proposta “Viver Bailique”.

Buscando nos arquivos da época, encontro o documento enviado para a produção do Tecno Barca. Nele descrevo o que idealizei ser o “Viver Bailique”:

A ação consiste em bordar e costurar testemunhos de vida na superfície de um tecido de algodão. Esses testemunhos serão reunidos a partir do convite feito a moradores e moradoras para que desenhem e bordem suas linhas da vida com três pontos importantes: um no passado, outro no presente e outro no futuro. Simultaneamente, estarei bordando minhas vivências no período. Os convites, abertos a homens, mulheres e crianças de qualquer idade, não têm a intenção de ensinar nada. Trata-se de conviver, conversar e compartilhar o espaço do tecido. No momento da exposição, o tecido será apresentado com as inscrições feitas ao longo dos dias, podendo ainda acontecer outras inscrições no decorrer do período de exposição. Além do tecido, serão apresentados alguns registros previamente selecionados do percurso.

Na época em que escrevi a proposta, três referências povoavam meu imaginário: (1) As *Arpilleras* chilenas, tecidos produzidos por mulheres no contexto da ditadura militar chilena entre as décadas de 1970 e 1980 que ilustravam e contavam, de maneira anônima, as experiências e as violências sofridas no período (BASIC, 2012); (2) A leitura do livro “Estar Vivo”, de Tim Ingold (2017), no qual o autor apresenta uma série de ensaios que pensam o movimento, o conhecimento e a descrição como dimensões do fenômeno de estar vivo, tendo a linha em suas diversas possibilidades, como elemento fundamental; (3) Uma definição de “povo”, que apareceu em um texto da antropóloga Rita Segato (2012, p. 111):

Afinal o que é um povo? Um povo é o projeto de ser uma história. Quando a história tecida coletivamente, como os pontos de uma tapeçaria onde os fios desenham figuras, às vezes aproximando-se e convergindo, às vezes distanciando-se e seguindo em direções opostas, é interceptada, interrompida pela força de uma intervenção externa, este sujeito coletivo pretende retomar os fios, fazer pequenos nós, suturar a memória e continuar. Nesse caso, deve ocorrer o que podemos chamar uma devolução da história, uma restituição da capacidade de tecer seu próprio caminho histórico, retomando o

tramado das figuras interrompidas, tecendo-as até ao presente da urdidura, projetando-as em direção ao futuro (SEGATO, 2012: p. 112).

Inspirada por essas referências, desejei apresentar uma proposta propositalmente aberta às mudanças decorrentes de um encontro, onde não se sabe o que vai acontecer.

De fato, mudança foi o que mais aconteceu. O que se consolidou como ação foi o uso de uma única superfície de tecido, que reuniu tanto a experiência do grupo de bordado, habitado por crianças e algumas pessoas artistas da residência, quanto trocas de saberes com mulheres que trabalhavam com alguma modalidade de arte têxtil. Além disso, realizei uma performance que assombrou meu imaginário naquele momento e sobre a qual falo mais adiante.

Para iniciar o grupo de bordado, escolhi me concentrar na Vila Progresso, a mais urbanizada das oito Ilhas e onde estavam as casas que habitaríamos no período da residência. Minha decisão foi orientada pela percepção de que a prática do bordado demanda certo tempo, certo compromisso com a continuidade. Eu desejava que o grupo pudesse se inscrever na rotina diária da comunidade, produzindo encontros num mesmo lugar, num mesmo horário. Esse lugar seria a varanda da nossa casa, uma maneira de borrar os limites entre público e privado.

No decorrer dos dias, a varanda tornou-se uma espécie de atelier aberto, expondo aos transeuntes os processos de produção tanto do grupo quanto de alguns fazeres das pessoas artistas da residência. Em alguns momentos, moradores e moradoras entravam para conversar e procurar saber o que estava acontecendo ali. Em outros, ocupávamos a ponte com demandas que exigiam espaços maiores que a varanda.

Fiquei em dúvida se divulgava a ação do bordado como oficina ou grupo. Acabei divulgando como grupo. Buscava mais o encontro, a troca, a conversa, o compartilhamento de experiências do que a difusão da técnica.

No caso das crianças, me parece que o nome não fez a menor diferença. A participação foi ampla e frequente. Elas estavam de férias e nós éramos a novidade na ilha. Chegavam sempre uma hora antes do início da oficina e, a cada dia, voltavam em maior número. Fiz questão de incumbir participantes que chegavam antes a ensinar quem chegava depois, à despeito da idade. Isso criava um senso de responsabilidade coletiva com o aprendizado. Muitas vezes voltavam até mim, a fim de fixar certos procedimentos para ensinar com mais precisão. É engraçado como, de uma maneira ou de outra, eu e a criançada sempre nos encontramos. Eu adoro!

Já para as mulheres, talvez uma estratégia mais pragmática funcionasse melhor. Vieram apenas três mulheres ao longo da semana na qual estive na varanda. Elas tinham outro tempo e interesses diferentes do grupo das crianças. Queriam aprender a técnica e receber um documento certificando que aprenderam. Como eu não soube, naquele momento, lidar com suas demandas, não voltaram e a varanda de bordado ficou toda para as crianças e para as pessoas artistas da residência.

Mas não desisti de me encontrar com as mulheres do Bailique. Ao final dos quatro dias de desenvolvimento das ações dos artistas residentes, fizemos a montagem da exposição dentro de um barco que navegaria pelas oito ilhas envolvidas na edição. Em diálogo com o Wellington, estendi o grande tecido com as intervenções do grupo de bordado no meio da embarcação, abrindo duas fendas para facilitar a passagem de um lado para o outro.

Nos cinco dias posteriores percorrendo as ilhas, me propus a realizar trocas com mulheres que trabalhavam de alguma maneira com a linha. Trocaria uma conversa sobre seus ofícios pelo ensino de pontos de bordado, diretamente no tecido do barco. Foi possível, junto com a equipe de registro do projeto, filmar e fotografar o trabalho de algumas mulheres com crochê, costura, tecelagem de rede e matapi, um tipo de armadilha para pegar camarão, feita através do trançado de palha de coco e bananeira. A dificuldade de acesso a alguns materiais era compensada pela inventividade e cuidado na execução de cada peça. Nem todas se interessaram em aprender o que eu tinha para ensinar sobre bordado, mas todas quiseram falar sobre suas práticas. O que mobilizava essas mulheres a trabalhar com a prática têxtil era principalmente a necessidade de levantar renda para o sustento e de atender às necessidades da família e da comunidade. Linhas da arte se emaranhando inevitavelmente às linhas da vida.



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 60

### **Tempo de assombro**

Antes de chegar ao Arquipélago do Bailique em 2019 fui assombrada por uma figura. Ela parecia querer dançar pelas ruas de Macapá. Quando falo que fui assombrada, quero dizer que essa figura me fez desejar vê-la, vivê-la. Na ocasião, não sabia exatamente o que significava, mas sabia que se fazia através da conversa entre meus



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 61

olhos, minhas mãos e tecidos, missangas, fitas, linhas, mediadas pelas práticas do bordado e da costura.

Depois de um processo cheio de incertezas, comecei a confeccionar a vestimenta que materializaria meu assombro. Comprei um chapéu de palha e cobri com um tecido colorido. Depois, bordei uma faixa com missangas e pérolas nas cores azul, rosa e lilás. Por fim, cortei o mosquiteiro lilás que usava e fiz uma espécie de cachoeira de filó, que ia da barra do chapéu até, mais ou menos, meus calcanhares. Além disso, pedi que

Sarah<sup>7</sup> me emprestasse a ossada de uma mandíbula de búfalo que ela encontrou em suas caminhadas pelas ilhas. Amarrei um pedaço do filó em cada ponta do osso e fiz um colar. Testei um ninho de japim<sup>8</sup>, catado nas minhas caminhadas, como máscara. Pedi que Rodrigo<sup>9</sup> me cedesse uma de suas cabaças<sup>10</sup>, reservei uma pequena garrafa de cachaça, coloquei um vestido branco, que já tinha sido utilizado em outra ação na residência<sup>11</sup>, e me senti pronta.

O lugar escolhido para agir foi um espaço de mata nativa em Jaranduba, uma ilha próxima da Vila Progresso. Logo que cheguei, enchi a cabaça com o barro da beira do Rio Amazonas. Renato<sup>12</sup> e Luan<sup>13</sup> realizaram os registros. Renato propôs fazer o registro audiovisual em VR, um tipo de câmera que faz uma filmagem de 360 graus. O tipo de filmagem determinou o desenho circular do trajeto, dialogando com a presença da câmera. Encontramos um conjunto de árvores dispostas em círculo, com chão argiloso preenchido por pequenos buracos e constantemente atravessado por sararás, animais semelhantes a siris, porém muito menores, visualmente perfeito para a ação. Renato, me vendo descalça, recomendou cuidado, explicando que os escorpiões gostavam de ficar ali. Espalhei os elementos pelo círculo – máscara, chapéu, cabaça, cachaça e um espaço reservado ao vestido, que iria tirar logo no início da ação. Ele posicionou a câmera no centro do círculo de árvores, me deu algumas indicações técnicas e relacionadas à linguagem e foi esconder-se atrás de outras árvores.

Naquele momento me vi sozinha com meu assombro. Saber, finalmente, o que eu estava fazendo. Comecei pegando a garrafa de cachaça e fechando o espaço no qual a ação iria acontecer. Enquanto derramava a cachaça pelo chão, repetia baixo a frase “com licença, obrigada”. Depois, sempre dentro do círculo, me despi do vestido e fui vestindo os outros elementos. Continuei circulando, como se precisasse que

---

<sup>7</sup> Sarah Marques é artista, educadora, pesquisadora e, atualmente, professora de performance na Universidade Estadual do Paraná. Foi uma das artistas residentes dessa edição. Amiga querida, parceira de grandes aventuras na arte e na vida, organizadora deste catálogo, a quem agradeço enormemente pela paciência e insistência.

<sup>8</sup> Pássaro tradicional da região que faz seus ninhos com gravetos secos em árvores altas. É comum encontrar esses ninhos caídos em torno das árvores, depois que os filhotes partem.

<sup>9</sup> Rodrigo Abreu também é um amigo de longa data e foi um dos artistas residentes da edição. Atualmente mora em São Paulo. Se apresenta como educador, performer, sócio da Casa Ojo e bixa ativista. Desenvolve uma dissertação de mestrado na área de arte e educação, na UNESP.

<sup>10</sup> Recipiente feito com o fruto de uma planta popularmente conhecida como cabaceiro, entre outros nomes.

<sup>11</sup> Na ação de Nathália Lobo, uma das artistas residentes daquela edição. Conto mais sobre a ação dela e sobre esse vestido no segundo capítulo da minha tese, “Costuras Errantes” (ARAÚJO, 2021).

<sup>12</sup> Renato Vallone, cineasta, montador e um dos artistas residentes da edição.

<sup>13</sup> Luan Macedo, produtor cultural, videomaker e um dos artistas residentes da edição.

meus pés apre(e)ndessem aquele chão. Percebi minha presença pautada pelo medo: medo de machucar o pé com algo pontiagudo, ou da mordida de um escorpião, ou de machucar meu rosto com a mordida de algum bicho que tivesse se instalado na máscara-ninho. Medo daquele espaço-corpo estranho.

Continuei circulando, até que parei em um dos ângulos da câmera e comecei a circular em torno do meu próprio eixo. Uma terceira frase veio se juntar às duas primeiras: "Eu também sou daqui". Naquele momento o medo pareceu se dissolver entre pegadas e movimentos. Meu corpo foi preenchido pelas frases e outros sons ininteligíveis. Eu girava e batia no chão, me marcando naquele lugar. Meu corpo e o lugar passaram a fazer parte daquela conversa com as imagens e materiais. Aos poucos fui saindo daqueles movimentos. Retirei os elementos, coloquei novamente o vestido e finalizei diante da câmera.

Finalmente eu sabia do que se tratava a ação. Tratava-se de me reconhecer na condição de estrangeira e, paradoxalmente, de poder me sentir pertencente ao chão, um lugar que é sempre o mesmo e sempre diferente. Chamei de "Com licença. Obrigada. Eu também sou daqui."<sup>14</sup>.



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGRA 62

<sup>14</sup> Link para vídeo-registro da ação: <https://www.youtube.com/watch?v=fM30DkRcdsE>

## Tempo do bordado

A convergência dessas questões – território, público, tempos e modos – abriram em mim certo imaginário para outras maneiras de criar processos artísticos e educacionais através do bordado.

Quando voltei para o Rio de Janeiro, segui com minhas pesquisas em busca de referências que me ajudassem a refletir, de forma mais ampla, sobre a prática do bordado e, de maneira mais específica, sobre o que havia vivido no Bailique. Questões ligadas à classe, raça e principalmente gênero, considerando a associação histórica com certa criação de feminilidade e processo de industrialização (PARKES, 2019, MACHADO, 2003). Mais recentemente, também encontrei referências que tratam de certo retorno do bordado com outro status, marcando a produção de homens e mulheres na arte contemporânea e mudando nossa forma de ver sua incidência em artefatos mais antigos (HESSEL, 2024, MELENDI, 2024).

Simultaneamente, segui desenvolvendo uma produção plástica poética, ligada ao bordado e à costura. Também continuei realizando oficinas e buscando um formato de ação artístico-pedagógica através do bordado. Apresento um pouco desse percurso em minha tese (ARAÚJO, 2021).

Bordar é uma dessas práticas sobre as quais nunca estamos completamente prontos e prontas. É preciso que as mãos dançam para que a coreografia-vocabulário dos pontos seja fixada em nossa memória corporal e se torne cada vez mais precisa. É comum esquecer um ponto, aprender outro jeito de fazer, encontrar o mesmo ponto com dois nomes completamente diferentes. Também é interessante pesquisar uma variedade de superfícies sobre as quais é possível bordar: tecidos, papéis, folha seca, tela de arame e até madeira.

Bordar é algo simples. Continuar bordando se torna um desafio. Sobretudo na cultura imediatista do nosso tempo histórico. Encontrei, recentemente, no texto de Maria Mellendi (2024) trechos que confirmam minhas percepções sobre essa prática:

Num mundo controlado por processadores de texto, por computadores que executam programas capazes de tecer tapeçarias e ou reclamar com perfeição desenhos complexos, as técnicas manuais de bordado transformam-se em técnicas artísticas (MELENDI, 2024. Pág. 124).

Quando o que estou bordando é uma palavra, a impressão que tenho é de que ela se

torna mais valiosa. É tanto tempo para “dizer” algo que preciso pensar com cuidado sobre o que irei bordar. Novamente Melendi (2024) traduz minha sensação:

A escrita não flui com a fluência líquida da tinta. A escrita se faz através de furos e nós. A escrita despe o corpo para se inscrever, a partir dele, no corpo outro do objeto-reliquia. Fragmento ao mesmo tempo do corpo destruído e da escrita materializada (MELENDI, 2024. Pág. 127).

Bordar se inscreve em outro tempo, nem lento nem rápido, mas sem dúvida menos imediatista. Habitar esse tempo do bordado, sobretudo coletivamente, pode ser ritualístico e restaurador do ponto de vista psíquico. É como se, no bordar, a vida se fizesse passo a passo, um ponto depois do outro, com espaço para conversar, compartilhar lembranças, brincadeiras e memórias. No caminho, a superfície vai se formando diante de nós, como testemunho-marca dessa vida compartilhada.

É indisfarçável meu prazer e certa defesa da prática de bordar. Aconselho a qualquer pessoa que encontre tempo na sua vida para colocar uma agulha na mão. Mas também reconheço o prazer e a ternura que a contemplação e fruição de um bonito bordado pode despertar. Através dessa beleza, acredito que qualquer coisa pode ser dita, das mais doces às mais ácidas.

O amadurecimento das minhas reflexões e práticas sobre o bordado enquanto técnica, história e linguagem, depois da minha experiência no Bailique, levou-me a reelaborar a proposta do grupo de bordado em outras ocasiões no Rio de Janeiro. Desenvolvi o que chamo de oficina-intervenção de bordado, proposta metodológica mais porosa à diferentes tipos de participação. Nessa, fico num mesmo lugar e horário, ao longo de um determinado número de dias. Estabeleço uma pergunta geradora que possa ser respondida com uma palavra ou frase simples, escrevendo-a em um pedaço de tecido avulso, diferente do único tecido do Bailique. É possível escrever a resposta e deixar para outras pessoas bordarem, bordar a resposta que outra pessoa escreveu e escrever e bordar a própria resposta, podendo ainda deixar para que outra pessoa termine o bordado iniciado. Por fim, todos os bordados são costurados em um único tecido<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Experimentei esse formato na Escola de Belas Artes da UFRJ, num momento de greve estudantil, no primeiro semestre de 2023. A pergunta geradora foi “A que ponto chegamos?”, uma brincadeira com a ideia de pontos de bordado e o contexto de conflitos e lutas políticas dentro e fora da instituição. A experiência trás nuances, embora diretamente ligados à proposta realizada no Bailique, merecem um outro texto mais detalhado.



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 63

### **Tempo de *transver***

“O olho vê, a memória revê, a imaginação *transvê*. É preciso *transver* o mundo.”. Esse trecho de um poema do Manoel de Barros me acompanha desde a primeira edição do projeto. Os três elementos são fundamentais: O olho, que busca enxergar a realidade material diante de nós, sem romantismos ou exotização; a memória, que explode como uma estrela iluminando as emergências do presente, ensinando através do passado sobre o tempo de agora; e a imaginação que, de certa forma, guarda os dois primeiros e avança na efetiva transformação de mundo.

Esses três elementos sempre estiveram presentes nas minhas idas ao Bailique. Mas, por uma série de motivos, sinto que a terceira edição, de 2019, trouxe marcas mais profundas. Além de ser a última vez na qual estive de corpo presente no Arquipélago e de me encontrar no meio de uma pesquisa acadêmica, era um cenário político completamente diferente do que tínhamos nas duas primeiras edições. A ascensão à presidência da república de um projeto histórico fascista, marcado, entre outras coisas, pela extinção do Ministério da Cultura, rebaixado à secretaria, mudou radicalmente o tecido do cotidiano. A política tornou-se assunto perigoso, chegando a causar

rompimentos familiares, reações violentas e até letais. O contexto local também se mostrava desafiador.

Nas duas primeiras edições, Wellington tinha conseguido patrocínios importantes para a realização do projeto. A terceira edição foi realizada com recursos próprios. Além disso, a casa onde nos instalamos, em frente a um dos ancoradouros, na Vila Progresso, já não existia mais. Foi levada pela erosão. Junto com o próprio ancoradouro e um terço da principal Escola da região, onde realizamos a maioria das oficinas da primeira edição<sup>16</sup>. Dos doze dias em que ficamos no Arquipélago, dez foram sem água e sem luz.

Lembrar dessa ocasião me faz voltar para o presente, aqui no Morro da Conceição, e para as primeiras linhas desse texto. Tanto no Bailique quanto aqui, os problemas com os recursos básicos da nossa vida cotidiana não são naturais, embora os discursos institucionais queiram fazer parecer que sim. É consequência do descaso, ingerência e irresponsabilidade do poder público com as necessidades básicas da população somada à sanha da iniciativa privada por lucro, à despeito das consequências<sup>17</sup>. No entanto, aqui, como lá, continuamos insistindo em inventar uma vida possível.

Penso que continuar produzindo arte, pesquisa, educação, num contexto que, tanto aqui quanto lá, é embrutecedor, desumanizante, que negligencia o básico, é um ato de resistência. Uma maneira de *transver*<sup>18</sup> o mundo. Inventar possíveis dentro das impossibilidades. O “Viver Bailique”, apresentado neste texto por uma sucessão de tempos, é uma maneira de afirmar um viver que se desenrola, tal qual novela, além do tempo e do espaço. Eu vivo Bailique aqui no Rio de Janeiro, na medida em que carrego no meu corpo, nas minhas memórias, aquele tempo espaço que habitei. Por outro lado, vive no Bailique de hoje alguma coisa daquilo que ajudei a construir, através das várias edições do TECNO BARCA. Isso não resolve todos os nossos problemas. Não faz a água voltar aqui, como também não fez voltar lá. Mas renova as forças, enche de esperança, ajuda a seguir e inspira na busca coletiva por uma vida que valha a pena ser vivida.

---

<sup>16</sup> A Escola atende alunos do segundo segmento do ensino fundamental e do ensino médio. Sua metodologia é baseada num enfoque socioambiental, valorizando os saberes e os recursos locais.

<sup>17</sup> Embora exista um contexto natural singular no arquipélago, esse contexto é drasticamente agravado pela má conduta humana. Para saber mais sobre essa situação, vale consultar o link: <https://www.modefica.com.br/bailique-no-escuro-sem-agua/>. Já para entender melhor o percurso que culmina com a crise de falta de água em diversos bairros do Rio de Janeiro, vale acessar o link: <https://www.instagram.com/elikatakimoto/reel/DDQMvCJJYa6>.

<sup>18</sup> O texto de Jamie Duncan, neste mesmo catálogo, desenvolve um pouco mais a força do significado de “transver” na poesia do Manuel de Barros.



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 64

## Referências

- ARAÚJO, Ítala Isis de. *Costuras errantes – 2021.197f.* Tese (doutorado). PPGARTES – UERJ, Rio de Janeiro, 2021.
- BASIC, Roberta. *Arpilleras da resistência chilena.* (catálogo) Brasília: Biblioteca Nacional, 2012.
- HESSEL, Katy. Capítulo Onze – Tecendo novas tradições. In: *A história da arte sem os homens.* Rio de Janeiro: A Rosa dos Tempos, 2024.
- INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição.* Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- MACHADO, Ana Maria. O TAO DA TEIA – SOBRE TEXTOS E TÊXTEIS. *ESTUDOS AVANÇADOS* 17 (49), 2003.
- MELENDI, Maria Angélica. *Território de Bordadores: Histórias de amor, de loucura e de*

morte. In: O corpo vulnerado. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024.

PARKES, Rozsika. *A criação da feminilidade*. In: CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André; PEDROSA, Adriano. *História das Mulheres, histórias feministas: vol.2 Antologia*. São Paulo: MASP, 2019.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *e-cadernos CES [Online]*, 18 | 2012. Disponível em <https://journals.openedition.org/eces/1533#text>. Acessado em 15 de novembro de 2019.



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 65

# CONVERSA COM NAPOLEÃO GUEDES - O NAPÔ

**Ítala Isis:** Estou aqui com Napoleão Guedes, o Napô, artista, educador, pesquisador. Primeiramente, você se apresentar seria bacana.

**Napoleão Guedes:** Bom, eu me chamo Napoleão, Napoleão Guedes, sou aqui de Santana, no Amapá. Tenho 29 anos. Sou licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amapá. Tenho trabalhado com performance. Faço outras... outras artes, mas, eu tenho me dedicado mais à performance. Tenho um interesse imenso pelas memórias e pelo imaginário amazônico. Hoje em dia sou professor da Rede Pública de Ensino. Também sou pesquisador na Universidade Federal do Amapá, estou no mestrado agora em Política e Cultura, Diversidade Amazônica. Me interessa mais, hoje em dia, pela memória, o que já vem há um tempo, mas hoje estou mais dedicado a pensar, a desenterrar essa memória, e de alguma forma, flexionar um pensamento com esse imaginário dos povos das Amazônia.

I.I: A gente se conheceu na edição de 2019, como foi esse primeiro encontro com o projeto Tecno Barca? Como foi o convite e todo esse processo para elaborar aquelas ações e a chegada no Arquipélago.

N.G: Eu sempre fui - ainda bem que tive bons amigos - porque sempre fui muito inseguro. O Tecno Barca, quando vi, pensei, nossa, que evento bacana, mas inseguro, achando que era para um outro tipo de artista. Eu era muito amigo da Sereia Caranguejo e da Nathália Lobo e as duas ficaram assim: "Não, Napoleão, tem tudo a ver contigo, você tem que ir, tem que experimentar e tal". Nós três nos inscrevemos e nós três fomos para o Bailique. Então foi assim que eu conheci o Bailique e conheci a Tecno barca. Porque Sereia e Natália insistiram muito, assim. E daí foi assim o meu primeiro contato, né? Nesse processo de fortalecimento mesmo, porque eu estava inseguro mesmo para ir para o Bailique e para a Tecno barca.

I.I: E aí, você chegando lá, era o que você imaginava? E como é que foi essa elaboração das ações?

N.G: Na época eu já estava interessado nas teorias insurgentes, dissidentes, decolonialidade. Já estava nesse rastro da memória, mas através desses outros conceitos. Daí, eu fiz uma pesquisa sobre o Bailique e veio um monte de coisa. Desde o nome do Bailique - que nome é esse? Que palavra é essa? Quem são essas pessoas e suas histórias? Daí veio surgindo um monte de questões. Vi a problemática da região, a parte histórica e comecei a elaborar algumas coisas. Sempre parto da ideia de vínculo com alguma coisa pequena, não é uma arte para ser cara. É para fazer um trabalho de baixo custo. Aí eu fui comprar as coisas para levar, como mosquiteiro, essas coisas e no comércio, encontrei quatro potes.

Na hora que eu bati o olho neles, pensei: tenho que levar alguma coisa para uma ação: quatro potes para coletar memórias. E também tinha uma coisa de que cada pote estava identificado com uma ideia. Por exemplo, eu queria ouvir histórias do Cosmos, das relações sociais, das relações ambientais, queria ouvir devaneios. Eram quatro potes e cada pote tinha uma intenção. Mas chegar no Bailique era outra coisa. Uma coisa era a pesquisa, imaginar como seria. Quando se chega lá, é uma outra realidade: a questão da luz, por exemplo, vai atravessando as relações sociais dentro da Vila Progresso e a relação entre os artistas. Na época a gente dividiu, ficou em duas casas, e daí era uma outra relação dentro de uma casa, um convívio com artistas. O Dig Ferreira é um artista que estava em Nova Iorque, tinha um monte de ideias. Ele me fala bastante da queda do céu. Eu estava com o Rodrigo Abreu, que era do Rio. Era uma experiência muito diferente dentro de uma casa, dentro de um contexto de Bailique, dentro de um contexto de dissidência, porque eram corpos que estavam chamando atenção desde o primeiro momento, pelo vestimento ou pelo modo de estar no espaço. Então, chegar no Bailique foi o que eu escrevi até na época: "O Bailique parece que é um lugar para não chegar", não dá pra chegar com teu projeto todo amarradinho, bacaninha, que não vai dar certo. Ele vai te provocar.

I.I: A gente se desorganiza através do Bailique.

N.G: E daí foi essa a primeira experiência para pensar as ações. Percebi que dentro da lógica que eu estava pesquisando, não tinha como pensar ações de longe. Eu estava sempre com essa ideia na cabeça, de que as comunidades iriam evocar questões. Então, eu ia ter que ouvir aquelas pessoas e daí iriam surgir as performances. Primeiro, eu ouço histórias, parece que vou para uma pesquisa de campo para ouvir histórias. E foi o que aconteceu. Inclusive, é uma das performances que trabalho até hoje, né? Até hoje reverbera, agora mesmo, tenho trabalhado com as imagens que resultam dessa ação e das ideias. Então, é... Ouço histórias!

I.I: E aí, me lembra qual é exatamente o procedimento do Ouvir Histórias? Lembro que você ia com a linha e escutava e na medida que escutava ia colocando a linha na garrafa, era isso?

N.G: Sim, sim. Eu tinha quatro potes, né? E também tinha a linha, esqueci de falar da linha que era o meu primeiro objeto. Quando vou entrar para o performance, estou com a linha, foi o meu primeiro objeto reciclado ali.

I.I: Linha vermelha, né?

N.G: Era a linha vermelha, quando comecei a trabalhar com a ideia de intensidade. Esse ato de conversar que vai gerando intensidades em mim, que vai assinando memórias e eu vou desfazendo alguns nós. Enfim, é um processo psíquico. E daí eu fui com essas linhas, com o pote e eu ouvi essas histórias. A primeira vez eu fui convidado para entrar

na casa da Maria do Rosário. Na primeira visita fomos eu, o Dig e o Rodrigo. A gente estava ali passeando, andando pelas passarelas, ela chamou e a gente foi ouvir as histórias dela. A dona Maria do Rosário é uma senhora que foi parteira e que estava sofrendo com Alzheimer, morava sozinha. Então tinha um monte de memórias, tinha fragmentos e eu ia ouvindo essa história. A primeira ideia da ação era dar um pedaço do fio para a pessoa, eu te dava uma ponta do fio e eu ficava com outra ponta. E a gente ia desfazendo essa linha, desfiando, né? Desfiando como se fossem camarões e guardando no pote. Por exemplo, a gente está trocando uma ideia agora sobre Cosmo. Ia ter o pote do Cosmo. Então, ia lá, desfiando essas linhas de Cosmo. Se a gente falasse de natureza, ia para o pote de natureza e ia começando a desfiar. Então, a primeira ideia, só que eu não pude fazer dessa forma, porque a Maria do Rosário tinha sofrido um derrame, ela estava com a paralisia de um lado do corpo. Então, foi daí que o Dig falou, ah, então tu desfia a conversa e fica só aí nesse processo. O Dig estava fazendo desenhos com a boca e o Rodrigo estava fazendo bordado, também ouvindo as histórias. E eu ia nessa provocação, sempre pegava uma pista de uma conversa, ia questionando, ia adentrando aquele lugar, ia desfiando essas memórias e ia se formando o pote. A segunda vez foi num salão na comunidade São Pedro. Tinha um salão de festa e o líder comunitário disse que a gente podia trabalhar ali. E naquele salão eu armei uma zona, uma zona de criação. Crio uma zona ali, mesa, cadeira... Bem artista presente, né? E daí eu fico ali esperando vir alguém. E nessa espera, tive o privilégio de ter conversado com a dona Ana, também uma parteira e também sofrendo com o Alzheimer. E daí não vem só ela, porque ela tem já a questão das memórias que fogem, mas veio a filha dela que também se chamava Ana. Depois veio neto, vizinho, vizinha e se tornou um grande falatório, porque elas ficavam contando as questões sociais, do posto de saúde, ou da igreja, que botava alguns preconceitos sobre as histórias que elas contavam, sobre as lendas, sobre essas memórias. É o mesmo processo. Vou ouvindo e vou guardando esses fragmentos de memória nos potes. E daí eu fico com quatro potes e cada pote parece que vai... Com o passar do tempo... Um dia desses eu abri um. Ficou um bolinho bem bonito ali. De vários pedacinhos de memória. Enfim. A ação não terminou, parece, né? Parece que depois vai ter que reconectar esses fios. Mas a ação é basicamente essa. Ouvir histórias e esses pequenos pedacinhos de história que eu ia tirando da linha, guardando ali naquele pote. Parece um pouco de seleção também das memórias, o que é Cosmo, o que é Natureza, o que é Social.

I.I: Organizar um inventário de memórias ali, né?! Uma relação entre a linha narrativa e a linha concreta da matéria.

N.G: Sim. Ela faz de se desfazer, não é? Porque a ideia de devaneio, por exemplo. Com o devaneio estava se falando de natureza, estava se falando de cosmo, estava se falando de problemas sociais, e daí se torna um grande rizoma. Quando tu vai olhar para o pote agora, eu tenho um objeto ali no armário, tu vai olhar para esse objeto, tem um rizoma



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 66



ali dentro. Eu também não tenho memórias de todas, eu estava atrás de memórias e nem eu tenho essas memórias para contar. Me fogem. Até na época eu tinha uns cadernos de anotações, eu queria ter um gravador para ouvir essas histórias, e na hora de expor esse trabalho, como aconteceu, esses áudios estariam ecoando ali pelo espaço. Mas a ação basicamente era essa, ouvir e depois refletir isso. Eu escrevi um artigo que conta sobre essa performance. E ali surge uma coisa que me agrada muito. Porque eu fui selecionado como artista, eu fui para lá como artista, eu ia apresentar um produto, eu ia me apresentar como artista. E chego lá, nesse trabalho, ouço histórias, o protagonista não era meu. As protagonistas são a dona Ana, a Maria do Rosário, é a vida dela que tem algo de interessante, pelo menos para mim, olhando agora. Ali é que tinha algo que potencializa a vida. Memórias que dizem: olha, dá para fazer de outro modo! A gente já fez de um modo aqui que deu certo. Eu acho que tem que ser pelo outro caminho. Então, eu fico pensando nisso. Nesse trabalho, eu saio desse lugar de protagonista como artista e ir ali naquela zona que também não é vertical. Outras pessoas têm coisas interessantes para compartilhar e que inspiram vida. É bem bonita essa ação. Gosto muito de lembrar dela.

II: É bonita demais mesmo. E é cheia de significados. E você teve também, eu lembro, nessa mesma edição, uma outra ação que era mais de ocupação do espaço, também com a linha. Era uma grande teia de gato, um espaço muito amplo. Também ficou muito marcado na minha memória. E é curioso porque... Embora eu já tivesse percebido naquele momento uma afinidade enorme com o seu trabalho, porque eu também estava trabalhando com linhas nesta edição, estava fazendo bordados, a gente não conseguia se encontrar. Até porque você estava numa casa, eu estava na outra. Eu conseguia encontrar mais, acompanhar mais o trabalho da Nathália. Mas eu estava reparando que, inclusive pelos registros, pelo que a gente conversava naquelas rodas de conversa, o quanto o seu trabalho tinha afinidade. Aí eu lembro dessa instalação que você fez num grande campo. Fala um pouquinho dela?

N.G: Tá. Essa daí... A primeira eu chamo de Ouça Histórias. É um título direto mesmo. A ideia era ouvir histórias. A segunda, Desterro, eu queria falar de desenterrar. Só que depois, desterro, para mim, ficou bem, porque tinha uma coisa de um corpo exilado, de um corpo distante. O primeiro desejo era desenterrar memórias. E eu tinha a palavra desterro, não desenterrar. Esse papo de ouvir as histórias, a gente, na primeira edição, assim como aconteceu na última edição que fui, a gente vai, no primeiro momento, conhecer as comunidades, conhecer as pessoas. Essa performance aconteceu no Arraiol. E o Arraiol vai sempre ser um lugar, para mim, muito denso, que me amedronta também. E eu fui ouvir essas histórias lá dentro do Arraiol. E no Arraiol, eu vou ouvir sobre fronteira. Quem estava me acompanhando era o Thales Lima, um fotógrafo, e o Valone também com aquela filmagem em 360°. Eu lembro de também ter conversado com a Bia Medeiros, estava nesse mesmo dia. A Bia Medeiros me sugeriu traçar essa linha reta ali no espaço. Ela até

participaria comigo nessa ação, mas ela tentou ir lá para o terreno, um terreno super dificultoso. Era um terreno que dava para ver marcas da presença do gado, porque o gado fazia grandes buracos pelo peso dele naquele solo, uma lama, um barro. Então havia vários buracos e para ela ficou um pouco difícil de participar. Mas aí eu vou e fico estendendo essa linha pelo espaço, que não era uma linha vermelha. Assim, foi uma coisa estranha, porque eu nunca usava linha azul. Desde que comecei a fazer performance, foi preta, foi vermelha. E daí, nesse caso, surge azul. E com essa linha azul, que era um daqueles rolos bem grandes de linha, eu digo que para mais de mil metros de linha, fico correndo o espaço com essa linha, de um ponto de uma árvore derrubada para uma árvore em combustão, para um tronco no chão. Eu ia prendendo essa linha pelo espaço, tentando seguir uma linha reta. O solo era bem dificultoso, eu também me cansava. Foi uma performance bem simples, era estender essa linha na fronteira, uma fronteira invisível, mas que ali existia de uma comunidade ribeirinha para um espaço de propriedade privada, de criação de gado, de latifúndio, enfim. Para mim, abria essa dimensão de discussão ali. E essa performance acontecia no fundo da escola, que para mim era uma área muito bonita. Ali era um espaço para imaginar algo, porque algo invisível acontecia. A instalação fica lá, as vendas ficam estendidas. Eu lembro que o Valone até fala para mim durante a ação, ele chega perto e fala assim: "isso aqui parece uma arquitetura inacabada". E daí eu vou tensionar com ele: não só uma arquitetura inacabada, que é um conceito muito bacana, porque parece aquele conceito também de obra aberta, e é uma obra aberta mesmo, porque vai acontecendo a performance, ela finaliza ali, a minha ação de estender esse fio pelo espaço, e depois os bois e cavalos adentram o espaço. Do nada surgem bois e cavalos. E esses bois e cavalos começam a romper a linha. Eu não tenho essa imagem, eu não sei se o fotógrafo, na época, pegou essa imagem, mas eu lembro que tinha uma imagem em que o cavalo pega uma forma, ele se ergue, aquela linha atravessa o peito dele e ele a arrebenta. Então, depois vem o gado e o gado arrebenta com o chifre e tem aquele pedaço de linha no chifre do boi arrebentando uma linha ali, uma fronteira. Enfim, é uma segunda performance. Nessa deriva, acho que a comunidade da Arraiol, para mim, era a mais diferente. Muito diferente. O padroeiro era o Espírito Santo, né? Espírito Santo, enfim, toda comunidade tem um padroeiro. A organização de lá era muito boa, também era tudo muito limpo. E era muito intensa também a cor vermelha. A comunidade, a igreja vermelha. Acho que a estrutura também tem uma questão familiar ali, muito forte. Daí eu fiquei bem espantado com essa comunidade. Para mim havia uma coisa que eu não podia saber. Era um mistério, alguma coisa estava ali e ficava me rondando. E nessa coisa investigativa tu fica de frente com aquele mistério, mas tu prefere às vezes nem vê-lo também. Aquilo te dá um certo susto. E daí foi basicamente essa a minha questão do espanto com a comunidade. E depois eu ouvi a história sobre essa fronteira da comunidade com uma propriedade privada de criação de gado. E daí isso para mim já era um ponto. A linha surge também de uma forma muito inesperada. Eu não lembro como foi que surgiu essa linha, mas eu sempre trabalhava com a intensidade do vermelho ou com a

morbidez, talvez, do preto. Para mim, dentro de uma relação afetiva, o preto tinha esse lugar mórbido, enquanto o vermelho tinha uma coisa da intensidade. E o azul, eu gosto muito da cor azul, mas eu nunca pensei em trabalhar com azul. Ele me leva a esse lugar do melancólico, mas eu não sei como surgiu. Ali era uma fronteira invisível mesmo. Ali existia uma fronteira que não era... Não se falava da fronteira, mas existia uma fronteira. E daí a gente vai pensar esses problemas dessa fronteira com esse agro, com essa criação de gado. Inclusive, a linha vermelha, a moça brincou lá, uma senhora. Ela falou assim, essa linha vermelha é para mandar o gado para o outro lado, porque o gado era atraído pelo vermelho deles, a questão do Espírito Santo. E daí o oposto do Espírito Santo seria o azul. Então ela até pensa que essa cor seria para mandar o gado de volta para lá. Ela faz essa leitura. Quem interagiu com a obra não foram as pessoas, mas os bois, os cavalos ali. A residência permite muito, para quem está aberto, é claro, esse fluxo de trocas. Você está conversando e vem uma pessoa, por exemplo, a Bia. Para mim é uma questão de privilégio estar diante de uma pessoa que teve um grande percurso com a performance. Tive esse contato com ela. Conheci Dig, uma pessoa que marcava a sua presença no espaço. Era um corpo de revolta. A Sereia e a Nathália estavam comigo há um tempo de caminhada na universidade. A gente sempre estava trocando, se referenciando. O David é, ao mesmo tempo, aquela pessoa que você olha com admiração. A pessoa saiu aqui do Nordeste do Brasil, está trabalhando com educação em outro canto do mundo e que sai desse outro canto do mundo para vir aqui para o Bailique compartilhar. E daí eu vou... Acho que durante essa presença dentro do Tecno Barca, acho que conversei um pouco com todos os artistas. Por exemplo, contigo me marca muito quando a gente estava, depois daqueles dias exaustos, cada um vai para uma comunidade, a gente se encontra em uma roda, todo mundo sentado na varanda da casa, e daí uma conversa muito solta, e daí bastou uma frase: "Nossa, eu vejo teu trabalho com a contação de história". Na época eu fiquei, caraca, que massa, mas ainda não consigo. Aí isso me volta, porque eu vejo muito eu contando a história desses trabalhos também. Então acabou se tornando uma contação de história. Cada pessoa, durante a residência, foi me trazendo algo ali. Naquele momento, talvez eu não conseguisse traduzir, mas hoje estão reverberando. Aí eu vou conseguindo formas de traduzir aquilo. Eu fiz três ações naquela residência. A primeira, ouvi as histórias. A segunda, o desterro, lá com as linhas no arraial. E a terceira foi pensada para a exposição que é a instalação dentro do barco. Na época, lembro que a pesquisa que eu fiz antes falava sobre tráfico também, de crianças, abusos e tudo mais. E, na época, eu também estava muito encantado com a ideia de subsolo, Dostoievski com a ideia de "notas do subsolo". E eu fui propor a ação lá no porão do barco, que era aquele lugar do tráfico também, o lugar daquilo que é escondido, daquela coisa que está sendo pirateada, não sei. É um lugar também que guarda mercadorias. Daí eu faço essa ação juntando as duas performances anteriores e trazendo o corpo para ficar suspenso naquela espécie de rede. Aquela imagem não era nova. Eu já tinha feito, um ano antes, na universidade, uma performance onde eu ficava suspenso sobre dois tarugos e, dentre esses dois tarugos, eu estendia fios de sisal



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 67

para simular ou para trazer a ideia de uma rede. Então, no barco, aconteceu a mesma coisa. Só que agora tinha o peso das memórias que ficavam suspensas ali naqueles potes. Inclusive a imagem dessa instalação virou capa de um livro de fotografia durante a pandemia. E, no final, aparece um novo artista, lerê que chega comigo e fala assim "pô, por que você não leva esse trabalho lá para fora?" Já era o último dia e eu levei e ele me traz um monte de linha também que ele tinha. E daí já começa a entrar linhas de outras cores. Entrou um amarelo belíssimo nesse dia. E daí eu começo a fazer essa rede lá fora, entre açazais. E nessa, quem tomou conta do espaço foram as crianças. Aquilo virou um balanço, as crianças se deitavam naquilo, aquilo era como um gol dos pássaros, porque... A queda também é importante, a queda também é interessante. E eles brincavam, eles caíam, o fio ia se rompendo, eles iam amarrando novamente para a brincadeira não acabar. E aquilo ficou ali um tempão, enquanto isso estava rolando um festival de apanhadores de açai bem do lado. Ficou bem bonito o trabalho lá fora, mas eu tenho receio com a imagem, que parece que as crianças estão em risco ali, de cair no chão. A segunda edição que participei foi virtual e teve muito mais gente, né? Vai ter o curandeiro, vai ter a parteira, vai ter agente de saúde, vai ter a enfermeira. Um Bailique que também eu não tinha visto, nem tinha noção que existia. E daí acho que teve esse peso, essa densidade, porque foram muito mais relatos, experiências, histórias de pessoas que são de grande valor para a comunidade, pessoas que contribuem diretamente na saúde, no ponto espiritual, na educação. Então, para mim, foi enriquecedor. Agora eu estava ouvindo diretamente daquelas pessoas tão ilustres ali, mestres de cultura também, ouvindo a questão do escalpelamento. Nossa, eu não ouvia aquela história e não sabia daquele projeto, daquela ação toda. Na época eu tive vários sonhos, tive vários atravessamentos que me fizeram ficar... A primeira edição mexeu muito de... de perder o chão, de desabar, de como eu estava sendo e como eu posso ser. A segunda, mesmo sendo virtual, aconteceu a mesma coisa. Eu estava, de fato, me preparando para a Universidade, pensando em educação com mais seriedade, porque eu também estava pensando no trabalho de conclusão de cursos. E lá a gente estava pensando em um produto, os cartões para mandar para o Bailique, para as escolas. Eu nunca tinha pensado nada ao lado da Débora Bararuá. Ela estava no evento também, assim como a Mapige, pessoas daqui que eu já tinha grande respeito pela caminhada na performance, nas artes, de forma bem independente. E elas estavam também e isso me marca. Em 2022, novamente me encontro com elas lá na edição presencial. E essa terceira edição, aí sim, as coisas me lançam para um outro lugar. O Tecno Barca estava pensando de um outro modo e tinha a questão pedagógica. Eu lembro de ter jogado o tarô e isso daí, para mim estava já numa encantaria, que marcou muito, porque eu já vou para lá não só com um projeto.. A Isabel vai me falar sobre a questão dos sentidos, e eu vou ficar com o sentido do cheiro. Então, eu já estou me preparando numa lógica cósmica, do cheiro, né? Vamos sentir esse cheiro. Eu já saio com a proposição: quais são os cheiros do Bailique? Depois eu vou dialogar com o Anderson. E o Anderson já vem com uma ação que ele fez em 2014, com o nome Oferenda-me. E

ele vai me propor: "olha, a ideia é essa, pegar uma embarcação, ir até o rio, enfim. A caracterização é toda tua. Enfim, o trabalho é teu". Fui para o Bailique. Lá chego, na viagem. Tudo é muito diferente da primeira vez, e a comunidade totalmente diferente já tinha caído vários metros de terra. Onde a gente esteve na primeira vez já não existia mais, o bar não existia. As memórias que estavam ali não tinham mais esse lugar material.. Falava, nossa, eu estive aqui Então já teve uma outra dinâmica. E eu acho que a minha primeira ação foi Riscos. Eu já estava com uma ideia de bandeiras, de trabalhar com algodão cru. E daí a mesma coisa, não quero fazer um trabalho caro, não quero levar para lá tinta, não quero levar para lá um monte de coisa. Eu vou usar o urucum, vou usar o carvão, porque a gente está na época das queimadas, então eu vou levar só esse algodão cru aqui e uma maleta com alguns potes também. Fiz essa ação que eu chamava de Risco, porque eu já tinha feito ela com outros estudantes lá da universidade. E as crianças estavam numa comunidade sofrendo pra caramba com a questão da água, teve uma campanha da Prefeitura, o Estado começou a mandar água, a mandar coisas. Mas eles estavam sofrendo com a salinização. Então, era desnutrição, ferida pelo corpo. E eu faço a performance Riscos. Eles fazem lá... Da forma deles, eu ocupo aquele espaço branco, que era o tecido de algodão cru. A segunda ação que eu faço nessa terceira edição em que eu participo é a performance Offering Darwin. E aí entra o mais místico, o que me modificou. Porque eu pego o barco, caracterizo aquele corpo com o tecido que eu tinha. Eu lembro que o David falava naquela residência que a gente precisa de coragem para fazer a travessia, a gente precisa pensar algo que não seja, que não explore, ele tem outro conceito que ele usa na época: o predatório. Como a gente trabalha essas diversidades sem ser predatório? Então, eu vou fazer uma caracterização usando folhas secas, vou usar coisas ali que seriam lixo, as talas da vassoura de açai, essas coisas. E vou para essa performance, empresto uma canoa de uma senhora lá, pego essa canoa e vou para dentro do rio. No início tem uma senhora que leva um susto. Eu pego essa canoa e entro no rio, as crianças estão saindo da escola e entrando no barco delas para ir para casa. E com uma canoazinha. Eu coloquei um fogo no meio da canoa para fazer uma fumaça, queimando os papéis. É muito mágico, porque eu entro no rio e depois começa a girar um círculo no meio do rio. E eu não consigo sair desse círculo. Eu estava vendado, então não dava para direcionar, dava para sentir esse corpo girando. Aí as crianças gritavam lá do barco: "Eles não sabem remar". E eu lá, agoniado. Depois, eu, sem previsões de saída, consigo sair do círculo e vou em direção ao barco. Nisso, a canoa, que era pequena, bate com muita força no barco. E eu caio para trás. Eu lembro que a Dani ficou desesperada, ela estava fotografando. Eu fiquei um tempo lá, tentando entender o que estava acontecendo, se estava na hora de terminar. Aí eu me levanto da canoa e me ponho a remar novamente em direção à margem, ou o que eu estava sentindo como margem. E daí acontece um outro momento, que é esse virar-se no rio: eu sofro um afogamento. Guardo essa história como uma história e não de pesquisa. Eu viro da canoa. Eu me deito na canoa, canoa pequena, e eu viro dela em direção ao rio. E, nessa hora, a roupa pesa, a folha do açai pesa, e eu falo que eu sofro um

afogamento, porque aquilo me puxa para dentro da água. E não houve desespero, mas eu sinto esse ser puxado para dentro da água e depois eu volto para a margem, já sem aquela roupa, e vou falar com as pessoas. E depois o marinheiro lá, o comandante lá do barco até fala: "não, não é que ele não saiba remar, é que ele rema de um outro modo, de um modo diferente." E daí aquilo me satisfaz, depois eu vou ver as imagens também, fica uma coisa ali. Mas foi um trabalho muito pesado, assim, que até hoje me marca, porque parece que eu... Não sei, eu fechei um ciclo de vida, uma coisa muito simbólica. Eu tô começando outro percurso. E era um período que tinha a ver com idade, eu levo muita série de coisas a cada ciclo de idade. E toda essa coisa do Cosmo, da encantaria que eu estava interessado na época. Então foi pra mim uma performance muito marcante. A terceira era o Cheiro do Bailique, que daí, novamente, é algo que permanece comigo, que tem muito a ver com outras histórias. Eu saio, ali, nessa ação, não tem registro dessa saída, porque tinha pouco fotógrafo, tinha muita ação acontecendo nesse dia. E daí eu saio, vou atrás desses cheiros, e eu conheço uma senhora, porque ela tinha várias plantas. Ela me convida para ir no quintal dela, e lá tinha uma farmácia com muito cheiro. Falo para ela da ação, uma ação é uma ação pensada com uma artista que está na Espanha e que, devido à pandemia, não só devido à pandemia, mas tinha a questão da visão também, como ela estava com o problema da visão. Então, ela me diz que estava mais atenta ao cheiro também. Ela começa a falar dos remédios, vai me contar as histórias das plantas, me apresentar aqueles cheiros, que novamente eu não tenho uma lista das plantas que ela me deu, por não ter sido algo muito... talvez científico, né? A ideia era ouvir aquelas histórias, ter a experiência com aquele cheiro. E daí eu não guardei, de forma científica, o nome daquelas plantas, que seriam muito valiosas também tê-las. Mas daí ela vai me dando cheiros e eu vou colocando dentro de uma caixa, né? Eu levei para lá uma caixa de madeira e os potes. Ia guardando o cheiro e foi o trabalho que eu levei para a exposição. São os cheiros do bailique e, novamente, eu estou dentro do porão. Ali com aquela caixa, aqueles objetos de cheiro. E as crianças que entram, normalmente são as crianças que entram no porão, por ser menor. E daí vem a riqueza, talvez, dessas memórias que vão surgindo a partir das crianças. Porque elas vão lembrando do benzimento, vão lembrando do banho de cheiro, vão lembrando da casa da vizinha que tem um jardim, da casa da tia, da avó, e daí vão contando essas histórias entre elas ali a partir do cheiro. Tem o registro dessa imagem dessas crianças lá pegando, sentindo e tal. Depois de 2019, comecei a mudar muito, porque eu continuo tendo um grande estudo teórico de muita coisa, de referências, porque eu estava descobrindo a ideia da decolonialidade, não uma bandeira política, mas um conceito. E daí eu estava nessa ideia de ir atrás dessas histórias, porque a gente tinha que desenterrar uma outra filosofia, um outro modo de pensar a realidade, que eram as ideias da decolonialidade. E eu chego no Bailique que está de outro modo, com outras palavras que não são essas palavras acadêmicas também. E aquilo reverbera, porque eu começo a pensar uma educação que é feita na margem. E daí eu acho o Tecno Barca incrível, porque ele é a materialização disso, dessas ideias. É um barco, são pessoas, são

nômades que se encontram em um determinado lugar e que têm coisas para ensinar e que têm pessoas querendo aprender e que têm essa disposição de troca. Eu parto da ideia de que essas sabedorias, essas encantarias desses povos das margens, desses povos ribeirinhos, são valiosas para fazer arte na Amazônia. Então, isso não surgiu à toa, foi a partir da experiência com o Bailique, com a Tecno Barca. Agora, em 2024 eu retomo aqui, pego novamente a caixa e agora eu queria pensar um artefato de memória. Isso já se modificou muito, mas a ideia inicial era um artefato de memória, uma espécie de museu itinerante. Só que a palavra museu já virou uma crítica e eu larguei de lado. A questão de musealizar vidas, não é sobre isso a pesquisa. Agora estou em processo de desenvolvimento, de pesquisa, orientação, mas as memórias estão lá. Agora pensando o imaginário amazônico, pensando esse corpo amazônico, pensando essa relação desses corpos com a natureza e essa valorização das narrativas. A gente vai pensar a crise da narrativa e o quão importante é ouvir esses pobres que estão cultivando sabedoria numa relação de bem viver, numa relação mútua de respeito com a natureza. Então, basicamente, é isso. Mas eu acho que o Tecno Barca não deixa de estar aqui. Todas essas performances, volta e meia, volto lá e ouço histórias. Volta e meia estou dentro do Tecno Barca. Eu estou sempre nesse retorno, porque essas três primeiras obras, eu olhando agora nessa conversa, parece que elas são uma síntese do que viria ou do que pode vir ainda, nada está concluído, né? Das coisas que estão reverberando. Mas parece que lá é o ponto inicial. É de lá que está muita coisa ainda para se descobrir. Por exemplo, o pote continua, ou se estoura. E daí, o que vai acontecer com a performance da linha azul? Ainda não vi onde ela está agora, nesse momento. Nessas relações, talvez, né? Nessas trocas que eu estou tendo agora. E daí, cada performance parece que vai sendo traduzida com o tempo. Eu tenho uma ideia que me vem em sonho, que o rio Amazonas nasce lá no Peru, lá em cima e vai descendo como um fio de rio até se tornar um grande rio-mar. E a Tecno Barca, pra mim, ela tem esse ponto de ancestralidade. É aquela embarcação que vem descendo desde lá do início do Rio Amazonas e que desemboca no Bailique. Então, primeiramente, tem esse ponto mágico. Eu gosto muito de tê-lo. Acho que é a vida, pra mim, que não se perde. Quando eu não consigo injetar ou ficar de frente com a magia, parece que as coisas ficam muito mecânicas. Então, eu gosto muito disso. A outra questão é o valor que tem de retorno para a comunidade. Quando a gente passou agora pela última edição de 2022, ver aquela situação da água salinizada foi muito ruim, foi muito forte. E daí o que fica é essa permanência de valorização dessas narrativas, de valorização desse imaginário, desse intercâmbio entre os artistas. Eu acho que, para a gente que está aqui, às vezes parece muito solitário fazer arte também, por vários motivos. Ou porque você não quer perder a sua autonomia, ou porque você não quer perder a sua independência, você não está dentro de alguns espaços. Mas acho que a Tecno Barca possibilita essa autonomia e essa independência. Enfim, vai do artista também estar aberto a aprender coisas novas. E é isso. Então, agradecer, enfim, que permaneça, que permaneçam, cultivando a Tecno Barca para que ela sempre esteja em movimento pelo Bailique.

# MEMORIAL FOTOGRÁFICO TECNO BARCA III



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 68 E 69





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 70 E 71





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 72 E 73





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 74 E 75





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 76 E 77





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 78 E 79







FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 80, 81 E 82





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 83 E 84





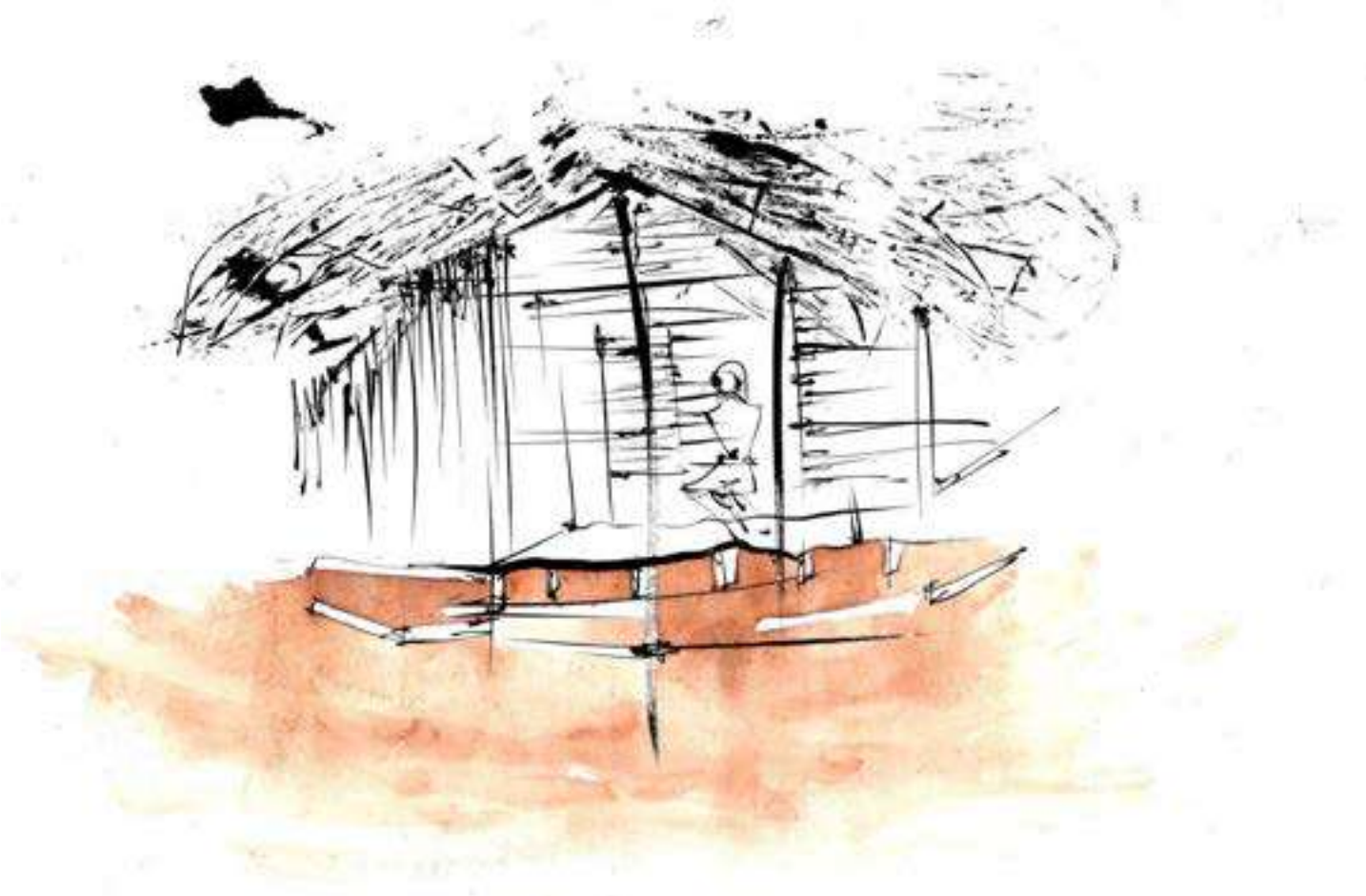
FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 85 E 86





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 87 E 88





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 89 E 90





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 91 E 92





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 93 E 94







FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 95 E 96

# AÇÕES E ARTISTAS 2019

## **Cadernos Eróticos** | Artista: Ierê Papá

Com um programa de Deriva pela comunidade do Bailique, os investigadores-performers criaram seus cadernos pornotópicos da Vila Progresso e de seus processos criativos.

## **Caminhada na mata** | Performers: Dig Ferreira e Rodrigo Abreu

(Desenho Registro: Dig Ferreira + Texto: Rodrigo Abreu)

Oferenda artística para Oxossi, caboclo da mata, caminhada meditativa realizada na madrugada na comunidade Vila Progresso.

## **Cinema Expandido** | Artista: Renato Vallone

Acesso virtual para moradores das comunidades do Bailique a outras realidades de dentro do barco-galeria através de óculos VR (filmes em 360° e 3D).

## **#DesenhoRegistro** | Artista: Dig Ferreira

É uma forma de eternizar momentos importantes através do desenho, em uma linguagem que mistura a observação, sentimentos e emoções. Realizado em diferentes contextos, o desenho vai além do registro e se torna uma ferramenta de investigação social, humana e das relações dentro de lugares diversos como as ruas, praças, parques, festas, concertos musicais, manifestações, etc.

## **Documentário Tecno Barca III**

Direção de montagem e finalização: Rayane Penha | Captação de Imagens: Luan Macêdo, Renato Vallone, Itala Isis, Rodrigo Abreu, Rayane Penha e Wellington Dias  
Registro documental da vivência artística da terceira edição da TECNÓ BARCA, intercâmbio artístico e cultural no arquipélago do Bailique/AP. O documentário foi feito por todas as mãos daqueles que viveram a TECNÓ BARCA, a conexão dos artistas com as comunidades e a conexão mística de pertencimento que conecta quem vive

e quem vai ao Bailique.

### **Espaço para desenhar e confecção de zines na Tecno Barca |** Artistas: Natália Lobo e Sereia Caranguejo

Qual imagem nossos corpos passam para os olhos que os enxergam? Com essa indagação, imagens feitas durante as atividades com as comunidades se sincronizam com novas imagens produzidas dentro da exposição no barco que, através de palavras e desenhos, refletem sobre as pessoas que os criam e expõem no lugar onde vivem.

### **Entrevistas com os artistas da Tecno Barca III |** Artista: Luan Macêdo

O que nos move, o que é ser artista e como sua família analisa seu trabalho como artista. Entre as atividades da residência Tecno Barca, essas perguntas ajudaram a criar um acervo sobre os artistas que estiveram na terceira edição.

### **Exercício sob a Lama |** Performance e Narração: Adalton Baía | Conceito e Video Maker: Ierê Papá

Os exercícios sob a lama se deram por vias de reativar, através de um jogo de movimentos de penetração, o chão quase-movediço da margem de uma ilha, a relação libidinal entre corpo e o ambiente da floresta/terra/rio.

### **Exú Mirim |** Performers: Dig Ferreira, Natália Lobo e Rodrigo Abreu

Caminhada meditativa pela comunidade Igarapé do Meio, finalizada na encruzilhada com o Rio Amazonas, no Bailique.

### **Filme curta metragem Sereia Caranguejo**

Sinopse: Porto de partida - No arquipélago do Bailique, Luan Pedro, um jovem de 27 anos, sofre pelo fenômeno das Terras Caídas (fenômeno nos rios Araguari e Amazonas) e decide tirar a própria vida. Contudo, o inesperado acontece, colocando-o diante de si mesmo, em um improvável retorno a casa. Assim como o fenômeno das Terras Caídas, onde o Rio Araguari com estrondos consome as margens de suas ilhas, assim perdem-se moradas dos que ali vivem, o jovem pintor se vê perdido, entre sonhos e

desejos, tentando buscar dentro de si um motivo para continuar, idealizando formas de acabar com a dor que o consome junto às casas que aquele rio come.

Argumento e Direção: Renato Vallone e Sereia Caranguejo

Assistente de Direção: Rayane Penha

Elenco: Sereia Caranguejo, João Dantas, Adalton Baía, Natália Lobo, Ierê Papá, Thales Lima e Napoleão Guedes

Câmera: Renato Vallone

Figurino: Ítala Isis, Rodrigo Abreu e Dig Ferreira

Maquiagem: Dig Ferreira

Preparador de Elenco e Coordenação de Produção: Wellington Dias

Captação de som e Assistente de Câmera: Luan Macêdo

Agradecimentos: Grupo de Marabaixo Raízes do Bolão, Os filhos do Criaú, Grupo Ancestrais, Marina Beckman, Gabriel Costa e Eduardo Vasconcelos.

### **Fotografias na Região do Bailique | Artista: Luan Macêdo**

Fui com a intenção de fazer vídeos, mas raramente conseguimos seguir somente aquilo que é planejado. As fotografias eram inevitáveis, o cotidiano nas ilhas deve ser registrado e guardado por todos que chegarem por lá.

### **Gurufim do Passado Morto | Artista: Rodrigo Abreu**

+ Convidados da Residência Tecno Barca III e da Vila Progresso

Ritual artístico de velório e enterro do passado morto realizado na comunidade Vila Progresso no Bailique-AP.

### **Instalação de sombrinhas na Tecno Barca | Artista: Luan Macêdo**

Os ventos do Bailique são intensos, assim como as relações que tive com as pessoas que conheci nessa barca. A ideia da instalação veio depois da proposta com miçangas com a Ítala Isis, e depois de ver que as sombrinhas da Sereia Caranguejo não seriam utilizadas. A construção seria a relação tecido (pessoas), vento (o que nos move) e barca (o que nos uniu).

## **Lama e mercúrio sobre Heineken |** Bia Medeiros

Este trabalho foi iniciado no Bailique com a colocação de lama do rio Amazonas sobre o verso de caixas de papelão de cerveja Heineken (suporte utilizado por Bia Medeiros desde 2017). O trabalho, série de 16 desenhos, foi finalizado no retorno ao Rio de Janeiro com nanquim e aquarela. Estes desenhos foram, posteriormente, expostos em Macapá e Brasília.

## **Lixo |** Artistas: Bia Medeiros e Napoleão Guedes

Ação realizada com Napô e pensada depois da percepção de que havia muito lixo sob as casas, debaixo das pontes, deixando antever que, na época da cheia, todo este lixo iria diretamente para o rio Amazonas. Inicialmente, limpamos um lado de jardim de um morador: 3 grandes sacos de lixo (roupas em bom estado, pés de sapatos, muito plástico) foram retirados do jardim. O emocionante foi ver que ao irmos limpar a próxima casa, este primeiro morador se pôs a limpar o outro lado de seu quintal, chegando a me oferecer uma peça de cerâmica visivelmente indígena que encontrou no meio de seu lixo.

## **MAPA DE AFETOS |** Artista: Natália Lobo

Como uma mana que vive no norte, me preocupo que o movimento feminista seja restrito a uma categoria de mulheres, ou que fique somente dentro dos muros da universidade. Entendendo que existe uma pluralidade de mulheres com vivências diversas, proponho o uso dos mapas afetivos em coletivo como forma de alcançar interesses, memórias e desejos das manas do Arquipélago do Bailique para si e para sua comunidade.

## **Mensagem em Uma Garrafa |** Artista: David Limaverde

Performance participativa que conta com o engajamento da população do Bailique em responder a pergunta: "Que mensagem você quer enviar do arquipélago para o resto do mundo?" - 40 mensagens foram colocadas em garrafas: entre sonhos, protestos e imaginações.

### **Oficina de Arte Educação em Arraiol |** Oficineiro: David Limaverde

Workshop participativo em que professores da escola do Arraiol discutiram estratégias interdisciplinares para envolver as linguagens artísticas nas atividades da escola e da comunidade. O processo culminou em diversos protótipos de projetos que podem ser desenvolvidos e aplicados na ilha.

### **Oficina SE ENXERGANDO EM COLAGENS |** Artistas: Natália Lobo e Sereia

Caranguejo

A partir de conversas sobre brincadeiras, desenhos e histórias que aconteceram com as crianças ou com conhecidos, pedimos a elas que desenhassem, fizessem colagens e/ou escrevessem em papéis imagens dos acontecimentos e falassem (se assim quiserem) sobre seus desenhos. Posteriormente fixamos, juntos com os criadores, lambes em alguns lugares que as crianças quiseram.

### **Oficina de Teatro para crianças |** Artista: Wellington Dias

Composta por jogos teatrais, improvisação, exploração lúdica de objetos e criação de cenas individuais e em grupos, enquanto preparação de elenco para o filme curta metragem "Sereia Caranguejo".

### **OUVIR HISTÓRIAS |** Artista: Napoleão Guedes

Ouvir histórias como via para iniciar o desterro de saberes e narrativas outras. Parto das memórias e das experiências nas comunidades do Carneiro e São Pedro para ação de

-Desterro I: Na comunidade do Arraiol, busco atar pelo espaço devastado linhas de intensidades que se cruzam entre troncos e cinzas. O resultado ou o diálogo entre as duas ações é parte do que foi desenvolvido no porão da Tecno barca.

-Desterro II: No último dia de exposição da Tecno Barca tornou-se brincadeira nas margens da Vila Progresso.

## **#PinturasCorporais** | Artista: Dig Ferreira

Com as práticas pude ver e perceber minhas pinturas e desenhos dando vida e inspiração para outra manifestação artística, a pintura corporal. No lugar de tentar retratar um momento ou sentimento específico, apenas sinto, escuto e respeito o chamado do meu coração, quando sinto vontade de me pintar. Acredito que, dessa forma, a pintura que faço hoje permanece em território criativo livre sem a necessidade e a preocupação de buscar referências dos antigos povos que se pintavam como os indígenas, africanos ou hindus. Toda essa ancestralidade vive em nós, mas muito dela se perdeu (pinturas corporais, antes de tudo, apagadas e sobrepostas com as roupas dos homens brancos).

## **Programa Restauo Performativo** | Artista: Sarah Marques

Ação nº1\_Construção da balsa

Coletar madeiras de antigas construções em distintas ilhas do Arquipélago do Bailique e construir uma balsa em diálogo com os moradores da região. Oferecer a balsa ao Rio para integrar a exposição Tecno Barca III.

Ação nº2\_Inventário fotográfico: Remendos Poéticos

Caminhar pela Vila Progresso e registrar as ações de remendo materializadas em casas e pontes.

Ação nº3\_Construa você mesmo seu lugar para viver (temporariamente) no Bailique

Recolher retalhos de madeiras e pintar de cores variadas para integrar a exposição a partir do convite à ação criativa por parte dos 'espectadores'.

Ação nº4\_ Gestos e Restos

Com o corpo coberto de lama (terra e água do rio), procurar nas construções as lacunas geradas pela passagem do tempo. Preencher essas ausências com o corpo, explicitando a plasticidade das ruínas em seu diálogo com a matéria viva-terra-rio-útero.

**Perda + Lucas + Erosão** | Conceito: David Limaverde | Captação e Edição de Imagens: Ierê Papá

Video-performance em colaboração com Ierê Papá que narra 3 histórias da

relação do corpo vulnerável com a paisagem instável das beiras do Bailique.  
Video: Perda + Lucas + Erosão

### **Performance RETOMADA | Natália Lobo**

Performance-ritual em que busco me reconectar com uma memória ancestral através da terra, fazendo um desterro dela. É uma ação em que proponho uma reflexão sobre o forte processo de miscigenação ocorrido de forma violenta com corpos amazônicos, principalmente de corpos femininos: caboclas, ribeirinhas, indígenas e que marca até os dias de hoje nossas experiências de vida.

### **Realeza de Xangô Fogaréu da manhã | Conceito: Wellington Dias**

Pinturas Corporais: Dig Ferreira | Performers: Adalton Baia, Dig Ferreira, Itala Isis, Luan Macêdo, Napoleão Guedes, Raphael Brito, Rayane Penha, Rodrigo Abreu, Sarah Marques, Sereia Caranguejo, Wellington Dias

Um cortejo de corpos cobertos pela lama do Bailique e pinturas corporais sai em caminhada pelas pontes da Vila Progresso no fim da madrugada. Uma saudação aos primeiros raios de sol da manhã com figuras empunhando tochas de fogo nas mãos, indo de um extremo ao outro da vila até chegarem às margens do rio Amazonas.

### **Salubá | Performer: Rodrigo Abreu**

Oferenda artística para Nanã, na comunidade de Carneiro, meditação com duração de duas horas.

### **Sem título | Artista: Adalton Baía**

A performance no barquinho de madeira no teto da TECNO BARCA foi um desdobramento do "Exercício sob a lama", onde quis mostrar a relação que eu tinha com a lama quando era criança e que perdi ao longo dos anos morando na cidade. A lama era parte de mim, estava no meu cotidiano e nas minhas brincadeiras.

### **Unhas Defeitas** | Artista: Bia Medeiros

A proposta era pintar, com esmalte de unhas, não as unhas, mas em volta das unhas. Essa ação de rua, que convida transeuntes a de-fazer suas unhas, gerando estranheza, tem sido feita desde 2007, em diversas cidades e países. No Bailique, a ação foi feita apenas entre os participantes do Tecno Barca.

### **Urbanóides Transitam o Inexistente (U.T.I.)** | Conceito: Bia Medeiros

Performers: Bia Medeiros, Sereia Caranguejo e Luan Macêdo

Dança desconexa com passos atrapalhados e movimentos inesperados. Tal dança gera estranheza e convida a redescobrir, descobrir (retirar a cobertura) nossos corpos urbanos anestesiados, quase paralisados.

### **VIVER BAILIQUE** | Artista: Ítala Isis

Desenvolver ações a partir da convivência com os moradores do Arquipélago do Bailique, mediadas por tecidos, linhas e outros materiais têxteis.

AÇÃO 1: Grupo de Bordado - Criar um grupo de bordado com moradoras da região.

QUESTÃO CENTRAL: fortalecimento e troca nas relações femininas.

QUESTÕES TANGENCIAIS: educação para autonomia; espaços não formais de educação; artesanaria; espaços; trabalho colaborativo.

AÇÃO 2: Com licença. Obrigada. Eu também sou daqui - Fechar um círculo com cachaça; andar em torno do círculo. No decorrer da andança, trocar uma vestimenta branca por uma vestimenta confeccionada com tule; palha; ninho de japim; fitas e missangas. QUESTÃO CENTRAL: tornar-se parte do chão. QUESTÕES TANGENCIAIS: caminhada; nudez; artesanaria; ser estrangeira; medo; magia.

### **Vou ali e volto já** | Artistas: David Limaverde, Ierê Papá, Rodrigo Abreu, Sereia Caranguejo, Dig Ferreira, Thales Lima, Napoleão Guedes

Vídeo-performance participativa que, em colaboração com colegas artistas residentes, joga com a expressão "eu vou ali e volto já" ao eludir nossa necessidade de estar presente e em coletivo.







# TECNO BARCA IV: DE DENTRO PRA FORA-DE FORA PRA DENTRO



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 97 À 100

## FICHA TÉCNICA

Coordenação de Produção | **Wellington Dias**

Produção Executiva | **Marina Beckman, Otávio Oscar e Raphael Brito**

Assistente de Produção | **Alerrandro Dantas**

Artistas convidadas | **Adalton Baía, Bia Medeiros, Débora Bararuá, Dig Ferreira, Elias dos Anjos, José Correa, Mapige Gemaque, Napoleão Guedes e Sereia Caranguejo**

Artistas conselheiros | **Anderson Barroso, David Limaverde, Isabel Viana, Ierê Papá, Ítala Isis, Raphael Brito e Sarah Marques**

Palestrantes | **Elba Figueiredo, Maria Trindade Gomes, Diana Araújo, José Carlos**

**Lobato, Josilene Brito, Conceição Cordeiro, Maria Risolene Cordeiro, Maria Leia Araújo, Regiel Pantoja, Erivana Marques, Seu Conceição, Lindalva dos Santos, Elizandra dos Santos, Lúcio Costa Leite, José Farias, Edizana Farias, Jacira dos Santos, Géssica Santos, Keila Maciel, Priscila Martins, Dona Vanda, Dona Ananísea, Robenil Santos, Lucas Rocha, Carla Barbosa, Francilene Blandes, Suely Barbosa, Necy Barbosa, Leide Laura Calandrine e Cabo Cardoso**

Edição de imagens | **Luan Macedo**

Montagem de Documentário | **Renato Vallone**

Designer gráfico | **Flávio Vidaurre**

Diagramação | **Ierê Papa**

Tradução: Jamie Duncan



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 101

## PROPOSTA DA EDIÇÃO VIRTUAL 2021

A Residência Artística Tecno Barca IV ocorreu no período de maio a julho de 2021 através de encontros virtuais na plataforma Google meet que foram exibidos no canal do YoVutube TECNO BARCA. Foram 10 encontros virtuais entre artistas do Amapá, Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Bahia, Brasília, Minas Gerais e Rio de Janeiro junto à moradores do Arquipélago do Bailique (AP) que são professores/as, gestores/as escolares, enfermeiros/ as, curandeiros/as, parteiras e profissionais que atuam no meio ambiente na região.

O conjunto de cartões que apresentamos aqui foi elaborado pelos/as artistas Adalton Baía, Bia Medeiros, Débora Bararuá, Dig Ferreira, Elias dos Anjos, José Correa, Mapige Gemaque, Napoleão Guedes e Sereia Caranguejo em parceria com um conselho pedagógico formado pelos/as artistas Anderson Barroso, David Limaverde, Isabel Viana, Ierê Papá, Itala Isis, Raphael Brito e Sarah Marques.

São propostas de arte educação voltadas para diversos públicos, desde crianças até adultos, elaboradas a partir de encontros virtuais entre artistas e moradores do Bailique. O objetivo dessa publicação é somar esforços na produção de saberes, experiências sensíveis e práticas artístico-educacionais que dialoguem com as diversas realidades sociais e regionais de moradores da Amazônia.



Campanha Tecno Barca contra covid-19 (2020).  
Vila Progresso-Bailique

FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 1012



**CARTÕES E AÇÕES PARA  
TRANSVER O COTIDIANO  
BAILIQUENSE**

## **ELA, A TECNO BARCA IV**

A Residência Artística Tecno Barca IV ocorreu no período de maio a julho de 2021 através de encontros virtuais na plataforma Google meet que foram exibidos no canal do Youtube TECNO BARCA. Foram 10 encontros virtuais entre artistas do Amapá, Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Bahia, Brasília, Minas Gerais e Rio de Janeiro junto à moradores do Arquipélago do Bailique (AP) que são professores/as, gestores/as escolares, enfermeiros/as, curandeiros/as, parteiras e profissionais que atuam no meio ambiente na região.

O conjunto de cartões que apresentamos aqui foi elaborado pelos/as artistas Adalton Baía, Bia Medeiros, Débora Bararuá, Dig Ferreira, Elias dos Anjos, José Correa, Mapige Gemaque, Napoleão Guedes e Sereia Caranguejo em parceria com um conselho pedagógico formado pelos/as artistas Anderson Barroso, David Limaverde, Isabel Viana, Ierê Papá, Itala Isis, Raphael Brito e Sarah Marques.

São propostas de arte educação voltadas para diversos públicos, desde crianças até adultos, elaboradas a partir de encontros virtuais entre artistas e moradores do Bailique. O objetivo dessa publicação é somar esforços na produção de saberes, experiências sensíveis e práticas artístico-educacionais que dialoguem com as diversas realidades sociais e regionais de moradores da Amazônia.

O Arquipélago do Bailique é um conjunto de ilhas situado entre o oceano Atlântico e o rio Amazonas no litoral do Estado do Amapá. A região vive a iminência de desaparecer, dentre outros fatos, principalmente, pelo avanço do fenômeno das terras caídas intensificado por ação humana das hidrelétricas nos rios do Amapá, aumento de áreas de pastos e falta de políticas públicas específicas que promovam o bem-estar social em consonância com a realidade socioambiental da região.

## IDEIAS

>> Os cartões são indicados para crianças, adolescentes e adultos enquanto atividades de educação não formal que auxiliem no ensino e aprendizagem em localidades da Amazônia;

>> Cada cartão possui uma proposta artístico pedagógica que pode ser desenvolvida de forma livre e diversa, seja no ambiente do lar, da escola, dos espaços públicos etc.

>> Convide seus familiares, amigos e pessoas queridas para realizarem juntos as atividades propostas em cada um dos cartões;

>> Sugerimos que não se descarte esse material em via pública para evitar a poluição do meio ambiente;

>> Apoie campanhas e movimentos sociais que contribuam com a melhoria das condições de vida dos moradores do Bailique. Há muitos anos as populações da região sofrem com falta de eletricidade 24 horas, acidentes de escarpelamento e, mais recentemente, com o agravamento do fenômeno das terras caídas e a salinização da água do rio Amazonas devido ao avanço das águas oceânicas;

>> Denuncie toda e qualquer forma de violência física, psicológica, assédio moral, abuso sexual e intolerância religiosa para autoridades competentes no Bailique e na capital do Amapá;

# #DISSEQUEDISSE

Por Dig Ferreira

Há três anos, após recuperar a prática da escrita, pude perceber muitos processos de cura e entendimento das minhas emoções e sentimentos através das palavras. Logo depois nasceu o projeto **#disseque disse** que é uma maneira de compartilhar essas palavras, frases que me tocaram de uma maneira mais profunda me fazendo questionar e pensar de uma forma diferente sobre mim e o mundo. Então essas frases que apresento aqui, são um resumo dessas inúmeras histórias, frases e palavras que me atravessaram, provocaram e inspiraram durante todos os encontros virtuais do Tecno Barca IV.

FÉ  
DI  
VER  
SA

OS PEIXES  
ENLOUQUECERAM

TROCAR  
IDEIAS

BRINCADEIRA  
DE QUINTAL

**MAS, QUANDO  
PASSAREMOS A  
NOS COMPORTAR  
DE FATO COMO  
CONSCIÊNCIAS  
IMORTAIS?  
TROCANDO O  
MATERIALISMO, A  
CRENÇA, O CÉTICISMO OU  
A FÉ INVERIFICÁVEL  
POR UM CONJUNTO DE  
EXPERIÊNCIAS  
PESSOAIS PARA  
A FORMAÇÃO DE  
CRITÉRIOS PRÓPRIOS?**

**PROVO  
CADORES  
PROVO  
CADOS**



**CONTRI  
BUIR  
COM A  
IMAGIN  
AÇÃO**






**ISSO  
NÃO  
É COISA  
DE JESUS**

**ARTE É  
TERAPIA**



**CORPOS  
ATRAVÉS  
SADOS  
COM  
VIOLÊNCIA**



# DO JIRAU AO RIO

Por Adalton Baía



Foto: Isabel Viana

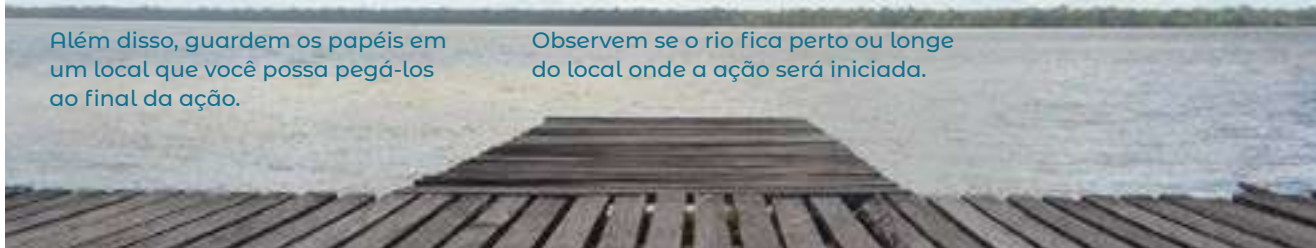
Foto: Isabel Viana

1. O exercício pode ser feito em casa ou na escola.
2. O exercício deve ser feito em grupo de no máximo 4 pessoas. (Essas pessoas podem ser membros da família ou amigos próximos)
3. Os membros do grupo devem se dividir em: 1 condutor (que deverá ler as instruções e guiar o grupo no exercício) e 3 conduzidos.
4. Cada pessoa do grupo deve separar 1 folha de papel em branco e uma caneta ou lápis
5. O grupo deve escolher um horário em que o rio esteja seco e que sua casa ou escola esteja calma.
6. As pessoas precisam estar descalças e com roupas confortáveis.
7. A porta da saída deve estar aberta.

**Observação:** Antes da ação começar, sugiro que o grupo separe um tempo de 5 a 10 minutos para que os participantes se concentrem.

Além disso, guardem os papéis em um local que você possa pegá-los ao final da ação.

Observem se o rio fica perto ou longe do local onde a ação será iniciada.



## VAMOS COMEÇAR

**Primeiro passo:** O grupo deve ir até o jirau de sua casa ou escola.

**Segundo passo:** Observem as coisas presentes no jirau. Sintam os cheiros que estão presentes nesse ambiente. Escutem os sons, se quiserem os participantes podem fechar os olhos nesse momento.

**Terceiro passo:** Em seguida, caminhem lentamente pela casa ou escola observando cada detalhe desse caminho, sentindo cada cheiro e ouvindo cada som. No meio da caminhada, deve haver uma pausa, e nesse momento as pessoas devem tocar lentamente as paredes, se tiver algum objeto na parede estes devem ser tocados também, sintam cada detalhe. Retomem a caminhada até a porta e parem por um tempo.



Foto: Isabel Viana

A caminhada da porta até o rio.

**Quarto Passo:** Caminhem bem devagar e em silêncio. Observem cada detalhe dessa caminhada. Sintam o vento, a ponte, os cheiros e ouvindo os sons.

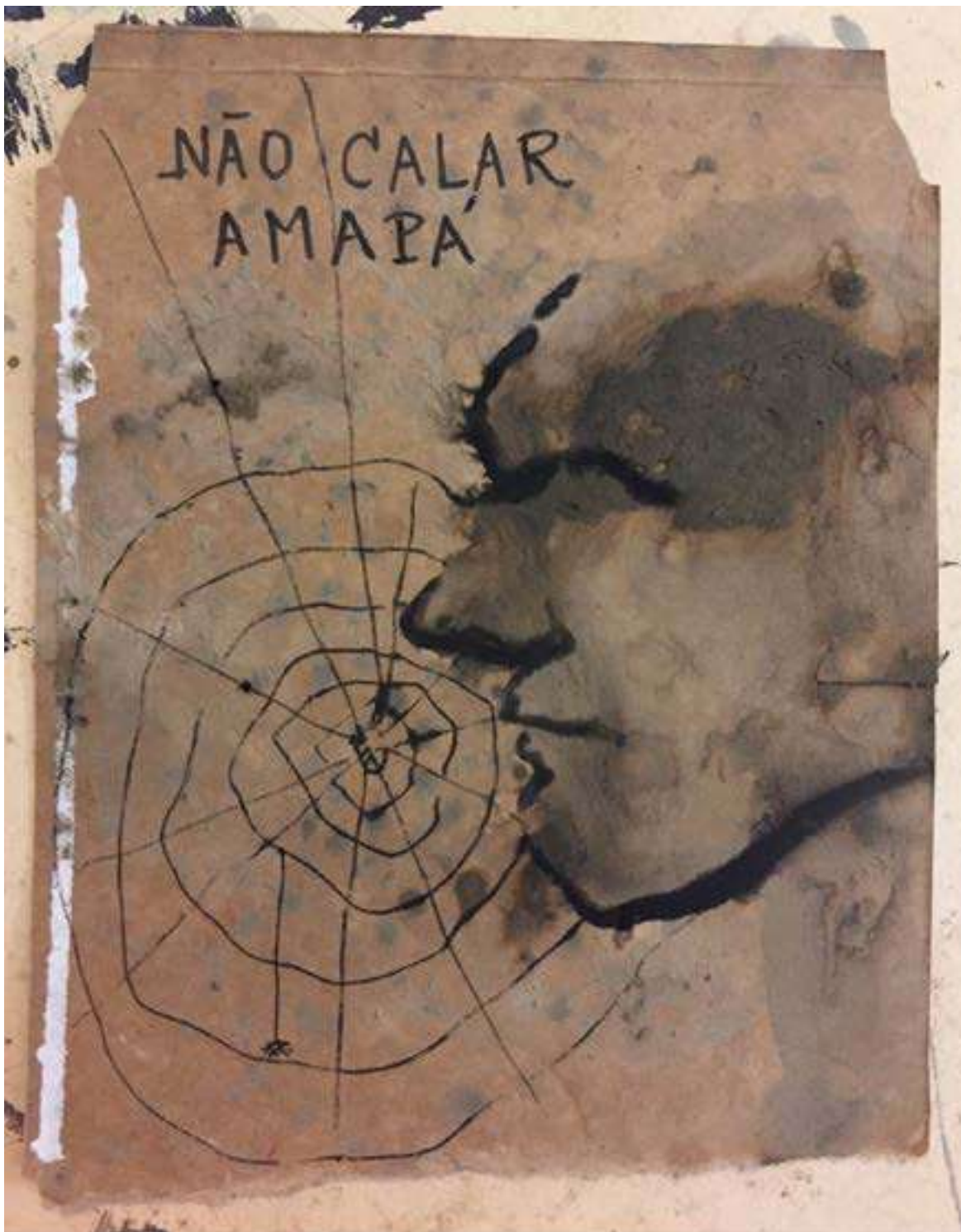
**Quinto passo:** Ao chegarem na ribanceira/beira do rio, desçam até a praia e comecem a tocar o barro, a sentir o cheiro que vem dele, fechem os olhos e sintam cada textura presente naquele ambiente. Interajam com os objetos presentes na lama também.

**Sexto passo:** Em seguida, corram até o rio, e brinquem, pulem, mergulhem, sintam ele, esse rio é de vocês.

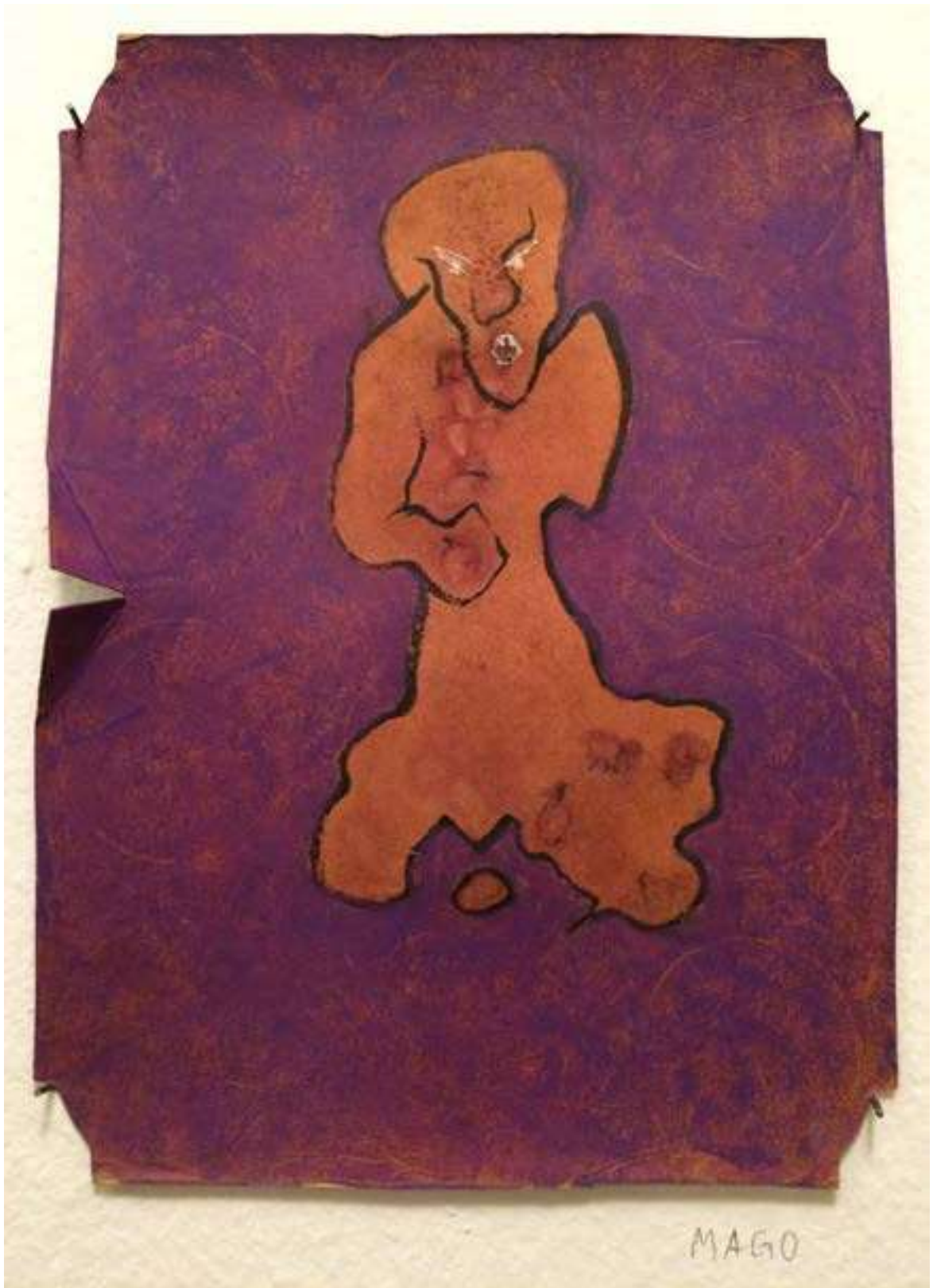
**Sétimo passo:** Voltem para o local onde o exercício foi iniciado e peguem o papel. Vocês devem escrever ou desenhar nele o seguinte:

“O que você viu? o que você sentiu? O que ouviu? Quais foram as sensações, os cheiros, as cores, as texturas e os sons que você ouviu?”

**Final:** Guardem esse papel em um lugar especial, onde ele possa ser preservado. Quem sabe no futuro você refaz esse exercício e descobre coisas diferentes?



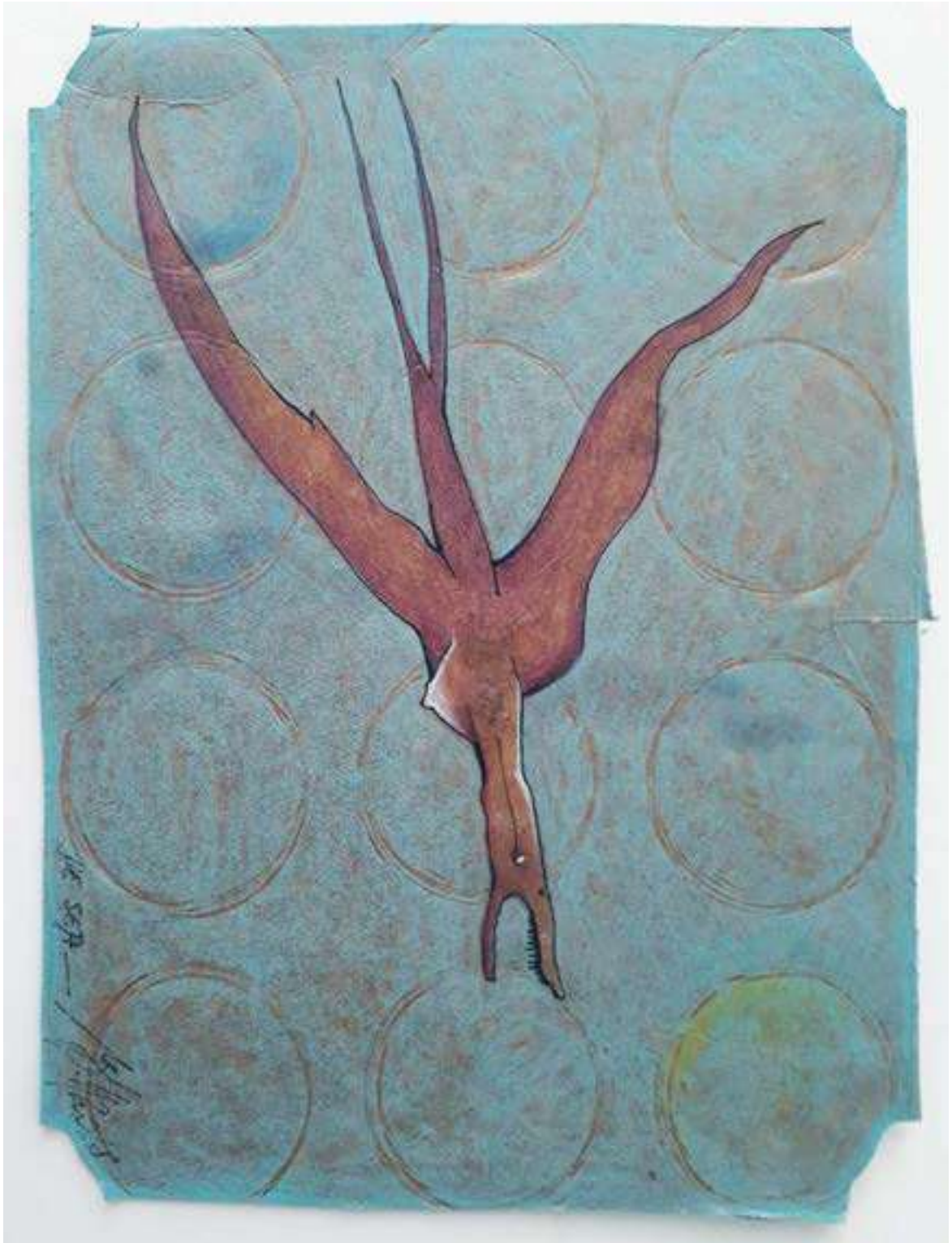
**Título: Não calar, Amapá. Por Bia Medeiros. Bailique (AP), 2018.**  
Técnica: Tinta preta e lama do rio Amazonas sobre papelão reciclado.  
O desenho refere-se à necessidade de denunciar a poluição do rio Amazonas, a falta de luz, a falta de cuidado do estado brasileiro com o Amapá, mais especificamente com o Bailique.



**Título: Mago. Por Bia Medeiros. Santarém (PA), 2017.**  
Técnica: Lápis de cor e tinta feita com folhas de crajiru sobre papelão.



**Título: Rosto redondo. Por Bia Medeiros. Bailique (AP), 2018.**  
Técnica: Tinta preta e lama do rio Amazonas sobre papelão reciclado.



**Título: De seja. Por Bia Medeiros. Santarém (PA), 2017.**  
Técnica: Lápis de cor (azul, branco, amarelo) e tinta feita com folhas de cajiru (vermelho) sobre papelão reciclado.

# Monstros da Floresta

Por Sereia Caranguejo

fantasias

O QUE VESTIMOS É 50% UMA CAPA SEJA VC

## Materiais

Materiais da natureza

Recicláveis higienizados

Fios Lama

Roupas

...e outros materiais.

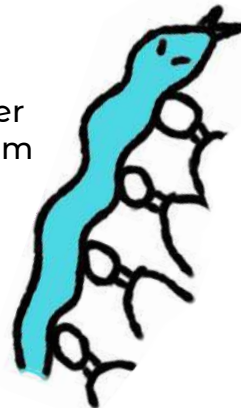


## Ação

A partir dos modelos já conhecidos de roupas, lembranças de sonhos ou inspirações em outros seres vivos e objetos, utilizaremos os diversos materiais disponíveis: naturais e industriais com a possibilidade de criar novos trajes, máscaras e fantasias expressando, vestindo e revelando as várias formas que podemos ser e nos mostrar ao outro.



Essa ação em grupo pode ser acionada com desfiles ou com festas.



SEU CORPO NÃO TE LIMITA VC TEM PODER

Novo mundo:

# Criando sua Realidade

Por Sereia Caranguejo

Mesmo que pareça impossível a

## Materiais

Coletar objetos que poderiam ir para o lixo (higienizados), recicláveis, tesouras, Folhas de papel e outros materiais.



## Ação

A partir de materiais recicláveis pode-se criar ou recriar: novas imagens, móveis, cenários, casas e até mesmo personagens com desenhos, pinturas e colagens. Para deixar as imagens em pé, pode-se usar um pedaço de papelão, folha ou objeto que apoie a imagem por trás como uma coluna. Assim, você criará o seu novo mundo e brincará com possibilidades de ser e viver com ele. Essa proposta pode ser acionada com mais de uma pessoa, tendo a possibilidade de criação de construções de cidades e muitos lares.

realidade sempre pode melhorar



Imagens Faladas:

# Sentindo e Expressando

Por Sereia Caranguejo

## Materiais

Giz colorido, Giz de Cera, Lápis, Caneta, Folha de Papel, Tinta, Lama e outros materiais.

## Ação

Através do que você está sentindo no momento, escolha um sentimento e pense em como ele pode ser expresso em imagem. Materialize ele em uma superfície como um pensamento, envolvendo (ou não) uma ação corporal. Pode-se acrescentar alguma frase que se relacione e ajude no entendimento ou até mesmo tradução do significado da imagem.



# Grimório Misterioso

# Livro Encantado

Por Sereia Caranguejo

## Materiais

Caderno, caneta, lápis coloridos, giz-de-cera e outros.

## Proposta

A partir das histórias de assombrações, lendas, mizuras, visagens e contos sobrenaturais- passados de geração para geração- essa ação se dá através da escrita ou desenhos de memórias e experiências espirituais em um caderno que se tornará livro. Nele, pode-se registrar também o conhecimento ancestral do uso de ervas e rituais capazes de descarregar energias, atrair novas vibrações e, principalmente curar as pessoas, como forma de eternizar essas lembranças e conectar o passado ao presente e o futuro. Esse livro deve ser feito com as experiências, instruções, contos e histórias do máximo de pessoas possíveis.





Sacolas são recicláveis  
Imagino essas sacolas no varal  
sacolas como pipas  
sacolas como roupas

Garrafas plásticas são recicláveis  
Imagino essas garrafas como vasos de plantas  
Garrafas juntas são um parangolé  
“juntas um matapi”

O vidro é reciclável  
Imagino uma constelação de cores.  
Imagino uma máscara de barro com mosaicos  
multicoloridos  
Imagino lentes e filtros de câmeras

O papel é reciclável  
Imagino colagens  
Imagino paredes de papel

Muitos lixos são recicláveis  
Muitos lixos são fonte de renda  
Muitos lixos são alimentos

O lixo orgânico faz terra

## Exercício 1

# IMAGINE AÇÕES:

“O que fazer com este lixo?”

Por Napoleão Guedes

### Curiosidades:

A colagem é uma composição feita a partir do uso de materiais de diversas texturas, ou não, superpostas ou colocadas lado a lado, na criação de uma narrativa ou imagem.

Os “lambe-lambe” são cartazes que colamos nas paredes ou em muros.

Ambas são técnicas artísticas e podem ser feitas com papel reciclado (revistas ou jornais). Com apenas cola, tesoura e papéis você compõe uma colagem ou um lambe-lambe. E pode sair por aí, colando em lugares públicos. Deixando uma mensagem visual ética-estética-política-poética para as pessoas que circulam pelo espaço ou lugar

### Materiais

Use sua imaginação, sacolas plásticas ou qualquer outro material reciclável descartado na natureza.

**Passo 2:** Crie possibilidades para eles: (De)componha em pequenas partes. Desconfigure a formas. Desarme os sentidos. Despedace, recorte, cole, junte Partes, pinte, amarre, envolva-se. Transforme o lixo em arte. Utilize a imaginação nesse exercício e experimente as reciclagens pelo espaço que lhe for confortável.

**Passo 1:** Busque no entorno da sua casa ou pelas vias da sua comunidade: materiais ou lixo descartado.

**Passo 3:** Registre o resultado da maneira que lhe for acessível. Por meio da poesia, do desenho, da colagem, da fotografia ou da conversa com amigos e familiares.



## Exercício 2

# CRIANDO PORTAIS DE MEMÓRIAS

Por Napoleão Guedes

Neste exercício proponho compor um artefato de memórias. A partir da reunião de “elementos” naturais (folhas, troncos, raiz, lama, terra...) ou de outra natureza (objeto físico) que carreguem para você algum valor afetivo ou de memórias.

**Materiais:** Linhas e objetos encontrados (material natural ou industrial).

**Passo 1:** Busque entre as coisas de casa ou do seu entorno alguns objetos que lhe tragam memórias. Pense que os objetos serão a referência material de memórias e com eles iremos compor o artefato.

**Passo 2:** [Re]veja os objetos em lugares diferentes da casa ou do terreno! Sinta os objetos de olhos fechados! Imagine os objetos no futuro!

**Passo 3:** Caso queira relacionar outros objetos encontrados use linhas para unir ou entrelaçar eles. As linhas serão como caminhos da memória.

**Passo 4:** Outras pessoas podem ser convidadas a construir seus objetos de memórias. Tente encontrar essas pessoas e conversar sobre os objetos. Se possível registre esse encontro com os artefatos de memória dos outros.



Queria chegar na lua  
Mas como ir até ela  
E explorar esse espaço tão  
grande  
A lua fica pra lá  
E eu menino, fico cá.

E eu? Garoto Edu!  
Tão pequenino entroncado  
Como fazer esse meu mundo  
engraçado.  
Cercado de maninhos, Criarei  
meu próprio mundo imaginário.  
Chegarei ao infinito do meu  
coração.

Eu e minha mente, e era tanta gente.  
Gente no pátio,  
Gente no banco caçando satélite  
No céu estrelado  
E eu? Menino machucado,  
Querendo chegar na lua.

De manhã cedinho me veio a inspiração.  
Já sei como chegar na lua!!!  
Vou fazer um foguetinho que só cabe um bichinho.  
É o foguete do meu coração.

Cavei com dois ossos  
Uma vara e um poço  
E achei um sararazinho  
Que no foguete ia ter um destino  
Ai!  
Queria voar pra lua.

Era meia noite quando tava  
Todo mundo de novo no banco.  
E alguém perguntou com espanto.  
O que é aquilo?  
Aquilo, riscando o céu?  
É o foguete do sarará do Edu.



## CRUSTÁCEO ESPACIAL

Por José Correa



## EXPERIMENTE CHEGAR NA LUA!

### **Materiais:**

Uma vela e um isqueiro ou fósforo

- 1) Visite um local calmo da sua comunidade durante a noite.
- 2) Mesmo se não for noite de lua e as estrelas estiverem todas aprisionadas, acomode-se e olhe para o céu e sua dimensão do infinito.
- 3) Imagine que seu foguete é uma montaria, e você navega pelo espaço.
- 4) Reme no espaço sideral a procura do seu crustáceo e da lua.
- 5) Quando encontrar a lua e o crustáceo, acenda a vela para sinalizar e torná-la iluminada, para que outros viajantes do espaço sideral possam também encontrá-la.
- 6) Quando tiver certeza de que todos os viajantes encontraram a lua e o crustáceo, apague a vela e volte para sua casa.

## Exercício 2

Por José Correa

### Observe:

Está frio e úmido dentro da floresta.  
A neblina nos abraça enquanto nos abandona.  
Observo, ô mãe natureza!!!  
Teu cansaço durante o dia,  
Teu descanso durante a noite  
E pela manhã, ainda dá pra ver no seu rosto, o sono e as tormentas,  
Como se uma lágrima escorresse  
E desistir de tudo  
Mas o amor pelo teu filho é tanto.  
O ingazeiro da frente da minha casa, não pode te ver chorando,  
Ele é teu filho caçula.  
Lembra dos teus outros filhos, que deram a vida por ti?  
Teu filho palmitreiro.  
Tua filha seringueira, deixou de chorar leite, para não amamentar os filhos dos corruptos.

### Escute:

Pode parar por aí chico hã  
É triste ver tua raiva no igarapé  
Esse teu canto que era tão belo, agora crava o bico no peito do homem.  
Ecoa teu canto na mente dos que destroem teu ninho.

### Revivendo o passado:

Lembro dos barcos que desapareciam na curva grande do rio.  
Pela noite o vento sopra minha fase. E lembro do dia em que o macaco não tinha medo de comer o fruto da frente de casa, E ainda existia o canteiro de cebolinhas de minha vó.  
O vento bom da noite, traz pra mim o meu lugar do passado e viva eu nele toda vez que fechar os olhos.

### Incômodo:

Vou pra ponte,  
Vou para canoa;  
Pulo na água  
E o perigo constante enfrento,  
Para saber o tempo que aguento ficar sem perceber.  
Perceber o que?  
O mato  
A ribanceira  
A ponte  
A canoa  
E o tudo  
Já é noite e o silêncio corta a solidão,  
O incômodo é tão grande que tenho alucinação.

Foto: Ierê Papá

**Escreva,  
Imagine e  
troque  
idéias**

1. Escreva o que você observa ao seu redor.

---

---

---

---

---

---

---

2. Continue observando a sua comunidade. O que te traz incômodo?

---

---

---

---

---

---

---

3. Escreva algo que você deseja não esquecer.

---

---

---

---

---

---

---

4. Descreva o que você ouve da mãe natureza, e qual mensagem ela traz para você.

---

---

---

---

---

---

---

Jogo

## A TRILHA DO BAILIQUE

Por Ellias dos Anjos

Vamos montar uma trilha pra jogar?

# **Para montar a trilha**, use qualquer material que você tenha disponível. Pode ser galhos e folhas secas, pedras, giz, barro etc.

Use os materiais para fazer 10 divisões (10 casas) no chão, na ponte, no campinho ou em qualquer outra superfície. De maneira que 2 pessoas possam ficar dentro desse espaço um pouco distante entre si.

A trilha pode seguir em linha reta ou não. É você que sabe a direção que ela deve seguir, então, seja criativo.

# **Enumere cada divisão**. Use, novamente, os materiais que você tem disponível para desenhar os números dentro das divisões, de 1 até 10.

Ah! Precisaremos de 2 folhas de papel para ser a **FOLHA DE RESPOSTAS**. Lápis e materiais de colorir para desenhar e escrever as respostas. Tudo pronto? Agora precisamos de um participante para ser o GUIA. Daqui para frente será o Guia que vai ler os próximos tópicos, pois, assim os outros participantes não saberão o vai acontecer e isso tornará o jogo mais interessante.

Oi Guia. Tudo bem? Agora vou te explicar seu papel no jogo.

Temos 12 fichas. Recorte-as e em seguida coloque-as dentro de um recipiente que pode ser uma cuia, uma sacola etc. de maneira que os jogadores não vejam essas fichas na hora do sorteio.

## **ATENÇÃO**: a ficha **FIM** deve ficar separada dentro de uma outra cuia e deve ser colocada no final da trilha na casa 10.

Então temos: uma trilha, um recipiente com fichas, a ficha **FIM** no final da trilha. Agora precisaremos de 2 jogadores.

Guia, peça que os participantes tirem ímpar ou par para decidir quem vai começar o jogo.

Nesse momento o ganhador do ímpar ou par vai começar o jogo tirando uma ficha da cuia e entregará para o guia que vai ler o que a ficha pede do participante.

Está dada a largada do jogo **A TRILHA DO BAILIQUE**.



Guia, o seu papel é manusear a cuia até o participante e ler as indicações das fichas. O objetivo do jogo é que os participantes realizem as tarefas indicadas na ficha sorteada e, assim, cheguem na última casa.

### #IMPORTANTE#

- Começar com os dois participantes na casa 1.

- **MOVIMENTAÇÃO:** Se a ficha pedir para andar 3 casas e o participante estiver na casa 2, por exemplo, ele deverá andar até a casa 5. Isso quer dizer que para andar o participante deve contar a partir da próxima casa.

- Se o participante tirar logo na primeira rodada uma ficha de **volte**, ele deve devolvê-la e retirar outra ficha.

- Se as fichas acabarem e um dos participantes (ou os dois) ainda não alcançarem a chegada, ele deverá realizar

as tarefas das fichas retiradas pelo outro participante, até chegar. Por isso, repare as fichas retiradas por cada participante.

- Os participantes jogarão de forma alternada (um de cada vez)

- Guia, estimule os participantes a escrever palavras sobre coisas importantes paraveles. Que eles desenhem em todos os ângulos da folha e que usem a criatividade para compor folhas de respostas cheia de formas, palavras e informações.

- O primeiro a chegar deve aguardar o seu colega a também completar o percurso para abrirem a ficha **FIM** juntos.

**DIVIRTAM-SE.**



A Trilha do Bailique



A Trilha do Bailique



A Trilha do Bailique



A Trilha do Bailique



A Trilha do Bailique



A Trilha do Bailique

### ANDE 3 CASAS

O que o que é: bicho que vive na água, mas vestido de branco e de chapéu na cabeça, a noite ele vem, se transforma num rapaz tão belo como ninguém. Depois de dançar com as moças, para o rio ele volta e dorme bem.

Resposta: O Boto. Você já viu o boto? Como ele é? Desenhe como você imagina o boto como pessoa.

### ANDE 2 CASAS

O que é o que é: protetor das matas e de todos os animais. Não gosta de quem destrói ou polui e despista os caçadores com os pés virados para trás

Resposta: O Curupira. Você já se perdeu na mata? Se sim, conte como você achou o caminho de volta para casa?

### ANDE 2 CASAS

O que é o que é: fruto do Açaizeiro. Nasce nas várzeas e beiras do rio. Vai muito bem com peixe frito. Tem parau, tem preto, mas também, tem o branco para quem nunca viu.

Resposta: Açaí. Você gosta de açaí? Você sabe apanhar açaí? Fale mais sobre o açaí na sua comunidade. Faça um desenho sobre o açaí.

### ANDE 2 CASAS

Como é sua comunidade? É bonita? Você gosta de morar nela? O que você mais gosta na sua comunidade? O que você mudaria nela?

### ANDE 1 CASA

Sobre o Pracaxi: Você já usou o óleo de pracaxi? Se sim, para qual finalidade você usou? Você conhece alguém que tire óleo de pracaxi? Quem? Quanto custa o óleo de pracaxi na sua comunidade?

### VOLTE 1 CASA

Tem “luz 24 horas” na sua comunidade? Quando falta luz, você fica triste? Mas, quando ela volta, você comemora? Se sim, como você comemora?



A Trilha do Bailique



A Trilha do Bailique



A Trilha do Bailique



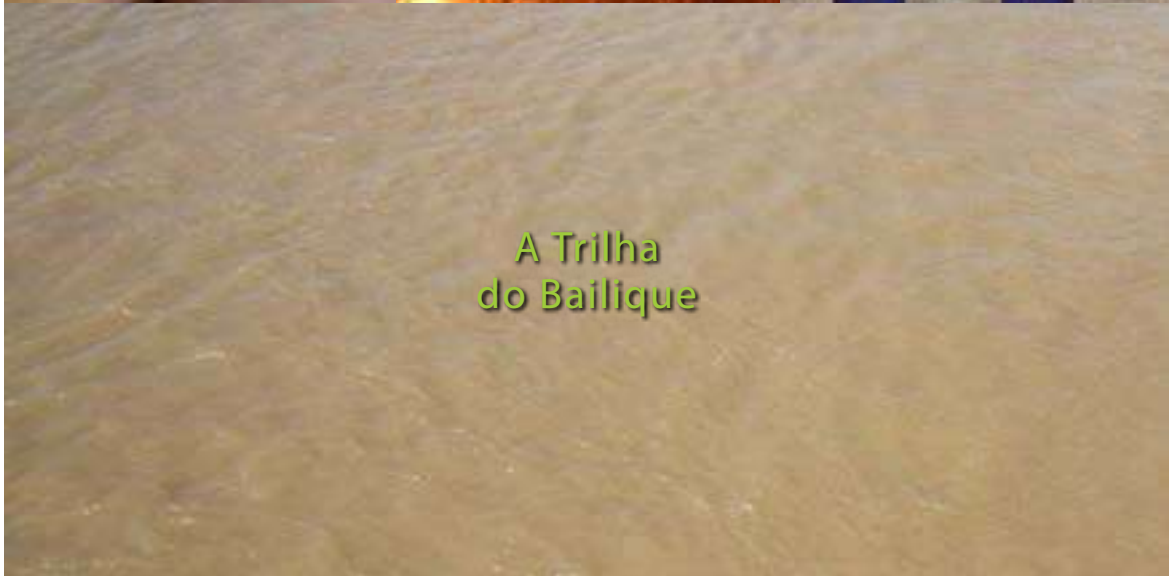
A Trilha do Bailique



A Trilha do Bailique



A Trilha do Bailique



A Trilha do Bailique

<p><b>ANDE 3 CASAS</b></p>	<p><b>ANDE 2 CASAS</b></p>	<p><b>ANDE 2 CASAS</b></p>
<p>Você já ouviu o assobio do <b>ASSOBIADOR</b>? Se sim, qual foi sua sensação? Você ficou com medo? Como você imagina o <b>ASSOBIADOR</b>? Conte e, também, desenhe!</p>	<p>Você já viu alguma <b>VISAGEM</b> ou <b>MIZURA</b>? Se sim, conte como foi! Desenhe um pouco do que você viu!</p>	<p>Sobre o rio: Você gosta do rio? Se sim, por quê? Você sabe nadar? O rio é importante para sua vida e realidade? Escreva um trecho de texto sobre isso!</p>
<p><b>ANDE 2 CASAS</b></p>	<p><b>ANDE 1 CASA</b></p>	<p><b>VOLTE 1 CASA</b></p>
<p>Existe alguma festividade nas sua comunidade? Se sim, conte mais sobre essa festividade. Imagine que você está nessa festividade, dance ou cante uma música que você gosta. Escreva um trecho da música que você cantou ou dançou.</p>	<p>Na sua comunidade tem algum (a) curandeiro (a)? Se sim, quem é ele (a)? Você já ficou doente e foi cuidado por ele (a)? Que tipos de males ele (a) trata? Escreva um poema sobre isso.</p>	<p>Você pratica algum esporte, jogo ou brincadeira na sua comunidade? Onde você pratica, na praia ou no campinho? Você já se machucou fazendo isso? Você usou algum remédio caseiro pra curar o machucado? Desenhe sobre isso!</p>

**FIM**

O arquipélago do **BAILIQUE** é formado por quantas ilhas?

Converse com seu colega sobre isso. (resposta: 8 ilhas). Independente de vocês acertarem ou não a resposta, o importante é que vocês participaram. Agora, escrevam oito palavras relacionadas a coisas (emoções, objeto, animal etc) importantes para vocês. Pronto, a montagem com escritos e desenhos, feita com suas respostas no papel é o troféu dos ganhadores. Dê de presente o seu desenho ao seu colega, e, se puder, mande foto. Queremos vê a composição de vocês. Para finalizar, fechem os olhos imaginem que vocês estão sem luz na comunidade, abram os olhos e comemorem como se a luz tivesse acabado de voltar. **PARABÉNS GANHADORES.**

# VAMOS DESENHAR?

Por Débora Bararuá



## MATERIAIS

Folha de papel  
Lápis ou caneta  
Espelho

Foto de seus pais, avós e você  
Foto de seus avós  
Folhas secas, galhos, flores, sementes  
Cola

## COMO FAZER

**Primeiro Passo:** Busque por fotografias antigas de seus avós e seus pais, pegue o espelho e encontre traços em você. Faça o mesmo com as fotos percebendo traços que estão presentes em você e em seus familiares como formato do rosto, cabelos, olhos etc.

**Segundo Passo:** Desenhe-se no papel, realce os traços que são comuns a você, seus avós e pais.

**Terceiro passo:** Vamos enfeitar esse lindo desenho colando folhas secas, galhos, flores, sementes. Deixe a criatividade solta e pronto!

## O MEU FICOU ASSIM



## DICAS

Para fazer uma cola artesanal pegue farinha de mandioca, coe para ficar bem fina na proporção de uma colher bem cheia, pegue meia xícara de água, coloque a farinha coada e leve ao fogo até ficar uma papa, deixe esfriar e use como cola;

Para fazer tinta natural na cor vermelha pegue 4 favas de urucum, abra e tire as sementes em uma vasilha, acrescente pequenas porções de água, você obterá uma cor vermelha para usar em seus desenhos.

# VAMOS BRINCAR DE CONSTRUIR?

## COMO FAZER

**Primeiro Passo:** Pegar galhos secos (murchos), eu usei galhos finos de taboca. Retire um pedaço de 15 cm mais grosso, para ser o tronco, quebre com as mãos nas junções, depois retire dois pedaços mais finos de 10 cm para serem os braços e as pernas.

**Segundo passo:** pegue os pedaços mais finos de 10 cm, dobre no meio cada um com 5 cm, pegue um pedaço de barbante ou linha e amarre no pedaço de 15 cm para fazer as pernas e os braços.

**Terceiro passo:** Agora vamos fazer roupas para nosso boneco, pegue lã e enrole no boneco para fazer a roupa e os cabelos ou pegue retalho de pano e use a imaginação.

## O MEU FICOU ASSIM



## MATERIAIS

Galhos secos  
Retalhos de panos  
Barbantes  
Lã de várias cores  
Tesoura




## DICAS

Eu não tinha retalhos de pano, então peguei um pano de guarda-chuva quebrado e assim criei a roupa da minha boneca que ficou muito chic.

Se precisar usar a tesoura, peça ajuda para um adulto





Vem e me mostra o seu  Olhar  
**SOBRE O SEU LUGAR  
 ATRAVÉS DE PORTAIS**  
 Por Mapige Gemaque

Para fazer em dupla

**MATERIAIS NECESSÁRIOS:**

Papel, Caneta e Lápis de cor



1. Primeiro vamos aquecer os olhos e o olhar! Brinque! Recorte o quadrado abaixo na linha tracejada. Feche um olho com a mão, e com o outro olho aberto, olhe através da moldura que se formou. Experimente por alguns minutos. Troque de olho, e de mão.



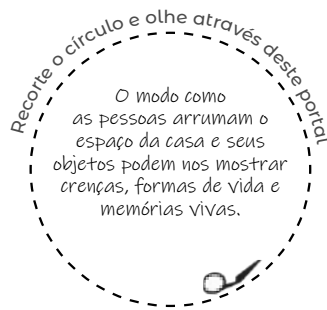
2. Agora, caminhem em dupla até a casa de um vizinho ou de um parente.



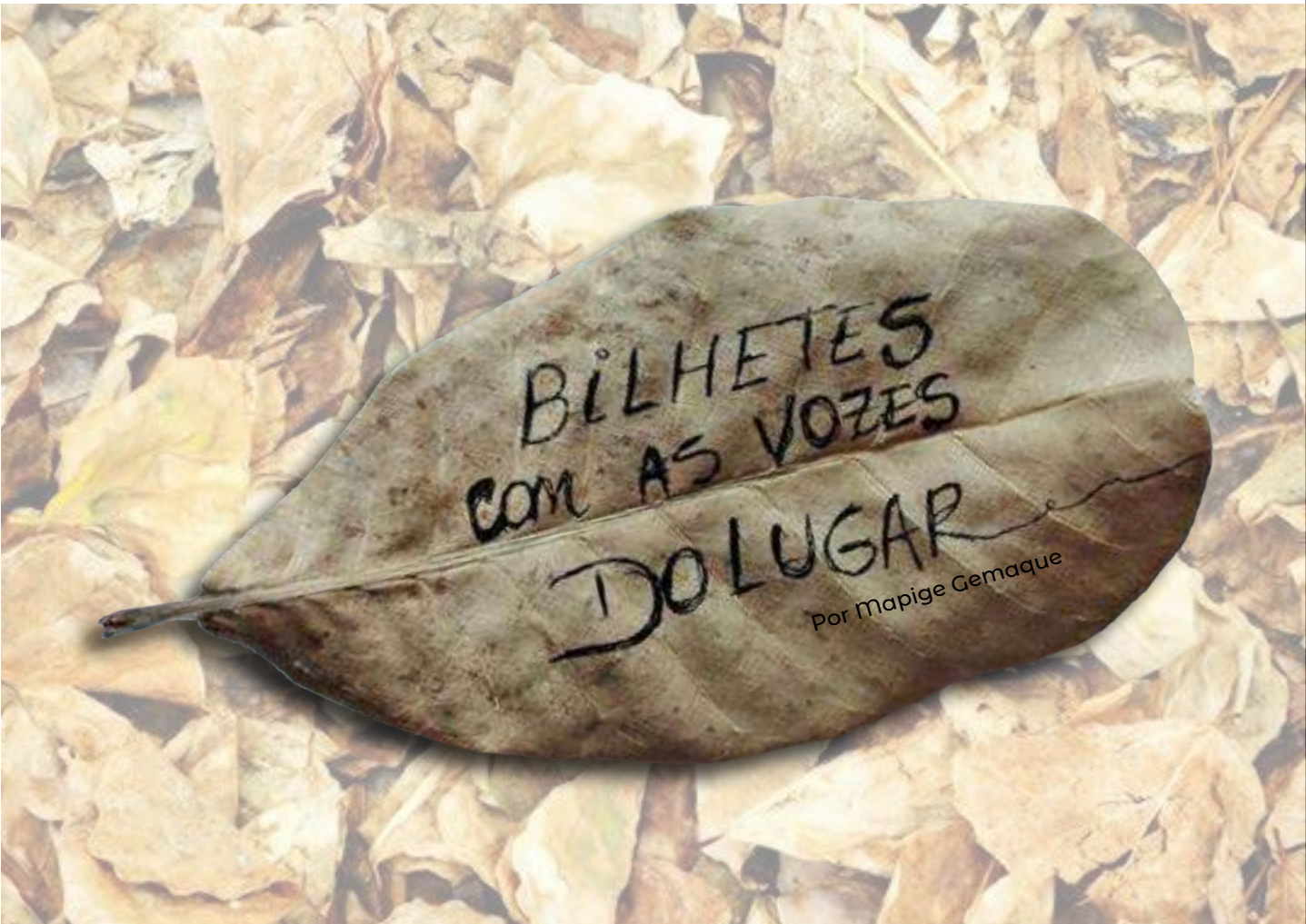
3. Antes de entrar, **olhe pela janela ou pela porta**, e descreva para o seu parceiro tudo o que você vê. Objetos, cores, pessoas, animais, quantidade, tamanhos e formas do que se encontra dentro do espaço da casa, e só é possível visualizar através

4. Conte para seu/sua colega o que você viu, mas também o que poderia ter visto. Use a imaginação!

5. Troquem! Agora vocês pedem para entrar na casa escolhida, e quem ainda não olhou através do quadrado e nem da janela, escolhe um local da residência, se posiciona, e observa a paisagem pelo buraco do círculo abaixo. Conte para a sua dupla o que tem e o que está acontecendo no espaço emoldurado pelo círculo.



6. Voltem **para sua casa ou para escola** e juntem seus olhares! Peguem papel, caneta e lápis de cor. Escrevendo ou desenhando contem o que vocês observaram enquanto fizeram a visita.



## MATERIAIS

Folhas secas  
Canetas e canetinhas  
coloridas

1. ESCOLHA  
UM LUGAR DISTANTE

DE ONDE VOCÊ ESTÁ  
E VÁ ATÉ LÁ

Recolha folhas secas de várias  
formas, texturas e cores.

2. NESTAS FOLHAS  
ESCREVA BILHETES

3. Refaça todo o caminho que  
você fez, mas agora voltando  
ao ponto inicial e entregando os  
bilhetes.

Eles podem ser entregues  
pessoalmente para o  
destinatário. Mas também  
podem ser:

- Deixados numa árvore;
- Em uma prateleira do mercado;
- Em uma mesa da escola;
- Numa janela;
- Na ponte até que alguém o encontre;

O bilhete pode ser entregue  
para alguém desconhecido,  
ou ser deixado no rio, que o  
levará para ser entregue em  
outra comunidade.





# TECNO BARCA V : HABITAR E RE- HABITAR. HABILITAR E RE-HABILITAR



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 103

## FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral | **Wellington Dias**

Coordenação de Comunicação | **Rayane Penha**

Coordenação Administrativa | **Otávio Oscar**

Produção Executiva | **Marina Beckman e Raphael Brito**

Assistentes de Produção | **Elias dos Anjos, Elba Figueiredo e Gibison Viana**

Equipe de Comunicação | **Maria Silveira e Bruna Silva**

Fotografias | **Dayane Oliveira e Guto Íris**

Video | **Dayane Oliveira, Maria Silveira e Bruna Silva**

Cineclubista | **Kssidly Wesley**

Designer Gráfico | **Tamy Martins e Thayse Panda**

Artistas | **Anali Dupré, Débora Bararuá, Fany Magalhães, Mapige Gemaque, Napoleão Guedes, Raul Zito, Rafael Silva, Rodrigo Abreu, Sereia Caranguejo e Sebastião Neto**

Conselheiros | **Anderson Barroso, David Limaverde, Ítala Isis, Ierê Papá, Isabel Viana, Sarah Marques e Raphael Brito**

Realização | **ICS (Instituto Clima e Sociedade) e Associação Gira Mundo**



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 104

# **PARTITURAS CORPORAIS PARA RE-HABI(LI)TAR UM CORPO PÓS-HUMANO, ENTRE AGENTES NÃO-HUMANOS**

David Limaverde

Habitar e re-habitar. Habilitar e re-habilitar. Re-habi(li)tar. Este jogo de palavras não é apenas uma tentativa de reconfiguração da linguagem, mas um convite para transformar como existimos em relação ao mundo e, essencialmente, em relação ao nosso próprio corpo. Habitar é ocupar, mas também sentir e co-criar com o espaço, enquanto re-habitar é reconhecer que tanto o espaço quanto o corpo que o habita já não são os mesmos. Ambos carregam marcas, memórias e cicatrizes, muitas vezes moldadas por crises ambientais, desigualdades e pela separação entre o humano e o não-humano. Re-habi(li)tar é, simultaneamente, um retorno e uma reimaginação — um gesto de cuidado e cura, tanto para o mundo que nos cerca quanto para o próprio corpo que vive, sente e performa em diálogo com esse mundo.

Re-habi(li)tar, nesse sentido, é mais do que uma prática de escuta e atenção ao não-humano; é um caminho para curar o corpo e re-imaginar nossa presença no mundo. O corpo que habita e re-habita, que habilita e re-habilita; se transforma em um lugar de encontros — entre forças internas e externas, entre humano e não-humano. É um corpo que aprende com o movimento das marés, com o vento que toca a pele, com o peso do solo sob os pés e com os ritmos invisíveis das águas. Ele não apenas observa, mas co-cria, escutando o que o ambiente tem a dizer e respondendo com gestos que integram a poesia do viver. Re-habi(li)tar é encontrar, no corpo e na paisagem, o espaço para uma cura sensorial, estética e poética.

No Bailique — um arquipélago (de mais) de 40 comunidades situado entre o rio Amazonas e o Oceano Atlântico — essa interdependência entre corpos e territórios é vivenciada de forma visceral. Ali, o movimento das marés não apenas molda a paisagem; ele escreve histórias, transforma relações e sustenta vidas. As raízes expostas dos manguezais parecem guardar segredos antigos, enquanto o ar, carregado pelo rio, traz o perfume da floresta e o eco das vozes locais. É um lugar de resiliência, generosidade e riqueza cultural, onde os moradores nos recebem com sorrisos e acolhimento desde o momento em que saímos das embarcações e pisamos no trapiche de boas-vindas, até o instante em que, ao partir,

deixamos o trapiche do adeus com os corações cheios de histórias, memórias e gratidão.

Foi nesse lugar que o Tecno Barca, há mais de uma década, encontrou solo fértil para germinar. Fazer parte dessa história é carregar a profunda gratidão de ser acolhido por uma família escolhida, de humanos e não-humanos, que me transformou e me ensinou a habitar o mundo de outra forma, forma coletiva, sensível e até forma desforme. Na quinta edição do projeto, realizada em 2023, mergulhamos ainda mais fundo em comunidades como Limão do Curuá, Igarapé Grande do Curuá e Ponta do Curuá, em um gesto coletivo de escuta, presença e criação. O Tecno Barca não é apenas uma residência artística e série de oficinas; é um movimento vivo que entrelaça arte, território e pessoas. Foi nesse contexto que as 40 partituras corporais nasceram, em alusão às (mais de) 40 comunidades do Bailique — como um gesto de honra e gratidão à terra e às águas que nos sustentam.

As partituras aqui apresentadas são interpretações pessoais desse atravessamento. São o resultado de escutas, encontros e diálogos que me transformaram profundamente. Algumas surgem como inspirações diretas dos artistas residentes que caminharam comigo, como "Jogo das Marés", que reflete a força e a leveza das mulheres locais, ou "Roda da Palavra", que celebra a partilha e a conexão através de histórias. Outras são gestos de homenagem, como "Fios da Esperança", dedicada às mulheres vítimas de escarpelamento, e "Cemitério das Águas", que transforma o luto em um gesto poético de reconexão. Há também aquelas que nos convidam a despertar os sentidos, como "Sopro de Aromas", que explora narrativas através do olfato, ou "A Sinfonia do Silêncio", que transforma o inaudível em música. E há partituras que nos pedem para re-habitar e re-habilitar nosso próprio corpo, como em "O Ritmo da Respiração", onde o simples ato de respirar se torna um canal de conexão com o rio e a vida.

Essas partituras são um gesto de busca de uma arte anti-extrativista – e por extrativismo, quero falar sobre o que separa e explora. Em vez disso, propomos uma ética pós-humana de coexistência e interdependência. Elas nos pedem para reconhecer que mundo e natureza não são algo "lá fora", mas algo que vivemos e co-criamos. Elas são um gesto concreto contra essa lógica da arte extrativista que vê a terra, a água e os seres vivos como recursos a serem abusados. Ao invés disso, as partituras corporais nos pedem para escutar e co-criar, imaginando futuros mais esperançosos e generosos, onde a ética pós-humana seja o centro. Performar essas partituras é uma oportunidade de entrar em diálogo com agentes não-humanos — o vento, a água, o solo, a luz — e, através deles, especular

nosso lugar na teia da existência. As partituras são, ao mesmo tempo, gestos de cuidado, celebração e resistência. São uma tentativa de acordar o corpo para a presença e força dos agentes não-humanos, convidando-nos a performar com eles, não sobre eles.

O pós-humanismo, como o vivo Bailique me ensinou, não é apenas uma ideia; é uma maneira de existir no mundo. Ele propõe que não estamos separados das águas que nos cercam, das árvores que respiram ao nosso lado, ou das comunidades que nos acolhem com sua generosidade e histórias. É uma perspectiva que dissolve fronteiras entre o humano e o não-humano, que nos desafia a reconhecer que tudo está entrelaçado em uma rede de relações, onde cada agente — humano, animal, vegetal, mineral ou fluido — exerce sua presença e agência.

Estar no Bailique é vivenciar isso de forma visceral. É sentir que os rios não são meros cenários ou recursos, mas caminhos vivos que moldam vidas e histórias. É entender que as palafitas, as redes de pesca, e até mesmo as sombras que dançam na água são parte de uma coreografia que só existe porque tudo coopera, se comunica e se transforma. É aceitar que não somos espectadores, mas participantes de um mundo que pulsa, que co-cria.

Partituras Corporais para Re-habi(li)tar um Corpo Pós-Humano, entre Agentes Não-Humanos não é apenas uma prática local, mas um gesto planetário. Performar essas partituras é imaginar futuros mais generosos e éticos, onde humano e não-humano se reconhecem como parte de um todo indivisível. Que estas partituras corporais sejam um guia, um trapiche, uma semente. Que conectem corpos, territórios e histórias. Que inspirem artistas, educadores e sonhadores a re-habi(li)tar seus corpos e seus contextos, honrando as vozes humanas e não-humanas que sustentam a vida. Que sejam uma performance de resistência ao antropocentrismo e uma celebração à vida como um entrelaçamento contínuo de presenças. Que sejam, enfim, um começo — para especular juntos maneiras de viver, criar e cuidar em uma ética e arte pós-humanas amazônicas.

### **Partitura inspirada por Anali Dupré:**

---

#### **Jogo das Marés**

*A maré avança, o jogo começa,*

*Nos campos de lama, onde a vida regressa.*

*Pegadas marcam o canto do rio,  
Em força e leveza, desenham seu fio.*

**O “Jogo das Marés” é uma partitura que integra o ritmo natural das marés ao dinamismo do futebol, celebrando a resiliência e a capacidade de adaptação das comunidades ribeirinhas. Este jogo não é apenas uma atividade esportiva, mas um ritual coletivo que transforma a relação com o ambiente em um ato de criação e reflexão. Inspirado pela força das mulheres locais, ele explora como a fluidez da natureza e do corpo humano se entrelaçam em gestos simbólicos e poéticos.**

- 1. Escolha o momento e o lugar:** Realize o jogo durante a maré baixa, em uma área lamacenta ou arenosa próxima à água. O local deve refletir o encontro simbólico entre o terreno firme e o rio.
- 2. Monte o campo:** Utilize materiais encontrados no ambiente, como galhos, folhas, ou pedras, para criar as traves de dois pequenos gols. Marque o espaço do campo com limites naturais, respeitando as características do terreno.
- 3. Inicie o jogo:** Reúna mulheres locais e incentive a prática de um futebol improvisado, com movimentos livres e lúdicos. Permita que o jogo seja guiado pela criatividade, incorporando a textura do solo e os sons ao redor como parte da experiência.
- 4. Acompanhe o fluxo da maré:** Enquanto o jogo acontece, observe como a maré começa a subir e altera o espaço de jogo. Quando a água se aproximar, pause o jogo e convide os participantes a refletirem sobre como as mudanças no ambiente espelham os desafios e adaptações da vida cotidiana.
- 5. Finalize com uma roda de conversa:** Reúnam-se em círculo para compartilhar as impressões e sentimentos despertados pelo jogo. Como o movimento da maré e o futebol dialogam com a resiliência e as dinâmicas da comunidade?

### **Partitura inspirada por Raul Zito:**

---

#### **Lambes da Vida**

*Imagens florescem nas paredes vazias,  
Histórias divididas, partilhas tardias.  
Cola-se a visão, clara e vibrante,*

*Semeando a vida, sempre avante.*

**“Lambes da Vida” é uma partitura que transforma espaços públicos em galerias de arte viva, utilizando lambes (posters colados com cola caseira ou grude) como suportes para narrativas coletivas. A proposta é criar um mosaico visual e simbólico que celebra a interdependência entre histórias humanas, agentes não-humanos e o território, abrindo caminhos para diálogos comunitários e reflexões coletivas.**

- 1. Selecione as imagens:** Escolha fotografias, desenhos ou mensagens criadas durante oficinas ou encontros que exploraram a simbiose, a vida comunitária ou a conexão com o ambiente. Priorize conteúdos que reflitam as histórias e perspectivas dos participantes.
- 2. Produza os lambes:** Imprima ou desenhe essas imagens em folhas simples de papel. Se possível, inclua frases ou palavras que reforcem a narrativa visual, conectando-as à vida local.
- 3. Organize a ação coletiva:** Reúna a comunidade em um dia de colagem. Prepare uma mistura caseira de cola (grude) com farinha e água, acessível e sustentável. Escolha paredes ou superfícies públicas visíveis, como muros, cercas ou espaços de circulação, para aplicar os lambes.
- 4. Documente e interaja:** Durante e após a colagem, registre o processo com fotografias, vídeos ou anotações. Convide moradores e transeuntes a interagir com as obras, compartilhando suas reflexões, comentários ou até adicionando suas próprias contribuições visuais.

### **Partitura inspirada por Rafael Sousa Silva:**

---

#### **Roda da Palavra**

*Em círculo, as vozes ecoam,  
Verdades surgem, sem máscaras voam.  
Histórias contadas, conexões tecidas,  
Na Palavra, nascem novas vidas.*

**A “Roda da Palavra” é uma partitura que cria um espaço sagrado de escuta, partilha e co-criação, inspirado pela força da tradição oral. Este gesto coletivo**

**celebra a pluralidade de histórias, reconhecendo as conexões invisíveis que nos unem enquanto comunidades e indivíduos. Ao compartilhar narrativas, os participantes não apenas falam, mas tecem um mundo onde memórias e sonhos ganham nova vida.**

- 1. Forme o círculo:** Reúna os participantes em círculo, simbolizando igualdade e união. No centro, coloque um objeto significativo, como uma pedra, um galho ou qualquer elemento natural que represente o foco compartilhado.
- 2. Compartilhe histórias:** Passe o objeto pelo círculo. Quem o segura tem a palavra. Cada pessoa é convidada a compartilhar uma história, memória ou pensamento que surge de sua vida ou do momento presente. Não há pressa nem julgamentos; a escuta é tão importante quanto a fala.
- 3. Reflita juntos:** Após todos terem falado, conduza uma conversa sobre os temas, sentimentos e conexões que emergiram. Quais histórias se entrelaçaram? Quais foram inesperadas? O que aprendemos uns com os outros?
- 4. Crie coletivamente:** Com base nas histórias e reflexões, co-criem uma obra de arte coletiva. Pode ser um poema, uma música, um desenho ou até mesmo uma performance breve. Este gesto final é uma forma de traduzir a força das palavras em algo tangível e compartilhável.

### **Partitura inspirada por Fany Magalhães:**

---

#### **Pele de Plástico**

*Uma segunda pele, disfarce frágil,  
Reflete o mundo com olhos de plástico.  
Carregue o peso, suporte a carga,  
Sinta as cicatrizes por onde histórias se alargam.*

**Esta partitura convida a vestir o plástico como uma segunda pele, incorporando o peso do descaso ambiental e refletindo sobre sua dualidade — proteção e destruição. O gesto performativo propõe um mergulho na tensão entre sobrevivência e impacto, um convite à reflexão sobre os rastros que deixamos no mundo.**

1. **Crie:** Construa peças vestíveis utilizando resíduos plásticos descartados. Use sacolas, garrafas, embalagens ou qualquer plástico encontrado no ambiente, transformando-o em uma “roupa” ou acessório.
2. **Caminhe:** Vista essas peças e percorra a comunidade, ruas ou espaços significativos, permitindo que sua presença provoque estranhamento e reflexão. O som do plástico ao caminhar e sua textura no corpo intensificam a experiência.
3. **Refleta:** Durante o percurso, perceba o desconforto físico e emocional. Pergunte-se: Como o plástico transforma o ambiente? O que essa “pele” revela sobre nossas escolhas e hábitos?
4. **Dialogue:** Ao final, reúna-se com outras pessoas para compartilhar percepções. Conduza uma conversa sobre a ambivalência do plástico: sua utilidade indispensável em muitas vidas e seu impacto devastador sobre os ecossistemas.
5. **Transforme:** Como gesto final, desfaça a “pele” de plástico e reutilize ou descarte corretamente os materiais. Este ato simboliza a possibilidade de renovação e escolhas mais conscientes.

### **Partitura inspirada por Mapige Gemaque:**

---

#### **Laço da Terra**

*Da terra ao corpo,  
Um fio de memória,  
No simples gesto,  
Tecemos história.*

**Esta partitura propõe a criação de um colar simples com elementos da natureza, convidando qualquer pessoa a refletir sobre a conexão com o ambiente e a sua história pessoal.**

1. **Observe:** Encontre um espaço na natureza e olhe ao redor com atenção. Perceba os pequenos detalhes ao seu redor – cores, texturas e formas.
2. **Recolha:** Pegue elementos naturais que já estejam no chão, como folhas, sementes, conchas ou pequenos galhos. Escolha itens que chamem sua atenção e que você possa carregar com facilidade.
3. **Monte:** Use um fio, barbante ou até mesmo uma linha improvisada de fibras

naturais para prender os elementos recolhidos, formando um colar simples.

- 4. Vista:** Coloque o colar ao redor do pescoço e sinta o peso e a textura dos elementos.
- 5. Pense:** Enquanto o usa, reflita sobre o que cada elemento representa para você ou sobre o momento em que o colar foi criado.

### **Partitura inspirada por Napoleão Guedes:**

---

#### **Entrega e Fluxo**

*Sou folha e flor,*

*Um sopro que desce o rio.*

*Minha cor encontra o céu,*

*Minha oferta é movimento,*

*Um abraço do mundo que me leva.*

**Esta partitura convida o performer a explorar a entrega de si mesmo ao fluxo da natureza, inspirado pelo gesto ancestral e espiritual de oferecer. Não é apenas sobre o ato de oferecer, mas sobre tornar-se parte do ambiente — dissolvendo limites entre corpo, rio, e o invisível.**

- 1. Recolha:** Encontre elementos naturais caídos ao seu redor, como folhas, flores ou pequenos galhos, e organize-os de forma intuitiva, criando um pequeno “barco” ou jangada improvisada.
- 2. Prepare-se:** Escolha uma cor ou elemento que represente sua intenção (um pigmento natural, um tecido, ou um gesto) e aplique-o em seu corpo de maneira simbólica.
- 3. Conecte-se:** Aproxime-se da margem de um rio ou curso d’água e sente-se em silêncio, ouvindo os sons e observando os movimentos ao seu redor.
- 4. Entregue:** Coloque sua jangada na água, acompanhando-a com um toque leve ou um gesto, como se enviasse parte de si mesmo no fluxo do rio.
- 5. Reflexione:** Permaneça na margem, acompanhando a jornada do barco até ele desaparecer de vista, refletindo sobre o que significa oferecer-se ao fluxo e ser levado por ele.
- 6. Registre** (opcional): Em palavras, desenhos ou apenas na memória, guarde um fragmento do que sentiu durante o gesto.

## Partitura inspirada por Sereia Caranguejo:

---

### Livro da Floresta

*Folhas guardam segredos,  
Galhos escrevem memórias,  
A terra sussurra histórias.*

**Esta partitura sugere a criação de um “livro da floresta” feito com elementos naturais encontrados no chão. Mais que um objeto, o livro é um gesto de escuta e reciprocidade, registrando percepções e histórias que emergem do encontro com o ambiente.**

1. **Observe:** Caminhe lentamente pela mata ou floresta. Deixe o olhar guiar você até folhas, galhos ou cascas caídas no chão.
2. **Escolha:** Recolha alguns desses elementos que chamem sua atenção. Eles serão as “páginas” do seu livro.
3. **Crie:** Usando um galho, pedra ou até os dedos, desenhe ou escreva marcas simples sobre as folhas ou cascas, inspirando-se no ambiente ao seu redor.
4. **Monte:** Organize os elementos como se fossem páginas, empilhando-os em uma sequência que faça sentido para você.
5. **Leia:** Passe pelas páginas, observando o que criou. Deixe que o livro conte a história do momento e do lugar onde você está.
6. **Preste atenção:** Este livro não precisa ser guardado. Ele pode ser deixado na mata, devolvendo os materiais ao seu ciclo natural, como um gesto de conexão e respeito.

## Partitura inspirada por Débora Bararua:

---

### Cicatrizes do Silêncio

*Entre o vento e a água,  
Há marcas que o tempo carrega.  
Folhas que caem,  
Mas brotam de novo,  
Lembrando que a força é um ciclo.*

**Esta partitura convida à reflexão sobre as cicatrizes invisíveis, tanto das mulheres quanto da natureza, e a força de renovação que emerge do cuidado. Inspirada pela conexão com agentes não-humanos, ela transforma a dor em um processo de cura e resiliência.**

- 1. Recolha:** Caminhe pela mata ou pelo entorno de um rio e escolha folhas caídas ou galhos que apresentem marcas naturais, como rachaduras, manchas ou veios visíveis.
- 2. Observe:** Sente-se com os elementos escolhidos e observe seus detalhes, como se lesse uma história nas marcas que carregam.
- 3. Cuide:** Use pigmentos naturais ou pequenos pedaços de tecido para “remendar” ou destacar essas marcas nas folhas ou galhos, criando uma simbologia de cuidado.
- 4. Conecte-se:** Coloque os elementos restaurados na água ou em um local de destaque, como se devolvesse à natureza sua força renovada.
- 5. Reflexione:** Passe as mãos sobre sua própria pele ou respire profundamente, reconhecendo as marcas visíveis ou invisíveis que carrega, e valorize o cuidado como um gesto de força e renovação.
- 6. Partilhe** (opcional): Compartilhe o processo com alguém próximo ou registre em palavras ou desenhos o que percebeu nesse ato de cuidado e conexão.

### **Partitura inspirada por Sebastião Alberto Costa:**

---

#### **Vestir-se de Amanhã**

*Costuro sonhos com linhas de vento,*

*Remendo o que foi rasgado.*

*Vestir não é esconder,*

*É revelar o que floresce em mim.*

**Esta partitura celebra a liberdade de expressão através da vestimenta como uma extensão da identidade. Inspirada pela natureza e pela renovação, ela convida os participantes a se reimaginar, costurando retalhos de histórias e possibilidades, sem pressões externas ou julgamentos.**

1. **Recolha:** Busque pedaços de tecido, folhas largas, flores ou fibras naturais disponíveis no ambiente, sempre respeitando os ciclos da natureza e coletando apenas o que já está caído ou descartado.
2. **Crie:** Use os materiais para criar uma peça ou acessório que represente algo que você gostaria de expressar sobre si mesmo, sem preocupações com normas ou convenções. Pode ser um colar, uma faixa, ou mesmo uma roupa improvisada.
3. **Vista-se:** Coloque sua criação e permita-se sentir o que ela desperta em você. Caminhe lentamente pela comunidade ou em um espaço natural, sentindo a conexão entre seu corpo e a roupa como um reflexo do ambiente ao redor.
4. **Retrate** (opcional): Se sentir confortável, tire uma foto ou faça um desenho de si mesmo com a peça. Guarde-a como um registro de um momento de liberdade e reconexão consigo mesmo.

## 8 partituras inspiradas pelos conselheiros pedagógicos:

---

### Linhas do Rio

*O rio não é apenas água,  
É um arquiteto de histórias,  
Uma dança infinita de possibilidades.*

**Os rios criam suas próprias linguagens e geografias, desenhando mapas que misturam memória e movimento. Esta partitura explora a relação entre o fluxo do rio e o fluxo interno de quem o observa.**

1. **Sente-se à margem de um rio ou imagine um fluxo de água:** Concentre-se no som e movimento.
2. **Desenhe com um graveto no chão:** Crie um mapa que combine as curvas do rio com memórias ou emoções que emergem enquanto você observa.
3. **Use elementos naturais:** Coloque pedras, folhas ou flores para simbolizar momentos de pausa, encontros ou bifurcações.
4. **Finalize:** Escreva uma reflexão curta sobre como o rio inspira movimento interno e apague lentamente o mapa, deixando que o rio leve a memória adiante.

## **Memórias no Vento**

*O vento, um viajante eterno,  
Sussurra segredos em línguas que esquecemos,  
Desperta o que está adormecido.*

**O vento é uma força invisível, mas poderosa, que conecta tempos e lugares. Esta partitura desafia o participante a transformar o invisível em expressão sensorial e poética.**

- 1. Escolha um lugar com vento perceptível:** Leve consigo um pedaço de tecido leve ou fitas coloridas.
- 2. Interaja:** Segure o tecido no vento e observe como ele se move. Imagine que esses movimentos são mensagens ou histórias.
- 3. Desenhe as “palavras” do vento:** No papel, traduza os movimentos em linhas e formas abstratas. Adicione palavras que expressem o que você sente.
- 4. Compartilhe:** Amarre o tecido em uma árvore ou poste para que o vento continue interagindo com sua criação.

## **Dança das Folhas**

*Cada folha é um poema,  
Uma dança escrita pelo vento,  
Um ciclo de vida que se desfaz e renasce.*

**As folhas que caem nos conectam com a transitoriedade da vida. Esta partitura convida a observar e se inspirar na leveza e nos movimentos espontâneos da natureza.**

- 1. Colete folhas caídas:** Escolha três que sejam diferentes em forma e textura.
- 2. Observe os movimentos das folhas:** Segure cada folha e deixe-a cair, observando sua trajetória.
- 3. Recrie essa dança:** Use gestos simples ou movimentos corporais para imitar o que viu.
- 4. Finalize com um gesto simbólico:** Coloque as folhas na água ou ao pé de uma árvore, como um ato de renovação.

## **Ecoss do Solo**

*O solo guarda segredos,  
Ecos de passos antigos,  
Raízes que contam histórias invisíveis.*

**A terra é um repositório de memórias e histórias, tanto humanas quanto não-humanas. Esta partitura é um convite para traduzir essas histórias em expressões visuais efêmeras.**

- 1. Escolha um pedaço de solo com textura interessante:** Observe suas cores, cheiros e padrões.
- 2. Desenhe diretamente na terra:** Use seus dedos ou um graveto para criar formas inspiradas no ambiente ao redor.
- 3. Adicione elementos naturais:** Incorpore folhas ou flores como parte do desenho.
- 4. Registre o momento:** Fotografe ou escreva sobre sua criação antes de deixá-la se fundir novamente ao solo.

## **Horizonte em Fragmentos**

*O horizonte é um quebra-cabeça,  
Um mosaico de memórias,  
Um convite ao desconhecido.*

**O horizonte não é apenas uma linha distante; ele reflete fragmentos de nossos próprios mundos internos. Esta partitura propõe criar horizontes usando elementos naturais e imaginação.**

- 1. Colete pequenos objetos naturais:** Como pedras, folhas ou pedaços de madeira.
- 2. Organize-os em uma linha no chão:** Crie um "horizonte" que represente um caminho, memória ou paisagem imaginada.
- 3. Adicione um contexto simbólico:** Posicione palavras ou pequenos desenhos junto aos objetos.
- 4. Conclua:** Fotografe ou escreva sobre o horizonte criado antes de devolver os elementos à natureza.

## **Raízes da Escuta**

*As raízes mergulham,  
Não apenas na terra,  
Mas no coração do silêncio.*

**As raízes são um elo entre o que está visível e o que está oculto. Esta partitura explora como o ato de escutar pode se transformar em expressão criativa.**

- 1. Encontre uma árvore com raízes expostas:** Toque-as suavemente e feche os olhos.
- 2. Escute em silêncio:** Imagine que as raízes têm uma voz. O que elas diriam?
- 3. Registre sua experiência:** Escreva ou desenhe sobre as mensagens ou emoções que emergem.
- 4. Deixe um tributo:** Enterre seu registro perto da árvore ou coloque-o entre as raízes.

## **Espelho das Águas**

*Nas águas,  
O reflexo não mente,  
Ele transforma.*

**As águas não apenas refletem; elas transformam. Esta partitura transforma o ato de observar reflexos em um diálogo poético entre o participante e o ambiente.**

- 1. Encontre um corpo d'água calmo:** Observe os reflexos na superfície.
- 2. Interaja com o reflexo:** Lance pequenas pedras ou mergulhe um galho, mudando temporariamente a imagem.
- 3. Crie uma resposta:** Escreva ou desenhe algo inspirado pela transformação do reflexo.
- 4. Compartilhe:** Guarde o registro ou deixe-o em um local próximo para que outros possam encontrar.

## **Trilhas da Luz**

*A luz caminha,  
Trazendo histórias invisíveis,*

*Escritas em gestos que dançam.*

**A luz desenha caminhos no espaço, revelando e escondendo formas. Esta partitura transforma a observação dessas trilhas em uma coreografia espontânea, conectando corpo, sombra e luz em um diálogo efêmero.**

- 1. Escolha um local ao amanhecer ou entardecer:** Observe como a luz cria sombras e linhas no chão ou nas superfícies ao redor.
- 2. Inicie a interação com o ambiente:** Posicione-se em um ponto onde sua sombra seja projetada. Observe como ela se funde às outras sombras ao redor.
- 3. Crie movimentos que sigam as linhas da luz e das sombras:** Use seu corpo para explorar as formas desenhadas, imitando curvas, retas e transições. Experimente variar a intensidade e o ritmo dos movimentos.
- 4. Adicione intenção:** Transforme cada gesto em uma resposta ao que você percebe na luz. Imagine que sua dança é uma conversa com o espaço e o tempo.
- 5. Finalize com um momento de imobilidade:** Escolha uma posição que represente o instante em que luz e sombra se encontram em equilíbrio. Fique nesse estado por alguns segundos, contemplando o que sentiu.

### **3 partituras para crianças (acima de 6 anos):**

---

#### **O Caminho das Formigas**

*As formigas marcham,*

*Em filas secretas,*

*Levando o mundo nas costas.*

**As formigas são pequenas exploradoras, construindo caminhos e transportando tesouros. Esta partitura convida as crianças a observarem essas pequenas criaturas e a criarem suas próprias histórias imaginativas sobre o mundo das formigas.**

- 1. Encontre as formigas:** Vá para um lugar onde você pode ver formigas trabalhando. Fique em silêncio para não assustá-las.
- 2. Siga seus caminhos:** Observe para onde elas vão e o que estão carregando. Elas

estão construindo algo?

- 3. Imagine uma história:** Pense que você é uma formiga. O que você carregaria? Para onde estaria indo?
- 4. Desenhe o mundo das formigas:** Crie um mapa ou uma história do que viu. Adicione linhas para os caminhos, símbolos para os “tesouros” e talvez até um castelo para a rainha das formigas!
- 5. Compartilhe sua criação:** Mostre seu mapa ou história para alguém e inventem juntos uma nova aventura no mundo das formigas.

### **Plantando Estrelas no Chão**

*As estrelas dormem na terra,  
Esperando suas mãos,  
Para voltar a brilhar.*

**As sementes são como estrelas, carregando vida em um pacote pequeno e mágico. Esta partitura convida as crianças a plantar com imaginação, transformando o simples ato de plantar em um gesto de cuidado e esperança.**

- 1. Pegue uma semente:** Encontre ou imagine uma semente especial e segure-a na mão como se fosse uma estrela.
- 2. Escolha o lugar perfeito:** Caminhe até encontrar um lugar que pareça mágico para plantar sua estrela. Pode ser perto de uma árvore ou em um vaso.
- 3. Plante a estrela:** Cave um pequeno buraco na terra, coloque a semente e cubra com cuidado, como se estivesse colocando um cobertor nela.
- 4. Faça um pedido:** Feche os olhos e deseje algo bom para a sua estrela.
- 5. Cuide da estrela:** Se puder, regue o lugar e volte sempre para ver se sua estrela começou a crescer.

### **A Música das Folhas**

*As folhas sussurram,  
Segredos do vento,  
Notas de uma canção invisível.*

**Cada folha tem sua própria música, feita pelo vento e pelo toque. Esta partitura incentiva as crianças a descobrir sons naturais e criar uma melodia única com**

## elementos simples da natureza.

1. **Encontre folhas no chão:** Pegue algumas folhas secas que já caíram. Não tire folhas das árvores!
2. **Ouçã as folhas:** Segure uma folha perto do ouvido e mexa devagar. Que som ela faz? É suave, áspero, ou parece um sussurro?
3. **Crie uma melodia:** Use diferentes folhas e experimente balançá-las, amassá-las levemente ou deixá-las cair no chão para fazer sons diferentes.
4. **Faça uma banda de folhas:** Convide amigos para criar mais sons com folhas. Juntos, toquem uma “música da floresta”!
5. **Devolva as folhas:** Quando terminarem, devolvam as folhas ao chão com cuidado, agradecendo pela música que elas deram.

## Partitura em honra à Ilha Cemitério:

---

### Cemitério das Águas

*As folhas caem em silêncio,*

*O rio as leva,*

*Como histórias que deslizam entre os dedos.*

*O ar guarda um nome,*

*O chão, um toque que não volta.*

**Esta partitura conecta o participante tanto aos elementos naturais que cercam a floresta quanto às memórias de alguém que partiu. Ao unir a força simbólica do Bailique com uma reflexão pessoal, a ação propõe um momento de luto e celebração, honrando a interdependência entre a perda individual e a memória coletiva.**

1. **Encontre um espaço natural:** Escolha um local com árvores, água ou raízes, que evoque calma e conexão com o ambiente.
2. **Selecione um elemento:** Pegue uma folha caída, um galho ou um pedaço de casca. Deixe que o objeto escolhido represente alguém que você perdeu ou deseja lembrar.
3. **Segure com intenção:** Feche os olhos e segure o objeto em suas mãos. Respire

profundamente e pense na pessoa ou memória associada a ela. Lembre-se de um momento, uma palavra ou um gesto compartilhado.

- 4. Caminhe com a memória:** Dê passos lentos pelo espaço, segurando o objeto como se o estivesse acompanhando. Imagine que a natureza ao seu redor está ouvindo sua memória.
- 5. Devolva ao ambiente:** Encontre um lugar onde você possa deixar o objeto, como a raiz de uma árvore ou a margem de um rio. Ao soltá-lo, diga em voz baixa ou em pensamento algo que deseja liberar ou agradecer.
- 6. Escreva ou desenhe (opcional):** Após a ação, sente-se por alguns minutos e registre em um caderno ou em qualquer superfície suas sensações, um pensamento ou uma imagem inspirada pelo momento.

### 3 Partituras em honra às vítimas da erosão:

---

#### **Terra Guardada**

*A terra cede,*

*O solo desliza,*

*Mas as memórias resistem,*

*Sua dádiva é precisa.*

*Preserve o chão,*

*Um punhado contém,*

*As histórias de onde o rio vem.*

**“Terra Guardada” é uma partitura que reflete sobre a fragilidade da terra frente à erosão e às mudanças ambientais, enquanto celebra a força simbólica das memórias associadas a ela. É um gesto íntimo de preservação e respeito, que transforma o ato de coletar solo em uma ação poética e política. Ao guardar um punhado de terra, os participantes reconhecem o valor do território perdido e criam uma ponte entre o que foi e o que pode ser.**

- 1. Escolha o local e o momento:** Encontre uma área onde a erosão seja visível, um espaço que reflita as mudanças e desafios enfrentados pelo território. Sinta o ambiente ao seu redor antes de começar.
- 2. Coleta simbólica:** Pegue um punhado de solo ou areia do local, permitindo-se perceber sua textura, peso e cheiro. Imagine as histórias e memórias que essa terra

carrega: quem pisou ali? O que cresceu ou aconteceu naquele chão?

- 3. Preservação:** Coloque o punhado de terra em um recipiente pequeno ou envolva-o com um pedaço de tecido. Este ato simboliza a preservação de algo que está desaparecendo, tornando-se um relicário de memórias e significados.
- 4. Registro:** Escreva uma nota curta ou desenhe algo que represente o que aquela terra significa para você ou para a comunidade — pode ser uma lembrança, um lar, um espaço de trabalho ou um marco natural.
- 5. Destino:** Escolha o que fazer com o recipiente. Ele pode ser guardado como um lembrete pessoal, enterrado em um lugar especial ou deixado em um espaço significativo como gesto de memória e respeito.

### **Terras Caídas**

*A terra parte, um lar desfeito,  
pelas águas, o mundo é refeito.*

*Na corrente, um lamento vai,  
mas a memória nunca se desfaz.*

**Esta partitura busca acolher a dor das perdas causadas pela erosão, ao mesmo tempo em que transforma esse lamento em um gesto de conexão e memória. Não é apenas um ato de observação, mas de respeito às histórias e vidas que foram levadas pelo rio, lembrando que a memória resiste mesmo quando o lar se vai.**

- 1. Reconheça:** Escolha um lugar à margem do rio onde a terra tenha sido levada. Observe o espaço, percebendo os rastros deixados pela erosão.
- 2. Recolha:** Pegue um pequeno punhado de terra com delicadeza, como se segurasse uma memória. Permita-se sentir sua textura e peso.
- 3. Crie:** Usando um galho ou os dedos, desenhe na terra um símbolo que represente resiliência ou lembrança, como uma casa, um círculo ou uma raiz.
- 4. Oferte:** Solte a terra suavemente no rio, acompanhando seu movimento enquanto ela é levada pela corrente. Sinta esse gesto como uma forma de honrar o que foi perdido.
- 5. Registre:** Escreva uma palavra ou frase curta que capture a essência do momento, ou fotografe o desenho que criou antes que ele desapareça.
- 6. Agradeça:** Em silêncio, reconheça a força das pessoas que enfrentaram a perda e

a capacidade da natureza de transformar o que foi levado em algo novo.

### **Sopro do Bosque**

*O bosque respira,*

*Ainda que levado,*

*Nas águas, um sonho sussurrado.*

*O vento carrega o que ficou,*

*Um eco vivo, que o tempo moldou.*

**Esta partitura transforma a memória do que foi a Escola Bosque em um gesto poético, centrado na interação entre o sopro humano e a não-humano. A ação conecta o participante ao fluxo da vida e ao impacto das mudanças climáticas de forma sutil, mas profundamente reflexiva.**

- 1. Escolha o lugar:** Encontre um espaço próximo à água, como um rio ou um lago, ou um lugar com árvores e vento perceptível.
- 2. Recolha o efêmero:** Pegue uma folha seca, uma pétala ou outro elemento natural leve que possa flutuar no ar ou na água.
- 3. Sobre a memória:** Segure o objeto próximo aos lábios. Feche os olhos e, por um momento, imagine a Escola Bosque como uma respiração da terra: circular, viva, acolhedora.
- 4. Libere ao vento:** Sobre suavemente o objeto para que ele flutue, permitindo que ele seja levado pelo vento ou pela água. Imagine que o sopro carrega o espírito do Bosque para longe, mas não para fora da memória.
- 5. Observe:** Fique em silêncio, seguindo com os olhos o movimento do objeto enquanto ele se afasta, percebendo como ele interage com o ambiente. Deixe que essa contemplação inspire reflexões sobre o impacto das mudanças climáticas e o valor das comunidades que vivem em harmonia com a natureza.
- 6. Finalize:** Antes de partir, escolha uma palavra ou frase curta que resuma o que sentiu durante a ação. Sussurre-a ao vento ou escreva-a em um pedaço de papel que possa ser deixado no ambiente como um tributo silencioso.

## Partituras inspiradas nos 7 sentidos do corpo:

---

### Sopro de Aromas (Olfato)

*O ar transporta segredos,  
Um perfume murmura histórias,  
Do chão ao céu,  
A floresta respira memórias.*

**Esta partitura direciona o olfato como um canal de conexão entre o humano e o não-humano. A ação propõe uma interação mais específica com os aromas do ambiente, explorando-os como mensagens poéticas que revelam o território e suas histórias.**

1. **Escolha:** Encontre um espaço natural com uma diversidade de plantas ou árvores. Pode ser uma trilha, um jardim ou a margem de um rio.
2. **Colete:** Recolha com cuidado três elementos naturais caídos no chão (como folhas, flores ou pedaços de casca) que chamem sua atenção pelo aroma. Evite arrancar materiais vivos.
3. **Inspire:** Cheire cada elemento profundamente, um de cada vez, e note como seu corpo reage a cada aroma. O que cada cheiro desperta em você?
4. **Conecte:** Combine os três elementos, segurando-os juntos em suas mãos. Imagine que esses aromas contam uma história comum. Que tipo de narrativa ou sentimento emerge dessa junção?
5. **Crie:** Usando um pedaço de barbante ou corda natural, amarre os elementos em um pequeno buquê aromático.
6. **Compartilhe:** Pendure o buquê em um galho ou deixe-o em um lugar especial como uma oferenda simbólica à floresta. Antes de partir, murmure um pensamento ou agradecimento pelo espaço e sua generosidade aromática.

### Luz que Dança (Visão)

*A luz dança em sombras,  
Refletindo histórias  
Que o mundo quer contar.*

**Esta partitura convida o participante a perceber a dança da luz e suas interações**

**com o ambiente. A luz se torna uma narradora silenciosa, revelando histórias e formas que só podem ser percebidas pela atenção cuidadosa.**

1. **Escolha:** Encontre um lugar onde a luz natural ou artificial crie sombras ou reflexos.
2. **Observe:** Perceba as formas criadas pela luz e acompanhe seus movimentos com os olhos.
3. **Imite:** Use as mãos para reproduzir as formas e movimentos das sombras, criando uma coreografia própria.
4. **Registre:** Capture o que viu em um desenho ou pintura abstrata que represente a essência da luz.
5. **Descubra:** Finalize olhando para o ambiente como se fosse a primeira vez, percebendo novos detalhes.

### **Toques da Terra (Tato)**

*A terra toca,*

*Em texturas e calor,*

*Contando segredos em silêncio.*

**Essa partitura transforma o tato em uma ferramenta para conectar-se profundamente com o solo e seus elementos. A interação tátil revela texturas e histórias guardadas pela terra, fortalecendo um sentimento de pertencimento e respeito.**

1. **Explore:** Encontre um lugar onde você possa tocar o solo, plantas ou pedras.
2. **Sinta:** Feche os olhos e passe as mãos lentamente sobre as superfícies, notando texturas, temperaturas e umidade.
3. **Descreva:** Tente verbalizar ou escrever o que sente sem abrir os olhos.
4. **Conecte-se:** Escolha um dos elementos explorados e mantenha as mãos sobre ele por 1 minuto, imaginando uma troca de energia.
5. **Agradeça:** Finalize abrindo os olhos e reconhecendo o elemento com um gesto de gratidão.

### **Sabores Invisíveis (Paladar)**

*O gosto da vida,*

*Na folha, no fruto,*

*Esconde histórias de onde vieram.*

**A partitura convida a um encontro profundo com o paladar, percebendo a história por trás dos alimentos. A experiência de saborear se torna um ato meditativo que celebra os ciclos naturais e humanos que possibilitam cada alimento.**

1. **Escolha:** Pegue um alimento natural, como uma fruta, uma folha ou água pura.
2. **Observe:** Antes de consumir, perceba atentamente a textura, cor e cheiro do alimento.
3. **Prove:** Coloque o alimento na boca sem mastigar ou engolir imediatamente, explorando os sabores lentamente.
4. **Imagine:** Reflita sobre o caminho que esse alimento percorreu até chegar a você, considerando quem o cultivou e transportou.
5. **Expresse:** Após consumir, escreva ou desenhe algo sobre a sensação que o alimento deixou em você.

### **A Sinfonia do Silêncio (Audição)**

*No silêncio,*

*Vozes sussurram,*

*Chamando atenção*

*Ao que quase não se ouve.*

**Esta partitura transforma o silêncio em música, treinando o participante a perceber os sons sutis que geralmente passam despercebidos. O ambiente se torna uma partitura viva, onde cada som contribui para uma experiência coletiva de escuta.**

1. **Escolha:** Encontre um lugar silencioso na natureza ou em um espaço fechado com pouca interferência sonora.
2. **Escute:** Feche os olhos e concentre-se em identificar os sons mais sutis que consegue ouvir.
3. **Reproduza:** Imita os sons que percebe usando sua voz ou objetos ao seu redor.
4. **Harmonize:** Combine esses sons com outros do ambiente, criando uma "sinfonia do silêncio".
5. **Silencie:** Finalize permanecendo em total silêncio por 1 minuto, ouvindo o que

mais surgir.

### **A Postura das Memórias (Propriocepção - Consciência Corporal Externa)**

*O corpo fala em curvas,*

*Em ângulos que contam histórias*

*De força e descanso.*

**Essa partitura convida o participante a experimentar diferentes posturas corporais, explorando como elas influenciam emoções e percepções. O corpo se torna um arquivo vivo, onde cada postura reflete uma memória ou estado emocional.**

- 1. Experimente:** Explore diferentes posturas: curvado, ereto, com braços abertos ou fechados.
- 2. Sinta:** Para cada postura, pergunte-se: “Como me sinto assim?” e “O que meu corpo está contando agora?”
- 3. Escolha:** Selecione uma postura que transmita força ou tranquilidade e mantenha-a por 1 minuto, respirando profundamente.
- 4. Registre:** Anote ou desenhe como essa postura influenciou seu estado emocional.
- 5. Reflexione:** Relembre como as posições do corpo podem contar histórias e influenciar sua percepção do espaço.

### **O Pulso do Corpo (Interocepção - Sensação Interna dos Órgãos)**

*Dentro do corpo,*

*Os rios fluem,*

*Batem, vibram e ecoam*

*Como uma música invisível.*

**Esta partitura explora os ritmos internos do corpo, como a pulsação e a respiração, conectando-os à música da vida. O participante é convidado a perceber sua própria interioridade como parte de uma sinfonia universal.**

- 1. Acomode-se:** Sente-se confortavelmente e coloque as mãos sobre o peito ou abdômen.
- 2. Respire:** Feche os olhos e perceba o ritmo do coração e da respiração.

- 3. Imagine:** Visualize o som do seu coração como um tambor que conduz uma melodia interna.
- 4. Movimente-se:** Use as mãos ou os pés para acompanhar o ritmo do coração, criando sons ou movimentos repetitivos.
- 5. Integre:** Finalize conectando o ritmo do corpo ao som do ambiente ao redor, reconhecendo a harmonia entre o interno e o externo.

### **3 partituras para mover o corpo de dentro e o corpo de fora:**

---

#### **O Ritmo da Respiração**

*A respiração é um rio,  
um fluxo que conecta,  
corpo, mundo e tempo.*

**Respirar é um ato vital que conecta o interior do corpo ao ambiente externo. Esta partitura transforma a respiração em um movimento artístico, permitindo que os participantes explorem sua relação com o mundo ao redor.**

- 1. Encontre um espaço tranquilo:** Sente-se ou deite-se em uma posição confortável.
- 2. Observe sua respiração:** Feche os olhos e perceba o ritmo natural do ar entrando e saindo.
- 3. Conte:** Inspire contando até 4 e expire contando até 6, alongando suavemente o tempo de expiração.
- 4. Crie movimentos suaves:** Deixe sua respiração guiar pequenos gestos com as mãos, braços ou cabeça, como se seguisse o fluxo de um rio.
- 5. Finalize com um gesto pleno:** Abra os olhos e transforme os movimentos em um pequeno ritual de agradecimento ao ar e à conexão que ele traz.

#### **O Círculo Invisível**

*O corpo desenha círculos,  
Linhas que ecoam no espaço,  
Traçando histórias sem palavras.*

**Movimento é expressão. Esta partitura utiliza o corpo como ferramenta para**

**criar círculos invisíveis no ar, simbolizando ciclos e continuidade, enquanto desafia o participante a usar gestos como linguagem.**

1. **Prepare-se:** Fique em pé em um espaço aberto ou confortável.
2. **Inicie o movimento:** Use um dedo para desenhar círculos imaginários no ar. Sinta a suavidade do traço.
3. **Expanda:** Gradualmente, envolva o braço inteiro, depois o tronco, até que o círculo mova todo o corpo em um ritmo contínuo.
4. **Experimente diferentes ritmos:** Altere o tamanho, velocidade e direção dos círculos. Imagine que cada variação conta uma história ou expressa uma emoção.
5. **Finalize com um gesto de equilíbrio:** Retorne ao centro, feche os olhos por um momento e sinta os ecos do movimento.

### **Passos do Vento**

*O vento caminha em silêncio,  
Guiando pés e pensamentos,  
Em trilhas que não vemos.*

**O vento é movimento invisível, mas tangível. Esta partitura transforma o caminhar em um diálogo com o vento, desafiando o participante a criar trajetórias improvisadas inspiradas pela natureza ao redor.**

1. **Sinta o vento:** Encontre um lugar ao ar livre. Feche os olhos por um momento e perceba a direção e intensidade do vento.
2. **Caminhe com intenção:** Deixe que o vento guie seus passos. Caminhe em curvas, linhas ou círculos, como se seguisse um mapa imaginário desenhado por ele.
3. **Adicione gestos:** Use os braços para complementar os movimentos, imitando o fluxo e os redemoinhos do vento.
4. **Incorpore pausas:** Pare em momentos específicos, como se estivesse ouvindo o vento contar um segredo, e depois continue.
5. **Finalize criando uma linha imaginária:** Olhe para trás e imagine a trilha que seus passos criaram, visualizando-a como um caminho único que o vento ajudou a desenhar.

## Partitura em honra aos barqueiros:

---

### Rios que Navegam

*Entre águas e margens,  
Onde o silêncio carrega segredos,  
Os barqueiros desenham caminhos,  
Navegando sonhos que não se perdem.*

**Esta partitura celebra o ato de navegar, honrando o conhecimento intuitivo e a conexão profunda que os barqueiros possuem com os rios. É uma reflexão sobre a fluidez do movimento e a harmonia entre humano e natureza.**

- 1. Conecte-se ao ritmo do rio:** Encontre um lugar tranquilo próximo a um rio ou riacho. Feche os olhos e ouça o som da água, sentindo seu ritmo como se fosse o pulsar de um coração.
- 2. Crie uma jornada simbólica:** Pegue um pedaço de madeira ou uma folha grande que flutue. Com cuidado, coloque-a na água e observe como ela segue o fluxo.
- 3. Acompanhe com o olhar:** Caminhe ao longo da margem, seguindo o movimento da folha. Imagine-se no lugar do barqueiro, guiando-se pelos sinais da correnteza e do vento.
- 4. Deixe um traço:** No chão, próximo à margem, desenhe com um graveto ou com os pés a rota imaginária que você percorreu. Cada curva é uma história, cada linha uma memória.
- 5. Honre o rio:** Antes de partir, toque a água com a ponta dos dedos, em um gesto de gratidão pela sua sabedoria e pelas vidas que sustenta.

## 3 Partituras para a cura:

---

### O Sopro da Floresta

*No sussurrar das folhas,  
Há um canto que acalma,  
Um abraço invisível,  
Mas profundamente sentido.*

**As florestas são lugares de regeneração emocional, onde o vento, as árvores e os sons criam um ambiente de cura. Esta partitura convida o participante a se dissolver na presença da floresta, permitindo que ela acolha e reequilibre a mente.**

- 1. Encontre um refúgio verde:** Vá até uma floresta, jardim ou qualquer espaço com gratidão, plantas e árvores. Sente-se ou deite-se confortavelmente no chão.
- 2. Escute os sussurros:** Feche os olhos e ouça o som das folhas movidas pelo vento. Deixe o ritmo desses sons guiar sua respiração, inspirando profundamente e expirando lentamente.
- 3. Sinta-se árvore:** Imagine que você é uma árvore. Suas raízes tocam a terra, seus galhos alcançam o céu. Permita que o vento passe por você, levando embora pensamentos pesados.
- 4. Toque a cura:** Coloque uma mão no tronco de uma árvore próxima e outra no próprio peito. Sinta a força da árvore enquanto percebe sua própria respiração. Imagine que ela transfere calma para você.
- 5. Deixe um gesto de gratidão:** Coloque algo simbólico próximo à árvore, como uma folha caída ou um pequeno galho, em sinal de conexão e agradecimento.

### **O Caminho das Águas**

*A água é mãe,  
Molda o que é rígido,  
Acaricia o que é ferido.*

**A água tem o poder de purificar, relaxar e reequilibrar o corpo. Nesta partitura, o participante se conecta às águas como forma de acolher e transformar a dor física ou a rigidez do corpo.**

- 1. Aproxime-se de uma água corrente:** Um rio, lago ou até mesmo um recipiente com água. Coloque suas mãos na água e sinta sua temperatura e movimento.
- 2. Mova-se como água:** Imitando o fluxo da água, mova suavemente as mãos, braços e corpo. Sinta as tensões sendo dissolvidas no movimento fluido.
- 3. Lave a dor:** Se possível, lave suavemente uma parte do corpo que sinta desconforto com a água. Imagine que ela está levando embora a dor ou rigidez.
- 4. Sinta o abraço da água:** Toque a superfície da água com os pés ou mãos e

permaneça por alguns minutos, percebendo como ela acolhe sem resistir.

- 5. Finalização simbólica:** Solte na água uma folha ou flor, simbolizando o que você está entregando à cura da água.

### **Florescer do Coração**

*O coração partido é semente,*

*Partido para germinar,*

*Florescendo onde menos se espera.*

**O coração encontra cura quando se conecta com o ciclo de vida da natureza — flores que brotam, folhas que caem, sementes que germinam. Esta partitura transforma a dor da perda em um gesto de florescimento.**

- 1. Recolha uma semente ou flor caída:** Encontre uma semente ou uma flor que chame sua atenção. Segure-a nas mãos e observe-a como se fosse um espelho do seu coração.
- 2. Converse com a semente:** Em voz baixa ou em pensamento, conte à semente ou flor o que está em seu coração. Permita-se ser vulnerável.
- 3. Prepare um lugar para o plantio:** Escolha um local onde possa plantar essa semente ou deixar a flor. Sinta o solo e imagine que ele é uma extensão do seu próprio coração.
- 4. Plante ou devolva ao chão:** Coloque a semente na terra ou deixe a flor repousar sobre o solo. Ao fazer isso, visualize sua dor se transformando em algo novo e vivo.
- 5. Retorne ao ciclo:** Volte a esse lugar ocasionalmente, ou simplesmente carregue consigo a ideia de que cada dia é parte do florescimento. Sinta-se parte do mesmo ciclo que regenera a natureza.

### **Partitura inspirada pelo rio:**

---

#### **Fluxo Vivo**

*Eu sou o rio,*

*Fluindo entre margens e histórias,*

*Desenhando o mundo em suas curvas,*

*Carregando o tempo em seu ritmo.*

**O Rio Amazonas não é apenas água; é memória e movimento, resistência e urgência. Esta partitura convida o participante a se tornar o rio, mergulhando em sua essência com gestos simples, mas carregados de significado.**

- 1. Sente-se na margem:** Escolha um espaço tranquilo próximo a um rio, lago ou riacho. Se não for possível, imagine-se à beira do Rio Amazonas. Respire fundo e ouça os sons ao seu redor.
- 2. Seja o fluxo:** Feche os olhos e imagine-se sendo o rio. Sinta o movimento da água dentro de você — lento, contínuo, às vezes turbulento. Deixe seus braços seguirem esse fluxo, mesmo que permaneçam no lugar.
- 3. Desenhe no ar:** Levante uma mão e mova-a como se estivesse desenhando as curvas do rio no ar. Siga o ritmo que sente, criando trajetórias invisíveis.
- 4. Encontre sua voz de rio:** Sussurre, murmure ou crie sons com a boca que imitem o movimento da água. Não busque perfeição; deixe os sons emergirem como um diálogo com o ambiente.
- 5. Devolva ao ambiente:** Toque a terra ou a água ao seu redor, como um gesto de gratidão. Imagine que você está devolvendo ao rio algo de você — uma palavra, uma memória, um desejo — e deixe que ele a leve.
- 6. Permaneça:** Fique em silêncio por um momento, sentindo-se parte do fluxo maior. Observe como o rio continua mesmo sem você, como um lembrete de sua força e autonomia.

**Partitura em honra às mulheres vítimas de escarpelamento:**

---

### **Fios da Esperança**

*Nos portos, chegam histórias,  
Tecidas de dor e coragem,  
Abrigo que acolhe o silêncio,  
E transforma ausência em laços vivos.*

**Esta partitura busca honrar e refletir sobre a luta e resiliência das mulheres**

**vítimas de escarpelamento, enquanto conecta o participante à importância da solidariedade e da ação coletiva. É um convite para transformar gestos simples em símbolos de apoio e conscientização.**

- 1. Encontre um fio simbólico:** Procure um galho flexível, uma tira de folha, ou mesmo um pedaço de tecido leve que o ambiente lhe oferecer.
- 2. Trance com o tempo:** Segure o fio em suas mãos e, com calma, torça ou trance, imaginando que cada movimento carrega histórias de força e superação.
- 3. Ofereça ao vento:** Amarre o fio em um galho de árvore ou deixe-o flutuar em um ponto de água corrente, permitindo que ele leve consigo sua intenção de apoio e respeito.
- 4. Deixe palavras suspensas:** Murmure uma palavra ou frase breve, algo que deseja enviar como gesto de solidariedade para quem enfrenta desafios invisíveis.
- 5. Permaneça em silêncio:** Observe por um momento o fio em movimento, sentindo o entrelaçar das suas ações com o mundo ao redor.

**Nota:** Para transformar gestos em ação, considere apoiar a **Associação de Mulheres Ribeirinhas e Vítimas de Escarpelamento do Amapá**. Sua contribuição ajuda a manter viva a rede de acolhimento e reconstrução para quem mais precisa. Mais informações pelo telefone **(96) 99129-8832**.



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 105

## **TEM UMA BIXA MACUMBEIRA NA BARCA** - AFETOS INTERSECCIONAIS E AFETAÇÕES POLÍTICAS

Rodrigo Abreu

Sou Rodrigo, uma bixa NB, nascida e crescida no Méier, subúrbio da ZN do Rio de Janeiro, uma quarentona ativista, pesquisadora, performer, diretora de arte e arte educadora. Cresci com orientação católica por parte da família materna, de imigrantes portugueses vindos para o Brasil no início do século XX, e com vivência de umbanda e candomblé por parte da família paterna, formada por uma miscigenação eugênica de pessoas indígenas, negras, italianas e portuguesas. Estudei no fundamental 1 em escola de freiras sem cumprir os ritos desta religião cristã, pois cresci frequentando a umbanda e praticando esta fé nas giras na casa de minha avó paterna, Dona Esther. Mais tarde, já pré-adolescente, com a feitura de minhas primas no candomblé, me aproximei também dessa religião.

Tanto na umbanda como no candomblé, preparamos oferendas - alimentos, bebidas e presentes -, para nossos guias e divindades espirituais, no intuito de agradecer, pedir,

louvar, saudar. Essa prática religiosa encontrou meu fazer artístico quando passei a investigar a ritualidade das ações performativas e os impactos socioemocionais que essas ações promoviam em minha vida e na vida das pessoas que se relacionaram comigo como parceiras de trabalho e como participantes nas 14 *performances oferenda* realizadas desde 2013, para Orixás, Santos, guias espirituais, familiares, amigos e amigas.

Atuar como arte educadora, como professor performer, tornou-se, a partir destas experiências performativas, uma prática artista contínua, de fortalecimento de fé na arte e na vida, uma ação contínua de promoção de consciência, respeito e responsabilidade política, de cuidado e cura socioemocional e de empoderamento pessoal e coletivo.

Neste cruzamento entre arte e espiritualidade, atuar como performer e educador passou a ser compreendido por mim como um ato de *cambonagem*. Para contextualizar, evoco a definição de *pesquisador cambono* elaborada no livro *Fogo no Mato - A ciência encantada das macumbas*, de Luiz Antônio Simas e de Luiz Rufino (2019), do qual destaco este trecho:

Existe uma máxima entoada nos terreiros versada na seguinte sentença: “o cambono é quem mais aprende”! Essa expressão pode variar de lugar para lugar, porém mantém, conservado o mote de que os aprendizados, as tessituras de saberes se dão em meio às circulações das experiências cotidianas. (...) Assim, o cambono é uma espécie de auxiliar de pai de santo e das próprias entidades que, ao mesmo tempo, atua como um “faz tudo” no terreiro: ele varre o salão, acende o cachimbo da vovó, sustenta os versos nos corredos, organiza a assistência, auxilia os consulentes, despacha a entrada, opera como tradutor nas consultas, registra o receituário, toma bronca e é orientado. Sem delongas, o cambono firma ponto e segura a pemba em um terreiro. A figura do cambono como símbolo que compreende uma série de fazeres/saberes é potente para pensarmos a atitude do pesquisador que se orienta pelos saberes assentados nas epistemologias das macumbas. O cambono é aquele que se permite afetar pelo outro e atua em função do outro. No desempenho de suas atividades, participa ativamente das dinâmicas de produção e circulação de saberes. Assim o cambono é aquele que opera, na interlocução, com todas as atividades que precedem os fazeres/saberes necessários para as aberturas de caminhos. (Simas; Rufino, 2019, p. 37)

Neste rito de *cambonagem* é que tenho localizado meu fazer arte-educacional, cambono quando conduzo processos formativos/criativos de outras pessoas,

cambono quando realizo minhas próprias criações artísticas e ativistas.

Feita esta introdução, estão postos os caminhos encruzilhados que compõem a reflexão sobre os encontros e desencontros relacionais que desejo realizar aqui, ao relatar os ensinamentos e desafios socioemocionais que se apresentaram diante da proposta de convivência interseccional que, ao meu ver, fundamenta o axé do projeto Tecno Barca.

A partir daqui proponho um mergulho na correnteza das memórias de dois momentos em que estive presencialmente no Bailique, naquelas terras que bailam em águas doces do rio Amazonas quando este faz seu *date* aquático com o salgado oceano Atlântico.

Observarei as relações interpessoais estabelecidas entre o grupo de artistas convidados/selecionados, a equipe do projeto e as pessoas/comunidades residentes no arquipélago, nas edições de 2019 e 2022, levando em consideração o contexto político do país nas duas ocasiões e o impacto direto e indireto deste cenário social nas relações ali estabelecidas.

Como conviver com diversas *cosmopercepções* de mundo pode impactar na criação de relações que subvertam a polarização político-ideológica que balança a estrutura democrática do país?

### **Dona Cidalina - a Velha Senhora (2019)**

Desde a primeira edição do Tecno Barca desenvolvi imenso carinho pelo projeto por compreender a grandeza arte-educativa de sua proposta e por admirar muitas das pessoas envolvidas em sua realização - artistas, pesquisadores, educadores, produtores -, de diversas regiões do país e do mundo.

As fotos nas redes sociais da primeira e segunda edição, as histórias contadas após a experiência, o lindo livro que guardo até hoje produzido com registros belíssimos das ações realizadas no Bailique em 2012, com imagens dos territórios, das pessoas, das ações impressas de um lado e com textos do outro, em páginas soltas como cartões postais performativos.

Tudo isso me instigava a também bater meu cabelo no alto dessa barca. Era um desejo antigo fazer parte desta experiência artística, pedagógica e social. Mas a gira da primeira ida se deu entre 19 e 30 de Julho de 2019, quando embarquei na Tecno

Barca pela primeira vez. Na ocasião em que me inscrevi para participar da terceira edição do projeto, morava em São Paulo e trabalhava como educador de Direção de Arte no Instituto Criar, uma instituição social sem fins lucrativos com mais de 20 anos de atuação, que oferece formação técnica em audiovisual para jovens de 17 a 21 anos, vindos de várias periferias da cidade de São Paulo e de Osasco.

Com um curso de um ano de duração, na época iniciado no segundo semestre de 2018, acompanhamos a Turma XV ao longo de todo o processo eleitoral que elegeu no final deste ano para a presidência um “mito” da extrema direita radical no Brasil, em contraponto a isso, o instituto contava com mais de 70% de seus estudantes autodeclaradas pessoas pretas e pardas, muitas destas LGBTQIAPN+. Justamente as comunidades explicitamente atacadas nos discursos de ódio do presidente eleito.

Para jovens que haviam crescido durante anos de governo de esquerda, que firmaram suas identidades nas ocupações das escolas municipais, nos movimentos sociais e nos instrumentos públicos de cultura, o cenário político apavorava por completo. Neste contexto desafiador de ansiedades, pânico, ideias suicidas, violências e abusos familiares, de insegurança alimentar, de intolerância religiosa, preconceitos sociais, de carência das necessidades básicas, à cambonagem criativa que ali realizava precisou se somar noções práticas de mediação de conflitos, acolhimento socioemocional, psicoeducação e assistência social.

Assim, cheguei no amanhecer do dia 19 de Julho ao Bailique, carregando na descida do barco uma pulsão ativista, uma ansiedade criativa e uma vaidade sudestina. E também uma felicidade profunda de poder estar pela primeira vez no Norte do Brasil, selecionado para participar de um projeto que admirava desde 2012, e podendo oferecer ali minhas performances como um rito de cura artística, longe da responsabilidade de cambonar em sala de aula tantas outras vidas além da minha. Um artista, professor e ativista exausto, mas esperançoso.

Como ação criativa, propus realizar no dia 26/07, data em que se celebra no Brasil a orixá Nanã, uma performance oferenda para a yabá mais velha, dona do barro da vida, portadora da chave entre os mundos, rainha das beiras de águas doces, dos mangues, cuidadora das águas paradas, das mágoas, das más águas.

Para *incorporar* criativamente a *demanda* de realizar esta ação performativa, propus buscar nas comunidades as mulheres mais velhas, para poder conversar com elas sobre vida e morte, sobre ancestralidade, sobre as memórias locais e sobre as “terras caídas” - fenômeno ambiental que carrega nas águas do rio as beiradas das comunidades,

levando consigo as construções e vidas daquelas populações ribeirinhas.

Foi em busca dessas conversas que na comunidade de Carneiro, onde realizei a ação Salubá Nanã, conheci Dona Maria do Rosário que, antes do exército chegar em meados dos anos 60 para registrar em cartórios improvisados a população, se chamava Cidalina. Na comunidade ainda era conhecida pelos dois nomes. Nascida no Arquipélago do Bailique, Dona Cidalina tinha na ocasião 67 anos.

Ao procurar a mulher mais velha dali, fui encaminhado até sua casa, que tinha uma varanda na frente, uma sala, um quarto e uma cozinha com banheiro ao fundo. Ressabiada ela nos recebeu depois de batermos palmas em seu portãozinho de madeira. Junto a mim naquela manhã estavam mais dois artistas do projeto, Dig Ferreira (SP) e Napoleão Guedes (AP).

Aqui vale uma ressalva. Chegando no Arquipélago do Bailique, que fica a 15 horas de barco saindo de Macapá e subindo rio acima, era possível ver em algumas casas, imagens em apoio ao presidente eleito. Também era possível perceber na Vila Progresso, comunidade onde ficamos hospedados, ao menos três igrejas evangélicas no percurso até a casa onde permanecemos ao longo de toda a estadia.

Faço essa suspensão aqui para contextualizar que, já na chegada, entendi que a proposta de realizar uma *performance oferenda* para uma orixá ali poderia ser um tanto desafiadora, por motivos de ignorância e intolerância religiosa. Por não praticar uma religião que se pretende a ser evangelizadora, optei por, ao contar sobre a ação, destacar as camadas temáticas que pudessem promover conexão, evitando assim entregar de cara o canal simbólico do candomblé pelo qual evocaria as memórias de minha avó Esther e de sua ancestralidade indígena, ao devolver ao rio uma fotografia dela quando jovem na beira de outro rio, nas bandas de Cachoeira de Macacu, no RJ, onde nasceu.

Para manter o segredo, o sagrado religioso seria referenciado apenas durante a realização da ação artística, nos trajes e adereços, na lama da beira e em minha oração silenciosa e meditativa onde clamaria à velha Nanã para levar uma mensagem para as minhas ancestrais.

Dona Cidalina era cristã, assim percebemos quando ela nos contou que não gostava de mexer com lama, ervas e sementes, pois o pastor dizia que essas “coisas de índio” não eram divinas. Discordamos, mas nos respeitamos. E ainda que ressabiada com nossa presença, ela parecia gostar de receber nossa visita surpresa em sua casa, pois

nos convidou para entrar e topou que passássemos o dia com ela.

Eu disse que gostaria de conversar com ela sobre a história do lugar, por ser a mulher mais velha daquela ilha, Ihe disse também que gostaria de homenagear minha avó já falecida em um ação artística na semana seguinte, e que rezaria na beira do rio para minhas ancestrais, pedindo por guiança e proteção em minha vida. Expliquei que, para isso, estava em busca de conversar com as mais velhas daquele lugar, era um pedido de licença e também uma forma de aprender com elas já que não tinha mais minha avó encarnada para me ensinar sobre a vida e a morte, sobre a lama movediça que leva pra dentro da terra, tudo que morre na beira d'água. Não precisei contar sobre Nanã de imediato, pois ela estava presente ali em sua forma mais pura, na sabedoria da velha natureza, na ponte de comunicação estabelecida com Dona Cidalina.

Ela topou a conversa e, em agradecimento, nos propusemos a utilizar nossa verba diária de alimentação para abastecer sua casa com alimentos e água compradas na única vendinha de sua comunidade. Cozinhamos junto com ela e almoçamos sentados no chão de sua sala.

Durante este *rito* performativo, fomos ficando mais íntimos, criando vínculo nas intersecções de nossas naturezas. Depois do almoço, começamos a contar sobre nossas ações artísticas enquanto eu bordava com miçangas que levei comigo sua blusa branca de festa que escolhemos juntas em seu armário. Um traje que ela usaria no culto ou em uma ocasião especial. Dig a desenhava com nanquim utilizando a boca como suporte do pincel para melhor observá-la e Napô trançava as memórias da conversa em fios de lã vermelha, parte da ação que também estava a realizar.

Dona Cidalina nos contou que morava só desde que seu marido faleceu de afogamento no rio, tinha quatro filhos e quatorze netos, todos residentes na comunidade. A ilha quase inteira era morada de sua família. Assim são muitas das comunidades de lá. Pouco a pouco, ao lembrar das histórias do passado da ilha, as encantarias começaram a aparecer para nos saudar. Nos contou que a cobra Sofia era a responsável pelas terras caídas, nos contou sobre a sabedoria de algumas ervas e folhas, falou de seu amor pelas matas e dos muitos mistérios do lugar. Também revelou que havia perdido os movimentos da parte esquerda de seu corpo, razão pela qual segurava constrangida o braço paralisado em uma pose quando chegamos, buscando disfarçar sua deficiência. Naquele momento ela já se sentia à vontade para se vulnerabilizar para as três *bixas estranhas*, para as três pessoas, artistas, sentadas em sua sala, ouvindo atentas cada palavra sua.

Senti que ali era um momento seguro e justo para também me vulnerabilizar. Lhe contei então sobre Nanã em agradecimento a sua confiança, compartilhei minha fé contando quem era essa orixá a quem eu dedicaria minha arte como oferenda. Ela achou curioso, mas ficou mesmo tocada pela homenagem que eu fazia à minha avó. Dona Cidalina se reconheceu no arquétipo da velha senhora, avó, matrona, que também era ela, a mais velha daquela terra úmida onde residia no barro da beira do rio com a maior parte de sua farta família.

Na semana seguinte, no dia da ação, Dona Cidalina saiu de casa para observar a oferenda artística. Não sei se ela contou para mais alguém sobre nossas conversas, mas entre nós, havia um segredo compartilhado no olhar. Ela sabia. Havia entre nós um respeito carinhoso, conviviam em paz a crença dela e a minha.

Em 2022, em minha segunda participação no projeto, pós pandemia que levou muitas vidas, voltei para revê-la temendo não mais a encontrar. Mas lá estava ela. Lembrou-se de mim depois que lhe refresquei a memória, me mostrou a blusa bordada e bem cuidada, relatou que se cuidou com ervas durante a covid e que havia se curado antes mesmo da vacina chegar. Comemorei meu aniversário durante essa edição do projeto e foi com biscoitos amanteigados com goiabada que ela estava vendendo, e que encomendei assim que comi o primeiro, que decorei a mesa da festinha que fizemos por lá.

### **Seu Antônio - O professor (2019)**

De acordo com a dinâmica de hospedagem proposta pela produção na terceira edição do Tecno Barca em 2019, artistas e equipe que somavam um grupo de aproximadamente 20 pessoas, foram divididas em duas casas alugadas na Vila Progresso, que é uma das maiores comunidades do arquipélago. A disponibilidade de luz elétrica é algo raro nas ilhas, por isso mesmo, no período em que estivemos por lá fizemos uso de geradores por algumas poucas horas do dia para garantir a retirada de água do rio para abastecer as caixas onde, decantado o barro, tínhamos água para usar no banho e no vaso sanitário. Na casa onde fiquei hospedado, essa logística dependia da vazante e da enchente do rio, que variava de acordo com o ciclo lunar. Assim, em alguns dias de nossa estadia, não tínhamos água suficiente para atender nossas necessidades, já que nem sempre estávamos na Vila na hora ideal para puxar a água. Para beber e cozinhar, usamos água filtrada de galões trazidos pela produção lá de macapá e o banho, a gente tomava no rio quando a água faltava.

Por uma questão logística, na casa localizada na parte mais central da Vila ficaram os materiais de trabalho, alimentos a serem repostos e a maior parte da equipe técnica do projeto. Na outra casa, um pouco mais distante do centro, ficamos em um grupo de 7 a 8 pessoas, que por um acaso ou por um alinhamento do destino, eram todas LGBTQIAPN+. Ali, nessa comuna queer formada de forma espontânea e bastante diversa em personalidades e comportamentos, convivemos surpreendentemente bem ao longo de todos os dias do projeto, dividindo afazeres alimentares e de limpeza e a gestão do espaço. Compartilhamos nossos processos criativos e afetivos e fomos ocupando a casa como uma grande instalação artística, deixando a mesma repleta de desenhos, escritos em giz nas paredes e materiais de trabalho pendurados para facilitar a localização dos mesmos nos momentos de escuridão da noite, evitando acidentes e o acúmulo de insetos e outros animais da mata que com a gente também residiam lá.

Em uma das primeiras manhãs nesta casa, estava sentado na varanda costurando algo para uma das ações artísticas e Dig preparava tinta com urucum para produzir suas pinturas, quando chegou um senhor na casa ao lado, que era ligada à nossa por uma ponte suspensa. Ele, Seu Antônio, tinha cabelos grisalhos presos em um rabo de cavalo curto, usava óculos escuros e curioso, nos cumprimentou perguntando de onde nós éramos. Conversamos um pouco e a primeira conexão se deu pelo nosso fazer profissional comum. Ambos professores, de férias. Eu, do Instituto onde dava aula em São Paulo, ele, da Escola Bosque, a primeira escola da floresta da região, conforme nos contou.

Nosso vizinho foi bastante solícito neste primeiro encontro e não demonstrou desconforto com nossa visível diferença perceptível nos trajes, gestos e cultura.

Mais tarde, ao encontrarmos os residentes da outra casa, saberíamos que nosso vizinho simpático era um orgulhoso “bolsonarista” com falas bem complicadas, o que me deixou um tanto surpreso, haja visto que eu e Dig somos visivelmente *bixas pintosas*, igualmente orgulhosas de sermos quem somos, e que ele fez questão de nos cumprimentar sem antes nos julgar por isso como, imagina-se, um bolsonarista faria.

Ao longo de nossa estadia, a presença desse bando LGBT parecia desagradar muitos dos moradores da Vila. Em uma das noites, enquanto passávamos pela porta de uma das igrejas, o pastor durante o culto disse nos olhando que o diabo vestia saias e andava por ali. Parte da igreja olhou para trás para nos ver passar. Dig estava de saia. O diabo éramos nós, os artistas e educadores, as pessoas LGBT’s.

Além deste, foram muitos os momentos de tensão lgbtfóbicos. Fomos perseguidos no escuro à noite enquanto voltávamos para casa, ameaçaram colocar fogo na casa de madeira com a gente dentro, algumas famílias pediam para que as crianças entrassem ao nos ver passar, outros entoavam xingamentos enquanto passavam por nós, muitos riram e debocharam de nossa presença.

No dia seguinte à violência do pastor contra nós, encontramos novamente seu Antonio e eu contei à ele o que havia acontecido, disse que estava triste e expliquei que não havia intenção de *enviadecer* ninguém ali, ao contrário, o objetivo era colocar em jogo um convívio respeitoso entre as diferenças e ofertar saberes de arte e educação vindos conosco de outras terras. Ele explicou que ali era assim mesmo e que também sentiu resistência da população local quando chegou na região pela primeira vez, mas que depois que assumiu a função de professor, todos passaram a lhe respeitar.

Seu Antônio tinha muito orgulho de sua profissão, era um orgulhoso professor e me tratava com igual respeito, aparentemente sem temer minha *viadagem*. Disse que conforme fôssemos fazendo o nosso trabalho, as pessoas passariam a confiar. Disse para ter um pouco de paciência, minha mãe também diz isso. Eu agradei sua orientação.

Nesta mesma noite ficamos sem água suficiente para tomar banho e estávamos repletos de lama, por conta de algum experimento que havíamos feito em outra comunidade, não me recordo exatamente o quê. Sei que nos banhamos no rio, mas estávamos ainda com urucum e lama. Seu Antonio sabendo disso convidou a mim e a Dig para tomarmos banho em sua casa.

Considerando os padrões de masculinidade associados a seu posicionamento político, convidar duas *bixas*, segundo o pastor demoníacas, para tomar banho no banheiro da casa onde morava sozinho, numa vila que tinha aproximadamente 1000 pessoas residentes e onde todos sabem de tudo, não era algo de se esperar. Mas considerando o contexto político do Brasil, nada é óbvio e tudo é complexo. E assim ele fez, nos convidou e nós aceitamos.

Em retribuição, levamos para ele uma garrafinha de *caninha da serra*, pois à noite sempre o víamos tomando seu *quente*, voltando *brisado* para casa. Era período de férias da escola, ele novamente ressaltou quando recebeu nosso presente, pois não bebia em período escolar. Não me pareceu completamente verdade o que dizia, mas não vinha ao caso julgá-lo. Ele então fez questão de que bebêssemos junto a ele e nos ofereceu um saquinho de amendoim para cada.

Ali, antes e depois do banho, Seu Antônio nos mostrou sua casa acumulada de objetos, um tanto bagunçada, mas onde ele parecia saber muito bem como se localizar. Nos mostrou um álbum de fotos de sua família, nos contou de como chegou até lá, falou da saudade da filha e, com a bebida, foi deixando vazar uma solidão profunda de um senhor forte, mas de coração mole, que na ocasião aparentava ter uns quase 70 ou um pouco mais.

Nesta noite, criamos um vínculo. Ele nos contou suas histórias e queria saber diariamente das outras ilhas onde tínhamos ido e das ações artísticas que estávamos a realizar por lá. Tomamos banho outras vezes na sua casa e numa noite em que percebi que alguém estava a andar embaixo da palafita onde estávamos dormindo com a lanterna acesa, ele me deu de presente um canivete afiado, falando que na covardia podiam vir atrás da gente e que era importante saber se defender, me ensinando como portar e usar a pequena faca afiada. Disse a ele que não gostava de armas e ele me respondeu que tudo bem, mas para ficar com ela, por que eu poderia precisar.

Na complexidade desta relação, entre uma bixa e um bolsonarista, nos conectamos para além do romantismo que neste relato pode se sobressaltar. Havia da minha parte plena consciência política da complexidade desta relação, e era justamente isso que me interessava nesse encontro, nas outras pontes que nos ligavam em coexistência humana. Uma utopia política e ao mesmo tempo uma estratégia para ali existir sem medo de ser morta. Por ser professor, ele era respeitado pela comunidade. Disso eu sabia.

No dia de ir embora, o pastor que nos havia demonizado veio se desculpar, pois eu e Dig fomos atrás dele tomar satisfações, dizendo que ele nos colocou em risco e que ali havia pessoas de vários lugares do país e também de fora e que, se algo acontecesse com a gente, saberiam que foi ele o responsável por incitar a violência fóbica contra nossa presença na ilha.

Na ocasião da visita, Seu Antonio sabendo da história e vendo o pastor em nossa casa, veio até a porta e iniciou uma discussão completamente desmedida, nos defendendo, sem que tivéssemos pedido, de uma ameaça que já não existia, pois o pastor estava ali para se desculpar. E ali estavam dois machos brigando e as LGBT's a observar a clássica cena masculinista. Foi desnecessário e foi fofo. Complexo e histórico. Um microcosmo da disputa ideológica política que tomava o país naquela época, um bolsonarista, um pastor e as bixas.

Nos despedimos de seu Antonio deixando-o com lágrimas nos olhos e responsável

por cuidar de nosso cão mascote, batizado de NBill, numa não binária brincadeira delas. Seu Antonio não entendia o significado do nome que havíamos dado ao cãozinho que morou com a gente durante a estadia, mas assim também passou a lhe chamar, se comprometendo a cuidar de nossa NBill canina, cheia de violeta genciana nas muitas feridas de seu corpo de rolezeira.

No ano seguinte, 2020, se instaurou a pandemia de Covid e, já em São Paulo, a quilômetros de distância, mantive contato com Seu Antonio buscando saber como ele estava se cuidando e como estavam as coisas pelas bandas das terras que bailam lá pelo Amapá.

### **Lulapalooza - uma redenção recreativa (2022)**

No dia 31 de Outubro votei pela manhã no segundo turno acirradíssimo da eleição presidencial e passei a tarde e a noite em trânsito aéreo rumo à Macapá. Numa parada ansiosa em Brasília, lidei com a tensão do atraso do resultado das eleições e embarquei no segundo trecho sem saber para qual lado da moeda a vitória cairia. Como seriam os próximos quatro anos de luta depois da tragédia que dizimou tantas vidas na pandemia mal gerida? Como estaria o Bailique depois de um 2020 em que movimentamos doações e amparo para fortalecer as populações desamparadas nas ilhas?

A incerteza desse dia explodiu em uma eufórica alegria quando, ao pousar no aeroporto, tive acesso à notícia de que Lula venceu a disputa e de que, assim, com essa notícia, eu desembarcaria.

Fui dali direto pra orla do rio, conhecer alguns dos participantes desta quinta edição da Tecno Barca e me juntar a eles na comemoração na rua, entre bandeiras e buzinas e bebidas. Um Lulapalooza em plena via.

Desta vez minha participação no projeto se dava como artista convidado e esse formato é algo muito interessante na proposta da Associação Gira Mundo, proponente do projeto, em relação a viabilizar aos artistas que já participaram de edições anteriores um retorno e uma continuidade nos encontros e nas pesquisas desenvolvidas previamente nas Ilhas.

Em minha primeira ida, parte significativa do grupo já havia participado em edições anteriores, mas nesta segunda ida, eu era um dos poucos poucos participantes que já havia embarcado na Tecno Barca, além da equipe que tem um trabalho constante

e continuado no território.

O grupo desta edição era composto majoritariamente por pessoas das regiões Norte e Nordeste do Brasil, com uma diversidade de pesquisas e interesses artísticos, mas sem vínculos interpessoais anteriores. O alinhamento ideológico e político já percebido na comemoração da vitória eleitoral porém apresentava uma perspectiva positiva para a experiência coletiva na qual iríamos embarcar.

Assim como em mim, era latente no grupo a ânsia criativa diante daquele momento e da residência. Acontece que, ao retornar como convidado, eu estava mais disposto a deixar que o próprio território apresentasse suas demandas criativas primeiro, embarquei deseioso de colaborar mais do que de desenvolver performances de minha autoria, como na experiência anterior. O foco na arte educação também estava mais latente e o desejo de experienciar o projeto de forma ainda mais comunitária, como o foi da primeira vez, também era o que me movia nesta ida.

Em 2021 trabalhei na Câmara Municipal de São Paulo como assessor da atual Deputada Federal, na época Vereadora, Erika Hilton. Destaco esta experiência pois estar dentro de uma instituição pública deste porte, reforçou em meu trabalho a importância do agrupamento interseccional e do cuidado afetivo na articulação de projetos de natureza cultural, educacional, social e política, como considero ser a proposta desta residência artística. Tudo isso, também foi na bagagem desta vez.

No barco, a bebida, os flertes, as primeiras impressões, as afetações e as muitas expectativas. Desta vez, ficaríamos todos, aproximadamente 20 pessoas, na mesma casa, que ao chegarmos, teria sua ocupação dividida pela produção que tinha preparado previamente toda uma logística para o melhor funcionamento da moradia coletiva. Mas já na entrada, a casa foi individualmente dividida pelos próprios artistas, que se instalaram sem considerar as necessidades coletivas. Ali, na chegada, a euforia individualista foi quem ganhou a partida. Eu não corri para buscar o melhor lugar, mas chegamos no dia 01 de novembro, dia de finados, e antes de nos organizarmos em relação ao registro audiovisual das ações quis logo saudar meus mortos à beira do rio, rememorar a ação da vez anterior. Muito performativa ela! Não, ansiosa!

Começando assim, como ficaria então a divisão das tarefas coletivas? E a limpeza da casa, a divisão da comida, a produção e desprodução, a atenção com as comunidades, como ficariam?

Encontramos uma Vila Progresso despedaçada pelas “terras caídas”, a parte onde

ficamos hospedados na edição presencial anterior já não existia. A água salina, crianças adoecidas, a falta de água potável, de alimento, a violência feminicida. Álcool e drogas para abrandar as dores, violentas brigas, pessoas bolsonaristas arrependidas, comunidades desacreditadas da política. Tanto fazia Lula, não importava quem se elegia. Naquele que é o maior colégio eleitoral de Macapá, naquelas terras completamente desamparadas pela máquina pública mal gerida, pouco importava a vitória se no fim o básico não se tinha.

Neste cenário, o que cabia a estes artistas? O que fazer com as propostas artísticas de quem das capitais vinha cheio de esperança ativista? Faltava água, comida, dignidade, direitos para a população, mais miséria havia do que antes. Neste contexto, o que à arte e à educação caberia?

Foi preciso apresentar para as comunidades o que é ser artista, contando como ou com o que cada um de nós trabalhava. Sem títulos, sem academia. Dizer de forma simples aquilo que a gente fazia. O que faz um diretor de arte? E performance, o que quer dizer diante das mazelas ali estabelecidas. O que a gente fazia? O que tinha de se fazer?

Assim como a água salgada do mar que invade matando o que de água doce necessita, entramos nós numa pororoca afetiva. Não há culpa nessa avaliação, há desejo de boa vida ao projeto e a todas as pessoas nele envolvidas, incluindo a mim. Sinto que faltou uma sensibilidade coletiva. Tínhamos uma criança pequena conosco nesta ida, filha de uma das artistas, no grupo também havia uma artista PCD com baixa visão, pessoas trans, mulheres sendo muito assediadas, e a ilha sem luz e com pontes de madeira corroídas por onde tínhamos de transitar. Havia mais riscos nesta ida. Éramos 20 pessoas diferentes e desconhecidas, convivendo diariamente longe de nossas rotinas. É um desafio interseccional essa proposta de residência artística e por isso trago aqui essa reflexão autocrítica. Por que é uma experiência profundamente enriquecedora o que a Tecno Barca propõe enquanto formação artística, socioemocional e ambiental.

Assim como as terras caídas do bailique, caímos nós artistas nos últimos anos de política repressiva. Sem ministério da cultura, aviltados, perseguidos, silenciados. Tudo isto embarcou conosco nesta ida. É sempre potente estar ali, mas não é uma experiência recreativa! E só se sabe destas questões quando se chega lá para viver por alguns dias essa experiência coletiva. Fomos mediados e ouvidos pela equipe que também sofria com a situação geral do território e com as relações interpessoais estabelecidas. Faltou, talvez, um reajuste estrutural diante das dificuldades apresentadas, faltou

lógica comunitária. Mas só é possível dizer agora por que já passou, com distância é possível perceber melhor o que se passou. Que seja um aprendizado para quem já foi e para quem irá, para que o projeto possa se perpetuar em sua máxima potência relacional, interseccional e de revolução afetiva. Saravá!

### **Thayla - a jovem Artista da Freguesia (2022)**

Como quem estava dentro e olhava de fora, num comparativo com a ida anterior, percebi a dificuldade logística da produção de gerir as necessidades do projeto sem apoio do coletivo e de mediar sócio emocionalmente as demandas apresentadas pelos artistas. Com a comunicação dificultada, busquei em silêncio cambonar o que sentia que poderia - buscando manter um relacionamento respeitoso com as pessoas, comprando papel higiênico ao invés de avisar que acabou, varrendo o espaço, verbalizando com cuidado os desconfortos, organizando bagunças, cuidando da saúde mental de quem sucumbia, auxiliando a artista Anali Dupré na gestão de sua deficiência visual nos muito territórios não acessíveis das ilhas. Fui buscando ao mesmo tempo cambonar minhas próprias necessidades, desconfortos, vaidades, desejos e inseguranças.

Acho que cada um fez o que deu, talvez tenha sido aquém do que era necessário para uma boa gestão interpessoal, mas ainda assim, o projeto aconteceu mais uma vez, cumprindo com o que se pretendia. Apesar das dificuldades, todas as pessoas estavam dispostas a experienciar a imersão comunitária até o fim, lidando com as demandas conforme as mesmas se apresentavam e compreendendo na prática que nada é simples ou superficial diante da grandeza do Amazonas e da sua mata viva.

Para uma das ações propostas, escolhi a comunidade da Freguesia, pois quando estivemos ali na primeira visita, jovens e crianças da escola nos engajaram no centro comunitário, diluindo as individualidades em meio a uma algazarra criativa, com papéis e canetas espalhadas, todo mundo falando junto, chegando depois adulto, mais velhos, professora. Tudo e todo mundo junto, bagunçando e misturando as propostas artísticas e sacudindo as rixas coletivas. Uma energia caótica de *exu mirim* que quem viveu, sabe o que significa, quem não, fica a dica. Ali, desfazendo a *quizila* relacional, todas fomos comprometidas em demandas interativas. Trabalhamos juntas, uma complementando o trabalho da outra, equipe e artistas em sintonia. Depois fizemos uma grande roda que ocupou o centro comunitário, para uma conversa em comunidade ativa. A terra que baila tem sua própria sabedoria. Ali, foi um dos

momentos em que senti que a gira girou bonita.

Foi neste dia que conheci Thayla, filha de um cantor da região, que também cantava e tocava. Ela participou de uma peça produzida pela escola, cantava na igreja, nas festas da comunidade e da família, mas não se considerava uma artista. Diante da precariedade econômica e dos poucos recursos que viabilizam sustento, me vi naquele lugar de artista convidado, vivendo do fazer artístico há anos, ganhando assim a vida e pensei que seria importante dizer à ela e a quem mais quisesse ouvir, sobre o valor, também econômico, que a arte tinha. No caso de Thayla, fortalecer nela o que é dela, a arte que já a movia.

Em um dos poucos momentos de calma perguntei para um grupo de crianças de várias idades e para Thayla, uma pré adolescente, o que era arte para eles. Depois, onde residia a arte ali na comunidade. Propus que desenhassem a arte que eles viam. Cores, folhas, pássaros e animais distintos, barcos, peixes, água, chuva, a escola. A arte estava em tudo o que há na floresta e nas coisas nela construídas. Propus então um sarau dentro da barca, um palco aberto para se apresentarem na minha próxima à Freguesia. Thayla brilhou os olhos, imediatamente propôs de apresentar novamente a peça da igreja, de cantar alguma música, ficou responsável por articular outras pessoas e de montar a ordem das apresentações do dia. Além de artista, assumiu o papel de produtora. Agilizada.

No retorno, recortei todos os desenhos de arte que as crianças produziram e comecei a organizá-los em uma mandala redonda feita de papelão, com moldura de folhas secas. Mas esteticamente a coisa não fluía. Até que tive a cambonagem de Sofia, nossa mascote da casa, uma criança linda de 6 anos, filha de Mapige, uma das artistas participantes. Sofia, com o mesmo nome da cobra que me contou Dona Cidalina, era desconfiada comigo, observadora, e na orientação criativa da feitura da mandala, foi séria, sábia e objetiva. Organizou de um jeito rápido os recortes, dizendo que o peixe deveria ficar na água, a árvore na casa, a nuvem do lado da janela colorida, e assim ela seguiu dando uma rasteira na minha formalidade conceitual adulta chatíssima.

Propus de assinarmos juntos esse trabalho, ela concordou e sua mãe autorizou. Assim, no dia do sarau, nossa mandala foi exposta no barco para que as crianças que desenharam pudessem encontrar ali suas criações artísticas. Colocar na parede, em exposição, os desenhos, era uma tentativa de elevar ao status de arte seus desenhos, uma forma de tentar comunicar subjetivamente que há na arte um valor, um meio de sustentar, de várias formas, a própria vida. Algumas amaram localizar seus

desenhos, e outras, foda-se a arte, quero brincar. E eu, educador de adolescentes, jovens e adultos, em meio a esse diálogo com as infâncias daquele lugar, tentava lidar meio desorientado com essa faixa etária que me foi privada ao longo de toda a vida. Crianças são afastadas de pessoas LGBT's, percebam. Somos acusados de má influência, quando na verdade, nossa comunidade em massa, por ser LGBT, é quem sofre quando criança com abusos, repressão e pedofilia. Mas isso é só uma nota para outra hora.

Mas ali, a maioria das crianças não queriam saber de produzir obras artísticas, eram elas a própria poesia viva, a arte estava em todas as coisas.

Além da mandala, a ideia do sarau se mantinha. Fui então até a casa da Thayla para saber se ela de fato participaria. Sem sucesso no engajamento dos outros participantes, lá estava ela, determinada a se apresentar no sarau, ela e seu irmão mais novo. Tímida artista, estava se arrumando toda para cantar, cabelo preso de gel no coque, camisa da avó, saia da tia, um batom levinho na boca. Pediu para que eu a esperasse acabar de se arrumar, enquanto me contou que o povo da peça desistiu de participar, e disse que se pudesse, ela cantaria duas músicas. E claro que poderia.

E com o barco lotado de crianças, prontas para fazer um coro afinadíssimo, Thayla com seu violão entoou louvores cristãos com sua voz linda e melodiosa. E eu, conduzindo a cantoria, como um MC do sarau, trajava uma blusa vermelha escrita "Acredite no seu Axé", produzida pela marca da estilista Isa Isaac Silva, mulher trans negra e indígena, ativista da moda agênero, ouvi emocionado Thayla manifestar sua fé em música e poesia.

Não desejo aqui amenizar a gravidade da intolerância religiosa em nosso país e menos ainda a alienação e violência política promovida em nome de deuses e santos. Mas desejo compartilhar que, assim como aprendi com Dona Cidalina, para além de nossas crenças, há pontes divinas que se apresentam e que nos lembram que não é com a morte que se combate a diferença, não é só com a guerra que se firmam lideranças políticas. Na coragem de ser quem se é, sem medo da diversidade do mundo, podemos produzir momentos de religião e convivência harmônica entre humanos, não humanos e os ambientes em que coexistimos. Pode haver saúde e vida no espaço entre nossas diferenças e acredito que a arte foi e continua sendo um caminho para essa utopia. Que assim seja! E assim será! Axé para a Tecno Barca, axé para as comunidades do Arquipélago do Bailique, Axé para a Gira Mundo, axé para você que leu até aqui as palavras desta grande *bixa macumbeira*. Grata!



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 106





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 107

# MEMORIAL FOTOGRÁFICO TECNO BARCA V



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 108 E 109







FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 110, 112 E 113





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 114 E 115





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 116 E 117





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 118





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 119, 120 E 121





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 122 E 123





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 124 E 125





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 126 E 127





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 128 E 129





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 130 E 131





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 132 E 133





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 134

# AÇÕES E ARTISTAS 2022

## **Quais os cheiros do Bailique?** | Napoleão Guedes

Performance em diálogo com a artista Isabel Viana.

A performance foi inspirada no relato de Isabel Viana, que, ao perder parte da visão, desenvolveu uma maior sensibilidade aos outros sentidos, especialmente o olfato. Após a pandemia da COVID-19, que também causou a perda do olfato em muitas pessoas, a performance busca os cheiros do Bailique, revelando uma rica medicina tradicional com aromas e tratamentos, como benzimento e produção de xaropes e chás naturais.

## **Oferenda-me** | Napoleão Guedes

Performance em diálogo com o artista Anderson Barroso.

Na performance, embarco em uma canoa com uma vestimenta inspiradas na ambiência e nas histórias das comunidades do arquipélago. Proposta originalmente por Barroso, essa versão me permitiu criar uma imagem ritual, levando-me a um outro lugar de consciência, marcado pela força misteriosa dos “povos de baixo” ou povos do fundo do rio.

## **Riscos, investigação artística** | Napoleão Guedes

Com crianças da comunidade do Franco Grande, afetada pela salinização das águas, propus a utilização de elementos naturais para criar arte. Usamos tecido de algodão cru, carvão, urucum e barro para representar a ecologia local. Surgiram desenhos de nomes, casas e onças, transformando o tecido em uma bandeira que circulei pelas comunidades na exposição itinerante *Tecno Barca 2022*.

## **Monstrinho da Sede** | Fany Magalhães

Partindo da pesquisa de criação “muito plástico, plástico demais”, o “Monstrinho da Sede” foi construído inteiramente com resíduos plásticos em uma oficina com crianças de Jaranduba e instalado pela artista na Tecno Barca, levando a outras comunidades das ilhas que bailam, a denúncia contra o omissão do Estado e um apelo por água potável.

## **Sem Título** | Raul Zito

Uma lona instalada entre os mastros da embarcação, como uma bandeira, uma vela, como suporte interativo para lançar mensagens ao longo do trajeto pelos rios. Frases foram escritas e reescritas, sobrepostas de maneira livre, espontânea e participativa com as comunidades que foram convidadas a pintar livremente sobre o suporte. Não houve direcionamento intencional, apenas o suporte, o material e o convite para a interação. Deixar fluir. Trabalhei as noções de não controle do resultado, colaboratividade espontânea, co-autoria, acaso, liberdade, assim como pensar o barco como dispositivo comunicativo com as margens ao longo do trajeto, painel ambulante, mural itinerante, estandarte, grito.

## **A Bola Segue a Maré – As Muiraquitãs do Futebol do Bailique Por** | Anali Dupré

Ensaio composto por 12 imagens e 4 textos que retratam jogadoras de dois times do Arquipélago do Bailique, Cubai e Carneiro, em seus territórios. Muiraquitãs de chuteira, elas correm entre o barro e o campo, jogando um futebol forjado na força das companheiras e da comunidade. No Bailique, jogar é mais que esporte — é herança, identidade e resistência. Entre o açaí, a arquitetura ribeirinha e o som das marés, elas são mais que jogadoras: são líderes das ilhas, mulheres que fazem do futebol sua emancipação.

## **Princesas vivem em castelos de madeira** | Sebastião Netto

Algumas perguntas que orientaram o processo:

O que você gostaria de levar para o futuro? O que você mudaria agora? Perguntas que têm por objetivo alimentar perspectivas de futuro de crianças e jovens da região. Com as imagens fotográficas pretendi também hackear o imaginário sobre a realeza, das personagens de príncipes e princesas nos contos de fada, nos quais traços embranquecidos são exaltados, sendo motivo de frustração e estima baixa para corpos que não veem suas belezas representadas nestas personagens. Hackear, neste sentido, seria tomar para si estes símbolos como as roupas, coroas, cetros, e outros signos que pertencem a estes personagens, e se apropriar deles recontextualizando-os com materiais e paisagens da região: castelos de madeira, árvores, pés descalços, quintais úmidos, ruas de rios, etc. E assim aproximar da gente o que o capitalismo coloca como único. Outro campo de interesse, foi a relação do alimento açaí, bastante

presente em todas as regiões da amazônia, e que nos últimos anos tem se popularizado no Brasil e no mundo, na sua versão para exportação, bem diferente da original. A venda e distribuição do açaí, fonte de renda de muitas famílias ribeirinhas, se vê ameaçada pelo desmatamento e desenvolvimento exploratório. Exaltar o alimento ancestral nas imagens, em contraste com os tons de pele da população, é mais um dos objetivos desta pesquisa. Esta proposta dá continuidade ao projeto poético do Brasa, editando possibilidades para o futuro que valorizem a cultura negra e indígena da região amazônica. Pretendi dividir aprendizados sobre moda, fotografia e vídeo, materiais acessíveis aos jovens das comunidades ribeirinhas para que pudessem se apropriar destas técnicas posteriormente. A arte se faz no encontro, e o projeto se consolidou no encontro entre estas projeções, os interesses das pessoas participantes e as condições da residência e dos lugares.

Rafael Silva |

Durante a residência, Rafael mergulhou no universo das narrativas e memórias locais por meio de atividades que conectaram arte, literatura e comunidade. Desenvolveu encontros em contação de histórias, onde resgatou e compartilhou relatos tradicionais e contemporâneos, além de promover a produção coletiva, incentivando a criatividade dos participantes. Explorando novas materialidades da escrita, criou obras literárias em tecido, costurando palavras e sentidos moventes. Além disso, realizou pesquisas as narrativas orais dos moradores, registrando saberes e histórias que fazem parte da identidade cultural da região: intercâmbio criativo de experiências e fortalecimentos de laços entre escrita, oralidade, memória e pertencimento.

**Mandala Mirim** | Rodrigo Abreu

Em conversa sobre “o que é arte?” com as crianças da comunidade da Freguesia, uma série de desenhos foram realizados como resposta a essa pergunta. Para que pudessem fazer parte da exposição, Rodrigo Abreu propôs a construção de uma mandala composta por recortes dos desenhos, que foram organizados em uma colagem com ajuda criativa de Rosa Sofia, de 05 anos, que assina junto o resultado final desta ação, com a autorização de sua mãe Mapige Gemaque, artista participante desta edição do Tecno Barca.

## **Sarau da Freguesia**

Proposto por Rodrigo Abreu, o sarau foi realizado na Comunidade da Freguesia e contou com a colaboração da artista local Thayla, que ficou responsável por reunir crianças e jovens para um sarau dentro da barca. Por fim, o sarau virou um show de Thayla, que com seu violão entoou algumas canções junto aos participantes da Tecnobarca e moradores da comunidade.

## **Mapa dos Sonhos**

Performance realizada na comunidade de Carneiro junto aos jovens da escola local. Na ação, Rodrigo Abreu propôs um mapeamento individual dos sonhos que, em um segundo momento, foram compartilhados com o grupo, visando a construção coletiva de rotas para a realização dos mesmos.



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 135

# TECNO BARCA VI: O ARTISTA-ILHA E A RESIDÊNCIA ARTÍSTICA COMO PRÁTICA COMUNITÁRIA



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 136

## FICHA TÉCNICA

Coordenação geral | **Wellington Dias**

Produção executiva | **João Pedro e Lucas Leal**

Produtores locais | **Elias dos Anjos, AMELC e Nelson Santos**

Assistentes de produção | **Jóia e Gibson**

Conselheiros | **Anderson Barroso, David Limaverde, Isabel Viana, Ierê Papá, Ítala Isis, Raphael Brito e Sarah Marques**

Artistas residentes | **Jamie Duncan, Laíza Ferreira, Michel Ribeiro, Luana Rocha e Nanan Falcão**

Artistas Festival | **Cia Viajarte (Renata e Cami), Glauber Khan, Jenifer Nunes e Marcos Sales**

Fotografia | **Alain Kaleck e Pedro Moutinho**

Video maker | **Igor Cardoso**

Gerenciamento de rede | **Adryanny Magalhães**

Curadoria cine catraia | **Rayane Penha**



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 137 E 138



# UMA “TECNO BARCA” NAVEGANDO NAS ÁGUAS DA MEDIAÇÃO ARTÍSTICA E COMUNITÁRIA

Isabel Viana

## **No início era um sonho**

O período que compreende os anos de 2011 e 2012, para mim, foi marcado como um grande divisor. Naquele momento, meus companheiros/companheiras de grupo e eu realizamos ações que ultrapassavam a Arte como experiência de linguagem e estávamos começando a consolidar uma prática artística que mais tarde seria o motor de outros trabalhos nossos, individuais ou grupais.

Foi um ano destinado a vários projetos colaborativos como o caso do V.I.O.L.E.N.T.A.S e do Ateliê de Vivências Poéticas (ações desenvolvidas no Rio de Janeiro, compostas em parte pelas mesmas pessoas que então realizariam o Tecno Barca) e foi também quando, pela primeira vez, ouvi as palavras “Tecno” e “Barca” juntas em um título...

Lembro do meu entusiasmo quando Wellington e Anderson comentavam o projeto - pretensioso - que haviam escrito. E me lembro da alegria de quando veio a notícia: o projeto havia sido selecionado pelo edital Rede Funarte de Artes Visuais.

Ali, havia sido plantada uma semente que, maravilhosamente, continuaria dando frutos mais de 10 anos depois. Isso diz muito da idoneidade de sua equipe de produção, da importância da existência do projeto e da sua extrema capacidade de reinvenção, resiliência e de agregar novos agentes, que têm o mesmo brilho no olhar que tínhamos em 2012.

Dito isto, passo a comentar a perspectiva, na minha opinião, fundamental, que o Tecno Barca funda nos lugares onde se instala; uma experiência de Mediação Artística e Comunitária.

## **Vamos lá...**

Recentemente concluí uma especialização em Mediação Comunitária, na “Fundación Pere Tarrés”, em Barcelona. Foram muitos os motivos que me levaram a estudar esse tema e sem lugar à dúvida o Tecno Barca foi um deles!

Mediação Comunitária é um campo de estudos sociais interdisciplinar que compreende os ambientes e seus coletivos como protagonistas de soluções para seus interesses comuns, sem perder de vista a certeza de que as relações sociais também produzem conflitos. O conflito é inerente à condição humana e de sua sociabilidade. Ele não é

ponto negativo na Mediação. A escalada da violência como consequência de um conflito mal gerenciado, sim, é negativa e deve ser evitada e aqui surge a necessidade e, em consequência, os mecanismos de intervenção social pautados pela prática da Mediação Comunitária.

Na mesma linha da Mediação Comunitária, a partir da década de 2010 vamos ver a crescente ascensão do termo “Mediação Artística” que, como um campo igualmente interdisciplinar, se implica em perceber a Arte como experiência de inclusão, transformação social e desenvolvimento comunitário. Ou seja, aqui vemos expandido o conceito de Mediação artística implicado apenas em ser “ponte” entre público e artista (ações constantemente realizadas em museus, por exemplo). É nessa primeira linha de pensamento que gostaria de situar o projeto Tecno Barca, uma ação que acena explicitamente com a transformação e desenvolvimento comunitário a partir da experiência artística e criativa.

Nos próximos parágrafos vou me debruçar, carinhosamente, sobre a VI edição ocorrida em dezembro de 2023, e trazer pontos associados às práticas mediadoras. Contudo, faz-se necessário explanar um pouco sobre algumas edições anteriores para que fique cada vez mais evidente a vocação desse projeto em criar brechas que facilitem o diálogo e a transformação comunitária, por meio de uma série de iniciativas criativas e adaptativas.

Em sua primeira versão, realizada em Julho de 2012, nossa aventura aportou na Vila Progresso com 5 propostas de oficinas: Performance, Arte-postal, Autorretrato, Curadoria artística e Pintura com pigmentos naturais.

Nos instalamos em uma casa de propriedade de um comerciante local, “Seu Pinduca”. Nessa versão, estávamos interessados e interessadas em dialogar com a comunidade, mas ainda habitávamos um lugar de “oficineiras(os)”, por mais que todas as criações tenham sido realizadas em conjunto com adolescentes e outras pessoas locais envolvidas, existia um conteúdo programático a ser seguido em formato de Oficinas.

Em particular, essa edição é a que mais me emociona até hoje, talvez pela carga afetiva de ter sido nesse momento que vimos a chegada de algumas pessoas tão especiais, que até hoje estão navegando conosco e construindo esse percurso entre terra e água, e também outras, para as quais o projeto foi um divisor de águas e que mais tarde tivemos a chance de reencontrar e saber dessa importância. Pessoas essas que, quando chegamos na Vila Progresso, eram ainda crianças ou adolescentes. Acompanhar esse desenvolvimento é um sentimento inominável, mas certamente

feliz.

Depois dali voltamos pensando que seria interessante incorporar mais tripulantes nesse barco! Havia sido fundado nos nossos corações um desejo de conhecer mais gente, de possibilitar mais trocas com a comunidade do Bailique. Logo, a segunda edição ocorreu em um formato diferente, se antes estávamos facilitando oficinas, agora a proposta era realizar vivências e criar obras ou experiências em conjunto com qualquer pessoa interessada.

Ali, já podíamos ver, ainda que timidamente, processos de mediação artística e comunitária de maneira mais efetiva, como o caso da proposta de David Limaverde que junto ao Grupo D'art (formado por adolescentes de várias ilhas do Bailique) realizaram vivência em Teatro do Oprimido, discutindo a relação desses jovens com seu lugar, conflitos e sonhos. Cito esta experiência como forma de ilustrar a plasticidade do Tecno Barca, em perceber necessidades locais e apresentar ações que possam reverberar de maneira qualitativa e quantitativa na dinâmica comunitária. Houve outras ações nesse sentido.

Nesta edição, também pudemos compreender a importância de espaços onde artistas possam florescer como mediadores, que aterrizam a arte como uma experiência do coletivo, mas não apenas no sentido de se fazer em conjunto, mas como experiência que produz contexto, cognição, conhecimento e intervenção social, justamente porque o "mundo da arte", que parece inalcançável para alguns, é colocado de forma horizontal e o processo criativo se dá como oportunidade de compreensão e questionamentos de dinâmicas relativas ao bem comum.

Acredito que a partir daí o projeto foi ganhando uma sólida base e fomos desenhando progressivamente um projeto de Residência Artística Comunitária. Enquanto escrevo essas linhas, me dou conta da variedade de artistas que passaram pelo Tecno Barca, de diferentes linguagens artísticas, lugares e do enorme desafio que se faz presente a cada edição; que o projeto não se desvie da sua rota de querer escutar e caminhar junto das comunidades Bailiquenses.

Saltando cronologicamente para 2021, tivemos a realização da edição online, já que enfrentávamos a pandemia da COVID-19. Nessa edição, não apenas o modo relacional foi alterado e adaptado, mas também o criativo. E nela aconteceu algo bastante diferente, se antes artistas residentes eram convocados e convocadas a propor algo em conjunto, agora moradores e moradoras foram convocadas para ocupar o lugar de quem inaugura, com suas próprias narrativas e percepções, imaginários povoados

de luta, alegrias, resiliência, fragilidades e coragens. Quem recebeu o convite para ser artista-escuta(dor), pôde a partir de todos os relatos criar jogos criativos e pedagógicos que foram publicados e doados a jovens, crianças e escolas locais.

Em 2021 o Tecno Barca efetiva sua tendência a uma prática de mediação comunitária, utilizando alguns princípios inerentes a este campo, como por exemplo:

- **Foco no Relacionamento:** A mediação comunitária busca não apenas resolver conflitos, mas também restaurar ou fortalecer as relações entre as partes, promovendo a harmonia na comunidade. Quando ofertamos um espaço para que a comunidade fale sobre ela mesma, estamos promovendo uma abertura para reflexões sobre condutas e dinâmicas locais.
- **Respeito à diversidade:** Um processo de mediação reconhece e valoriza as diferenças culturais, sociais, e individuais das partes, promovendo um ambiente inclusivo e respeitoso. Isso foi discutido e trabalhado internamente, tendo em vista principalmente aspectos relacionados à religiões e ideologias políticas.
- **Voluntariedade:** Na mediação as pessoas devem ser livres e agir sem coerção. As partes precisam estar dispostas a dialogar e buscar soluções conjuntamente. Esse princípio é bastante visível na adesão dos e das moradores ao projeto. Tivemos a presença de lideranças populares, professoras, enfermeiros do Bailique, dispostos a contribuir com seus relatos.

Poderia me estender mais sobre os argumentos que me levam a compreender o projeto como uma experiência de mediação comunitária, citando mais paralelismos. No entanto, vou, agora, me deter sobre a edição VI que, como dito anteriormente, foi realizada em dezembro de 2023, e logo retomaremos essa perspectiva.

### **A saga do ser artista-ilha**

Confesso minha dificuldade em escrever sobre essa edição, porque depois de 9 anos eu estava retornando ao Bailique, mesmo tendo participado das duas últimas edições de maneira online, mas é sempre um impacto o deslocamento e o corpo presente.

Foi uma edição bastante discutida entre o Conselho, de igual forma, não por isso teve sanada todas as suas questões e desafios.

Dessa vez, retomamos o formato de oficinas, porém com a novidade de que a exposição final aconteceria em terra e não no barco.

Além das oficinas, também foi realizado um festival onde outras(os) artistas participaram, além das(os) artistas residentes.

No dia 01 de dezembro chegamos à comunidade Limão do Curuá. Nossa tripulação era grande, contando com 20 pessoas entre equipe de produção, artistas e conselho pedagógico.

Apesar de termos retomado a ideia de oficinas, ainda que funcionassem como vivências e tenham sido adaptadas pelas circunstâncias, tínhamos estabelecido que o diálogo com a comunidade seria sempre nosso guia, por isso algumas oficinas foram desenhadas para atender manifestações explícitas das(os) moradoras. Ao todo foram oferecidas as seguintes ações: Bordado, Fotografia e vídeo, Teatro, Jogos de tabuleiro, Planejamento comunitário e Comunicação não Violenta. Também tivemos a presença do artista e pesquisador Jamie Duncan, que foi responsável por registrar em diário de bordo as ações.

A ideia era que ao final de cada oficina fosse criada uma ou algumas obras para fazerem parte do Festival de Artes, que aconteceu em 3 ilhas diferentes; Limão do Curuá, Ponta do Curuá e Igarapé Grande do Curuá. Durante o festival, além das obras criadas nas oficinas, tivemos apresentações performáticas, circenses, musicais, vídeo, fotografia e vídeo mapping.

Um dos pontos fortes a destacar foi a atenção mais apurada à relação estabelecida entre Conselho e artistas residentes. Para tanto, optamos por uma dinâmica onde cada artista tivesse um acompanhamento de uma ou mais pessoas do Conselho pedagógico.

Essa proposta de acompanhar o processo artístico, nasce como fruto das nossas reflexões sobre a variedade de estímulos, desejos, subjetividades, propostas e práticas criativas que são colocadas em jogo no momento em que reunimos todas essas variantes de experiências em um mesmo espaço-tempo. Muitos riscos são assumidos aqui. Muita beleza também.

O fato de chegarmos a comunidades com uma equipe tão grande é um ato performativo por si só. Existe uma inquietude ética de nossa parte, que passa por não estabelecer uma relação extrativista com as ilhas e suas pessoas habitantes. Esse é, eu diria, o maior desafio que enfrentamos, já que por mais que todas as pessoas encantadas e envolvidas com o projeto comunguem de valores éticos, comunitários e respeitosos, ainda sim, estamos passíveis de deslizar em condutas que passam

por apropriação cultural/social, de imagens, coleta de dados e informações que negligenciam autonomias, bem como outros fatos que ferem sumariamente os princípios norteadores do projeto.

Essa reflexão é profunda, permanente e é ideal que não se encerre em reuniões ou debates, mas que reverbere e contagie cada nova pessoa participante, para que ela própria questione seu *modus operandis*. Mas aqui temos outro ponto desafiador; quando e quantas de nós está disponível a se questionar?

Se percebemos a residência artística Tecno Barca como um espaço social ampliado, podemos enxergar que o jogo entre autonomia x hierarquias se desestabiliza a todo instante. As pessoas artistas que trazem suas propostas passam por um critério de avaliação e logo depois por uma espécie de "orientação". Digo espécie, porque nossa preocupação enquanto Conselho é muito mais de ancorar essa pessoa no solo movediço do fazer artístico comunitário, do que intervir verticalmente em sua liberdade criativa. Está mais próximo de ser um convite para sentir-se acompanhada, em terras em que o bonito é pisar devagarinho.

Obviamente, escrever é mais fácil que realizar. Mas não parecemos na tentativa. Pensando nessa ancoragem, nossa primeira atividade na edição de 2023 foi uma vivência criativa, expressiva, que culminou na elaboração de um manifesto. Essa atividade foi proposta por mim, na tentativa (não no propósito) de aproximar toda a equipe (artistas, conselho, produção) e de promover reflexões éticas, partindo da pergunta "o que pode um artista-ilha?", e agora enquanto escrevo, penso que a pergunta poderia ser "o que deve fazer um artista-ilha"...Essa pergunta e nomenclatura "artista-ilha" surgiu de uma reflexão que fiz inspirada pelas paisagens e geografia do Bailique e o que ela evoca. Uma ilha pode ser lida como uma obra de arte. Uma ilha e uma obra de arte compartilham a essência de serem mundos próprios, cercados por vastidões que as isolam e ao mesmo tempo as protegem. A ilha, moldada pelo tempo e pelos elementos, ergue-se como um poema de terra e água, um pedaço de mistério que espera ser tocado. Já a obra de arte, nascida da mente criativa, é uma ilha de significados no oceano da humanidade, repleta de sentidos que pedem desvendamento.

Ambas clamam por conexão. À ilha, é necessário um barco que atravesse mares, ou uma ponte que desafie distâncias. À obra de arte, é preciso o olhar, o sentimento, a interpretação que navegue suas nuances. Sem o viajante, a ilha permanece sem quem possa narrá-la, e sem o observador, a obra de arte dorme em silêncio. Assim, ilha e

arte revelam que sua verdadeira existência pulsa não só em sua criação, mas também no encontro — no ato de vincular-se ao outro.

Uma pessoa se converte em “artista-ilha” no seu desejo de encontro. Mas essa transformação não é rápida e exige compreensões que, acredito, possam ser viabilizadas numa experiência como a que propomos na residência artística Tecno Barca.

Como saldo qualitativo da vivência que propus, baseada na pergunta “O que pode um artista-ilha?” podemos pontuar uma oportunidade de criar laços e ressonâncias, expressas em formas de frases elaboradas por cada uma e que depois, inclusive, serviram como material para 3 criações colaborativas, nas quais participei (um vídeo envolvendo as crianças do Igarapé Grande do Curuá e uma vídeo-ação performática).

Acredito que mais ações dessa natureza devem ser estimuladas já que, além de reforçarem nossos princípios, abrem espaço de livre expressão para elaborar de maneira adequada, segura e assertiva, inquietudes legitimamente nascidas do encontro de todas as variantes e variedades mencionadas anteriormente.

Esses últimos parágrafos demonstram minha inclinação por seguir trabalhando e aperfeiçoando a qualidade e o sentido das relações que são instauradas na residência Tecno Barca, pois acredito que o grande alicerce do projeto reside nos vínculos criados, e que as pequeninas revoluções (já visíveis) só encontram solo fértil se eles forem fortalecidos. Por isso não me espanta que depois de tantos anos no projeto ele tenha despertado em mim o desejo de me aproximar do campo da Mediação Comunitária.

Vínculos são pontes silenciosas, sustentadas por gestos, palavras e cumplicidade. São raízes profundas que nos conectam ao outro e ao mundo. Fortalecê-los passa pela difícil tarefa da escuta. Escutar uma comunidade, escutar artistas, escutar a nós mesmos no papel de Conselho pedagógico é uma responsabilidade que não se sustenta em solidão. Falhar na tentativa de escutar é um aprendizado árduo e não garantido. Pensar em maneiras de que a escuta dê lugar a práticas transformadoras é tecer um fio muito tênue entre dar e receber. É mediar argumentos, posturas, ideias, sempre colocando o bem comum como bússola.

Podemos dizer, depois de 6 edições e 12 anos de projeto, que essas dinâmicas de escuta, criação de vínculos e fortalecimento grupal foram cumpridos? Em parte sim, em parte não. No jogo relacional do fortalecimento de vínculos, temos, enquanto Conselho, alcançado resultados mais satisfatórios em relação às comunidades, mas

nem sempre esse fortalecimento se dá no jogo com artistas residentes.

Durante todo o ano de 2024 eu me perguntei o motivo disso. Concluir com respostas simplistas não combinaria com o impacto social positivo gerado pelo Tecno Barca, mas tentarei explicar impressões. Existe um ponto importante a pensar: vínculos devem ser nutridos e isso implica tempo. Talvez por isso a nossa relação com as pessoas que moram nas comunidades do Bailique, tenha podido florescer, e está mais consolidada do que a relação de artistas residentes tanto com as comunidades como com o Conselho. Então, constatando isso, como poderemos otimizar esse tempo para que o processo artístico seja também um processo que vincula, estimula, cria ondas e reverbera?

Acredito que agora podemos retornar à reflexão que propus sobre Mediação Comunitária e Artística, porque suponho que ela aponta um caminho estratégico para esta indagação.

A Mediação Comunitária tem como objetivo principal a transformação das relações em um processo regenerativo, não implicado apenas na resolução de conflitos. Como ela também atua na prevenção de conflitos, é possível situá-la dentro de várias dinâmicas que se impliquem na construção cidadã de inclusão e acesso a Direitos. Afinal, onde falta acesso à dignidade humana, sobram conflitos violentos.

Nesse sentido utilizar estratégias criativas que estimulem artistas residentes a compreenderem seus papéis de mediadores e mediadoras, além de artistas, pode facilitar uma relação pautada numa radical horizontalidade orientada a uma prática democrática e cidadã.

Um dos problemas que observamos é que nem sempre artistas residentes conseguem atuar na mediação entre sua obra e comunidade, mesmo quando as obras são realizadas de forma coletiva. Por que isso acontece, mesmo que as pessoas envolvidas estejam cientes do caráter comunitário das ações? Simples, porque "comunitário" não significa apenas colaborar entre todas. Significa criar vínculo! Lembrando que vínculos são pontes invisíveis sustentadas por palavras, gestos e cumplicidade. E é verdade, precisamos de tempo. Mas se falamos em estratégias elas também estão dadas para mitigar impactos negativos, nesse caso um dos pontos em contra seria o Tempo. Obviamente, neste texto não apresentarei uma solução, mas gostaria de refletir e registrar que técnicas mediadoras podem nos servir para solucionar esses problemas observados.

Enquanto a Mediação Comunitária está situada nesse propósito de restaurar relações sociais, a Mediação Artística está interessada na Arte como experiência relacional que produz conhecimentos participativos, inclusão e compartilhamento das diversas formas do ser e estar no mundo. São duas práticas que dialogam e nascem da nossa necessidade vital de vinculação, de socialização, da curiosidade, da animosidade de se aproximar do outro, do diferente, tão familiar ao mesmo tempo.

Situar o projeto Tecno Barca dentro dessas perspectivas nos dá mecanismos para pensar e efetivar uma experiência do bem comum e suponho que também possa orientar artistas residentes na mesma direção. A verdade é que já estamos inseridos nessas perspectivas, ainda que de forma intuitiva ou sem fazer uso de certas nomenclaturas. Algo que gostaria de citar é que dentro dessas práticas mediadoras existem alguns objetivos intrínsecos a elas, atendidos no TB, são eles :

1. Prevenção de conflitos (mediação comunitária)
2. Formação de público (mediação artística)

A proposta do Tecno Barca, ainda que não tenha por objetivo central essas duas experiências citadas, contribui ostensivamente para tais e quero mencionar algumas ações ocorridas em 2023, para ilustrar o que digo: Oficina de Planejamento comunitário, facilitada pelo Wellington Dias e destinadas às lideranças locais, Oficina de Comunicação não violenta (que apesar de não ter esse título, ofereceu ferramentas da CNV) que tive o privilégio de facilitar para profissionais da escola pública do Limão do Curuá e as oficinas de Vídeo/fotografia facilitada pelo diretor e antropólogo Michel Ribeiro.

Algumas dessas experiências não trazem em seu eixo central elementos de um processo artístico, porém, por meio delas foi possível trabalhar temas que dizem respeito à cultura e portanto à dinâmica Comunitária. Na oficina de CNV, por exemplo, um dos participantes concluiu que seria muito eficaz que na comunidade acontecesse com mais frequência oficinas de arte, porque segundo ele, os jovens estavam muito ansiosos e sem nada para fazer. Outro ponto a destacar foi a adesão dos diferentes funcionários da escola pública a esta oficina, desde o diretor, professora, barqueiro, merendeira, serviço gerais, manutenção, todas estas pessoas estiveram interessadas em contribuir na resolução de conflitos inerentes ao seu cotidiano, tudo celebrado de maneira criativa e circular e não em formato de palestra.

A oficina de Planejamento comunitário também ofereceu um espaço onde as pessoas interessadas pudessem refletir sobre Sonhos e possíveis projetos que julgam importantes para suas comunidades.

Já a oficina de vídeo/fotografia, alimentou nas(os) jovens o desejo de seguir utilizando a linguagem audiovisual, inclusive, ajudando em processos terapêuticos, como em um caso específico citado.

Podemos nos perguntar, qual a importância de compreender uma residência de Arte como uma experiência de Mediação Comunitária e artística? Respondo que é o fato de conseguir furar a bolha imposta pelo mercado da Arte, pelas hegemonias do fazer e do fruir que capturam nossas sensibilidades, aniquilam nosso estado criativo. É também por promover espaço onde a Arte seja parte integrante da construção cidadã e não um apêndice, que seja reincorporada à sua função primordial de reguladora social, de catarse, função simbólica e vital. Acrescento ainda que essa compreensão possibilita aos artistas viverem a experiência de um processo criativo que habita o território do sensível e do bem comum, convidando as pessoas a um desnudamento de suas pautas e interesses pessoais.

Neste sentido, se pensamos que as práticas mediadoras estão interessadas nas relações Interpessoais e como a qualidade dessas relações impactam uma comunidade, fica evidente que o projeto Tecno Barca é um potente mecanismo de mediação comunitária e artística, mas que temos alguns desafios pela frente.

Esse breve texto tentou introduzir alguns aspectos dessa perspectiva e também refletir sobre as dinâmicas estabelecidas na realização das ações.

Temos pontos centrais a analisar e trabalhar:

1. Estimular artistas residentes para uma melhor compreensão do ser "artista-ilha".
2. Otimizar o tempo da residência para aprimorar o vínculo entre artistas x Conselho e artistas x comunidade.

Termo esse texto com a inquietude de quem pouco conclui, mas muito intui. Espero que ele possa nos inspirar a seguir construindo uma residência artística comunitária digna da beleza do Bailique e das pessoas que o fazem cotidianamente. Que nossos pontos de vista possam ser ampliados e guiados pelo bem comum, como quando estamos no barco, e entregamos nossa confiança nas mãos e olhos habilitados de barqueiros queridos como Nelton e seu Odilon. A Arte é a possibilidade que temos de reconstruir e mediar micromundos mesmo em eventos catastróficos, porque ela,

assim como a Religião, a Ciência, a Filosofia, nos oferece saídas quando celebrada e produzida em coletivo. Para não cair numa possível retórica vazia convido você, que lê estas páginas agora, a ver detalhadamente cada fotografia, ver as matérias, entrevistas, documentário e vídeos do Tecno Barca e constatar que sim, é possível que um projeto de residência em Arte se estabeleça como uma proposta que extrapola a criação artística e encare a transformação social como sua obra poética fundamental.



# TEXTOS, TRAJETÓRIAS E TECNO BARCA: RELATOS ETNOGRÁFICOS E POÉTICOS DE DUAS EDIÇÕES EM DEZ ANOS

Jamie Duncan

Como e de que maneiras pessoas de diversas origens passaram a participaram de um projeto como o Tecno Barca, realizando oficinas de arte, na periferia do Norte do Brasil? No meu caso, no final de 2013, tinha vindo recentemente da Inglaterra ao Rio de Janeiro para realizar um projeto de pesquisa. Precisando de um lugar para ficar, amigos me indicaram um apartamento no centro da cidade do Rio, onde fui recebido por um jovem que havia migrado de Macapá (AP), entre outros nortistas que alugavam quartos lá. Esse homem era Anderson Barroso, um dos fundadores do Tecno Barca, ao lado de seu amigo da UNIFAP e idealizador do projeto, Wellington Dias.

Quando conheci Anderson e Wellington em 2013, eu estava trabalhando em duas áreas disciplinares: literatura e antropologia. Em uma direção, terminando uma série de traduções para um jornal e uma exposição sobre poesia brasileira moderna que iria acontecer na Inglaterra. Em outra, começando uma monografia etnográfica sobre o papel da comunicação escrita em movimentos sociais no Rio. Então, quando Anderson e Wellington me convidaram para participar da segunda edição do Tecno Barca, começando em janeiro de 2014, considerei como minha contribuição poderia combinar esses dois aspectos poéticos e etnográficos.

Anderson e Wellington propuseram que eu escrevesse um 'diário de bordo', ou diário etnográfico, documentando as atividades artísticas da Tecno Barca nas comunidades ribeirinhas do Arquipélago de Bailique. Durante o projeto, eu fazia isso de quatro maneiras: escrevendo notas diárias, entrevistando participantes, fotografando atividades e coletando trabalhos em andamento dos participantes durante toda a residência. Devido a minha formação, acabei focando em gêneros verbais, como contação de histórias, escrita de cartas e grafite, traduzidos também em outras formas como, por exemplo, vídeos, instalações e performances. Junto com esse trabalho documental, usei também a poesia haikai como abordagem alternativa e mais artística para escrever um relato de viagem. No final do projeto, organizei todo esse material em uma mini publicação que incluía poemas, citações, fotos, pinturas e desenhos. Por fim, essa publicação-apresentação foi projetada digitalmente nas paredes do barco-

atelier da Tecno Barca, como parte da exposição de encerramento do projeto naquele ano.



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 139 E 140

Dez anos depois, em 2023, Wellington e a equipe do Tecno Barca me convidaram para participar novamente da sexta edição. Naquela época, o projeto havia se desenvolvido significativamente em tamanho e escopo. O Tecno Barca agora incluía trabalho social colaborativo junto com atividades artísticas, um festival havia sido introduzido e a residência agora estava sediada em uma região diferente do Arquipélago do Bailique, chamada Curuá. Da mesma forma, minha proposta de trabalho em 2023 buscava desenvolver o que eu havia feito antes, mas também estabelecer novas conexões.

Em paralelo ao foco socioeducacional, conduzi entrevistas com professores locais e funcionários da escola sobre linguagem, letramento e práticas pedagógicas. Como antes, entrevistei artistas residentes, mas agora também artistas do festival, bem como coordenadores e assistentes do projeto. Isso resultou em um número maior e uma gama mais ampla de falas arquivadas na memória do projeto. Mais uma vez, retornei à escrita de haicais como uma forma poética de relatar a viagem. Aqui, reuni um novo conjunto de haicais escritos na região do Curuá em 2023, com seleções anteriores da residência Vila Progresso em 2014, resultando em uma coletânea. O artista residente Michel Ribeiro, mais tarde, combinou haicais deste volume com vídeos e áudios que ele havia gravado, incluindo ainda imagens do fotógrafo do projeto, Pedro Moutinho, na realização de um curta-metragem. No final do projeto, este filme, Haikai Bailique, foi exibido durante o festival, de forma convencional e no formato de vídeo-mapping projetado pelo artista do festival, Glauber Khan, em centros comunitários locais e até em árvores nas proximidades.



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 141 E 142

Por fim, de 2023 a 2024, iniciei um novo projeto chamado Island Connections (Conexões entre Ilhas). Sua ideia era conectar a poesia do Bailique com leitores e redes mais amplas, especialmente habitantes de ilhas e arquipélagos. Comecei durante o Tecno Barca 2023 coletando uma seleção de poemas e materiais de entrevista de dois escritores da região de Curuá \_ Elias dos Anjos e José Correa. Pouco depois, em 2024, entrei em contato com colegas de grupos de poesia online, vinculados à Universidade de Londres, para ver se alguém estaria interessado em ler e oferecer feedback sobre poemas escritos por jovens poetas do Bailique. Isso levou à criação de um grupo online chamado Island Connections, onde os participantes teceram comentários sobre os poemas de Elias e José.

Em suma, essas foram minhas principais participações em duas edições do Tecno Barca, abrangendo dez anos, de 2014 a 2024. Neste texto, discuto exemplos desse trabalho que se relacionam a dois temas: trajetórias criativas e conexões entre ilhas.

### **Trajetórias criativas**

Se alguém sussurrasse ou escrevesse em uma nota, 'Princesa, eu ti amo', seria improvável que isso fosse considerado poesia ou arte. Porém, e se alguém pintasse a mesma frase repetidamente, com letras grandes, um esquema de cores, intervalos espaciais regulares entre as frases, marcando com isso as vias públicas? Por meio de perspectivas antropológicas e linguísticas, um ato aparentemente mundano (por exemplo, Figura 143) pode incorporar aspectos da composição na raiz da prática poética e artística. Diferente dos pontos de vista elitistas, aqui os fundamentos da criatividade artística e poética estão localizados em práticas cotidianas – ou seja, em um espectro que vai do cotidiano para o que é julgado socioculturalmente como excepcional ou erudito. Além disso, a criatividade vernacular, como o grafite da passarela de palafitas na Figura 143, reflete entendimentos, propósitos e paixões mais locais e pessoais (Barton & Hamilton 2012). Isso contrasta com formas da cultura escrita que são impostas frequentemente por meio de domínios institucionais, como escolas e locais de trabalho.

Na minha primeira viagem ao Bailique em 2014, encontrei essa criatividade cotidiana em abundância na Vila Progresso, onde nos instalamos, tanto na forma oral quanto escrita, por exemplo: em grafites, piadas e letras de música escritas nas passarelas



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 143 E 144

de palafita, além de contação de histórias, fábulas populares e anedotas contadas pelos moradores. De fato, várias oficinas do Tecno Barca naquele ano dialogariam e se desenvolveriam exatamente com essa criatividade, enquanto algumas das obras de arte produzidas pelos artistas do Tecno Barca pareciam se assemelhar a ela. Compare, por exemplo, o grafite anterior 'Princesa, eu ti amo', com a carta-poema e videoclipe 'Querida Megan' do artista residente de 2014 Anderson Barroso (Figura 145). Ambos incluem repetição estilística de palavras, apóstrofo e hipérbole, ao se dirigir a uma amante ausente. Ambos sobrepõem frases de intimidade em cenários públicos locais. O núcleo composicional, sentimental e apresentacional é semelhante, embora mais elaborado no caso do Anderson: primeiramente, em um poema epistolar e, em seguida, utilizando as mesmas palavras desse poema na narração de um clipe de filme. Uma questão aqui aparece: como nutrir a criatividade vernacular para que ela possa mais amplamente florescer?



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 145 E 146

... Enderecei uma flor  
Uma flor  
Uma flor  
Uma flor via correnteza do Rio Amazonas  
Saudade, flor, rio  
Saudades  
Saudades  
Via flor  
Saudades, saudades, via flor  
Via barco  
Barco flor  
Saudades, saudades  
Saudades da flor.  
Barroso, Querida Megan: 3-14

A carta-poema e o videoclipe de Anderson fizeram parte de uma oficina do Tecno Barca em 2014 com o objetivo de gerar exatamente esse florescimento. Essa oficina começou com a prática cotidiana de escrever cartas, depois desenvolveu-se em 'vídeo-cartas' digitais que os alunos fizeram em celulares e no computador. As funções comunicativas e afetivas cotidianas do gênero carta foram adicionadas aqui com uma sensibilidade estética (como modelado pelo carta-poema de Anderson). Os jovens locais foram encorajados a usar suas imaginações além dos sentidos cotidianos e a experimentar formalmente, por meio dos recursos multimodais e interativos das tecnologias digitais utilizadas. Esta oficina, portanto, sugeriu um tipo de trajetória criativa \_ um processo de criação de significado partindo de hábitos cotidianos, mas

transformando-os, por meio de atividades artísticas, em outra coisa.

Trajatória é uma maneira comum das pessoas entenderem a atividade em suas vidas por meio de sentidos de tempo e movimento. As pessoas falam de trajetórias de vida, trajetórias de trabalho e assim por diante. É útil pensar em trajetórias de diferentes tipos e escalas sobrepostas.

Entre elas estão o que tem sido chamado de trajetórias textuais, e, numa perspectiva mais ampla, de trajetórias semióticas. Essas conceituações são baseadas nas noções de entextualização e recontextualização (Bauman & Briggs 1990), onde os fluxos de atividade social são acompanhados e mediados por uma 'interação contínua de texto, contexto e avaliação da qual emerge o que pensamos como textos' (Collins 2003, p. 35). As materializações de artefatos-textos como grafite, poemas e vídeos servem, entre outros papéis, como junções (Kell 2009) — eles interconectam pessoas e processos através de espaços e tempos.

Um dos objetivos do Tecno Barca desde seu início tem sido estabelecer continuidades nos tipos de oficinas, atividades e arte produzida. No meu retorno ao projeto, em 2023, uma área de continuidade que notei dizia respeito à prática local da escrita nas palafitas vista anteriormente (por exemplo, na Figura 143). No entanto, em 2023, em vez dos escritos vernáculos de moradores locais, essa prática foi adotada e adaptada por um dos artistas do Tecno Barca — Ierê Papá.

Durante o festival Tecno Barca de 2023, transeuntes encontraram mensagens curtas escritas em giz nas palafitas da comunidade Limão do Curuá (por exemplo, Figura 147). Começando com as mesmas quatro palavras ('Um artista ilha pode...'), essas mensagens foram baseadas na questão generativa-temática: 'o que um artista ilha pode fazer?' proposta por Isabel Viana. Embora para os transeuntes essas escritas

FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 147



nas palafitas parecessem simples numa primeira leitura, elas tinham uma qualidade polissêmica e aforística ligeiramente diferente dos grafites mais cotidianos. Ou seja, sua forma tanto se baseava quanto se encaixava na escrita local das palafitas, mas seu conteúdo parecia introduzir algo um pouco diferente. Um dos motivos era que essas mensagens escritas por lerê não eram declarações pessoais, nem comentários aleatórios do cotidiano. Em vez disso, lerê estava atuando como um escriba para o projeto, com escritos que, na verdade, eram o resultado de uma das primeiras oficinas realizadas no Tecno Barca 2023 por Isabel, integrante do conselho artístico pedagógico. Nela, os participantes desenvolveram e discutiram respostas para a pergunta-tema: 'o que um artista da ilha pode fazer?' Assim, em vez de serem vistas simplesmente como texto escrito, essas inscrições são melhor compreendidas como um momento particular em uma trajetória mais ampla de atividades, semiose e arte, percorrendo o trabalho do Tecno Barca.

De fato, essa trajetória continuaria durante a edição de 2023, seguindo os grafites de lerê nas palafitas, onde as mesmas frases, 'artista ilha', apareceriam em outra intervenção, no curta-metragem documental da artista Isabel Viana realizado na comunidade Igarapé Grande do Curuá, com imagens e entrevistas registradas pelo fotógrafo residente, Pedro Moutinho. Aqui, as frases foram mostradas na tela, mas ao fazê-lo, serviram como parte de um processo de edição que estruturou e sequenciou o documentário. Ou seja, uma após a outra, as frases 'artista ilha' foram primeiramente lidas por moradores locais, depois elaboradas por meio de comentários e imagens relacionadas (por exemplo, Figura 148). Assistindo ao filme, é como se as frases 'artista ilha', antes apoiadas pelas palafitas, agora fornecessem a si mesmas uma espécie de enquadramento e caminho textual e temático, fazendo os espectadores navegarem no clipe. Além disso, por meio da exibição deste filme durante o festival e depois, sua trajetória semiótica e temática, iniciada por meio de um exercício de oficina que deu início à edição de 2023 do Tecno Barca, continuaria expandindo sua escala de referência.

Uma vantagem de mudar nossa perspectiva, de artefatos escritos e fílmicos como textos, para a de trajetórias, é que modificamos nossa atenção, da arte como objeto e artistas como indivíduos, para uma perspectiva mais processual e coletiva sobre produções culturais. Mais evidentemente, adotar uma visão de trajetórias também tem implicações para os sentidos de aprendizagem e desenvolvimento por meio de práticas artísticas, como sugerido na próxima oficina que descreverei.

Eu não gosto de dar o conceito, né? Eu acho que é mais legal eles experimentarem,

O Artista Ilha pode construir futuros



O Artista Ilha pode coletivizar imaginários



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 148

eles descobrirem, e aí eles verem. E aí, dentro do que eles vão comentando, eles mesmos vão puxando a maneira como eles entendem o conceito de luz, de composição, de exposição, essas coisas todas [...]

Teve uma hora que eu falei assim, olha, vamos tratar aqui, vamos desfocar a imagem, [mas eles responderam], não, eu não quero desfocar, eu não quero fundo desfocado, eu quero tudo escuro, eu quero desse jeito assim [...]

Teve sempre esse momentinho em que eles entenderam que o ritmo deles era outro e eles foram indo assim. Eu acho que essa é a parte que é muito profunda assim, é um buraco sem fim. Eles estão dentro do que está sendo proposto, achando o tempo deles.

(Entrevista com Michel Ribeiro, 2023)

A edição de 2023 do Tecno Barca incluiu uma oficina sobre fotografia e produção de videoclipes ministrada pelo artista residente Michel Ribeiro. Embora Michel tenha começado com um grupo maior, ele desenvolveu um trabalho mais profundo com três participantes – Ruth dos Santos Silva (20), Messias Maciel Mourão (15) e Deivid dos Santos Nascimento (13). As sessões iniciais ensinaram composição, enquadramento de imagens fotográficas e desenvolvimento de narrativas visuais. Depois disso, Ruth, Messias e Deivid desenvolveram sua prática fotográfica em torno de cenas cotidianas

locais e retratos de moradores, ambos por meio do uso de seus próprios celulares e equipamentos fotográficos profissionais do ministrante da oficina.

No caso dos retratos feitos por Ruth, ela pediu para fotografar os filhos dos seus amigos. Isso estabeleceu continuidade com sua fotografia anterior e interesse inicial em participar da oficina de Michel, pois ela regularmente fotografava seu filho enquanto crescia. Ruth mencionou que preferia a fotografia de retrato às outras técnicas aprendidas, porque 'atraía mais sua atenção'. Além do uso de seu próprio celular, na última sessão Ruth ganhou confiança no uso da câmera profissional. Primeiramente carregou orgulhosamente a câmera pela comunidade, tirando fotos com ela sem assistência. Depois, passou ocasionalmente a pedir para Michel verificar a iluminação e o enquadramento das imagens que ela estava prestes a tirar (Figura 149).

Messias também usava a câmera profissional para tirar fotos de retratos de sua família, diferentemente dos dias anteriores, quando ele preferia usar apenas seu próprio celular. Em contraste com Ruth, Messias pareceu querer experimentar um pouco mais. Em alguns exemplos, deliberadamente se desviou de perspectivas realistas, adotando ângulos agudos no que ele fotografava, resultando na transformação de cenas cotidianas e mais abstração. Em uma série de fotos de Messias, tiradas em uma praia ribeirinha, essa tendência mais abstrata foi alcançada agachando-se e chegando muito perto de pedaços de madeira flutuante e raízes mortas, desnaturalizando esses objetos físicos enquanto eles estavam sendo fotografados (Figura 150).

No último dia da oficina, o grupo também fotografou um torneio de futebol local onde os times das comunidades Ponta da Curuá e Limão do Curuá iriam jogar. Deivid,



o terceiro membro do grupo, mais jovem e, até então, menos participativo que os outros dois, agora começou a se envolver mais, aparentemente encontrando no futebol um contexto para a fotografia que o animava. Tendo tirado fotos dos times usando a câmera profissional, Deivid passou a perguntar para Michel se poderia tirar fotos de amigos e familiares, algo que não tinha feito nos encontros anteriores. Depois de se acostumar com essa câmera através do cenário de futebol, ele agora expandiu seu foco para outros tópicos.

No final, todo o material da oficina de fotografia foi curado por Michel, Ruth, Messias e Deivid. Coletivamente, uma seleção foi feita, editada e impressa como lambe-lambes, para depois ser instalada ao redor da comunidade Limão do Curuá durante o festival Tecno Barca 2023.



Até agora, discuti as trajetórias de i) edições do Tecno Barca em 2014 e 2023 e meu envolvimento, ii) atividades durante as edições, iii) processos de entextualização e recontextualização por meio de atividades, e iv) aprendizagem. A próxima seção trata de como as trajetórias de vida se interconectam por meio da educação, contação de história e poesia.

### ***Island connections***

Eu me considero já uma bailiquense, né? Porque eu entrei para trabalhar aqui no Bailique em 1997. Trabalhei na Escola Cubana. Então, eu entrei lá em 1997 por querer mesmo conhecer Bailique, eu não conhecia Bailique. Era porque, assim,



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 151

eu ouvia muito falar do Bailique, né? É muito farto, é muito açaí, as pessoas hospitaleiras, né? E eu tive uma certa curiosidade. Tanto é que eu mudei de rota, eu era para ir trabalhar numa comunidade chamada Pescada, e aí eu cheguei na Secretaria de Educação, falei para o secretário que eu queria conhecer Bailique, que era para ele me mandar para o Bailique. E aí ele me mandou.

Passei três anos na Cubana. Aí, em seguida, eu fui para o Carneiro, os professores faziam faculdades, e aí eu tinha que ficar substituindo, né? Substituir o Carneiro, pouco tempo também, né? Aí, de lá, fui transferida para o Franco Grande.

No Franco Grande, eu tenho uma história de vida. As pessoas, eu considero aquelas pessoas como se fossem minha família. Nós temos um laço de amizade tão grande. Nossa, amo o Franco Grande. E eu conheci o Tecno Barca no Franco Grande. Coisa maravilhosa. Foi em 2014.

(Entrevista com Aniz Monteiro de Souza, 2023)

O relato acima vem de uma professora que entrevistei durante a edição de 2023 do Tecno Barca. Chamada Aniz Monteiro de Souza, essa professora expressou um amor pela região, com base em experiências de vida e trabalho entre comunidades locais. Essa ética do amor, incorporando as dimensões de 'cuidado, comprometimento, confiança, respeito e conhecimento' (hooks 2000, p. 88-89) é uma base da educação progressista. Embora Aniz não fosse do Bailique, ela reconheceu e estabeleceu conexões de localidade. Aniz migrou para Bailique de Chaves, uma cidade em outra região insular - Ilha do Marajó (PA). Em nossa conversa, ela explicou como sua origem social em Chaves havia informado seus relacionamentos pessoais e profissionais como professora trabalhando em Bailique.

Embora não tenhamos nos conhecido naquela época, meu caminho cruzou com o de Aniz dez anos antes, durante o Tecno Barca de 2014. Ela havia se casado com um morador da comunidade de Franco Grande e estava morando lá. Na ocasião, visitei essa área várias vezes enquanto participava de oficinas do Tecno Barca. O primeiro foi ministrado por Sarah Marques, Paty Teles e Isabel Viana. Focando em histórias cotidianas, essas artistas entrevistaram moradores sobre suas vidas familiares, pesca e outros trabalhos ribeirinhos. As oficinas subsequentes de Wellington Dias se concentraram em contos e lendas populares locais. Isso significou que, em ambos, uma gama de práticas de contação de história, do cotidiano ao fantástico, foi documentada e depois desenvolvida em obras de arte, instalações e performances, que foram exibidas em Franco Grande e em outras comunidades do Bailique (Figura 152).

Durante minhas conversas com Aniz, sobre o ensino da escrita, dez anos depois, em 2023, uma técnica que ela mencionou foi o desenvolvendo de práticas pedagógicas, a partir das referidas práticas locais de contação de histórias \_ onde, como ela disse, 'nós contamos histórias e depois disso entramos [e trabalhamos com] o texto e os personagens'. Aniz já havia mencionado a importância da contação de história em Franco Grande e este comentário veio em resposta a uma pergunta minha sobre como os professores no Bailique constroem vínculos entre as práticas locais e o trabalho em sala de aula. Tanto dentro quanto fora das escolas, tais histórias de vida expressam nossos sentidos de identidade e grupalidade social: quem somos e como nos tornamos assim (Linde, 1993). A contação de história é, portanto, uma forma de transmissão cultural que cria coerência, ao representar modos de vida em formas narrativas que se tornam modelos, informando como as pessoas interpretam e agem no mundo. Nesse sentido, a contação de história pode servir como um modo textual de interconexão, entre pessoas e lugares.

Outro conjunto de conexões, através das ilhas do Bailique e edições do Tecno Barca, diz respeito ao Grupo D'Art. Este grupo foi fundado depois da primeira edição do Tecno Barca em 2012, por três jovens do Bailique: Alelson Santos (18), Elias dos Anjos (17) e José Correa (15). Conheci o Grupo D'Art através da edição seguinte, em 2014, onde eles estavam desenvolvendo uma proposta de trabalho baseada na frase-



manifesto do poeta Manoel de Barros (1996, p. 75): 'é preciso transver o mundo'. Essa frase de Barros alude a uma longa linha de teoria e prática poética, onde mundos podem ser projetados e construídos através da imaginação, e onde a memória serve como um ponto de rever, retrabalhar e aprender. Com sua ênfase visual, mas também sinestésica, 'é preciso transver o mundo' é um convite para ver e sentir 'coisas' de novo, e, no processo, transformá-las através da arte. Dentro desta frase, o verbo transver é um neologismo, feito pela conexão de dois morfemas ricamente polissêmicos (trans + ver) e, portanto, servindo como um modelo do que Barros está convidando.

O conceito de Barros foi introduzido ao Grupo D'Art em 2012 pela multiartista do Tecno Barca Ítala Isis, e, em vez de aplicá-lo somente à palavra escrita, como Barros fez, em 2014 eles o explorariam em uma gama de atividades artísticas, incluindo pinturas, colagens, instalações e performances. Voltando novamente o foco para a escrita, descobri mais tarde que dois membros do Grupo D'Art também escreviam poesia, e então, em meu retorno ao Bailique para a edição de 2023 do Tecno Barca, busquei seus trabalhos.

Para Elias dos Anjos e José Correa, além de ser seu lar, a pequena comunidade do Igarapé Grande do Curuá (Figura 154) também foi o cenário de suas escritas poéticas. O contato com a Tecno Barca em 2012 se deu por meio da divulgação do projeto em uma rádio comunitária, que os levou a viajar para a Vila Progresso, na intenção de participar dessa primeira edição.

A trajetória pessoal de Elias o levou para longe, mas depois de volta ao Igarapé Grande do Curuá, onde, após a universidade e o trabalho em Macapá, ele retornou para se tornar professor e coordenador escolar. Além do seu trabalho pedagógico contínuo, música e arte, Elías também escreveu poesia, embora ainda não tivesse publicado. Durante o Tecno Barca de 2023, ele compartilhou uma seleção de seus poemas escritos comigo. Depois, visitando sua casa, selecionamos três poemas. Ele os recitou na frente de um igarapé no Rio Amazonas e tocou algumas músicas no violão, para que eu pudesse gravar. Por fim, me concedeu uma entrevista sobre sua produção poética.

José já havia publicado seus próprios poemas. Em 2020, seu livreto, denominado Retalhos do Curuá, incluía poemas e exercícios criativos, acompanhados de fotos e pinturas de integrantes do Grupo D'Art e outros amigos. Seu objetivo era 'estimular



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 152 E 153

uma visão mais ampla sobre a comunidade Igarapé Grande do Curuá, [através do] entrelaçamento de imagem, movimento e palavra'. Em 2023, José compartilhou comigo esse livreto e um trabalho em andamento mais recente.

Foi a poesia de Elias e José que mais tarde disseminei por meio do projeto de poesia Island Connections (Conexões entre Ilhas). De 2023 a 2024, esse projeto começou com uma mensagem que escrevi para grupos de poesia online administrados pela Universidade de Londres, apresentando o Tecno Barca e o Arquipélago de Bailique, e perguntando se algum participante estaria interessado em ler poesias de jovens poetas do Bailique. Também perguntei se alguém tinha conexões geográficas ou temáticas com ilhas, arquipélagos, Brasil ou a língua portuguesa. Depois disso, eu e outras três pessoas criamos um grupo de WhatsApp para compartilhar a poesia e os comentários. Os leitores foram generosos, respeitosos e construtivos. Nesta última seção, compartilharei os comentários de duas participantes.

A primeira leitora foi Heather Siu, uma mulher de 23 anos de Mahé, a maior ilha das Seychelles – um arquipélago localizado no Oceano Índico, na costa leste da África. Heather fala três línguas: francês, crioulo seichelense e inglês, e sua leitura dos poemas do Bailique foi feita por meio de minhas traduções para o inglês. Por essa razão, seus comentários eram principalmente temáticos. Os dois poemas que mais ressoaram para ela foram O Tempo é Maré, de Elias, e Crustáceo Espacial, de José.

Foi o rio quem trançou o nosso destino.  
Mas, ele te levou por outros caminhos.  
E até você voltar?  
Eu te espero na próxima maré  
Em cada curva que esse rio dobrar,  
Eu guardei uma lembrança tua.  
Depois que você foi?  
Saudade: a minha chuva.  
E nesse temporal,  
O que eu encontrei?  
Saudades no varal  
É laia! Aqui o tempo é a maré quem faz.  
Vem e vai! A maré que te leva, também te trás.

*Dos Anjos, O Tempo é Maré: 1-13*



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 154

Queria chegar na lua  
Mas como ir até ela  
E explorar esse espaço tão grande?  
A lua fica pra lá  
Eu, menino, fico cá

E eu? Garoto Edu!  
Tão pequenino entroncado,  
Como fazer esse meu mundo engraçado  
Cercado de maninhos,  
Criei meu próprio mundo imaginário.  
*Chegarei ao infinito do meu coração.*

Eu e minha mente, e era tanta gente.  
Gente no pátio, gente no banco  
Caçando satélite no céu estrelado.  
E eu? Menino machucado  
Querendo voar pra lua.

De manhã cedinho me veio a inspiração,  
Já sei como chegar na lua!  
Vou fazer um foguetinho  
Que só cabe um bichinho,  
*É o foguete do meu coração [...]*

*Correa, Crustáceo Especial: 1-21*

Em relação ao primeiro, Heather expressou como poderia relacionar O Tempo é Maré com sua vida. Ela afirmou como o poema 'vocalizou sentimentos centrais que eu sentia crescendo em uma pequena ilha. Onde a cada ano havia amigos dos quais nos despedíamos, esperando nos encontrar novamente, mas muitas vezes nunca mais ouvimos falar deles'. Acompanhando esses sentidos de saudade e solidão, que podem fazer parte da vida nas ilhas e que são centrais no poema de Elías, a leitura de Heather também elaborou uma tensão entre movimento e imobilidade social. Ou seja, onde, apesar dos movimentos cíclicos de pessoas e natureza, como ela diz, 'às vezes pode parecer que nada se move em uma pequena região insular', e onde 'o que pode parecer uma mudança tranquila para os visitantes, para nós, nativos, pode ser nossa única opção'.

A leitura de Crustáceo Espacial por Heather focou nos temas de desejo e esperança no

cenário de pequenas ilhas. O poema a lembrou de um ‘desejo constante e avassalador por grandes coisas’ que pode impulsionar a imaginação das pessoas, especialmente na infância. Crescer traz complexidade crescente, e ler o poema de José fez Heather desejar poder ‘voltar e abraçar a mim mesma’ e a imaginação mais fértil da infância. No entanto, Heather também leu esperança nesse poema. Ela argumentou que ‘a esperança é um fator que te guia e dá força em todas as fases da sua vida’ e que ‘crianças, adolescentes, adultos e idosos — de todos os cantos do mundo compartilham isso, mesmo que o que esperamos às vezes pareça tão inalcançável quanto a lua’. Em suma, o que mais ressoou para Heather nesses dois poemas do Bailique foi uma espécie de ‘sentimento agridoce’, um senso que se expandiu de questões sociais específicas da vida nas ilhas para questões humanas muito mais amplas.

A segunda leitora foi Sheridan Povedano, uma mulher de 21 anos de Gibraltar, uma península estreita da costa mediterrânea da Espanha. Nesse caso, em vez da geografia e demografia das ilhas, sua conexão com a escrita do Bailique veio por meio da linguagem e da poesia. Sheridan é uma jovem poeta multilíngue, que fala inglês, espanhol e português, então ela conseguiu ler os poemas do Bailique diretamente. Além disso, sua mãe é do Brasil, embora nunca tenha tido a oportunidade de visitar o país, apenas ouvindo histórias. Por essas razões, entre outras, Sheridan expressou um forte interesse no projeto e forneceu respostas detalhadas sobre os poemas de Elias e José, comentários selecionados dos quais resumirei abaixo.

Sou às margens do rio;  
Relento do Igarapé;  
Sou rebento das águas;  
Açucenas e mururés, mururés

Sou do manto ribeiro.  
Após a chuva, o sol vem regar meu canteiro.  
Noite, Rádio Farol.  
Farol e Farol.

É mais que minha missão;  
Ficar o isteio, essa marca no chão.  
Eu sou o mito a lenda  
Que ultrapassar o tempo  
E mantém vivo a crença [...]

*Dos Anjos, Rádio Farol: 1-13*

Em *O Tempo é Maré*, *Rádio Farol* e outros poemas, Sheridan focou no uso de duas técnicas poéticas por Elías, e como estas se combinaram na projeção de dois aspectos da identidade — ou seja, por um lado identidades sociais e ambientais nas ilhas; e por outro, a voz do poeta-narrador, mais íntima e individual.

Em relação às técnicas, ela destacou, primeiramente, a falácia patética e a antropomorfização em geral, onde Elías atribui características humanas, sentimentos e agenciamentos à natureza como parte de um diálogo consigo mesmo e com os interlocutores.

Assim, Sheridan nos lembra que, quando Elias nos leva nesses poemas ciclicamente – da vida da comunidade para os movimentos da maré e de volta à ele – o mundo que ele cria imagetivamente é um mundo de poeta-narrador, ‘onde a chuva não é apenas a chuva do céu, mas a chuva do narrador, e onde a lua e o rio se tornam parte de seu mundo de histórias, de modo que transbordam as memórias pessoais que estão sendo acionadas’. Tal descrição nunca é, portanto, apenas da natureza amazônica e do Bailique, embora surja dela, mas sim uma imaginação poética em movimento.

A segunda técnica é a hipófora, quando as problemáticas são colocadas em discurso e depois respondidas diretamente, muitas vezes enfaticamente. Sheridan argumentou que, por meio desse e de outros aspectos poéticos, o poeta parece evocar um processo de mudança pelo qual está passando, e talvez, uma certeza crescente de seu pensamento sobre os tópicos em questão.

Em *O Tempo é Maré*, tal processo aparece, mais proeminentemente, como uma reflexão sobre um relacionamento com outra pessoa que é apenas aludida. Mas, no decorrer do poema, fica aparente como, o que esse relacionamento representa ou simboliza para o poeta, está situado entre ‘uma densa camada de questões sociais e ambientais’ no local.

Em seguida, em *Rádio Farol*, Elías muda do que era uma mistura ondulante de tom melancólico e declarações enfáticas no poema anterior, para afirmar mais plenamente a força possível das pessoas em relação às suas terras. Aqui, há um certo desenvolvimento do poeta, da reflexão metafórica e vulnerável anterior, sobre o tempo e o movimento como uma maré aparentemente incontrolável, para uma afirmação da sua ‘missão’ pessoal naquela esfera. Para além disso, o poeta evoca, com mais grandiosidade, as forças transtemporais do mito e da lenda em seu apoio.

Eu, em meu barco, saindo de Macapá tentando chegar à Vila Progresso no Bailique, mas o destino fez com que me perdesse. Me perdi em meio a escuridão e as ondas do Rio Amazonas [...]

Fecho meus olhos e de repente a turbulência para, e tudo fica em uma imensa calmaria. E só quem já escutou o som tinindo do caraxué saberá que está em território bailiquense.

Eu ainda com a vista embaçada, vi uma luz piscar de doze em doze segundos e lembrei de uma história contada pelo meu pai, que em uma comunidade chamada Igarapé Grande do Curuá, no Bailique, existia uma rádio farol. Uma torre alta, no qual uma luz brilhava durante a noite [...]

Ai, que alívio, sei que ali não estarei perdido [...]

*Correa, Siloé: 1-14*

Para os poemas de José, Sheridan leu, comparativamente, *Crustáceo Espacial*, *Siloé* e outras obras, focando nos temas de visualidade e hibridez. No livreto onde esses dois primeiros poemas foram publicados, José se refere a 'fotografar através da imaginação' como um método. De fato, essa metáfora da mente como uma câmera, em combinação com sua ênfase na imaginação como um dispositivo transformacional, explica sua abordagem fortemente imagética.

Em *Crustáceo Espacial*, Sheridan também notou as alturas que José eleva seu narrador simbolicamente, por meio dos atos de criatividade poética nos quais ele está engajado – onde a escrita leva o narrador ao espaço celeste, ou talvez a um estado ou lugar diferenciado. De forma relacionada, Sheridan interpretou *Siloé* como uma espécie de história de viagem proverbial, investigando temas de espiritualidade e verdade, mas contada na forma de prosa poética – ou seja, uma forma híbrida. Essa mistura de gêneros e o sentido hibridizado do que é um poema apareceram no livreto ao lado de fotografias, videografias e pinturas. Esse aspecto multimodal e de mídia se conecta à ênfase sociopolítica de José nas memórias pessoais e culturais do lugar, especialmente para regiões como Bailique, que são impactadas por altos níveis de migração externa e despovoamento. É como se, por meio da distribuição de imagens e memórias em várias formas, não houvesse apenas um aprimoramento em como as histórias são representadas, contadas e sentidas, mas também uma possibilidade crescente de, como José coloca, 'eternizar histórias' para as gerações futuras.

Em suma, como poetas, tanto José quanto Elías conseguem conectar seus leitores com o mundo do Arquipélago do Bailique. No entanto, por meio de suas descrições do rio, dos céus noturnos e de outras cenas locais, eles evocam símbolos que

simultaneamente aparecem como parte daquele mundo, mas também se movem e iluminam além dele. Efectivamente, ambos os poetas fazem isso por meio de mundos textuais e poéticos que eles mesmos construíram.

Acompanhando todas as produções artísticas apresentadas nesse texto, eu contei as histórias do projeto Tecno Barca durante dois momentos, ao longo de dez anos (2014-2024). Tematicamente e teoricamente, através de relatos etnográficos e poéticos, tracei exemplos de trajetórias criativas, práticas textuais e conexões entre pessoas e lugares, que marcaram minhas experiências com o Tecno Barca. Para concluir, minha esperança é que essas trajetórias de criação continuem por mais dez anos e além.

## Referências

- BARTON, D., Hamilton, M. (2012). *Local literacies: Reading and writing in one community* (2nd Edition). Abingdon: Routledge.
- BARROS, M. (1976). *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record.
- BAUMAN, R., Briggs, C. L. (1990). Poetics and performances as critical perspectives on language and social life. *Annual review of anthropology*, 19(1), 59–88.
- COLLINS, J. (2003). Language, identity, and learning in the era of “expert guided” systems. In S. Wortham, B. Rhymes (eds.), *Linguistic anthropology of education* (pp. 31-60). Westport: Praeger.
- HOOKS, B. (2000). *All about love: New visions*. New York: William Morrow.
- LINDE, C. (1993). *Life stories: The creation of coherence*. Oxford: Oxford University Press.
- KELL, C. (2009). Literacy practices, text/s and meaning making across time and space. In M. Baynham, M. Prinsloo (eds.), *The future of literacy studies* (pp. 176–199). New York: Palgrave Macmillan.
- RUSKIN, J. (1888). *Modern painters*. Kent: George Allen.



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 155

## CONVERSA COM ELIAS DOS ANJOS

**Anderson Barroso:** Elias, primeiramente quero agradecer por ter aceitado participar desta entrevista para a publicação sobre os 12 anos do Projeto Tecno Barca. Para começar, você poderia nos contar como foi que conheceu o Tecno Barca I e o que o motivou a participar dele?

**Elias dos Anjos:** Então, Barroso, isso me traz memórias afetivas, desse tempo, nessa época em que eu estava morando ainda na minha antiga casa, uma antiga base da Marina, inclusive também morava lá o Alelso, meu primo que também participou do projeto. Eu acho que a gente sempre foi, assim, inquieto né? Acho que essa vontade artística veio desde pequeno, então por a gente estar no interior, numa região em que não tinha nenhum tipo de estímulo à arte, a gente sentia vontade, a gente via na TV ou ouvia, na verdade, na TV não, no rádio. Nessa época a gente não tinha TV ainda, então a gente escutou no rádio sobre o projeto. A gente sempre escutava sobre o que acontecia em Macapá, mas nunca próximo da gente, no máximo na Vila Progresso, no Bailique. E aí a gente sempre falava que nunca aparecia oportunidades ali, nem mesmo na Vila Progresso, nunca chegava. Assim, hoje a minha visão com relação a isso, é que as políticas públicas, os projetos, as coisas não chegam nas entranhas dos lugares distantes, nas regiões ribeirinhas, então era disso que a gente precisava. Por coincidência a gente escutou no rádio uma entrevista de vocês falando, eu lembro da Ítala Isis, falando disso, do que seria o Projeto Tecno Barca, lembro inclusive dela falar uma frase, ficou bem gravada na minha memória, que a oficina dela seria de Autorretrato e ela falava que era uma desculpa para a Arte Contemporânea. Esse fazer artístico me atraía, mas a gente não sabia as linguagens, não sabia os caminhos, nem as outras possibilidades, e aí só de ouvir, já fiquei intrigado, de saber, de me perguntar o que é Arte Contemporânea. Então foi assim, foi no rádio, lá no nosso interior, lá no Bailique, lá na nossa comunidade, no Igarapé Grande do Curuá. Foi assim, num belo dia, do nada eu escutei, Alelson e José, meus primos, também escutaram. Porque, para você ver, assim, a nossa curiosidade, nós estávamos sempre antenados no rádio, no que estava acontecendo, no que chegava próximo da gente. E aí parece que quando a gente foi conversar, eu e meus primos, a gente já tinha um pré-diálogo que era, vamos nos escrever nesse tal de Tecno Barca, vamos ver como é esse projeto. A gente ficou mesmo bem animado, disposto, agoniado para participar disso, que foi a nossa primeira participação em alguma coisa, além da nossa vivência ali. O Tecno Barca

realmente foi nossa primeira participação em alguma coisa, independentemente de ser arte, educação, foi o primeiro projeto que a gente participou.

AB: Elias, durante o Tecno Barca I, quais oficinas ou atividades marcaram mais para você e influenciaram o seu desenvolvimento pessoal e artístico?

E.A: Eu gostei de todas, mas se eu tiver escolher uma entre todas as oficinas, e a que mais contribuiu para a minha formação enquanto cidadão e artista, eu acho que foi a da Ítala. Porque a Ítala falava sobre Autorretrato e quando eu ouvi essa palavra, o nome da oficina AutorRetrato, eu pensei logo em aperfeiçoar uma técnica de desenho para o realismo, e quando a Ítala trouxe a questão da arte, que não seria somente essa coisa do realismo, da técnica, que o AutorRetrato era mais uma representação do que você tinha em você num outro lugar, no objeto, na superfície, acho que isso contribuiu bastante pro meu crescimento. Porque a partir daí, acho que foi uma portinha para a percepção das questões conceituais. De a gente querer se retratar de um jeito específico, sei lá, o máximo real do que a gente é, e a proposta dela não era isso, eu lembro de um desenho, de um autorretrato, era até da Tia Diana, que ela tinha uma marquinha bem aqui assim, (aponta para o rosto) e aí no autorretrato dela, era tipo uma luazinha, ela colocou uma lua no desenho. E aí era mais a questão de representar aqueles traços mais específicos do rosto, aquela identidade, então isso já abriu um caminho de alguma forma para falar sobre essa questão de identidade, de pertencimento, de não necessariamente a arte ser uma coisa perfeitinha. Aquela coisa bonitinha era o que o nosso estudo de arte dentro da escola nos apresentava. Mas o Projeto Tecno Barca veio e quebrou tudo isso, nos deu outras oportunidades, mostrou outros caminhos, acho que todas as oficinas contribuíram de alguma forma para a minha formação enquanto artista e enquanto ser humano.

AB: Elias, para contextualizar, o que você faz atualmente e como foi a sua trajetória de formação desde a primeira edição do Tecno Barca?

E.A: Continuo morando na comunidade do Igarapé Grande do Curuá no Bailique, foi uma coisa que eu quis, também a partir do que eu aprendi dentro da comunidade, a partir também das conversas com vocês, as questões de pertencimento. Entendi que não preciso sair do meu lugar, ir para longe para ser uma pessoa formada, bem estruturada nas questões de ética. Hoje, inclusive, eu brigo com as pessoas que querem sair do seu lugar para conquistar as coisas. Pelo fato de eu ser ribeirinho, ser de uma comunidade distante, ser do Bailique, um lugar que enfrenta muitos problemas, entro em conflito mesmo, para mostrar que eu tenho competência, que eu tenho

inteligência, que eu sou um bom profissional, porque a gente, de certa forma, sofre preconceito. E eu acho que é muito pelo que eu sou, assim como posso dizer, por esses projetos, não somente o Tecno Barca, mas outros projetos da Associação Gira Mundo que me ajudaram a construir meu caráter, a visão de que eu não preciso ir embora, pelo contrário, quanto mais eu aprendo, estudo, mais eu quero continuar no meu lugar e me desenvolver lá. Não só nas questões de desenvolvimento, mas também nas questões financeiras, de perceber o meu lugar também como lugar de fonte de renda, de não necessariamente ter que ir para uma cidade grande e lá me estabelecer, mas eu continuo morando lá. Também sou diretor da Escola Estadual Igarapé Grande do Curuá, a escola onde estudei, fiz meu ensino fundamental, já vou fazer três anos agora em agosto como diretor de lá, e na minha formação artística, o Projeto Tecno Barca e os outros projetos também contribuíram bastante. Acho que nos últimos tempos tenho me colocado muito nesse lugar de produção cultural, não só do fazer artístico enquanto artista individual, mas como produtor cultural e agente cultural dentro da minha comunidade. O ano de 2023, por exemplo, foi um ano muito rico pra gente, conseguimos fazer bastante coisa dentro da comunidade, com a comunidade e dentro da comunidade através dos projetos da Associação Gira Mundo, então acho que na questão artística, esses últimos dois anos eu tive mais envolvido com a produção cultural, do fazer cultural dentro da minha comunidade

AB: E quanto à sua formação acadêmica, você poderia nos contar um pouco sobre ela?

E.A: Sim, sou licenciado em pedagogia pela Universidade Paulista, a UNIP, atualmente também estou fazendo uma pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado, e eu pretendo fazer mais especializações. A questão de tempo, de viagem, é uma coisa que afeta bastante a gente, porque a gente tem que se virar para dar conta de tudo, porque agora não, agora está um pouco mais fácil, porque a gente tem internet até no barco, então isso facilita, abre a comunidade pro mundo. É isso.

AB: Olhando para a sua trajetória, de que maneira as experiências e aprendizados na primeira edição do Tecno Barca dialogaram com o seu caminho profissional como professor e gestor educacional?

Bom, eu acho que só o fato de a gente ter contato com uma outra pessoa que tem um nível de conhecimento maior do que a gente, que ensina e que está disposta a ajudar de alguma forma nessas questões de educação e de arte, só o fato de conversar, já é uma coisa muito rica, né? Sempre que estou com alguém de fora, que dá para

conversar tranquilo, sem nada, estou ali tentando aprender, e eu acho que isso influencia bastante, porque o Bailique, de certa forma, as famílias, elas têm essa visão de que querem que seus filhos sejam pessoas boas, pessoas bem resolvidas, pessoas que estudam, então quanto mais a gente tem contato com outras pessoas que trazem coisas novas, só agrega ao nosso conhecimento. E a decisão de ser educador, professor, ela vem de muito tempo atrás, eu acho que essa parte já veio muito antes do Tecno Barca. Essa vontade de ser educador, provavelmente, foi criada dentro da própria escola, então já estava ali no meu destino, no meu caminho, que eu ia entrar, que eu ia ingressar na educação de uma forma ou de outra, só que a Tecno Barca só reforçou, só reforçou a ideia de me envolver dentro da comunidade. Provocou a ideia de proporcionar outras possibilidades de fazer, tanto na área de educação, de arte, de cultura, de ser morador, porque é como eu te falei, essa ideia de que eu não preciso estar fora, quero continuar aqui, não preciso ir embora do meu lugar para realizar meus sonhos. Então, quando estou como educador, ensinando, eu repasso essa ideia. Quero dar continuidade a essa ideia de pertencimento para os meus próximos, para os meus parentes, para os meus amigos, para os meus alunos, para os que estão ao meu redor, que a gente não precisa olhar lá fora e buscar outra forma, a gente pode, ali mesmo, na nossa comunidade, construir nossa vida de uma forma ética, de uma forma profissional. Não precisamos depender da decisão das pessoas de fora, porque eu acho que o mais importante, além de ter educação, é escolher o que de fato você quer para a sua vida, não necessariamente a gente precisa ser um servidor público, precisa ser um professor, ou qualquer outra coisa que seja, que necessariamente precisa de uma formação, pode ser um empreendedor, outras coisas do ramo, então eu levo isso comigo. A educação, acho que está mais para tornar o ser humano livre do que ensinar que tem um jeito certinho de fazer as coisas, de ser alguma coisa na vida. A educação, ela serve para fazer a gente se sentir livre, e dentro do Tecno Barca, no contato com todos vocês, com o que vocês fizeram, com a ideia de educação, de arte, tudo isso só agregou e me transformou na pessoa que sou hoje, com essas ideias, com esse pensamento.

AB: Como foi para você ver as obras que produziu junto com seus primos, Aleson e José, serem apresentadas na exposição de artes visuais em 2013, em Macapá?

E.A: Acredito que foi o ápice, o êxtase de tudo, porque para o meu lado mais humano, mais vulnerável, eu estava com um frio na barriga, um misto, de excitação, de felicidade, de um pouco de medo de estar num lugar com muitas pessoas, um misto assim, geral, então isso gerou, como posso dizer, um sentimento de, ao mesmo

tempo, de alegria, de excitação, de um pouco de retração, afinal de contas eu nunca tinha feito uma exposição, então acho que o meu lado mais humano aflorou isso. A gente nunca tinha escutado falar de alguém que tinha feito isso antes, de algum grupo de jovens, mesmo que não seja um grupo formado por profissionais, mas o fato de ser levado para a capital e ter feito uma exposição, isso foi um marco, tanto na educação, não só falando do Tecno Barca, mas no aspecto geral do Bailique, nunca houve isso antes, então é motivo de muita felicidade, de a gente dar início a uma coisa, abrindo possibilidades para os outros que vêm depois. E aí, assim, foi algo que até hoje eu não consigo descrever o tamanho da minha felicidade, acho que foi uma grande conquista levar as nossas obras para as outras pessoas verem e nós colhermos também muitos elogios, aplausos, admiração da nossa família e do povo do Bailique. Imagina, jovens Bailiquenses fazendo uma exposição muito bonita, rica, então foi só felicidade. Acho que das minhas lembranças mais felizes, estão as lembranças do espaço da exposição, a gente conseguiu fazer que o nosso trabalho, claro, através do Tecno Barca, de vocês, fazer com que a nossa arte chegasse a outras pessoas, e é o que o artista quer, que o seu trabalho vá adiante e chegue nos lugares.

AB: Naquele período, a repercussão foi intensa, entrevistas, matérias em jornais e contato direto com a imprensa, experiências que deixaram marcas na sua trajetória e que seguem repercutindo até hoje, não é isso?

E.A: Com certeza, com certeza, o impacto disso tá reverberando até hoje, porque tá aí, tá na mente, tá no profissional também, porque a partir de lá a gente começou a perceber como é conversar com outras pessoas, o fato de dar entrevista com o microfone e uma câmera na cara, então já prepara a gente para o mundo lá fora, enfim, foi muita felicidade mesmo.

AB: Elias, olhando para a sua trajetória e para a realidade da sua comunidade, quais mudanças mais significativas você percebeu na sua vida e no Bailique ao longo dos anos?

E.A: Posso citar aqui dois pontos específicos, o primeiro relacionado a mim, eu até penso às vezes numa linha do tempo, como seria, ou como eu seria se o Projeto Tecno Barca não tivesse me atravessado, se eu não tivesse escutado, se eu não tivesse participado do Tecno Barca. Eu penso em como seria a linha do tempo se eu não tivesse participado? Acho que teria continuado com essa inquietação artística dentro de mim, pois isso faz parte da minha natureza, eu teria me tornado artista ou produtor cultural de alguma forma, só que muito mais lenta, com dificuldades. Acho que hoje

consigo perceber que, por exemplo, posso fazer uma produção, por exemplo, através do digital, online, sei os caminhos. Acho que mesmo se o Tecno Barca não tivesse atravessado o meu caminho, eu teria continuado a ser artista, mas acredito que não seria essa pessoa tão livre e tão certo do que eu sou hoje. Do que eu quero, por exemplo, talvez eu não estaria no meu lugar mais, talvez não estivesse mais morando no Bailique, talvez eu tivesse buscado as minhas conquistas indo para fora, indo para outro lugar. Não que seja uma coisa ruim, não é isso, não é errado, mas talvez eu não teria essa mentalidade de que eu não preciso me desgastar todo ou me adaptar, me rasgar para caber dentro de um outro mundo. Para poder ser quem eu quero ser. Essa coisa de querer ser alguma coisa, essa coisa que parece que fica além, acho que já não é tanto assim, então eu acho que a partir do momento que o Tecno Barca atravessou o meu caminho, eu já não penso em querer ser, pois ele me mostrou que eu já sou. Que eu estou vivenciando, eu já sou um artista, eu não preciso voar além, e no outro ponto, eu acho que hoje em dia o Tecno Barca, já tem um nome, ele já conhecido, as pessoas do Bailique tem uma percepção do que é o Tecno Barca. As pessoas de todas as comunidades conhecem, quando a gente chega, elas falam: são os artistas do barco lá, com as obra de arte, enfim, que traz os artistas, então já tem um nome, então eu acho que o Tecno Barca em si, ele já se fincou, já se estabeleceu como algo que realmente incentiva a produção de arte dentro do Bailique. Aliás, existem artistas dentro do Bailique, mas se a gente for pensar em quem conduz a arte, tanto de dentro para fora, quanto de fora para dentro, se eu me perguntar qual é essa engrenagem, qual é esse mecanismo, eu e todos ali iam falar no Tecno Barca, porque ele já se estabeleceu e já se fincou como um objeto que produz cultura dentro do Bailique, que não só produz, como incentiva cultura, arte e educação dentro do Bailique.

AB: Durante a primeira edição do Tecno Barca, você participou da oficina de Performance Arte, na qual o corpo era utilizado como principal instrumento de criação. Como foi essa experiência para você e quais lembranças ainda guarda, passados 12 anos?

E.A: Tenho várias lembranças da tua oficina, lembro de coisas que a gente fez, tenho uma memória fotográfica de um momento muito específico, que inclusive é uma fotografia, de um momento que a gente pega a taboca e coloca na frente dos olhos, aquele ato tão inocente, ao mesmo tempo estético, com o tempo criou um significado muito grande dentro de mim. a taboca, uma coisa que está ali no ambiente e que gente colocou na frente dos olhos, e isso isso criou uma imagem muito bonita. Foram momentos de muitos significados. Essa performance, essa fotografia, essa intervenção segue comigo até hoje na minha memória. Eu acho que a oficina em si, o primeiro

sentimento que me trouxe foi de inquietação, de perceber que o meu corpo também é um elemento artístico, dentro do que eu quero fazer. A palavra performance já traz um impacto, porque a gente não tinha escutado essa palavra performance antes, nem mesmo tinha escutado falar que era uma linguagem artística, então só nesse ponto já quebrava ideias. Então, quando fui trabalhar com o meu corpo, descobri também um certo conflito, né? de o meu corpo, até porque eu era um adolescente, estava me descobrindo e tal, e aí a gente que é criado em um momento, em uma família muito tradicional do interior, a gente é muito ensinado sobre questões de, sei lá, de se preservar, de vergonha do corpo, ser ensinado que às vezes uma pessoa é de um jeito específico e ponto, ou que outras pessoas são mais bonitas do que a gente, e aí eu acho que ali foi uma virada de chave para eu começar a me questionar a respeito do corpo em si, não só o corpo dentro da arte, mas o corpo como ele é, de eu aceitar o meu próprio corpo, então foi uma virada de chave bem específica, porque é uma coisa que vai comigo para onde eu vou, afinal de contas eu sou o meu corpo. Vieram ali, nos primeiros momentos ao trabalhar com o corpo, questões de vergonha, de retraimento, de, sei lá, se achar meio esquisito, perceber seu corpo, então é uma virada de chave, para a gente começar ou se aceitar ou se questionar sobre o nosso corpo. Acho que a principal contribuição da tua oficina de performance para mim foi essa, o corpo é meu corpo, aquela coisa, meu corpo, minhas regras, enfim...

AB: Você cresceu no Bailique, em contato direto com a natureza. Como foi revisitar lugares tão presentes no seu cotidiano, como pontes, igarapés e campos, a partir de uma perspectiva artística e performática, explorando novas formas de olhar e encontrar poesia nesses espaços?

E.A: Então eu acho, acho não, tenho certeza que a natureza sempre foi um elemento de grande inspiração para a gente, para o nosso fazer artístico, não falo só de mim, mas dos meus primos também, do Aelson e do José. O que mais a gente desenhava era paisagem, então, era o desenho a nossa principal linguagem artística inicialmente, então a gente sempre desenhou paisagem, muito rio, muita árvore, muita palmeira, pássaros, então a natureza ela já tava ali. Só que aí a foi nas oficinas que gente percebeu que existe muito mais poesia do que a gente já via ali dentro, por exemplo, é preciso "transver o mundo", que foi o que Ítala trouxe para a gente, é da poesia do Manoel de Barros, que diz o seguinte: "□O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê... É preciso transver o mundo." então ali já foi um impacto, porque já elevou o nível de poesia que a gente via ao nosso redor, ali dentro, porque a gente só via, a gente experimentava, a gente se inspirava, só que aí a gente começou a buscar, não

era só o que a gente via e nos inspirava, a gente começou a ir buscar dentro do nosso ambiente natural, a gente começou a ir atrás, a buscar ainda mais poesia, imaginar ainda mais poesia dentro do nosso ambiente, buscar outros mundos dentro do que a gente via ali, que tava ali presente no nosso cotidiano, na natureza, na ponte. Lembro da Ítala, do Wellington também falando né, "hoje quando vocês forem embora pelo caminho de vocês, pelas pontes, não vão de qualquer jeito, vocês vão tentando encontrar poesia no caminho", isso a gente voltando lá da Escola Bosque pra ir almoçar em casa e voltar na parte da tarde. Já era um exercício de experimentar poesia. Então, a gente voltava para casa já experimentando o que a Ítala tava trazendo pra gente, a gente já voltava caminhando com esse novo olhar, tentando ver o diferente, curioso pra olhar, enxergar alguma coisa além do que somente tava enxergando, então foi muito enriquecedor, aprendemos que a gente podia ser ainda mais, ter um olhar ainda mais sensível para nossa realidade.

AB: Além do seu trabalho no Bailique, você também tem participado de outros projetos e ações culturais e sociais. Recentemente, esteve em Belém do Pará para um encontro que discutiu questões ambientais e sociais da região. Pode contar um pouco sobre essa experiência e os temas que você levou para o debate?

E.A: Com relação à Gira Mundo e os outros projetos, como te falei, nos últimos dois anos eu estive ainda mais dentro da questão da produção cultural, acho que isso só me enriqueceu intelectualmente, não só eu, mas as demais populações do Bailique, o povo Bailiqueense da floresta em geral. Nessa viagem lá para Belém do Pará, nos diálogos econômicos, eu fui convidado a levar a minha experiência de Ribeirinho, de como é viver no arquipélago de ilhas do Bailique, de como é vivenciar todos esses problemas que o Bailique tem vivido, as questões da água salgada, questões da erosão, das terras caídas, mas a nossa principal fala estava focada na questão da energia. A gente foi para Belém junto ao projeto "Te liga, comadre", por uma estratégia popular, e era um projeto onde a gente oportunizava às mulheres do Arquipélago do Bailique protagonizar falas a respeito de questões urgentes do Bailique. Eu sempre falei assim, o Bailique, a questão da energia elétrica sempre esteve na mão de homens, e nunca houve espaço para as mulheres falarem, citarem as ideias delas de possíveis soluções para a questão da energia, mas não somente isso, mas como elas se sentem, como a falta de energia afeta a vida delas, então basicamente era essa a ideia do projeto. Lá no Diálogos Amazônicos em Belém, eu fui convidado a levar minha experiência de Bailiqueense, de morador do arquipélago, para falar como esses fenômenos afetam a nossa realidade. Na questão da energia, eu acho que é um fator chave, eu não consigo

nem descrever assim, de uma forma sintética, porque tantos lugares da nossa vida são afetados pela falta de energia. Levei uma fala bem sintética para eles lá que partia da ideia de como você imagina sua vida, se você passasse um dia sem energia? Quais são as consequências para vocês de um dia sem energia? Aí eu perguntei isso para as pessoas, e aí sim, as primeiras falas foram a respeito da luz mesmo, ficar sem luz elétrica, iluminação, sem ar-condicionado, sem TV. Aí eu falei assim, mas isso de ficar sem iluminação e TV, para nós, não é nada, esse é o menor dos problemas. Quando a gente não tem energia, a gente não tem onde armazenar comida e a gente é uma comunidade que vive de peixe, tem muito peixe, mas não pode armazenar, não tem como guardar o peixe, porque o peixe vai apodrecer, porque não tem energia. Então foi um susto para eles, nossas necessidades eram mais urgentes do que as deles, a minha realidade é outra, com a falta de energia, a gente não tem onde conservar, as vezes é preciso salgar o peixe, por exemplo. Um outro fator afetado pela falta de energia é a questão econômica, porque o pescador já não vai conseguir armazenar o peixe para levar para Macapá para vender, ele já vai ter que levar para o atravessador. Um peixe que custava 50, ele vai pagar 30 e vai vender a 100 em Macapá, então já afeta a nossa economia local. E como a minha fala não podia ser longa por conta da demanda de outras falas era difícil colocar em cinco, dez minutos ou até em uma hora o tanto de problema que a falta de energia nos causa. Aí eu tentei ser bem sintético, assim, na questão prática mesmo: não dá pra conservar alimento, não tem acesso à internet, não tem acesso à televisão e outras coisas mais. Eu acho que hoje em dia, estou mais atento para essa questão das políticas públicas, o que é, e como que faz. Portanto, a questão da energia, é algo que afeta diretamente o povo do Bailique. Mas aos poucos as coisas vêm mudando, aqui no Bailique, muitas comunidades ganharam um kit de energia solar, então elas têm energia solar em casa. E aí não resolve 100% dos problemas, pois não são placas grandes que capturam muita energia, e também depende muito do que a pessoa tem em casa. Mas dá para ligar um freezer, uma televisão, um ventilador, tem energia mesmo, é uma claridade. Então foi aí que eu percebi o quanto a política pública, principalmente se na questão da política parece que, de certa forma, a gente é muito silenciado. Quando a gente vai reclamar, as pessoas normalizam muito. Ah, mas sempre foi assim. Ah, é difícil mesmo, é porque o Bailique é longe, é difícil levar uma coisa que vai, de fato, resolver a problemática. Então, de certa forma, quando a gente vai falar do que nos afeta, a gente é muito silenciado. Então foi muito positivo pra mim, me senti muito à vontade e acolhido, senti que as pessoas perceberam que realmente eu tenho um problema real e que

não é só mais um problema, que é uma coisa que realmente precisa ser conversada e precisa de políticas públicas. E eu acho que, por falar em política pública, de fato, quando se faz política pública, quando os tomadores de decisão fazem política, como realmente elas são benéficas pra gente, porque essa questão da energia solar é uma política pública. Garantiram, de fato, que a gente tivesse energia para sanar pelo menos metade dos nossos problemas. Hoje em dia a gente está mais tranquilo, melhorou ali consideravelmente. A gente tem energia solar em casa, sabe? Uma coisa de um impacto positivo enorme pra nossa vida.

AB: Elias, quero agradecer muito por compartilhar suas experiências e reflexões nesta conversa. Para encerrarmos, gostaria de acrescentar algo à entrevista?

E.A: Eu falo hoje, de vez em quando eu converso com os meus amigos sobre o Projeto Tecno Barca, falo muito. Inclusive, muitas pessoas que conhecem o Tecno Barca são através de mim, porque eu falo bastante também da questão da importância, do que que é, como eu gosto. Acho que nunca tinha surgido a oportunidade ou um momento específico pra isso, mas hoje eu gostaria de te agradecer, Barroso, por ser essa pessoa que contribuiu muito na minha formação como pessoa, como ser humano. Não falando de educador e artista, mas como ser humano mesmo, sabe? Pessoa que vive, que respira. Gostaria de te agradecer. Acho que o teu trabalho foi um impacto na minha vida e de outros também. Agradecer os demais, a Ítala o Wellington, que é a pessoa principal, que é o articulador principal do Tecno Barca. Acho ele é uma pessoa incrível... O Wellington é uma pessoa muito importante na minha vida. Ele me ajudou bastante. Principalmente na época que eu estava fazendo faculdade, que eu vinha pra Macapá cheio de coisas que eu não conseguia resolver. Foi uma pessoa que estava ali me ajudando, em contato, não me deixou sozinho, mesmo que fosse virtualmente, mas eu tinha uma pessoa com quem contar. Então, só agradecer mesmo as pessoas do Tecno Barca. E dizer, principalmente que o Tecno Barca tem que continuar, tem que vir cada vez maior, com mais estrutura, porque não pode parar em momento algum. É muito importante esse projeto para a continuação do fazer cultural dentro do Bailique.



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 156

# MEMORIAL FOTOGRÁFICO TECNO BARCA VI





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 158



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 159



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 160 E 161





FORTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 162 E 163





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 164 E 165





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 166 E 167





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 168 E 169





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 170 E 171





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 172 E 173





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 174 E 175





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 176



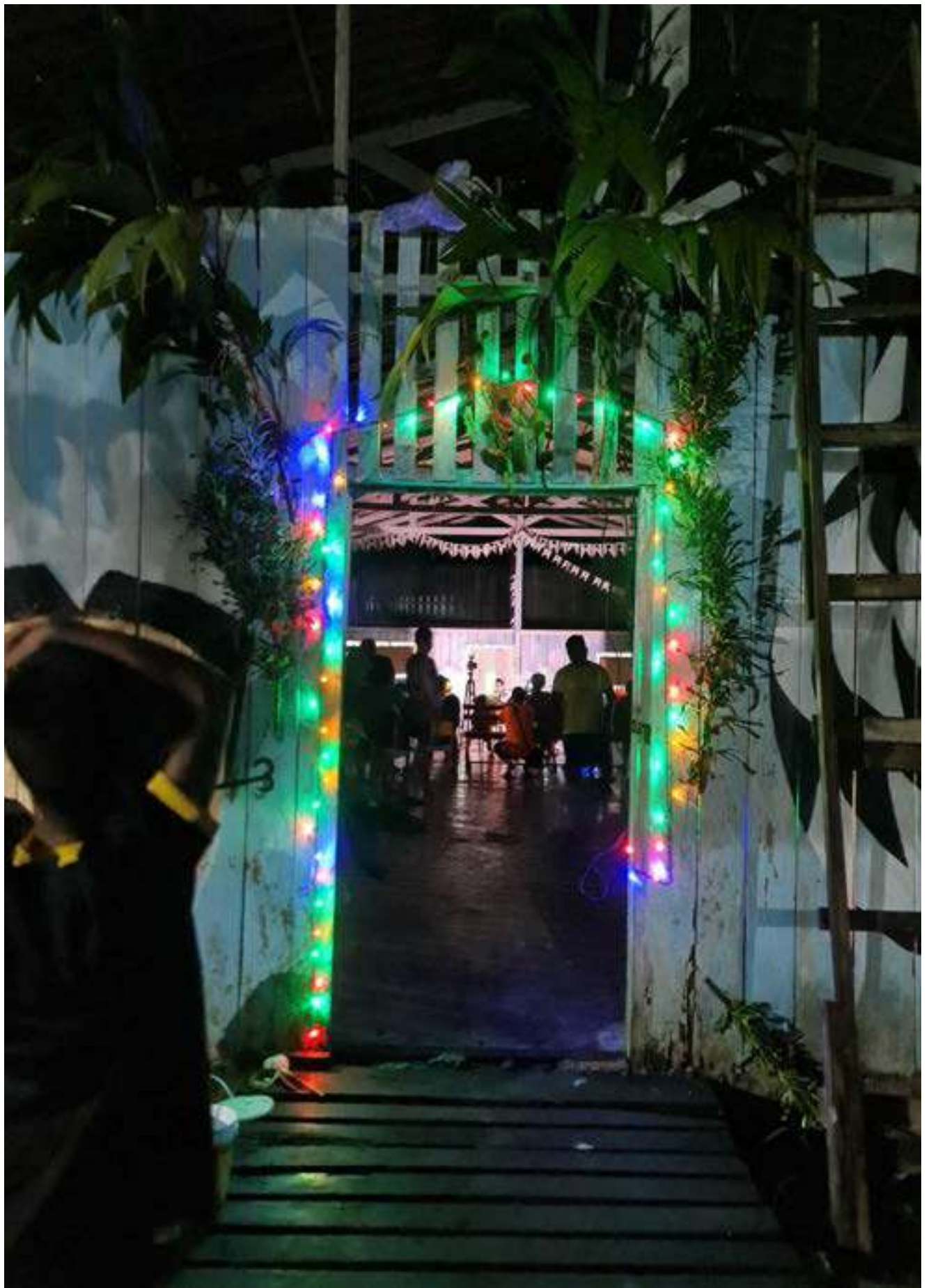
FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 177 E 178



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 179



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 180 E 181







FORTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 182 À 185







FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO

FIGURAS 186 À 189



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 190 E 191





FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURAS 192 E 193



# AÇÕES E ARTISTAS 2023

## **Performance Memórias Amazônicas** | Marcos Sales

O processo de construção se deu na perspectiva de histórias contadas pelos próprios moradores das comunidades do Bailique, buscando a memória de histórias mizurentas que se destacam nessa região. Importante frisar que nessa busca tiveram memórias apagadas, roubadas e adoçadas. A proposta foi construir um mural com as histórias contadas pelas crianças através dos desenhos.

## **Instalação Azul, azul, azul: fatos e afetos que ultrapassam o feito da luz chegar** | Sarah Marques Duarte

Impulsionada pelo fato histórico: chegada da eletricidade na comunidade Limão do Curuá, por meio do Programa Luz para todos realizei a documentação da instalação das placas solares e a emergência das relações entre a cor azul e o processo de modernização das comunidades. Foi por meio deste exercício de reparação do AZUL que dialogamos sobre cada uma das mudanças implicadas no contínuo progresso e invasão de modos de vida urbanos nas comunidades. Os velhos lamentam a saída dos jovens para a capital e dizem: "é...daqui a pouco isso aqui já não vai existir mais".

## **O que pode um artista-ilha** | Isabel Viana e Pedro Moutinho

Registro audiovisual criativo com participação das crianças de Igarapé Grande do Curuá, a partir do Manifesto criado pela equipe do Tecno Barça VI.

## **Primeiras Tentativas** | Michel Ribeiro

Série fotográfica produzida pelos alunos das oficinas de iniciação à fotografia, realizada nas comunidades do Limão, Igarapé Grande e Ponta do Curuá. Os alunos das três comunidades, compuseram imagens retratando os lugares onde vivem, o cotidiano do período em que estavam em oficina e as imagens estão editadas e prontas para aplicação.

## **Caminhos e Paisagens do Curuá** | Michel Ribeiro

A série fotográfica "Caminhos e Paisagens do Curuá" foi realizada durante a residência em 2023, com imagens produzidas por mim mesmo nos intervalos das oficinas e atividades da programação. Sabendo das oficinas com os alunos, produzi imagens complementando os outros elementos das vistas e paisagens da ilha do Curuá, mostrando as condições de estrutura, a relação com as marés que constantemente estão erodindo as margens da ilha e mesmo isolando comunidades, quando secam, imagens retratando as pontes, casas e compondo um cenário visual.

## **Linha Azul** | Ierê Papá

Realizada durante o Festival Tecno Barca VI em uma ponte de palafita, a ação buscou com uma linha azul quase invisível costurar o óbvio: passos-tábua do percurso diário dos moradores do Limão do Curuá.

## **Foto Herbário e Laboratório de fitotipia** | Laíza Ferreira

O laboratório de fitotipia teve como objetivo a experimentação de possibilidades poéticas através de diálogos, observação e preparação de suportes fotográficos artesanais para revelar imagens em folhas de plantas a partir da luz solar. O encontro entre arte e ciência é uma simbiose onde as narrativas se conectam para a construção de redes comunitárias por meio de uma relação imersiva botânica em nosso entorno para potencializar a sensibilidade transdisciplinar.

## **Cartografia Bailante e Jogos Fluviais** | Luana Rocha de Souza

Atividades guiadas pelas relações dos moradores do Bailique com os seres da natureza e pelo atravessamento de conflitos socioambientais por meio da troca de saberes-fazeres e experiências poéticas de forma lúdica. O nome Cartografia Bailante deriva do significado "terras que bailam" e pela utilização da cartografia como caminho da experimentação na criação de um mapa em movimento, processual, poético e criativo, suscetível a constantes conexões entre os seres.

### **Oficina: Cartografia em Bordado & Memória no Bailique** | Nanan Falcão

Utilizando os pontos básicos do bordado tradicional como ponto de partida para a prática e experimentação de técnicas e estética próprias de cada participante, o objetivo da oficina foi criar uma cartografia bordada do Arquipélago do Bailique através de encontros onde os participantes eram provocados a dialogar sobre objetos, signos e outros recortes do cotidiano que definem ou traduzem seu território. Esses recortes se encontram em um grande mapa criado coletivamente em um exercício de transcrição têxtil da memória para o bordado.

### **Oficina: Desenvolvimento Comunitário** | Wellington Dias

Os encontros foram realizados com e para lideranças locais partindo dos projetos já em desenvolvimento nas e pelas comunidades para refletir coletivamente sobre a formalização de iniciativas locais para a obtenção de recursos e ampliação das ações.

### **Oficina: Diálogos comunitários para a cooperação** | Isabel Viana

A oficina abordou técnicas de Comunicação Não Violenta (CNV) como ferramenta para fortalecer o diálogo e a cooperação entre os funcionários de uma escola pública na comunidade Limão do Curuá no arquipélago do Bailique. Com foco na mediação comunitária e na construção de laços cooperativos, os participantes exploraram formas de expressar necessidades, ouvir com empatia e resolver conflitos de maneira construtiva. A experiência proporcionou um espaço de aprendizado e troca, promovendo relações mais harmoniosas no ambiente escolar e incentivando uma cultura de colaboração e respeito mútuo dentro da comunidade.

### **Oficina: Teatro Fórum com Crianças na Ilha do Limão** | David Limaverde

Durante a sexta edição do *Tecno Barca*, facilitamos uma oficina de *Teatro Fórum* com 15 crianças da ilha do Limão, no arquipélago do Bailique. Realizada na escola local, a oficina foi um espaço de encontro, experimentação e brincadeira, onde os pequenos — com idades entre 5 e 12 anos — exploraram o teatro como forma de expressão e construção coletiva.

Conduzida por mim, *David Limaverde*, com o apoio da conselheira pedagógica *Isabel Viana*, a proposta precisou ser flexível, adaptando-se à energia do grupo e

às condições do espaço. Se a metodologia tradicional não encontrou morada entre os pequenos, a ludicidade tomou seu lugar. Transformamos os jogos e exercícios do *Teatro do Oprimido* em brincadeiras dinâmicas, criando um ambiente no qual as crianças puderam se expressar e discutir questões importantes para suas vidas e para a comunidade. Apesar dos desafios estruturais da escola e da falta de recursos, as crianças chegavam animadas todos os dias — algumas correndo pelos longos trapiches, outras remando pequenas embarcações desde as margens vizinhas. No decorrer dos encontros, criamos coletivamente uma peça teatral inspirada no universo das fábulas, refletindo sobre a importância da união e da solidariedade para enfrentar desafios.

A peça foi apresentada no último dia do *Tecno Barca VI*, reunindo toda a comunidade para celebrar a criação das crianças. Mais do que uma apresentação teatral, foi um reflexo do espírito coletivo do Bailique: um território onde a força está na partilha e no apoio mútuo. O público não apenas assistiu, mas participou, reforçando que a arte e a imaginação são pontes que conectam histórias, corpos e territórios. Ao final da peça, ficou a sensação de que, por mais desafiador que seja o caminho, ninguém caminha sozinho. No Bailique, as águas conectam, os trapiches sustentam e as histórias seguem navegando.

### **Haikai Bailique** | Jamie Duncan

Haikai Bailique é um projeto artístico inicialmente desenvolvido durante a 2ª edição do Tecno Barca em 2014. Sua proposta inicial era unir etnografia e poesia na escrita de um diário de bordo documentando a residência no Arquipélago do Bailique. Haikai foi escolhido por sua forma acessível, seu caráter imagético e por causa das associações desse gênero poético com os espaços rústicos, a natureza, e processos de transformação. O vídeo Haikai Bailique, foi uma produção colaborativa durante a 6ª edição em 2023, entre o filmmaker Michel Ribeiro, o fotógrafo Pedro Moutinho e o etnógrafo e poeta Jamie Duncan. As suas atividades durante a residência resultaram em um pequeno filme, apresentado como vídeo haikai. A obra é composta por imagens das passagens cotidianas e cenas noturnas da região da Ilha do Curuá, em diálogo com os haikais escritos por Jamie.



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 194

# TECNO BARCA

## RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

**Idealizador e Coordenador Geral** | Wellington Douglas Dias

**Conselho Pedagógico** | Anderson Barroso, David Limaverde, Ítala Isis, Ierê Papá, Isabel Viana, Sarah Marques e Raphael Brito

**Artistas residentes Tecno Barca (2012-2024)** | Anderson Barroso, Ítala Isis, Isabel Viana, Tássia Malena, Wellington Dias, Alen Costa, Aelson Araújo, David Limaverde, Elias dos Anjos, Jamie Duncan, José Antônio Corrêa, Patrícia Teles, Sarah Marques, Tania Alice, Thomas Dupal, Adalton Baía, Bia Medeiros, Dig Ferreira, Ierê Papá, Luan Macêdo, Natália Lobo, Napoleão Guedes, Rayane Penha, Raphael Brito, Renato Vallone, Rodrigo Abreu, Sereia Caranguejo, Anali Dupré, Débora Bararuá, Fany Magalhães, Mapige Gemaque, Raul Zito, Rafael Silva, Sebastião Neto,

**Realização** | Associação Gira Mundo

**Produção Executiva (AP)** | Marina Beckman

**Este catálogo contém fotografias dos artistas** | Anderson Barroso, Ítala Isis, Isabel Viana, Ierê Papá, Wellington Dias, David Limaverde, Jamie Duncan, Tania Alice, Thomas Dupal, Ierê Papá, Luan Macêdo, Renato Vallone, Rodrigo Abreu, Thales Lima, Dayane Oliveira, Guto Íris, Alain Oliveira, Pedro Moutinho, Igor Cardoso e Michel Ribeiro.



FONTE: ASSOCIAÇÃO GIRA MUNDO - FIGURA 195

Projeto de catálogo realizado pela Profa. Dra. Sarah Marques Duarte como parte do Projeto de Pesquisa Tecno Barca: 12 anos nas ilhas que bailam, da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/EMBAP).

**EDUNESPAR** - EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
RUA SALDANHA MARINHO, 131,1º ANDAR | CURITIBA-PR  
CEP 80.410-150 - BRASIL

ACREDITANDO NA IMPRESCINDIBILIDADE DA DOCUMENTAÇÃO DE PROJETOS ARTÍSTICOS, PRINCIPALMENTE OS REALIZADOS EM REGIÕES PERIFÉRICAS DE NOSSO PAÍS, O CATÁLOGO TECNO BARCA: 12 ANOS NAS ILHAS QUE BAILAM REÚNE MATERIAIS MATERIAIS VISUAIS, TEXTUAIS E DEMAIS DOCUMENTOS RESIDUAIS DA RESIDÊNCIA ARTÍSTICA TECNO BARCA, REALIZADA NO ARQUIPÉLAGO DO BAILIQUE-AP DESDE 2012. BAILIQUE POSSUI UMA DINÂMICA DE VIDA SINGULAR, MARCADA POR UMA INTENSA INFLUÊNCIA DO RIO. AS ILHAS SITUAM-SE ENTRE A FOZ DO RIO ARAGUARI E DO RIO AMAZONAS. NAS ILHAS QUE BAILAM, O MOVIMENTO DAS MARÉS DESENHA O COTIDIANO COMO UM TODO. O ACELERADO PROCESSO DE EROÇÃO, FENÔMENO CONHECIDO COMO "TERRAS CAÍDAS" , MODIFICA A PAISAGEM CONTINUAMENTE. A ÁGUA DO RIO VAI DEVORANDO AS MARGENS, CONSTITUINDO INDISSOCIABELMENTE OS MOVIMENTOS DE CONSTRUÇÃO E RUÍNA DA ARQUITETURA BEIRA-RIO. PARA A CONSTRUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE MEMÓRIAS EM TORNO DA TECNO BARCA, BEM COMO DO PRÓPRIO ARQUIPÉLAGO, OS DOCUMENTOS, ATÉ ENTÃO DISPERSOS ENTRE DEZENAS DE PARTICIPANTES DA RESIDÊNCIA, ENCONTRAM-SE AQUI REUNIDOS JUNTO A ENTREVISTAS E REFLEXÕES EM TORNO DO PROJETO, TECIDAS POR ARTISTAS, PESQUISADORES E DOCENTES DE VÁRIAS REGIÕES DO PAÍS.

[www.tecnobarca.com](http://www.tecnobarca.com)

@tecnobarcabailique

